UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

LÍDIA SPAZIANI

A estigmatização em relação aos ciganos: as construções avaliativas por não-ciganos.

Versão corrigida

Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

São Paulo

2016

LÍDIA SPAZIANI

A estigmatização em relação aos ciganos: as construções avaliativas por não-ciganos.

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora:
Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes.

Versão corrigida

De acordo: _____

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S732e SPAZIANI, LÍDIA
A estigmatização em relação aos ciganos: as construções avaliativas por não-ciganos / LÍDIA SPAZIANI ; orientador MARIA CÉLIA LIMA-HERNANDES. - São Paulo, 2016.
228 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. (não) cigano. 2. estigmatização. 3. língua-cultura. 4. princípio de iconicidade.. I. LIMA-HERNANDES, MARIA CÉLIA, orient. II. Título.

Banca Examinadora

Membros titulares:

_____

Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes
Universidade de São Paulo
(USP-Orientadora)

_____

Profa.Dra. Elaine dos Santos Silva
Universidade Federal de Sergipe
(UFS)

_____

Profa. Dra. Elisângela Baptista de Godoy Sartin
Universidade Ibirapuera
(UNIB)

_____

Profa. Dra. Patrícia Carvalhinhos
Universidade de São Paulo
(USP)

_____

Profª. Dra.Violeta Virginia Rodrigues
Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ)

Membros Suplentes

Profa. Dra. Renata Barbosa Vicente
Universidade Federal Rural de Pernambuco
(UFRPE)

Profa. Dra. Cristina Lopomo Defendi
Instituto Federal de São Paulo
(IFSP)

Prof. Dr. Saulo César Paulino e Silva
Universidade de São Paulo
(USP)

Prof. Dr Marcello Ribeiro
Universidade Nove de Julho
(UNINOVE)

==========

Dedicatória

À minha mãe, aos meus irmãos, filho, amigos e a todos os mestres de estudo, vida e alma que me mostraram que, ao julgar o outro, abrimos espaço para a minimização de nós mesmos.

==========

AGRADEÇO

Ao Todo Poderoso, que me abrigou nos momentos mais turbulentos me oferecendo constância, determinação e tranquilidade para que as ideias e suas concretizações em palavras pudessem surgir.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes, por incontáveis releituras dos textos, incomensuráveis estímulos refletidos na dedicação e contribuição no plano intelectual e emocional, por ser terna e compreensiva diante das condições pouco favoráveis no período em que a pesquisa ocorreu, por ser sincera e amena, amiga, incentivadora e determinada, por acreditar em mim e me auxiliar, agradeço eternamente.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa (FFLCH), pelas constantes demonstrações de competência e respeito pelos saberes acadêmicos; por incutirem em mim a dúvida, mola propulsora para o pesquisador.

É improvável caber em poucas folhas o nome de cada um dos meus colegas do curso da Pós-Graduação da USP que, pelos caminhos de interesses comuns, auxiliaram a mim tanto em leitura quanto em ideias novas para a produção desta pesquisa. Pelos inúmeros momentos em que me fizeram refletir e deixar de ser obstinada para crescer e vir a ser realista em um mundo de inseguranças e utopias que a paixão pela pesquisa se faz.

Às Dras. Cristina Lopomo Defendi, Elisângela Baptista de Godoy Sartin e Dra. Renata Barbosa Vicente, ao Dr. Marcello Ribeiro como colegas de estudo, pela criticidade, tão necessária e pela forma delicada que a trouxeram à luz frente aos assuntos que, mesmo quando na informalidade, voltavam-se à pesquisa. Por serem cooperadores no crescimento holístico que obtive durante o trajeto de pesquisadora, só tenho a agradecer.

A outros colegas e amigos (Reinaldo Rossi, Magali Rosa de Sant'Anna, Ângela Kovachich, Glauco Fratric, Sandra Kiomi Kusaba, Claudia Maria de Moraes Siqueira, Vanderlei Sérgio da Silva. Lílian Dal Cin, Mario Destro Monteiro, Simone de Oliveira Souza e amigos do Grupo Gira-Sol, que aceitaram a ausência social, decorrente do

tempo sempre escasso quando se pesquisa, auxiliando-me com preces, energias, orações e todo tipo de mentalizações e atitudes, para que a calma e a coerência fossem minhas companheiras.

A Mário Spaziani (*in memoriam*), pela integridade em ações que só um pai generoso poderia ensinar. À minha mãe, Iracema Olivieri Spaziani, pelo amor incondicional que me renovava e ainda renova a cada momento. Aos meus irmãos, Giusepina Lúcia Spaziani Soares, Mário Renato Spaziani e aos meus cunhados e amigos, Pablo José Sanchez-Crespo Zenner e Gilmar Soares; a Sandra Kiomi Kusaba e a Eliane Bandeira (*in memorium*) amigas de alma que souberam ofertar tanto carinho quanto a gentil presença no contexto familiar quando de minhas ausências justificadas pelos estudos.

À mentora psíquica e espiritual, minha irmã Rosângela Spaziani, constante em minhas decisões, principalmente na relevância do tema, abrigando com carinho e alegria a cada nova etapa desta pesquisa.

À riqueza da minha vida, meu filho Matheus Spaziani Gomes da Costa, a quem agradeço pelos auxílios em diversas áreas e pelas interrupções para as constantes demonstrações de carinho, amor e incentivo para esta pesquisa.

A Anauel, Cigana, Leona, Mel e Piquerru pela cumplicidade silenciosa e pelas demonstrações de alegria e afeto.

[1]

"Todo ato humano ocorre na linguagem. Todo ato na linguagem produz o mundo que se cria com outros no ato de convivência que dá origem ao humano: por isso, todo ato humano tem sentido ético. Esse vínculo do humano com o humano é, em última análise, o fundamento de toda ética como reflexão sobre a legitimidade da presença do outro". (MATURANA e VARELA, 2011, p.252)

[1] A imagem foi copiada do livro didático intitulado Português – Ensino Fundamental – 1.ª Edição – Projeto Araribá- Editora responsável: Maria Tereza Rangel Arruda Campos- Editora Moderna – p.138 – ISBN – 85-16-03760-6.

Resumo

Tratar de ciganos à luz do discurso de não-ciganos pede discussões sobre estigmatização e dos termos a ela associados. Esse caminho produzirá, como demonstramos na tese, a contribuição para a compreensão do (des)prestígio social de uma comunidade isolada. Historicamente, por séculos, a estigmatização negativa arraiga o preconceito que ecoa no imaginário social do não-cigano ao referir o cigano. Esse quadro ainda é constatado no século XXI, e ainda ocorre manifestando os mesmos traços peculiares observados em pesquisas das áreas de Antropologia, Sociologia e Educação as quais tomam como objeto de discussão esse povo, de cultura tão hermética. Esse isolamento dos ciganos, hipotetizamos, é observável no discurso do não-cigano por meio de informações localizadas em diversos pontos de uma sentença ou de um texto. Para lidar com esse fenômeno, recorremos às teorias givonianas (1990), em especial o princípio da iconicidade e seus subprincípios, quais sejam: de ordenação linear, de integração e de quantidade, os quais, ao se entrelaçarem, revelam a complexidade cognitiva. O reconhecimento desses ecos históricos por meios de vários tipos de documentos recolhidos de arquivos históricos e redes sociais. Ao final dessa análise, estabelecemos um contraponto com a opinião de paulistanos por meio de um questionário aleatoriamente distribuído a indivíduos de vários estratos sociais. A ideia era a de verificar se a estigmatização continuava ecoando nos discursos atuais. Concluída essa etapa da pesquisa, pudemos referendar que, a despeito do desenvolvimento humano (na concepção de Maturana e Varela, 2011), a estigmatização e o preconceito continuam andando de mãos quando o tópico é cigano.

Palavras-chave: cigano; estigmatização; língua-cultura; princípio de iconicidade.

Abstract

To treat Roma (gypsy) by the sense of the non-Roma (non-gypsy) speech prompts some discussions about stigmatization and terms associated with it. This way will produce, as demonstrated in the thesis, the contribution to the (un) social prestige understanding of an isolated community. Historically, for centuries, the negative stigma rooted prejudice that echoes the social imaginary of the non-gypsies when referring to the gypsy in their discourse. This picture is still found in the 21st. century, and it is still manifesting the same peculiar traits observed in researches in the Anthropology, Sociology and Educational areas which take as their subject of discussion these people, in its so hermetic culture. It is hypothesized that this isolation of the Roma (gypsy) is observable in the discourse of non-gypsy through information located in various parts of a sentence or of a text. To deal with this phenomenon, we use the givonian theories (1990), in particular the principle of iconicity and its subprinciples, namely: linear ordination, integration and quantity, which, when intertwined, reveal the cognitive complexity. The recognition of these historical echoes by means of various documents types collected from historical archives and social networks. At the end of this analysis, we established a counterpoint to the opinion of São Paulo inhabitants (*paulistanos*) through a questionnaire randomly distributed to individuals from various social strata. The idea is to verify if the stigma was still echoing in today's speeches. On this research stage completion, we could endorse that, in spite of human development (conception of Maturana and Varela, 2011), stigmatization and prejudice continue progressing when the theme is gypsy people.

Keywords: Gypsy (Roma); stigmatization; language-culture; principle of iconicity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	*Corpus*	.....	p.28
Tabela 02	Consolidação de dados sobre ciganos	.....	p.56
Tabela 03	Marcação de gênero feminino e masculino na língua romani	.....	p.57
Tabela 04	Características físicas que perfazem a etnia cigana por fontes diversas.	.....	p.103
Tabela 05	Atributos avaliativos pejorativos sobre a etnia cigana por fontes diversas.	.....	p.104
Tabela 06	Ofícios e profissões dos ciganos, por fontes diversas.	.....	p.105
Tabela 07	Descrição da comunidade cigana pelos autores, por fontes diversas.	.....	p.106
Tabela 08	Iconicidade	.....	p.116
Tabela 09	Argumentos em ordem linear de gradação	.....	p.138
Tabela 11	Funções sintáticas de argumentos em ordem linear de gradação	.....	p.143
Tabela 12	Contiguidade no subprincípio da integração	.....	p.143
Tabela 13	Amostra de complexidade cognitiva no subprincípio da quantidade	.....	p.182

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	The Penitent	.....	p.43
Quadro 02	The Gypsy Fortune Teller	.....	p.89
Quadro 03	A Cigana	.....	p.91
Quadro 04	La Gitane Topless	.....	p.92
Quadro 05	Gypsy	.....	p.93
Quadro 06	Gypsy Girl with Bandolin	.....	p.94
Quadro 07	Ciganos	.....	p.95
Quadro 08	Cigana na frente de Musca	.....	p.96
Quadro 09	Um grupo cigano	.....	p.97
Quadro 10	Gypsy girl	.....	p.98
Quadro 11	The Gypsy	.....	p.99
Quadro 12	Gypsy	.....	p.100
Quadro 13	The caravan, gypsy camp near Arles	.....	p.101
Quadro 14	La Bohémienne et ses enfants	.....	p.108
Quadro 15	Acampamento cigano	.....	p.131
Quadro 16	Portrait d'un gitan	.....	p.160
Quadro 17	Blue Gypsy	.....	p.180

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Sujeito em ordem linear de topicalização	.....	p.136
Gráfico 02	Funções sintáticas de argumentos em ordem linear de gradação	.....	p.139
Gráfico 03	*Continuum* de traços semânticos como marcas de polaridade	.....	p.149
Gráfico 04	Gênero dos informantes	.....	p.169
Gráfico 05	Localização	.....	p.170
Gráfico 06	Faixa etária dos informantes	.....	p.170
Gráfico 07	Escolaridade dos informantes	.....	p.171
Gráfico 08	Conhecimento prévio sobre ciganos	.....	p.171
Gráfico 09	Palavras associadas a ciganos	.....	p.172
Gráfico 10	Objetos referentes a ciganos	.....	p.173
Gráfico 11	Nomes próprios de ciganos	.....	p.174
Gráfico 12	Atividade cultural cigana	.....	p.175
Gráfico 13	Profissões exercidas por ciganos	.....	p.175
Gráfico 14	História de ou sobre ciganos	.....	p.176
Gráfico 15	Preconceito quanto à etnia cigana	.....	p.177
Gráfico 16	Etnia do informante	.....	p.177
Gráfico 17	Níveis educacional, cultura, econômico e social do cigano	.....	p.178
Gráfico 18	Posição do cigano dentro da sociedade	.....	p.178

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	Capa da primeira edição da Revista "A Cigana"- 10 de abril de 1922	.....	p.31
Imagem 02	Anúncio do lançamento do livro 'Os ciganos do Brasil' no *Jornal o Estado de São Paulo*	.....	p.69
Imagem 03	Imagem do filme Meu nome é Tonho	.....	p.88

Sumário

Introdução ..... p. 17
O palheiro e as agulhas: discutindo os encaminhamentos metodológicos ..... p. 23
Capítulo I – O princípio estigmatizante: ecos históricos ..... p. 31
1. Entre estigmas e preconceitos ..... p. 31
1.1. Separando o joio do trigo ..... p. 34
1.2. Em busca das raízes dos estigmas e preconceitos: falar sobre ciganos. ..... p. 40
1.2. 1. Reconstruindo a história social dos ciganos ..... p. 41
1.2.1.1. A peregrinação: influências geográficas e sociais ..... p. 47
1.2.1.2. Nomadismo e evidências linguísticas ..... p. 54
1.2.2. Os Roma e seu contato com as comunidades de língua portuguesa ..... p. 59
1.2.2.1. Invisibilidade como fonte de preconceito ..... p. 62
1.2.3. Representação de traços ciganos ..... p. 69
1.2.3.1. Representações artísticas e de ficção ..... p. 87
1.3. Síntese de traços ciganos ..... p. 102
Capítulo II – Teorias da linguagem a serviço da visão holística humana ..... p. 108
2.1. Para uma abordagem linguística funcionalista ..... p. 109
2.2. Princípio de iconicidade ..... p. 114
2.3. Em busca de um diálogo com Austin - atos de fala ..... p. 117
2.3.1. O ato de fala e o insulto ..... p. 119
2.3.2. Análise da escolha e motivações de uso dos itens lexicais ..... p. 119
2.4. A linguagem e a mente: inter-relações ..... p. 122
2.4.1. Para uma abordagem sociocognitiva ..... p. 123
2.4.2. A perspectiva neurocognitiva ..... p. 129
Capítulo III- Procurando agulha no palheiro: análise das amostras de dados. ..... p. 131
3 Atuação do princípio de iconicidade ..... p. 132

3.1. Subprincípio de ordenação linear: topicalização ..... p. 133
3.2. Subprincípio da integração ..... p. 142
3.2.1. Estigma tendendo ao neutro – um grupo está citado entre outros grupos. ..... p. 143
3.2.2. Socialmente excluídos, marcados por pouco prestígio ou privilégios na sociedade. ..... p. 144
3.2.2.1. Socialmente excluídos: marcas de estigmas evidenciadas por mudança de polaridade de positiva para negativa. ..... p. 148
3.3. Subprincípio da quantidade e complexidade cognitiva ..... p. 149
3.4. Mesclas ..... p. 151
3.4.1. Sociedade de multiplicidade identitária, vista como um grupo social sem unidade. ..... p. 153
3.4.2. Ideia, opinião ou expressão de sentimento desfavorável formado sem conhecimento abalizado, sem ponderação ou motivo. ..... p. 154
3.4.3. Sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; intolerância. ..... p. 154
3.4.4. Qualquer atitude étnica revelando uma forma irracional ou ilógica de discurso. ..... p. 155
3.4.5. A polaridade positiva e a negativa a serviço do grupo socialmente privilegiado. ..... p. 156
3.4.6. A construção de modalidade, tempo e aspecto com traço negativo a partir do discurso do não-cigano. ..... p. 157
3.5. Padrão de uso com abrangência de sentido: foco na estigmatização. ..... p. 158
Capítulo IV. Referendação dos usos ..... p. 160
Conclusão ..... p. 179
Resgate das agulhas significativas de dentro do palheiro. ..... p. 184
A condição de isolamento do cigano. ..... p. 186
Referências bibliográficas ..... p. 188
Anexo 1 ..... p. 194
Anexo 1I ..... p. 234

Introdução

A linguagem, sob um prisma social, reúne as formas primordiais para a convivência, propiciando o estreitamento dos laços comunicativos entre os membros da sociedade. Essa aproximação identifica-os com determinados grupos sociais e os separa de outros. Toda a malha social desses grupos, no entanto, se comporta de forma particular, marcando peculiaridades identificáveis na enunciação de seus membros (MARTELOTTA, 2011) e no conteúdo a ser expresso.

Desse modo, o processo de comunicação, desde a aquisição de hábitos e costumes até a valorização de comportamentos sociolinguísticos, vai se tornando particular. Essas manifestações, por sua vez, possibilitam que o linguista observe não somente a codificação mais superficial, derivada de aspectos fonéticos, prosódicos e gramaticais, mas ainda discursivo-pragmáticos em seu trabalho de campo, descrevendo e analisando a expressão e suas evidências a partir do processo interativo e interacional.

É preciso considerar, assim, que cada um dos membros funciona como ponte de comunicação para que todos os indivíduos possam ser peças integrantes desse entrelaçamento social. Em última instância, é o grupo social, por meio da linguagem, o responsável pelo compartilhamento de conceitos que são ressignificados em transferências metafóricas continuamente. Isso pressupõe a atuação de processos de incorporação metonímica os quais conduzem os integrantes do grupo a perceber, pensar e agir no mundo em perspectivas subjetivas e intersubjetivas, muitas vezes indistinguíveis na percepção do interlocutor (KÖVECSES, 2002).

Eleger um grupo social para a compreensão desses fenômenos sempre pressupõe a inserção numa comunidade e o trabalho de coleta de dados numa atividade corpo a corpo. Essa, contudo, nem sempre é ferramenta mais eficiente para a compreensão da avaliação intergrupal. Normalmente, nos estudos sociolinguísticos, a questão da avaliação e do julgamento sobre o grupo ganha uma proporção menor em relação à descrição da língua, do mesmo modo que os estudos sociológicos mergulham na comunidade e seus sistemas dinâmicos, mas excluem da relação os demais grupos que com os primeiros podem conviver em medidas relativas de espaço e de tempo. Dessa forma, é possível identificar estudos que lidam profundamente com hábitos e costumes de grupos sociais, e também é possível identificar variados estudos sobre as formas linguísticas em uso.

Esta tese está no vão da reflexão criado por esses dois grupos de estudiosos, pois elegemos como objeto linguístico a forma de organização das ideias avaliativas formuladas por um grupo majoritário sobre um grupo social restrito em direitos e minoritário em tamanho de população. Lidar com essa fórmula de pesquisa pressupõe o entendimento do processo de elaboração da avaliação que envolve preconceitos e estigmas sociais. Esta é a razão por que elegemos como grupo social restrito os ciganos.

A palavra 'cigano' tem sua origem vinculada ao grego ("do gr. biz. *athígganos 'intocável', nome de um grupo de heréticos da Ásia Menor, que evitava o contato com estranhos, a que os ciganos foram comparados quando de sua irrupção na Europa central"),* mas sua forma correntemente veiculada no português provém do termo francês *cigain* "atual tsigane ou tizigane" (cf. HOUAISS & VILLAR, 2001: 716)".

De início, já podemos constatar que, diferentemente de outros adjetivos pátrios, o termo *cigano* não revela vinculação direta com espaços geográficos designativos de nacionalidade ou naturalidade. É mais do que isso, é um sentimento de pertença que inclui hábitos socioculturais grupais. Vejamos esse termo empregado em contextos de uso corrente em duas sincronias distintas do Brasil:

(157) 31 de janeiro de 1905[2]
Na cidade de Amparo foi preso o **criminoso** Pedro **CIGANO**, condemnado a vinte e quatro annos de preisão pelo jury de Muzambinho. (Jornal - O Estado de São Paulo)

(70) -| NOTÍCIAS | 03/03/2008 18:53
Jovens de comunidades tradicionais cobram melhorias em áreas
Após três dias de discussão, **jovens de comunidades tradicionais** como **CIGANO**s, índios, quilombolas e ribeirinhos construíram as demandas que pretendem levar à 1ª Conferência Nacional de Juventude, que será realizada de 27 a 30 de abril, em Brasília. (Jornal - O Estado de São Paulo)

É possível notar uma diferença entre as duas notícias. Na primeira, o cigano figura como um criminoso que foi condenado; na segunda, o cigano figura como um representante de uma das comunidades tradicionais que clamam por melhores condições de vida. Apesar de o adjetivo tradicional vincular-se ao cigano, o mais frequente é a concepção de que ciganos são indivíduos sem paragem e que não possuem moradia fixa. A constatação disso nos conduziu à investigação tanto de traços identitários de ciganos

[2] Optamos por manter o número original dos exemplos, conforme consta no Anexo I.

no Brasil quanto à avaliação que ecoa no imaginário social não-cigano[3] sobre ser cigano.

Esta tese assume esse recorte como norteador da busca de dados e da análise sobre um grupo social que, muitas vezes mais do que imaginamos, se mantém marcado como aquém da sociedade dominante[4], e a justificativa para isso é: (i) estar fora dos padrões sociais de convívio com o grupo que dita as normas; (ii) estar fora da sociedade que tem maior força política; e (iii) ser identificado como um grupo fechado, de acesso restrito e de hábitos nômades[5].

A forma como listamos os traços desse grupo traduz a ideia de que um processo de exclusão social persiste nas sociedades desde a era cristã, uma vez que as marcas que estigmatizam o grupo cigano revelam avaliações linguisticamente construídas em expressões orais e escritas, especialmente porque ser cigano por si só reflete, aos olhos dos não-ciganos, uma massa "out of urban life"(Ceyhan, 2003, p.63). Essa ideia embute um equívoco enorme, sobre o qual trataremos adiante, o de considerar o grupo cigano uma massa homogênea.

Para efetivar este estudo, passamos a rastrear construções referidas a ciganos no discurso de não-ciganos, a partir do que recolhemos, a saber, expressões vinculadas a algum tipo de estigmatização. O *corpus* foi constituído a partir de amostras extraídas de documentos de acervos históricos nas modalidades oral e escrita, a saber: Jornal *O Estado de São Paulo*, O Acervo do *Museu da Pessoa*, *Corpus* Diacrônico do Português Paulista e Twitters (tuíteres). Para compreender o eco dessas expressões recorrentemente usadas, lançamos mão de um questionário[6] aplicado na atual sincronia.

---

[3] O termo 'não-cigano' refere-se a todos os que não pertencerem à etnia cigana. A hifenização transforma o termo em adjetivo referindo-se às demais etnias.

[4] Sociedade dominante refere-se à sociedade considerada de maior prestígio e politicamente aceitável, por ser aquela que dissemina a ideologia subjacente a todas as escolhas comunicativas que se fazem. Seu conceito pressupõe uma ideia integrativa de grupos e excludente de outros que se distanciam como sociedades marcadas como minoritárias, não pelo seu tamanho, mas pelo pouco prestígio e voz política, aquela que é invisível para a dominante, aquela que é estigmatizada.

[5] A distinção entre o grupo étnico considerado cigano e o grupo étnico considerado não-cigano desde sua forma de hierarquização, habitação, pertinência a territórios geográficos, conceitos sociais e culturais foi construída ignorando divergências internas. De todo modo, quanto mais divergentes forem as características, menos visível é grupo étnico considerado minoritário e dominado. Esse estigma é marcado na língua e na linguagem que carreiam a caracterização do grupo étnico considerado cigano e pela repercussão de ações individuais, que são generalizadas embarreirando a aceitação social.

[6] Sobre a inserção dos documentos que alicerçam a ética na pesquisa acadêmica, no Anexo II há um excerto, refere-se ao Capítulo II do Código da Comissão de Ética da Universidade de São Paulo. Neste excerto, com subtítulo de -Pesquisa- o parágrafo que nos cabe está sublinhado.

A decisão por esses materiais assenta-se no objetivo de recuar no tempo, especialmente no século XX. De posse dessas amostras, quatro indagações passaram a nos acompanhar. São elas:

1. Que expressões e construções linguísticas sobre ciganos ganham eco em narrativas, notícias e relatos individuais? Hipotetizamos que os ciganos, por comporem uma parcela invisível da sociedade e fugirem aos padrões não-nômades de habitação, são associados hoje a miseráveis e "sem-posses", tais como andarilhos, "sem-teto" ou "sem-terras" tão comuns nos centros urbanos.

2. Qual a relação entre frequência e estigmatização para a construção social do preconceito? Hipotetizamos que a baixa recorrência de uso (frequência ínfima de fatos ocorridos) em oposição à alta produtividade de contextos de ecos consolidou expressões estigmatizantes de modo a construir o preconceito social dos não-ciganos.

3. Seria possível afirmar que os termos sequenciados na cadeia sintática podem denunciar a estigmatização do termo *cigano*? Essa questão justifica-se no conhecimento que se tem de que, por mecanismos metonímicos, a reanálise possa se manifestar. Na esfera microlinguística, a do cotexto, hipotetizamos que elementos com traços de polaridade negativa seriam avizinhados ao termo *cigano,* o que propiciaria um efeito metonímico de transferência semântica e consequente incorporação.

4. Os efeitos do espraiamento de rótulos negativos poderiam ainda hoje ecoar entre os falantes (cultos) da cidade de São Paulo? Hipotetizamos que, mesmo os que nunca tiveram contato com ciganos, ainda guardam em seus discursos os traços consolidados pelos ecos pretéritos. O que justifica essa hipótese é justamente a ideia de que todos os seres que formam uma malha sociocultural compartilham crenças e opiniões semelhantes, via língua e linguagem, pois elas são, em última instância, heranças culturais.

A discussão sobre preconceito e estigmatização antecede à análise a que procederemos, pois, assim, será possível reconhecer que a língua é uma malha que revela muito além das palavras. Pode revelar motivações para suas escolhas e do contexto para a construção de um ato de fala. Isso permitirá que interpretemos traços de

polaridade negativa em referência às exteriorizações do grupo politicamente aceito de não-ciganos com referência ao grupo minoritário, de menor prestígio, o dos ciganos.

A heterogeneidade do *corpus* favorecerá que tenhamos acesso a uma diversidade maior de representações sociais do termo 'cigano' e de seus termos afins. Para que isso seja possível e para que tenhamos alguma oportunidade de reconhecer as relações de poder e de aceitação no discurso dos não-ciganos em relação aos ciganos, decidimos lidar com amostras selecionadas a partir de textos do jornal *O Estado de São Paulo* (em mídia eletrônica), tanto escaneados quanto disponíveis *online,* referentes ao período de 1875 até 1880, de 1920 até 1950 e de 2010 até 2013.

A decisão sobre a escolha desse jornal justifica-se pela representatividade regional desse veículo de notícias e pela larga distribuição dos exemplares, o que pressupõe que seus editores devam se preocupar com a esfera geográfica mais ampla, de modo a abranger as notícias relevantes para o estado de São Paulo. Isso garantiria que pudéssemos recuperar notícias com temas variados que retratassem a dinâmica da comunidade paulista, incluindo-se aí os ciganos e suas interferências na sociedade dominante paulista. Uma segunda razão para essa escolha diz respeito aos interesses próprios do projeto maior a que esta tese se filia: conhecer a história social do português de São Paulo via manifestações das dinâmicas socioculturais.

Para ter acesso às avaliações sobre ciganos, constituímos uma segunda amostragem a partir de relatos de paulistas, identificados no *Museu da Pessoa*, em registros de imagem e som. A filosofia do *Museu da Pessoa*[7] é que todo ser humano deve se manter ligado à sua memória social por meio de registro, preservação e transformação da história de vida de qualquer pessoa da sociedade civil. Essa ideia propiciou o início de um museu virtual que une pessoas e seus grupos por meio de suas histórias desde 1991. Inicialmente, colheram-se relatos apenas em São Paulo, mas, nos anos seguintes, uma rede internacional começou a se formar, incluindo vozes e memórias de Portugal, EUA e Canadá.

Outra fonte é o *corpus* desenvolvido pelos membros do Projeto Temático História do Português Paulista (PHPP), do qual nos utilizamos para identificar indícios de estigmatização na oralidade na década de 80, em um estudo sociolinguístico de

[7] O lema do Museu guia seus objetivos: "Todo ser humano, anônimo ou célebre, tem o direito de eternizar e integrar sua história à memória social". Conhecendo seu espaço, os relatos ali disponíveis moveram-nos o interesse em rastrear narrações de fatos que envolvessem ciganos, ainda que essas cenas se passassem no cotidiano comum de paulistas. Certamente, se o preconceito e o estigma forem fortes, impactarão as histórias individuais relatadas pelos informantes nos registros orais do Museu.

comunidades populares, à época conhecidas como favelas, na Zona Norte de São Paulo (Rodrigues, 1988)[8], bem como recolher indícios na amostra da peça de teatro *A Justiça dos Bohemios* (1884), com representação escrita aproximada à fala paulista. Os twitters compõem a quarta amostragem de *corpus*[9]. Foram escolhidos por constituírem uma ferramenta de comunicação a distância que envolve numa interação o coletivo, não sendo centralizada em uma única pessoa. Representa, dessa forma, um contexto diferente dos demais e mais uma oportunidade de identificar traços de estigmatização sobre ciganos.

Em todos esses materiais, rastreamos as entradas *cigano(s)* e *cigana(s)* e os resultados, como apresentaremos no Capítulo III, intitulado "Procurando agulha no palheiro". Nesse capítulo, procederemos à análise de dados colhidos nas fontes anteriormente citadas utilizando as ferramentas necessárias e fundamentadas no Capítulo I como forma de reconhecer os mecanismos de estigmação e de preconceito a ciganos.

As características peculiares das amostras selecionadas para a análise nesta tese, a perspectiva funcionalista adotada, a abordagem de sincronias distintas e a referendação com consulta a falantes cultos de São Paulo nos permitirão lidar com o tema da identidade de ciganos na concepção de paulistas não-ciganos. A fonte dessas evidências será, como já explicitamos, as opiniões e julgamento de valor e a forma como se constroem por mecanismos ligados à ordenação linguística e à replicação semântica em contextos diversos.

Para que se compreenda a trajetória da estigmatização negativa dos ciganos, recorreremos ao estudo histórico dessa etnia[10] e as pistas identitárias que foram sendo elaborados a partir de suas atitudes e ações registradas pelos seus caminhos imigratórios. Para isso, será relevante consultar informações de obras, tais como:

---

[8] Todos os informantes eram semialfabetizados (até quarta série do ensino fundamental 1) ou era analfabetos. Desse *corpus* utilizamos apenas 1 amostra.

[9] Por meio dessa ferramenta, temos diversas formas de comunicação, assim como chats, blogs e comunidades virtuais, os twitters são indícios da entrada da cibercultura no século XXI, sendo capazes de criar novas linguagens como formas de interação.

[10] Houaiss e Villar (2001: 1272) definem etnia como "coletividade de indivíduos que se diferencia por sua especificidade sociocultural, refletida principalmente na língua, religião e maneiras de agir; grupo étnico [Para alguns autores, a *etnia* pressupõe uma base biológica, podendo ser definida por uma raça, uma cultura ou ambas; o termo é evitado por parte da antropologia atual, por não haver recebido conceituação precisa]. Além dessa definição, embasar-nos-emos na etimologia de *étnico* que para o latim se referia a 'pagão' e para os gregos era derivado de "ethnos": povo; pois uma etnia é formada pela consciência de um grupo de pessoas que se diferencia de outro em diversos níveis de representação, tal como Houaiss e Villar já frisaram: história, cultura, religião ou língua.

dicionários[11] etimológicos e sincrônicos, a obras produzidas na área histórica e social e também a consulta a alguns estudos filológicos[12].

Como forma de lidar com os aspectos linguísticos que nos auxiliarão a melhor enquadrar as discussões sobre estigmas e preconceitos, travaremos diálogo com Okely (2002), Rezende (1995, 2006), Moraes (1981), Ramanush (2010), Houaiss e Villar, Labov (2001), Goffman (1993), Benedict, 1934, Mead (1979 [1950], Pereira (2015) Para dar o devido peso a que formos constituindo como aspectos relevantes dos estudos sobre ciganos, ainda nos cercaremos de postulados teóricos de Austin (1975), para a estigmatização fixada na escrita, Goody e Watt (1996), para a compreensão dos ecos discursivos e de sua cristalização. Para avalizar os critérios, mecanismos e princípios linguísticos mobilizados para o estudo, ainda contaremos com pressupostos de Halliday (1977, 1994), de Dik (1978), de Azeredo (1979, 2000), de Givón (1984, 1990, 1995, 2005, 2009), de Kövecses (2002, 2005), de Croft (2004), de Lima-Hernandes (2010), de Martelotta (2011), Neves (1997) e de Monteiro (2000). Estes estudiosos debruçaram-se sobre dados numa perspectiva também cognitiva, razão por que nos cercaremos de algumas de suas descobertas para melhor compreendermos os usos que são mobilizados para valorar ciganos: Lippmann, (1961[1922]), Luhmann (1997), Tomasello (2003) Kalaydjieva *et al* (2005) e Maturana e Varela (2011).

O palheiro e as agulhas: discutindo os encaminhamentos metodológicos

Com a finalidade de apresentar decisões que tomamos para o desenvolvimento desta tese, explicitaremos informações sobre o *corpus* e a forma de análise dos dados que dele foram extraídos.

A decisão de compor um corpus sempre se traduz numa difícil decisão por parte do pesquisador. Também a decisão sobre ir a campo recolher entrevistas ou a arquivos recolher documentos, em se tratando de ciganos, não é uma tarefa fácil.

---

[11] Em fevereiro de 2012, o MPF (Ministério Público Federal) de Uberlândia ajuizou a ação civil pública com o intuito de bloquear e retirar imediatamente a tiragem, venda e distribuição das edições do Dicionário Houaiss que contenham as definições em expressões estigmatizantes, pejorativas e preconceituosas em referência à entrada 'cigano'. Essa atitude foi compreendida como uma ação social necessária para iniciar o processo de reparação de décadas ou até séculos de maculação contra a etnia cigana.

[12] Muitas outras obras a que tivemos acesso não constam desta síntese que elaboramos. As motivações para sua exclusão foram duas: 1. assumem um viés pouco científico e sem referência a fontes de consulta; 2. incluem-se entre obras de autoajuda.

Há quatros anos, intuímos que entrevistar ciganos em regiões centrais da cidade de São Paulo nos traria um retrato exato da condição social que conduziu os ciganos ao estigma negativo. Foi um período de grandes desmotivações que podemos resumir em dois problemas.

O primeiro deles remete ao fato de que muitos se identificavam como ciganos, mas, na realidade, não pertenciam a essa etnia. O segundo remete ao fato de que os membros dos grupos étnicos ciganos que encontramos se mantiveram, em todas as tentativas de abordagem, muito fechados ao diálogo. A consequência desses impactos científicos a esta pesquisa levou-nos à conscientização de que precisaríamos observar os ciganos de uma forma indireta: analisar o discurso de não-ciganos sobre ciganos.

No entanto, só seguir esse norte sem conhecer a história dos ciganos no mundo até sua entrada no Brasil, traria um prejuízo ao conhecimento que buscávamos, ou seja, não é possível acessar estigmas sem que se acesse, antes, seus fundamentos históricos. Essa constatação nos levou a arquivos e bibliotecas diversas para a recolha de materiais de hemerotecas, microfilmes, dicionários, filmes, dentre outros. Durante esse percurso, tomamos contato com várias obras de arte em formato diversos, tais como esculturas, literatura, música (vinculadas a um projeto vindouro), para esta pesquissa, o formato eleito é o de quadros (telas), que revelavam e reforçavam traços reconhecidos nos discursos estigmatizantes. Utilizamos todo esse material para construir os Capítulos I, II e III.

A descoberta do Museu da Pessoa nos conduziu a uma nova instância de análise, a de que histórias recentemente relatadas por paulistanos. Daí surgiu a ideia de recuperar em todas as amostras trechos que evidenciassem formas de preconceito. Muitas delas ecoavam em suas práticas específicas tal como Marcuschi (2007:35) nos alertava já em suas publicações:

> ***a organização da sociedade.*** Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais. (...) a fala não apresenta propriedades intrínsecas negativas, também a escrita não tem propriedades intrínsecas privilegiadas. São modos de representação cognitiva e que se revelam em práticas específicas. (...)

Segundo esse autor, diante de uma postura ideológica, a escrita se sobressai à fala na sociedade, e isso pudemos constatar nas amostras do **Questionário** e do **Twitter** que, mesmo sendo escritos, carregavam fortes marcas de oralidade. Não sem razão, de

fato, os usos cotidianos da língua permitem saber que "a oralidade e a escrita não são responsáveis por domínios estanques e dicotômicos. Há práticas sociais mediadas preferencialmente pela escrita e outras pela tradição oral" (Marcuschi, 2007:36).

A oralidade é, assim, um caminho que denuncia o poder da escrita frente à fala. Mas, mesmo represando o "dito", ainda assim os mecanismos da oralidade sobrevivem nos discursos. Assim é que a escrita é vista como "algo *naturalmente* claro e definido. (...) um fenômeno se não homogêneo, pelo menos bastante estável e com pouca variação" (2007:37), e obviamente contrasta com a fala, que se mostra variada e, quando a manifestamos, nem sempre lançamos mão da fala "padrão", dada sua espontaneidade. Portanto, são modalidades não competitivas que surgem no domínio "tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos" (2007:37), e ambas nos interessam grandemente para recolher e analisar estigmas que permanecem em sua superfície.

Se na escrita, contamos com as comunicações pessoais (cartas pessoais, bilhetes), como as disponíveis no **Museu da Pessoa**, também contamos com as instâncias menos pessoais (notícias de jornal, cartas de leitor, formulários, entrevistas e volantes de rua), aqui representadas pelas notícias veiculadas por **O Estado de São Paulo** e ***Corpus* Diacrônico**.

Tomar a decisão por um método de quantificação e de mensuração qualitativa também é tarefa árdua. Iniciamos a pesquisa com investigação pautada em dados analisados qualitativamente, envolvendo aspectos subjetivos, ou seja, dados e seus contextos de produção. Depois, em alguns casos específicos, foi necessário lançar mão de quantificação.

Os tipos de texto com os quais lidamos ao longo da pesquisa constituem materiais diversos e heterôgeneos, razão pela qual passamos a descrevê-los mais minuciosamente:

→ experiência pessoal com relatos advindos do Museu da Pessoa: na introspecção e na história de vida é que observamos a cultura e a sociedade de não-ciganos. As histórias de vida representam a forma mais pura dos estudos descritivos, o valor científico também incide na subjetividade como forma de conhecimento; por outro viés, um grupo social marca e é marcado por uma época, o que pode também ser analisado quantitativamente, em registros de imagem e som.

→ textos interativos ou midiáticos com foco em produção cultural: formam uma ferramenta de comunicação e interação a distância, muito usual atualmente e por isso mesmo mobilizada para recolha de dados nesta tese. Trata-se dos *twitters*.

→ textos que remontam a fatos históricos com temática de cunho jornalístico: a representatividade regional de jornais é um dos critérios para a recolha de dados para esta tese. Essa representatividade revela-se na distribuição em larga escala, abrangendo as notícias relevantes e dinâmicas para a comunidade paulista, bem como à história social do português de São Paulo em um viés sociocultural. Justifica-se, assim, a escolha do Jornal *O Estado de São Paulo*.

→ textos que remontam a fatos históricos em documentação original: peças de teatro veiculam forte oralidade em sintonia com as discussões sociais de época. Escolhemos por isso *A Justiça dos Bohemios,* a partir da qual recolheremos as estigmatizações de oralidade com um estudo sociolinguístico em uma comunidade na Zona Norte de São Paulo. Esse material é proveniente do Projeto Temático História do Português Paulista (PHPP).

→ questionários: perguntas fechadas e abertas foram empregadas para constituir o questionário aplicado no trabalho de campo. Intuíamos com essa estratégia que entenderíamos como os não-ciganos avaliavam os ciganos ainda nos dias atuais, ou seja, será que os estigmas que imaginamos ainda existir, está entre nós, paulistanos, no século XXI? A pergunta exigiu de nós um extenuante trabalho de campo, com questionários distribuídos ao longo de um ano a pessoas diversas em locais diversos, desde a sala de aula a postos de gasolina, desde 13 anos até 78 anos, desde informantes cultos até os mais iletrados, junto aos quais atuamos como 'escribas'.

Utilizamos para analisar os focos de estigma os traços identificados durante o Capítulo I.

Outra decisão inadiável para uma pesquisa com o porte desta, que conta com muitas amostras e dados, é a manutenção do número do exemplário. Explicamos: nas idas e vindas de análises foi preciso manter o número atribuído a cada um dos extratos de escrita selecionados para análise. Esses números, usados sempre os mesmos ao longo da tese, estão dispostos no Anexo 1.

Durante a leitura de todo o Anexo 1, é possível, constatar que as intenções são marcadas de forma muito similares. Recorrendo a Maturana e Varela (2011), que situam o ser humano como parte sistêmica do universo, e, por conseguinte, como criador de

elementos que o representem dessa forma no mundo, consideramos a linguagem e sua gramática como uma ferramenta suficiente para denunciar estigmas e preconceitos. Givón (1990) foi mobilizado para analisar os extratos linguísticos. Demonstraremos que elementos de polaridade negativa podem mascarar ou esconder o preconceito e estigma carreados pela referência a ciganos nas narrativas e notícias. Esses usos serão cotejados com os identificados nos questionários.

Feito o trabalho de localização dos dados que nos eram pertinentes, chegamos a um conjunto representativo do que historicamente foi se consolidando como a avaliação dos ciganos na sociedade. Vejamos os números.

Especificamente, do Jornal *O Estado de São Paulo*, recortamos o período de 1875 até 1880 (5 ocorrências), para nos certificarmos de que a estigmatização fosse recorrente e marcada em um meio de comunicação. De 1920 até 1950 (24 ocorrências), sendo que este período compõe o pós Primeira Grande Guerra e o pós Segunda Grande Guerra, período fértil para a perseguição dos ciganos. Daí termos identificado casos de agressões e massacres contra os ciganos pontuando, historicamente, o anticiganismo. A última amostra de *corpus* se refere aos anos de 2010 e 2013 em que obtivemos 21 notícias com a palavra *cigana(s)*: 87 com a palavra *cigano(s)* e 2 com *etnia...cigana* ou *etnia cigana* com a finalidade de observarmos as variações de escolhas lexicais que determinassem avaliação positiva ou negativa sobre o termo em foco: a construção das orações no que tange à topicalização e ao valor semântico e sociocultural dos termos em análise, incluindo aí a relação destas com o Estatuto dos ciganos na cidade de São Paulo.

Uma segunda amostragem foi constituída a partir de relatos de paulistas, identificados no *Museu da Pessoa*, que guarda um acervo extenso, dividido por seções[13]. Dentre essas seções, ativemo-nos às histórias de vida, em que foram identificadas 4 histórias com o termo *cigano.* Ignoramos algumas delas, relatadas por ciganos, já que o foco de interesse nesta tese é o discurso de não-ciganos sobre ciganos.

A naturalidade e fluidez com que as mensagens surgem no twitter fizeram com que o utilizássemos como uma das bases de análise por não haver direcionamento como em uma entrevista ou questionário, ou em um jornal, sempre atentos aos excessos dos redatores ou à própria história de vida ou da família, em que a escrita se torna até

[13] Segundo informações do *Museu,* contém 16 mil histórias de vida, 72 mil fotos e documentos, 25 mil horas de gravação em vídeo. As gravações em vídeo totalizam 25 mil horas. Com esse acervo, já realizaram 74 exposições, 68 publicações e 8 exposições permanentes e centros de memória.

romantizada. Utilizado como base de *corpus* sincrônico, inicialmente encontramos 52 informantes dos quais pudemos coletar para análise 10 dados, posto que os demais (46) tendiam a ser ciganos.

A partir da mescla de modalidades oral-escrita no twitter, chegamos a uma noção mais pertinente do que ocorre sincronicamente com o objeto de estudo. Portanto, as amostras que constituem o *corpus* desta pesquisa são cinco, cujas ocorrências podem ser quantificadas como a seguir demonstrado:

Amostra	**Número de informantes/ documentos**	**Número de ocorrências**	Ocorrências relevantes proferidas por não-ciganos
Jornal *O Estado de São Paulo*	599 notícias	141 dados	141 dados
Museu da Pessoa	2 informantes	2 dados	1 dado
Corpus Diacrônico	3 informantes	3 dados	3 dados
Twitter	52 informantes	54 dados	22 dados
Questionário	265 informantes	211 dados	23 dados
Total de	921 documentos	**411**	**190**

Tabela 01- *Corpus*

Quantitativamente, o *corpus* forneceu o total de 921 informantes ou documentos com o termo referente aos ciganos. Desses, em uma análise qualitativa, recuperamos 411 dados de exteriorizações sobre ciganos dentro e fora do Brasil, sendo que apenas 190 são representativos para esta pesquisa., pois das 599 notícias advindas do jornal O Estado de São Paulo, 326 notícias foram referentes aos ciganos que invadiram alguns países da Europa e foram expulsos, principalmente a postura anticigana exposta pelo governo francês em 2010. Os outros 132 dados eram referentes ao lutador de MMA de alcunha 'Cigano', a exclusão desses dados fizeram despencar o número de ocorrências, o que para esta tese também é um importante dado. Explicamos: os dados estão relacionados à exteriorização verbal ou escrita da sociedade dominante em São Paulo.

Situação semelhante ocorreu com os dados de referendação advindos dos questionários. Foram aplicados 265 questionários, sendo que 44 não foram devolvidos e 10 possíveis informantes se recusaram a preencher, o que totalizou 54 questionários ignorados. Então a análise ocorreu em 211 questionários, ou seja, 211 informantes. Entretanto, apenas 23 informantes contaram histórias sobre ciganos, os demais (188) deixaram em branco ou relataram que não conheciam sobre a cultura desse povo. Como o foco principal desta pesquisa é demonstrar, sintática e cognitivamente que há preconceito e estigmatização contra os ciganos, admitiu-se apenas as 23 histórias relatadas como dados completos, que constam no Anexo 1. Os demais 188

questionários foram tabulados para compreendermos, mesmo que parcialmente, como o imaginário desses informantes que não se expuseram totalmente, crê sobre ciganos.

Esta tese, portanto, apresenta-se organizada em quatro capítulos. No Capítulo I, discutiremos estigmatização, alteridade e prestígio, com vistas a construir um quadro elucidativo da forma como identificaremos as raízes de alguns preconceitos. Ainda nesse capítulo, fundamentaremos teoricamente aspectos, mecanismos e princípios que nos guiarão na análise dos dados. Para isso, sempre que possível, lançaremos mão de ilustrações com dados extraídos do *corpus* já descrito. No Capítulo II, apresentaremos a revisão de trabalhos que discutiram o papel dos ciganos sob diversas perspectivas, que serão aqui convergidas para o estudo da avaliação e da identidade de grupos. No Capítulo III, dedicaremos esforços para analisar os dados à luz dos caminhos delineados nos capítulos anteriores com vistas a responder cada uma das questões formuladas e, consequentemente, cada uma das hipóteses aventadas como solução para essas questões.

Por fim, no Capítulo IV, apresentaremos os resultados de trabalho de campo realizado com não-ciganos questionados a respeito de suas impressões e memórias sobre ciganos. Os resultados derivados desse encaminhamento nos permitirão formular considerações finais e, provavelmente, conclusões que se convertam a contribuições para estudos do campo linguístico.

Os títulos dos capítulos serão acompanhados de um provérbio ou dito cigano para fazer referência ao conteúdo exposto. Também serão apresentados outros provérbios ou ditos em alguns subtítulos ou títulos de seção, para conscientizar o leitor de que cigano é uma etnia, de hábitos e costumes às vezes diferentes do dos não-ciganos, mas que esta etnia também constrói nossa sociedade.

A escolha de provérbios ocorreu por representarem a sociedade e passarem por gerações reafirmando ideas e conceitos.

Além das explicações e colocações sobre o desenvolvimento da pesquisa e a divisão da tese, tão cientificamente marcada, há um envolvimento pessoal sobre o tema "cigano", pois desde os 16 anos a pesquisadora se envolveu com o assunto referente a ciganos, cartas, tarots, misticismo, ou seja, um universo hermético dessa étnica mesclado com a curiosidade adolescente.

Passados anos ainda em leituras e aprofundamentos nas cartas e no tarot, houve a oportunidade de iniciar a dança cigana. E então, percebeu-se que outras pessoas, não conhecedoras dos hábitos ou da cultura dos ciganos, teciam comentários como: "Gosto dessas coisas de ciganos"; "Isso aí de cigano é interessante/ da hora"; "Você acredita

nessas coisas de ciganos?". Entretanto, após uma apresentação de dança, pessoas invariavelmente se aproximam encantadas pelas vestes e os movimentos alegres e delicados,elas tecem comentários como: "Que lindo, parece que vocês flutuam, são anjos, são fadas", raramente se referem a ciganos, nesse momento parecem não resgatar a origem da dança que, preconceituosamente, fora julgada e exposta em pronomes demonstrativos como em "gosto **dessas** coisas".

Daí por diante o envolvimento pessoal foi uma mola propulsora para que a pesquisadora se motivasse a voltar seu olhar para a língua e seus usos, neste momento a união entre o pessoal e o acadêmico ocorreu como um amálgama: pesquisar o tema passou a fazer sentido.

Capítulo I – O princípio estigmatizante: ecos históricos

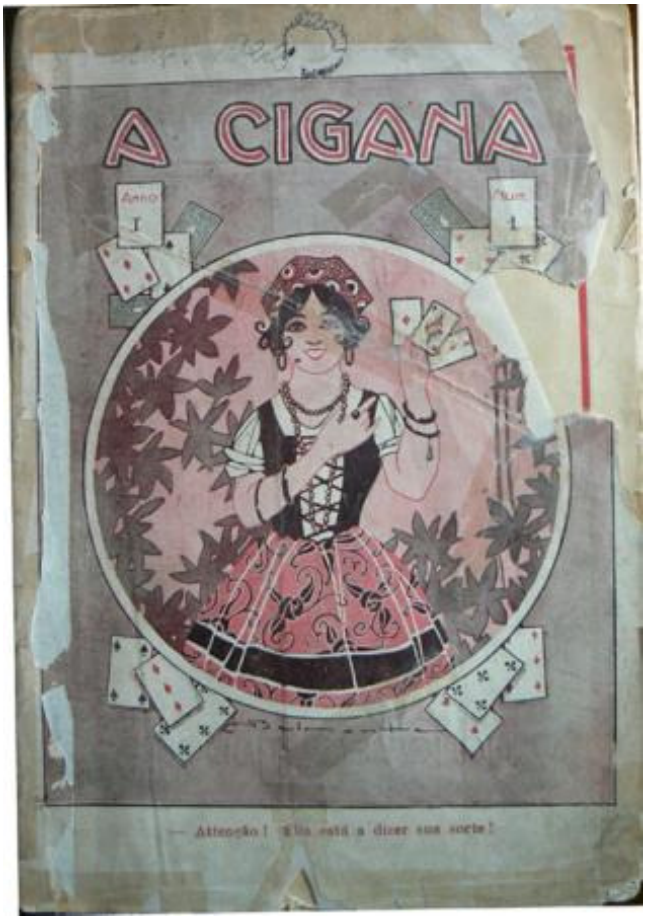


Imagem 1- Capa da primeira edição da Revista "A Cigana"- 10 de abril de 1922

O objetivo deste capítulo é promover a discussão sobre estigmatização e os termos a ela associados com vistas a evidenciar o papel da alteridade na construção do prestígio social. Dessa forma, é propósito implicado construir um quadro elucidativo da forma como se identificam as raízes de alguns preconceitos. Ainda neste capítulo, discutiremos aspectos, mecanismos e traços peculiares que nos guiarão na análise futura dos dados.

1. Entre estigmas e preconceitos

Estigmas não fazem de um homem o Cristo. (ditado cigano)

Ao longo de séculos, os ciganos vêm sendo acusados de diversos delitos que, pela forma de reprodução ideológica da sociedade de maior prestígio, são admitidos como verdadeiros e recorrentes. Iniciamos esta seção com dois relatos com enfoque em ciganos os quais ocorreram em Portugal e estão disponíveis no site da Torre do Tombo:

1- "O cigano Salinas Emídio, que foi morto a tiro pelo guarda auxiliar da PSP, José Simões Leitão, com alguns companheiros"
Nível de descrição: Documento simples
Código de referência: PT/TT/EPJS/SF/001-001/0061/4153M
Tipo de título:Formal
Datas de produção 1938-11-15 - ? a ?
Dimensão e suporte: 1 doc. fotográfico (negativo, vidro, p/b, 9x12 cm)
Âmbito e conteúdo: Reprodução de fotografia.
Está identificado com numeração, no álbum: Salinas Emídio. Cota atual
Empresa Pública Jornal O Século, Álbuns Gerais n.º 61, doc. 4153M
Idioma e escrita - Não aplicável.
Notas ao "Título": A forma desenvolvida de "PSP" é Polícia de Segurança Pública.

2- "Autos crime de requerimento em que é réu Paulo José Emigídio da Mata e autora a Justiça "
Nível de descrição: Documento composto
Código de referência: PT/TT/CBRN/B/001/1501623
Tipo de título: Atribuído
Datas de produção: 1830 ✔ a 1830 ✔
Dimensão e suporte: 1 doc.; papel
Âmbito e conteúdo:
Réu:- Profissão. soldado da Primeira Companhia do Regimento de Mílicias de Lisboa Oriental.

A ação prende-se com o crime de furto. O réu é acusado de furtar um cigano, Francisco Jaime, quando se encontrava embriagado.
1 apenso.
Cota atual - Feitos Findos, Processos-Crime, Letra P, mç. 16, n.º 23, cx. 34
Idioma e escrita - Português

Esses dois exemplos revelam a realidade frente à representação distorcida da figura do cigano. No primeiro, há um cigano, vítima de um crime inexplicado; no segundo, há um cigano, vítima de roubo cometido por um policial. Ambas poderiam ser notícias surpreendentes nos jornais de hoje, pois o cigano é vitimizado em duas situações diferentes. Mais comum seria que figurasse como o agente do delito. Essa

ideia de rejeitar o cigano como vítima representa preconceito já enraizado na cultura ocidental. Sobre esse tema é que discorreremos neste capítulo.

Estudar uma cultura viva, seus hábitos e pensamentos, pressupõe "vê-lo contra o fundo de motivos e emoções e valores institucionalizados nessa cultura" (BENEDICT, 1934, p.63). Nesse sentido, necessariamente resvala-se em conceitos tais como, preconceitos, estereótipos e estigmatizações, os quais conduzem à realidade que liga os homens "às suas ideias e os padrões que têm em comum" (id., p. 28), ou seja, sua cultura, expressa em várias formas de manifestação social.

Por ser a língua um fato social, ela atende às necessidades comunicativas dos membros da sociedade, fornecendo ferramentas linguísticas para codificar:

a. avaliações positivas, aceitas em outras malhas sociais consideradas fora da comunidade mais privilegiada, ou as avaliações negativas, que podem alcançar o que se considera "politicamente incorreto" numa dada cultura;

b. as construções avaliadas como positivas ou negativas são recorrentes dentro da sociedade, ao modificar a esta se refazendo em ecos; e

c. o ecoar dessas construções avaliativas soa como uma verdade inquestionável para a sociedade.

Foi o que demonstrou Labov (2001) ao analisar a realização de fonemas em classes sociais distintas nos EUA. Baseado em Tarde (1873), esse sociolinguista refletiu sobre as classes sociais dominantes como umbrais para as estigmatizações invariavelmente ligadas às classes mais baixas ou de menor prestígio social.

Nesse sentido, a estigmatização ocorreria quando simultaneamente há a rotulação de um indivíduo ou grupo, de modo a estereotipá-lo (uma espécie de carimbo social aplicado pelos outros membros da sociedade). Essa marca atribuída socialmente o discrimina entre muitos, produzindo uma separação facilmente vinculada ao baixo *status* social. Esse parece ser o roteiro que permite à alteridade mitigar o poder de um grupo e, em consequência, deslocar-se para um ponto de estatuto maximizado de

detentor da ideologia dominante[14]. No entanto, diferentemente do que possamos intuir, essa atitude é tipicamente humana e recorre o tempo todo no cotidiano. É o que Goffman (1993, p.14-15) argumenta:

> A atitude que nós, normais, temos com uma pessoa com um estigma, e os atos que empreendemos em relação a ela são bem conhecidos na medida em que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar. Por definição, é claro, acreditamos que alguém com estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia racionalizando algumas vezes a animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa.

A consequência naturalmente esperada é que rotulados e estereotipados são encaixados nas colocações hierárquicas sociais mais baixas, ou seja, são interpretados pelo outro como indivíduos socialmente "menores". Nesses casos, caberá à alteridade uma decisão entre duas atitudes: ignorar ou ressaltar essa condição.

A fronteira semântica, que separa os termos *estereotipação, estigmatização* e *preconceito,* é tênue. É preciso, por isso, entender o que motiva essa associação e como podem ser termos bem aplicados ao estudo da linguagem.

1.1. Separando o joio do trigo

Os termos usados como base para a diferenciação e análise das construções avaliativas são muito próximos quanto ao significado, então utilizaremos dos dicionaristas para nos elucidar.

Sobre o termo *preconceito*, Houaiss e Villar (2001:2282) explicam que remete às seguintes acepções: 1. qualquer opinião ou sentimento, quer favorável quer desfavorável,concebido sem exame crítico

[14] Goffman (1993) observa a sociedade pelo prisma da ideologia dominante, formadora do grupo de "normais" (nós) em contraposição ao grupo de seres humanos de "estigmatizados" (eles) (Goffman: 1993:13-14), assim sendo, encontramos uma rotulação social como uma delimitação entre dois grupos.

1.1 ideia, opinião ou sentimento desfavorável formado *a priore,* sem maior conhecimento, ponderação ou razão
2 atitude, sentimento ou parecer insensato, esp. de natureza hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; intolerância < *p. contra um grupo religioso, nacional ou racial*> *(...)*
3 conjunto de tais atitudes < *combater o p.*>
4 Rubrica: psicanálise.
qualquer atitude étnica que preencha uma função irracional específica, para seu portador <*p. alimentados pelo inconsciente individual*>

É interessante notar que os sinônimos ou variantes listadas, ao final do verbete pelos autores, incluem: "antepaixão, cisma, implicância, prejuízo, prejulgamento, prenoção, xenofobia, xenofobismo; ver tb. sinonímia de *repulsão"* (id.ib.)

As exemplificações dadas reforçam o significado do termo *preconceito* em referência a 'ciganos', como teremos oportunidade de demonstrar com evidências documentais. Também poderemos ao longo da tese empregar o termo '*estigmatização'*, que, no dicionário Houaiss e Villar (2001, p. 1253), tem sua raiz ligada ao substantivo *estigma*, sendo que este de origem grega significando '*picada, marca feita com ferro em brasa, sinal, tatuagem'*. Esse termo apresenta sinonímia em "deslustre e toque" (id.ib.).

O uso desses termos entrará no contexto em que não-ciganos caracterizam o cigano, especialmente percebido no capítulo em que relataremos a pesquisa realizada sobre a intuição e avaliação de não-ciganos paulistas sobre os ciganos. Considerando que aqueles não têm contato diário com estes, é certo que muito do que dizem são reverberações de vozes que foram reunindo e compartilhando durante sua existência. São esses contextos a fonte para estigmas e preconceitos. É esse o foco desta pesquisa: identificar as formas de julgamento e avaliação de ciganos no discurso de não-ciganos em São Paulo.

Outro termo que advém do uso dos anteriores é o de *estereótipo*. Etimologicamente proveniente do grego, significa 'sólido', 'firme'. Houaiss e Villar (2001, p.1252) associam-no às acepções seguintes:

1 Rubrica: artes gráficas.Chapa ou clichê us. em estereotipia; estéreo, estereotipia.

> **2** Derivação: por metonímia. Rubrica: artes gráficas. Trabalho impresso com chapas de estereotipia.
> **3** Algo que se adequa a um padrão fixo ou geral. < *A Vênus de Willendorf é um e. da mulher na arte paleolítica.*>
> **3.1** Esse próprio padrão, geralmente formado de ideias preconcebidas e alimentado pela falta de conhecimento real sobre o assunto em questão. < *o e. do amante latino*>
> **3.2** Ideia ou convicção classificatória preconcebida sobre alguém ou algo, resultante de expectativa, hábitos de julgamento ou falsas generalizações [...]
> **4** Aquilo que é falto de originalidade; banalidade, lugar-comum, modelo, padrão básico.

Notemos que, na base semântica desse termo, está o conceito de repetição. Justamente por isso, aparece ligada à tipografia. Num trabalho mecânico de repetição de um molde, utiliza-se uma placa metálica como instrumento. Nas ciências sociais, esse termo era utilizado para indicar *fixação* e *rigidez,* e essas duas ideias foram levadas por meio de um processo analógico a designar as imagens mentais (Lippmann, 1961[1922]), analisadas como frutos de uma atividade recorrente para obtenção de informações. As acepções de número 3 reforçam essa ideia de repetição de modelo, pois, mesmo numa ideia preconcebida, embute-se a noção de que algo ouvido em momento pretérito ganha eco, ainda que prescinda do fundo da realidade objetiva. Esse conceito estende-se à acepção 4, que remete à ideia de repetição de vozes (lugar-comum) fora do contexto original, tornando-se um padrão repetível.

Mais do que denunciar um procedimento repetitivo, todas as acepções assumidas pelo termo revela um mecanismo cognitivo humano, o da analogia: todos os indivíduos guiam-se num equilíbrio entre o novo e o conhecido, num processo intenso de adaptação como forma de sobrevivência. No mundo da linguagem, o mesmo sucede com palavras, construções e ditos. O problema é que o eco tanto produz o mais facilmente usável e que demanda menos energia humana, quanto pode produzir um grande eco sobre pessoas, grupos e fatos associados, alinhando num novo contexto a novidade da experiência e o eco da estereotipia de julgamentos e valorações do passado.

> (...) a língua reflete um exercício continuo de aprimoramento de capacidades cognitivas. Por meio de uma palavra dita somada a conhecimentos de hábitos, podem-se compreender a informação global e os objetivos do interlocutor, por exemplo. Assim, a língua é um sistema organizador de objetivos e intentos comunicativos, via empacotamento cognitivo. E a sintaxe, como sistema operacionador, é

> a forma de codificação desses intentos numa esfera linguística (LIMA-HERNANDES, 2010, p.21-22)

Por isso, o limite entre um e outro só pode ser traçado se olharmos para a ordenação dos fatos. E essa ordenação só pode ser reconhecida quando recorremos aos ecos da interação intercultural, pois é nesse lugar que duas perspectivas diversas num mesmo plano social 'enfrentam-se' e se avaliam. Esses ecos podem redundar em estigma, cuja reprodução entre membros poderá culminar com a instalação do preconceito social. Essa ideia é reforçada pelas descobertas de Mead (1979 [1950], p.20), ao afirmar que:

> (...) assim como cada cultura cria de modo distinto a tessitura social em que o espírito humano pode enredar-se com segurança e compreensão, classificando, recompondo e rejeitando fios da tradição histórica que ele compartilha com vários povos vizinhos, pode inclinar cada indivíduo nascido dentro dela a um tipo de comportamento, que não reconhece idade, nem sexo, nem tendências especiais como motivos para elaboração diferencial.

A autora serve-se da metáfora da rede e dos fios da tradição guiando ações e atitudes de indivíduos e grupos, a quem compete, segundo Lippmann, se assim estiver ecoado na tradição, simplesmente desempenhar um papel 'ativo' na formação de estereótipos. Mais do que agir ineditamente, o indivíduo ou grupo precisará apenas reforçar (fixação) esse mesmo eco como meio de proteção à definição que esse mesmo indivíduo tem da realidade. Além disso, se um indivíduo do grupo se colocar contra o estereótipo ecoado pelo grupo, ele passará a ser admitido como exceção, mas o estereótipo se manterá:

> Por ser o ambiente real demasiadamente grande, complexo e fugaz para um conhecimento direto; não estamos preparados para lidar com tantas sutilezas, variedade, permutações e combinações. E, apesar de as informações que temos agirem nesse ambiente, temos de reconstruir a informação em um modelo mais simples antes que possamos lidar com ele (conhecimento). Para atravessar o mundo devemos (o ser humano) ter mapas do mundo (LIPPMANN, 1961[1922], p.16)

Se a ação que era excepcional passar a ser geral, e o indivíduo se adaptar bem à nova concepção, o resultado será o fim do estereótipo. Esse mesmo resultado será percebido se o fato é base para que o estereótipo beire o absurdo:

> Se a experiência contradiz o estereótipo, uma das duas coisas acontece. Se o homem já não tem plasticidade, ou se alguns interesses poderosos tornam altamente inconveniente reorganizar seus estereótipos. (...) a contradição [se torna] uma exceção que confirma a regra, desacredita a testemunha, descobre uma falha em algum lugar, e consegue esquecê-lo . Mas se ele ainda está curioso e de mente aberta, a novidade é levada à cena, e permite modificá-la. Às vezes, se o incidente é impressionante o suficiente, e se ele se sente desconfortável com seu esquema estabelecido, ele pode ser abalado a tal ponto começará a desconfiar de todas as formas aceitas de olhar para a vida (LIPPMANN, 1961[1922], p.100).

Portanto, o contexto em que o grupo social determina suas valorações sobre a alteridade, e também na forma de codificá-la, seja nas escolhas lexicais ou na elaboração e organização de construções de palavras, frases, orações, sentenças, textos e discursos, pois estes são marcados e especializados para a função ou uso em momentos específicos da interação e alicerçam uma complexa visão do ambiente ou do cenário. Dessa forma, interlocutores, tema, persuasão e manipulação, entre outros fatores, determinam a utilização de uma construção advinda da combinação lexical, sintática, semântica e pragmática pertinentes à língua. É preciso lembrar, contudo, que somente o grupo que tem o poder de avaliar e legitimar ideias é capaz de lapidar socioculturalmente esses usos, cristalizando-os como verdades ecoantes.

Além de informar, a comunicação de todo grupo social vem impregnada de ideologias, que estão subjacentes à capacidade de reflexão dos seus interlocutores, ocasionando várias interpretações da mesma enunciação. Por essa razão, estudar itens e construções linguísticas desvinculadas das atitudes de grupo é não reconhecer que a língua é um sistema que funciona como um instrumento de comunicação que também sofre impacto das interações e dos contextos sociais. Nesse sentido, cabe ao linguista a exploração de formas e de estruturas da língua, não desvencilhadas da ideia de que é através do fato social que uma linha contínua de eventos transforma a realidade para a fala e vice-versa (Halliday, 1985)[15], constituindo, dessa forma, uma rede de 'escolhas'

[15] Esse significado no sentido de conteúdo "é funcional no sentido de que é projetada para dar conta da forma como a língua é usada. Todo texto - isto é, tudo o que é dito ou escrito - se desenvolve em um

em que vários sistemas interagem: "*Normalmente, quando as pessoas falam sobre o que uma palavra ou uma frase significa, é este tipo de significado que elas têm em mente - o que significa, no sentido de conteúdo*[16]" (1985, p.106)

Em dois momentos anteriores, aspeamos a palavra *escolha*, mas não foi sem razão. Pretendemos chamar a atenção para nossa posição sobre considerar o que o jogo estabelecido entre o novo e a tradição não é de todo intencional. Nem por isso, podemos ignorar que as intenções podem ser classificadas e por isso mesmo são passíveis de uma análise mais especializada. Leiamos a classificação de Luhmann (1997):

a. elucidativas: para a compreensão dos conflitos intergrupais e busca de minimização de seus efeitos ao grupo de repercussão social minoritária; e

b. intensificadoras: para manter e fomentar os conflitos, em que veiculam o preconceito; sua recorrência leva à estigmatização de todo um grupo social.

Ambos os tipos de intenção são repercussões comunicativas comuns e, por essa razão, altamente recorrentes. Se um determinado grupo é padronizado com os grupos de repercussão social maior, então ele é parcialmente aceito e os estigmas são minimizados pelas similaridades que coocorrem entre os grupos. Já, se um grupo possui acentuadas divergências em relação aos representantes do grupo social mais prestigiado, o estigma tenderá a se ampliar, como ocorre com grupos de repercussão social minoritária, a exemplo do grupo focalizado nesta tese, os ciganos.

Do que foi discutido até aqui, pretendíamos chamar a atenção para o fato de que a estigmatização ocorre a partir do segmento social que desfruta maior prestígio, por ser o mais poderoso para decidir o funcionamento do macrossistema. Considerando que a identidade depende da diferença, assim como a diferença depende da identidade (SILVA, 2012), a língua torna-se um instrumento poderoso para a análise de intenções estigmatizantes. Demonstraremos, na seção seguinte, como isso poderá ser feito.

---

contexto de uso, além disso, ao longo de dezenas de milhares de gerações, os usos da língua moldaram o sistema"[15]. (Halliday: 1985:34)

[16] 'Usually when people talk about what a word or a sentence "means", it is this kind of meaning they have in mind - meaning in the sense of content'. (1985:106)

1.2. Em busca das raízes dos estigmas e preconceitos: falar sobre ciganos.

"Falar de ciganos,
muito vos fascina,
mas o entusiasmo em breve termina,
pois o racismo cruel
não vos deixa pensar"

(Marcos Rodrigues, comerciante, cigano
nômade do grupo Calon, *in*: Pereira, 2015, p. 34)

O objetivo desta seção é conhecer traços de ciganidade que possam se prestar como orientadores de fatores extralinguísticos no estudo da estigmatização dos ciganos. Para dar conta dessa missão, apresentaremos a história e trajetória dos ciganos por meio de estudos anteriores em diversas perspectivas. A ideia é captar nesses vários trabalhos elementos que permitam, adiante, delinear traços de identidade de grupo e também elementos que sustentam avaliações de não-ciganos.

Para extrair de estudos anteriores uma linha sequenciada por fatos históricos que permitam desenhar a trajetória dos ciganos até chegar ao Brasil, inicialmente fizemos um levantamento das obras desenvolvidas sobre o tema independentemente da perspectiva ou orientação teórica do autor. Tivemos oportunidade de pesquisar a obra dos seguintes pesquisadores: Acton (1974), Sant'ana (1983), Fonseca (1996), Fraser (1998), Stewart (1997), Buckland (2000), Ceyhan (2003), Okely (2002), Teixeira (2008, 1998), Santos (2002), Ferrari (2002, 2010), Silva (2006), Nunes (2010), Ramanush (2010), Rezende (1995; 2006), Moraes (1981) e Moonen (2011, 1996, 1994). Complementamos as informações dessas obras com a perspectiva mais linguística colocando os diálogos desse com os primeiros autores a tratar do tema: Coelho (1892) e China (1936).Em uma busca identitária, marcada pela formação do 'eu' e da sociedade, Goffman (1993) e Lippman (1961) nos auxiliarão. Essa interação permitirá construir o enfoque que pretendemos dar a esta tese, qual seja, associa a trajetória histórica com a repetição de eventos e fixação de ecos linguísticos avaliativos da conduta cigana.

1.2. 1. Reconstruindo a história social dos ciganos

Nesta seção, a ideia é reunir informações colhidas sobre os deslocamentos ancestrais dos grupos ciganos a partir de autores que os estudaram historicamente. No caso das divergências envolvendo o que se concebe como comunidade cigana, estão marcadas desde o início dos tempos, segundo China (1936), quando estes saíram do Noroeste da Índia. A partir daí, as evidências linguísticas desenham seu percurso pelo mundo. Mesmo que não possamos delinear fielmente os passos desse povo nômade (Fraser, 1998), é possível, auxiliados por estudos comparativos entre os ciganos e os *laubadies* (UNESCO), recolher informações sobre o modo de viver, sobre as superstições voltadas ao que é oculto e cabalístico, sobre os trajes, sobre as profissões relativas à música, a adivinhações e a outras habilidades compartilhadas por seus membros, dentre as quais estão o trabalho com ferro, as atividades ligadas ao circo, entre outras menos recorrentes. Intuímos que esses elementos possam auxiliar a delinear os traços-fonte para o estigma negativo que hoje carregam.

Como podemos ler nas explicações dadas pelo documento UNESCO – Oralidad 4/1992:

> ...explicações científicas para a origem dos ciganos pois, a par de estudos comparativos sobre o modo de vida, a capacidade espiritual (superstições, desígnios ocultos e cabalísticos) trajes, ofícios (ferreiros, músicos e adivinhos), caracteres físicos dos ciganos e de tribos nômades que há no Noroeste da Índia, atual Paquistão - os laubadies - o que mais incentivou os pesquisadores a determinar esse local como a terra de origem dos ciganos foram estudos etnolinguísticos (século XVIII) que comprovaram que o romanê - língua dos ciganos - é aparentado com o sânscrito - língua da Índia Antiga. Sobre a pré-história dos ciganos, isto é, a história deles na Índia Antiga, quase nada se sabe. Presume-se que começaram a **nomadizar**, ainda em solo hindu, porque não se adaptaram à nova ordem social imposta com a invasão dos árias, dentro da qual os ciganos eram considerados párias. O fato é que eles exerciam profissões como **amestrador de animais, ferreiros, forjadores de metal** e **quiromantes** e esses ofícios repugnariam as castas superiores da Índia Antiga. Um dos nomes por que são conhecidos os ciganos até hoje é **BOÊMIOS**, palavra esta originária do sânscrito BOAHA Ml (afaste-se de mim), ou seja, os ciganos eram considerados **malditos** e **feiticeiros**, principalmente por trabalharem com o ferro e o fogo e eram, por isto, obrigados a morar afastados dos demais. Ante essa imposição humilhante e como forma de preservar suas tradições, restou-lhes a opção de caminhar. E assim ficaram caminhando durante um milênio, na Índia, até chegarem à Europa presumivelmente entre os séculos XIII e XIV. (UNESCO, 1992, p.35, grifo nosso)

Essa descoberta é referendada por Houaiss e Villar (2001, p.476), que datam a etimologia de 'bohemio' em 1881 com os valores de 'cigano' e 'de vida desregrada'. Acrescentam que por extensão significa 'cigano, indivíduo de **tribos errantes** originárias da Boêmia[17]'.

A essas definições, inserimos a de Bluteau (1728, p.311-312), por ser uma das mais antigas, traz a visão do que era o 'cigano' no século XVIII, e o preconceito contra essa etnia pode ser observado:

> CIGANO, Cigano. Nome, que deu o vulgo a huns homens vagabundos, & enbusteyros , que se fingem nacionaes do Egypto, & obrigados a peregrinar pelo mundo, sem assento, nem domicilio permanente, como descendentes, dos que não quizeraõ agasalhar o divino Infante,quando a Virgem Santissima, &. Joseph peregrinaraõ com elle pelo Egypto. Raphael Volaterrano faz menção desta gente, & diz, que traz sua origem de huns povos de huma terra da Persia, que faziõ profissaõ de dizer a boa dicha. Querem outros graves Authores , que os Ciganos viessem de Es(c)lavonia, ou de humas terras do Turco, confinates com o Reyno de Ungria, ou com *Bohemia*,& será essa a razaõ porque os Francezes chamaõ aos Ciganos *Bohemes*, ou Bohemiens, id est *Bohemos*. Postoque parece mais verisimil o que diz o Author do Diccionario Oriental, pag. 815 a saber, que foraõ chamados *Bohemos*, por se unirem com eles no tempo da guerra dos Hussitas,huns fugitivos de Bohemia. No Oriente, foraó chamados Zingues,& Zenguis palavras, que tambem tem alguma analogia com Cigano. Certo Arabe, Author do livro intitulado Mirct, diz que os Ciganos procedem em linha recta de Pharaó, & dos Sequzes da sua impiedade. Quando entraraõ em França, foraõ chamados *Penanciers*, ou *Penitents*, que val o mesmo, que *Penitentes*. Os principaes deles eraõ doze, hum dos quaes se chamava Duque, & outro Conde, faziaõ entre todos o no numero de alguns centos,& vinte. Diziaõ, que eraõ naturaes do Egypto Inferior,& que por serem Christaõs, os Sarracenos os haviaõ lançado fóra de suas terras,& accrecentavaõ, que vinhaõ de Roma, aonde despois da confissão de seus pecados, o Pontifice lhes dera por penitencia, que andassem o espaço de sete annos pelo mundo , sem nunca se deitarem em cama. Suas molheres diziaõ a boa dicha , mas o Bispo de Paris os obrigou a despejar, & excomungous a todos os que lhe mostrassem as maõs. Hoje saõ os Ciganos hum **ajuntamento de Vádios de varias naçõens**, incorporados com os nétos, dos que vieraõ do Egypto , ou da Nubia, (como querem outros,) ou de Es(c)lavonia, ou de Ungria, & Bohemia. Na opiniaõ de alguns a lingoa, ou giria, que fallaõ tira à Es(c)lavona; são grandes **mercadores, & trocadores de cavallos, & jumentos**; de alguns Reynos foraõ lançados por espias. & de ordinario em todas as terras

[17] 'Nome do país de povo celta na Europa Central (região da República Tcheca)' (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 476).

> são perniciósos, porque roubaõ no campo, & no povoado. Em quanto à derivação deste nome, parece, que Cigano se deriva do Italiano Cingaro,que he o mesmo. No liv.4. das suas Disquifiçoens (Definições) Magicas, cap.3 quaets 6. o P. Martinho del Rio trata disfusamente dos Cignaos. De aquem tem **sagacidade em comprar, & vender,** ou, que se **déstro, & astuto, dizeos vulgarmente, He grande Cigano**. (...) (BLUTEAU, 1728, p.311-312, grifo nosso)

A colocação de Bluteau (1728, p.311-312) sobre os ciganos *Penitentes* pode ser confirmada com uma obra de arte em pintura de William-Adolphe Bouguereau (nasceu em 1825 em La Rochelle, na França, mesmo lugar em que morreu em 1905) intitulada *The Penitent* em 1876. (Lang Art Gallery / Supplied by The Public Catalogue Foundation)

Quadro 01- *The Penitent,*1876

Ao olhar atentamente ao quadro, percebemos a representação de uma jovem com feições angelicais, mãos delicadas, face de pureza, um manto escuro que a recobre e o colar de moedas, como uma virgem dos ciganos, entretanto não é a representação de Santa Sara Khali, a Santa dos Ciganos, pois ela é negra. Esse quadro revela uma posição de aceitação social, raridade na sociedade mais influente, ou seja, da sociedade predominante ou de maior prestígio.

Uma forma costumeiramente utilizada para determinar a origem desses grupos tem sido a observação de seus traços físicos. Eles permitiram a alguns autores desenhar os ciganos como assemelhados aos **nômades** do Noroeste da Índia (Paquistão), e dessa constatação chegaram a especular que este seria o lugar correspondente ao ponto de partida desse povo. Moonen (2003), contudo, colocou-se contra essas ideias por considerar que muito do que se diz sobre o tema não tem fundo científico, restando como efeito no imaginário coletivo:

> ... Já desde a chegada na Europa há notícias sobre a aparência física dos ciganos: **pele escura, cabelos pretos** e **longos**, **olhos pretos** e **grandes, nariz aquilina**, etc. Posteriormente alguns cientistas notariam semelhanças sanguíneas entre ciganos e indianos, mas nada disto seria suficiente para provar sua origem indiana, inclusive porque não existiam estudos suficientes sobre as características físicas ou predominância dos mesmos grupos sanguíneos. Além disto, havia o problema da 'mistura racial', a miscigenação, que certamente ocorreu desde a saída da Índia há vários séculos.
>
> Na realidade, todas as teorias (e inúmeras fantasias, mitos e lendas) sobre a origem dos ciganos não passam de mera especulação e não têm nenhuma comprovação empírica. Até hoje, apenas as semelhanças das línguas ciganas com o sânscrito parecem devidamente comprovadas, pelo que os ciganólogos costumam admitir que os ciganos são originários da Índia. Mas isto também é tudo e, como já dissemos, somente a semelhança linguística na realidade não comprova coisa alguma (2003, p.11, grifo nosso).

Não podemos ignorar a explicação e rejeição de Willems & Lucassen (1990) sobre a forma como os teóricos do século XIX, a exemplo do filósofo alemão Grellmann, admitiam ser o povo cigano; e essa visão fragmentada e estereotipada segue um caminho ininterrupto que adentra o âmbito da pesquisa científica mesclando-se às colocações de leigos sobre o povo cigano:

> Grellmann fundamentou sua noção da ascendência indiana dos ciganos atuais em dois fatores: o primeiro, compreendendo os estudos lingüísticos comparativos que, de acordo com Grellman, indicavam uma grande afinidade entre a língua *romani* dos ciganos e as línguas derivadas do *hindustani*. O segundo fator se baseia nos relatos de viajantes lidos por Grellmann, que davam conta da existência de uma casta de párias [...], dos quais a **cor, a forma, o caráter, a moral** e os **costumes** apresentavam muitas semelhanças com as imagens que ele tinha dos ciganos e de seu modo de vida. (Willems & Lucassen, 1990, p. 33 *apud* REZENDE, 2006, grifo nosso, tradução nossa)

Numa outra perspectiva, Kalaydjieva *et alii* (2005) defendem, com base em investigações genéticas, que o grupo cigano original surgiu de 32 a 40 gerações passadas, com cerca de 1.000 indivíduos:

> Estudos genéticos da população dos ciganos nos últimos anos foram possíveis pelas novas tecnologias; crescente conhecimento da variação no genoma humano, bem como o rápido acúmulo de dados sobre a diversidade genética global. (...) O esboço destes estudos, baseados na tradição social do povo cigano, é possível graças a uma estreita interação cultural e antropológica, que tem como objetivo compreender a história biológica comum da população cigana da Europa, bem como a relação entre identidade cultural e genética de uma diversidade de grupos ciganos[18]. (KALAYDJIEVA *et alli.* 2005, p.1085, tradução nossa)[19]

Esses autores continuam a desenvolver a teoria, em busca de comprovações científicas, sobre a origem do Proto-cigano, hipoteticamente como originário do mais baixo estrato da casta indiana até a uma sociedade misturada de guerreiros e lutadores da incursão islâmica na Índia (cf. Fraser, 1998). Se eles estiverem corretos, poderíamos recuar a esse período o início da estigmatização, já que os ciganos desde sempre se mantiveram destacados dos grupos sociais estáveis.

---

[18] "Population genetic studies of the Gypsies in the last few years have been facilitated by new technologies, growing knowledge of variation in the human genome and rapidly accumulating data on global genetic diversity (…). The design of these studies, based on the social tradition of the Gypsy people and made possible by a close interaction with cultural anthropologists, has aimed at understanding the common biological history of the Gypsy population of Europe, as well as the relationship between cultural and genetic identity of a diversity of Roma groups". (KALAYDJIEVA et alli. 2005, p.1085)

[19] Kalaydjieva *et alii* (2005) argumentam sobre a prova de que os ciganos são descendentes dos indianos com base em marcas de três sistemas genéticos, idênticos aos encontrados em indianos e paquistaneses.

Noutra perspectiva, os estudos etnolinguísticos do século XVIII identificaram os ciganos como **nômades** derivados dessa região, devido justamente à língua falada por eles, o *romani,* que guarda semelhanças com o sânscrito (evidências linguísticas), advindo da Índia Antiga. O povo cigano não se adaptou aos comandos do povo ariano, quando da invasão e conquista dos árias[20] em VI A.C., por causa da divisão hinduísta de castas, que este povo adotou, os ciganos foram considerados **impuros** e, **repugnados**, tornando-se **párias sociais**[21].

Independentemente da discussão sobre a origem dos ciganos, sabemos que eles iniciaram uma peregrinação por volta do século IX. Também é consenso entre os autores consultados que todos ou grande parte dos ciganos era **não-alfabetizada**. Isso fez com que a herança cultural fosse disseminada pelas narrativas orais[22].

Dessa forma, mais uma diferença se revela com o grupo cigano. Enquanto a maior parte dos povos não-ciganos se apropriou da escrita como forma de transmissão cultural, os ciganos mantiveram-se parcialmente afastados desse processo. Como a escrita inicia-se com ideogramas, desenhos simples, representações do que era mais concreto, depois os desenhos representativos do universo mais abstrato, os ciganos contribuíram para esse desenvolvimento, mas não se apropriaram do alfabeto. Dessa forma, tinham as representações de sua sociedade em vários símbolos, exceto no da escrita tal como a concebemos. A despeito disso, parecem integrados num bloco

---

[20] A invasão dos árias ou invasão ariana foi reportada em sânscrito no século VI a.C., única referência que se tem é pelos hinos védicos. Arianos ou Árias era um povo nômade originalmente e devotado a pastorar. Saíram do sul da Rússia (atual) e entraram no Subcontinente indiano, acredita-se que foi em 1.500 a.C. Eram em menor número do que os outros povos que habitavam essas paragens, entretanto venceram batalhas, pois dominavam as armas militares da época. Sua hierarquia era formada por vários pequenos reinos que transcorriam do Vale do rio Ganges até próximo ao Himalaia. Eram politeístas e originaram o Bramanismo ou Hinduísmo, as sociedades baseadas em Castas e carma. (http://jchistory.webnode.pt/a-india-antiga/)

[21] A característica de párias sociais está ligada à forma considerada 'errante' de viver, como especifica Fredrik Barth, "(...) originalmente em contrastes com vínculos de servidão da Europa, e mais tarde em sua violação flagrante da ética puritana de responsabilidade, trabalho e moralidade. No entanto, somente os ciganos, dentre os grupos considerados como párias, é considerado como grupo étnico, dado a complexidade interna existente". Barth (1990, p.217).

[22] A maioria dos grupos desenvolveu formas de representar a fala por meio da escrita como um processo simbólico que viabilizou a expansão das mensagens veiculadas pelos seres humanos, de forma assíncrona e extensiva, apropriando-se do tempo e do espaço, assim, a oralidade se tornaria ultrapassada. Essa forma de disseminar conhecimentos é tão eficiente quanto as de culturas que utilizam a escrita como forma de transmissão cultural. A esse respeito, Goody e Watt argumentam que "... os elementos mais significativos de qualquer cultura humana são indubitavelmente canalizados por meio de palavras e fazem parte do conjunto particular de sentidos e de atitudes que se acrescentam aos símbolos verbais dos membros de quaisquer sociedades".

compacto que faz repercutir o som, a voz, sem um papel intermediando as relações interpessoais. Essa oralidade se torna revestida de maior poder de coesão do grupo.

No discurso de uma cigana Calón (FERRARI, 2015) observamos o sentimento de não-pertença ao grupo social privilegiado e dominante, principalmente pela condição de não alfabetizada:

> "Não vou dar minha filha pra cigano não! Eu quero gajon, pra todas as duas. Eu ponho ela no estudo e lá ela escolhe. Então ela se forma, seja alguém. Não quero que ela seja que nem eu. Casar com cigano?... Você não estuda, você não é ninguém. Todo dia você lendo a mão de porta em porta, uma vida sem fim. **Eu já sou analfabeta, eu já não presto**, então eu não quero isso pras minhas filhas. Eu já dei os documentos na escola. E eu quero gajon, não quero cigano não. A vida que eu tive eu não quero pra elas. Uma vida sem futuro. Se casa com gajon, ninguém proíbe, ninguém olha feio, pode usar roupa que ela quer, a moda antiga já era". (FERRARI, 2002, grifo nosso)

O exemplo apresentado reforça a carga de estigmatização negativa aceita e acreditada pela cigana, produtora do discurso, confirmando a conscientização de ser paria social e repugnada pela sociedade dominante. Essa condição não é pertencente apenas à cigana do século XX, ela se inicia desde que o cigano, ou a maioria do povo dessa etnia, iniciam sua caminhada pelo mundo, na tentativa de se afastarem das perseguições sofridas.

1.2.1.1. A peregrinação: influências geográficas e sociais

No século X (d.C.)[23], ocorre a primeira diáspora indiana, que deflagra o processo de nomadismo cigano. Fonseca (1996, *apud* Ceyhan, 2003) defende que esse povo tenha vindo do Noroeste da Índia, de uma região chamada Punjab. Entretanto, não se tem uma motivação pontual para o primeiro movimento de migração. O que se tem são hipóteses das motivações do fato, as quais transcrevemos a seguir:

[23] Fonseca (1996) explica que "o primeiro documento escrito que menciona os ciganos é um contrato de compra e venda do século 10. Mais tarde, monges relatam sobre os "atsiganoi", povo itinerante de adivinhos e ventríloquos que visitou o imperador bizantino Constantino IX em 1054", portanto a cronologia nos afirma ser após Cristo.

a) alguns romas[24] eram de **castas** consideradas **inferiores** (pelas Leis de Manu[25]), por isso foram forçados a ingressar no exército e, depois, levados para o oeste da Índia para lutar contra a invasão muçulmana.

b) os muçulmanos escravizaram os romas, posteriormente levando-os para o oeste. Lá, esse povo iniciou uma comunidade que não participava das demais. É o início da segregação dos ciganos.

c) no último ano do século IX, o povo saiu da Índia e atravessou o que hoje conhecemos por Afeganistão, Irã, Armênia e Turquia. Defende-se essa hipótese de migração pela similaridade entre os povos dessas regiões e os ciganos. Atualmente, observa-se a proximidade com os povos habitantes do Rajastão e os lúrios do Irã.

d) dois grupos de roma seguiram caminhos diferentes: um seguiu para o oeste e entrou na Europa pela Grécia; o outro foi para o sul e encontrou a Síria, o Egito e a Palestina.

e) ainda, dentro da Índia, no século XII, o povo roma lutou contra os muçulmanos por domínio de terras e pelas diferenças religiosas; acredita-se que também lutou contra os sarracenos[26].

f) No século IX, na Trácia, Santa Atanásia de Egina dividiu alimento com os 'estrangeiros atsigani[27]'. No mesmo século (803), Teófanes, o Confessor, explica que os *atsigani* auxiliaram o Imperador Nicéforo I oferecendo mão de obra e magia para conter o povo revoltado. As variações desse rótulo aos estrangeiros podem oferecer pistas sobre a origem dos ciganos. É o que defende Moonen (2013), ao apresentar a seguinte evolução: *Atkingano ou Atsigani àtziganeà Zigeunerà Zingarià Zíngaros:*

---

[24] *Roma* é a designação de ser humano para os ciganos no romani. Segundo Houaiss e Villar (2001, p.2470), equivale a rom, que significa: "designativo de cigano originário dos balcãs, entre os próprios ciganos".

[25] *Manu* é conhecido como sendo o primeiro legislador na humanidade, *As leis de Manu* são textos com o objetivo de organizar a sociedade com veemente motivação religiosa e política, Também conhecido por Código de Manu, trazia, inicialmente compilações das civilizações mais antigas. Uma das concepções deste Código é a de que o Hindu de classe média ou inferior precisava passar pelo abismo legal e que o castigo e a coação são importantes para evitar o caos social, há o sistema de Varnas ou Castas que define a casta como determinando o valor da honra e situação social de uma pessoa.

[26] Na Idade Média, esta forma de nomeação era dada pelos cristãos aos árabes ou aos muçulmanos que eram considerados pagãos. Muçulmanos estáo ligados às religiões. Apenas no século XVII, os termos "islão" e "muçulmano" deram entrada ao vernáculo das línguas europeias. Já sarracenos é o nome dado a ocupantes da Península Ibérica.

[27] 'Atsigani' é a designação grega dos adivinhadores, ventríloquos e feiticeiros no reinado, em 1054, do Imperador Constantino, como explicou Fraser (1998).

A história escrita dos hoje assim chamados ‘ciganos’ não vai além de um milênio. Um dos documentos mais antigos é de um monge grego segundo o qual, no ano de 1050, o imperador de Constantinopla (hoje Istambul, na Turquia), para matar uns animais ferozes, solicitou a ajuda de adivinhos e feiticeiros chamados *Adsincani*.

No início do século seguinte, outro monge se refere a **domadores de animais**, em especial de ursos e cobras, e a indivíduos **lendo a sorte** e prevendo o futuro, que eram chamados *Athinganoi*. No Século XIII, o patriarca de Constantinopla adverte o clero contra **adivinhos**, **domadores de ursos** e **encantadores de cobras** e solicita não permitir a entrada destes *Adingánous* nas casas, "porque eles ensinam coisas diabólicas" (Fraser 1998). É possível que estes tenham sido antepassados (embora não necessariamente os únicos) dos indivíduos hoje chamados "ciganos", e neste caso já estariam na Turquia pelo menos desde meados do Século XI.

Da Turquia para outros países foi um pequeno passo. Sabemos que vários grupos migraram para a Grécia. Em 1322 um frade franciscano, de passagem pela ilha de Creta, escreve sobre indivíduos que viviam em tendas ou em cavernas, chamados *Atsinganoi*, nome então dado aos membros de uma **seita de músicos e adivinhadores** que nunca paravam mais do que um mês num mesmo lugar. Depois, outros viajantes europeus, mercadores ou peregrinos a caminho da Terra Santa, ou seja a atual Palestina, observaram a presença destes indivíduos nos arredores do porto marítimo grego de Modon (hoje Methoni), então colônia de Veneza, onde trabalhavam como **ferreiros** e **sapateiros** (Foletier 1983; Liégeois 1988; Fraser 1998).

No início do Século XV estes "ciganos" migraram também para a Europa Ocidental, onde quase sempre afirmavam que sua terra de origem era o "Pequeno Egito". Hoje sabemos que esta era então a denominação de uma região da Grécia, mas que pelos europeus da época foi confundida com o Egito, na África. Por causa desta suposta origem egípcia passaram a ser chamados "egípcios" ou "egitanos", ou *gypsy* (inglês), *egyptier* (holandês), *gitan* (francês), *gitano* (espanhol), etc. Mas sabemos que alguns grupos se apresentaram também como *gregos* e *atsinganos*, pelo que também ficaram conhecidos como *grecianos* (espanhol antigo), *tsiganes* (francês), *ciganos* (português), *zingaros* (italiano).

Na literatura a seu respeito ainda existem outras denominações que em nada lembram a suposta origem egípcia ou grega. Na Holanda a denominação inicial de *"egyptier"* desaparece a partir do Século XVI e utiliza-se apenas a denominação "*heiden"* (**pagão**), denominação

> então comum também na Alemanha. Hoje em ambos os países sua denominação é "*Zigeuner*". Na França ficaram conhecidos também como *romanichel*, *manouches* ou *boémiens*. Em vários países foram confundidos com os *tártaros,* mongóis da Sibéria e Ásia Central. Todos estes termos são denominações genéricas que os europeus naquele tempo deram a estes **misteriosos e exôticos imigrantes**. Não consta como os ciganos então se auto-identificavam. (Moonen, 2013, p.9-10, grifo nosso)

Notemos que as designações incluem o rótulo **boémiens**, conforme apresentado anteriormente, porém em outras fontes. Isso coloca em pauta a explicação da palavra 'cigano', cunhada pelos europeus. Quando da entrada do primeiro clã cigano em suas terras, o modo de vestir com **trajes exóticos e coloridos** e a **língua ininteligível** os tornaram evidentemente diferentes, o que resultou em **isolamento** e gerou um equívoco na rotulação dessa etnia. Por causa dessas características, foram confundidos com os egípcios, então **mercadores** de diversos itens, dentre os quais os produtos mais recorrentes eram as **pedras preciosas** e **os óleos** enviados para a Europa. A partir desse fato, passam a ser nomeados como 'ciganos', sendo no espanhol: *gitano,* no inglês: *gypsy* e no português: *cigano.*

g) A Crônica Persa de Hazma de Ispaham (século X) e O Livro dos Reis (século XI) são duas obras importantes para fornecer elementos sobre a origem dos ciganos. A Crônica explica que o rei da Índia contratou músicos e os denominou de Zott. O Livro traz a informação que Ferdusi (poeta) cita haver milhares de Zott saídos de Sindh (rio Indo) para entreter o Rei da Pérsia com espetáculos.

Um autor que escreveu sobre o povo cigano foi Burton (1898). Sua obra constitui-se relevante contribuição por ser uma das primeiras a relatar os ciganos vagando dentro do Brasil. Ele inicia seu texto com a explicação dos ciganos na República norte-americana, explicando que, quando houve a guerra entre a França e a Inglaterra (Guerra dos Cem Anos) e logo em seguida à Revolução, vários ciganos deixaram de ser errantes e iniciaram uma vida dentro do país em que estavam, desenvolvendo serviços militares. Após as batalhas, muitos ciganos deserdaram e formaram "bandos metade bandido escoceses e a outra de ciganos". (Burton,1898, p.282)

Burton (1898) ainda continua a relatar a peregrinação, agora para a América do Sul que era pouco conhecida, sendo que o local de maior conhecimento do autor foi o Brasil:

...cheio de ciganos. Quando Fernando e Isabel, a Católica (AD 1492) emitiu o edital extermínio contra mouros, judeus e ciganos, este último se esgueirou em esconderijos; eles foram novamente proibida por Charles V. (AD 1582); e Philip III. (AD 1619), emitido a partir de Portugal uma ordem para todos os ciganos para sair do país dentro de seis meses a um pedido renovado por Philip IV. no ano 1633. Houve alguma razão para esta gravidade. Os "mendigos magistrais" tinham feito infame girando espiões para os turcos e sarracenos; e se o preconceito geral contra eles era infundada, ele descansou, pelo menos, em cima de uma fundação sólida o seu ódio do Busno cristã, Gacho, ou não cigana. Assim, cada cidade marítima do Brasil para que os exilados foram enviados hoje continha um bairro cigano, ou trimestre, o Moreria Português (Moorery) correspondente com o Gitaneria espanhol, e nem um pouco parecido com o Guetos dos judeus italianos. Por exemplo, o Rocco, agora o quadrado mais bonito da soberba Rio de Janeiro, foi de Campo Velho, Campo dos Ciganos- os ciganos 'Os peregrinos egípcios' dali se espalharam ao longo do Interior, onde as suas tendas, muitas vezes atraem o olhar do viajante; e alguns deles se tornaram criminosos ilustres, como o cigano Beiju, uma das principais bandidos, cuja carreira acabou por enforcamento pelos assassinatos que durante muito tempo desgraçaram a Serra da Mantiqueira, que descrevi nas Terras Altas do Brasil (i. 63). **Vagando pelas províncias de S. Paulo e Minas Geraes,** muitas vezes eu encontrei com grupos ciganos, cuja aparência, linguagem e ocupações eram os da Europa. Eles estão aqui talvez **um pouco mais violento e perigoso**, e ao viajante olha para seu revólver ao se aproximar de seus acampamentos na hora do crepúsculo; mas eles **são muito piores do que os "Morpheticos" (leprosos),** que estão autorizados a assombrar o país.

Livros populares e comentários (devem) ignorá-los (aos ciganos); mas o campesinato considerá-los com nojo e pavor religioso. Eles protestam-se a ser católicos devotos, mas eles estão muito longe do melhor dos protestantes, como eles protestam, praticamente e energicamente, contra toda a preocupação. Sua religião, de fato, está incorporada no axioma: "*Cras moriemur-post mortem nulla voluptas*." (*Porque amanhã morreremos não há prazer depois de morte*)

Podemos muito bem acreditar que o boato comum que os encargos com ser **ladrões de aves e cavalos, e com a realização de, por vezes, um pouco no caminho de assassinato.**

Em 3 de maio de 1866, quando andava de Rio Claro para Piracicaba, São Paulo, visitei uma gangue de esses "verminose"; e com a presença de meus servos armados, passei uma noite em suas barracas. A cena era familiar: a tenda inclinação fervilhava de **crianças escuras,** o pote pendurado no triângulo, e cavalos e pôneis para o transporte e, talvez, para a venda, estavam amarrados.

As características e tez foram os das marcas (sineta) estrangeiras; as mulheres, além de ornamentos de pacotilha[28] de bronze, coral e contas que usavam na perna com um escarlate; e

[28] Houaiss e Villar (2009) explicam que pacotilha é a "quantidade de gêneros e bem pessoais que cada passageiro de um navio podia levar livre de frete" ou "artigo de qualidade inferior" ou "grupo de mal feitores" (2009, p.1410)

algumas das meninas bonitas e bem vestidas (...) Aparentemente, eles eram **proprietários de escravos negros**, possivelmente fugitivos. De acordo com os brasileiros, eles gostam de nomes esquisitos (nomes fantasias); Esmeralda e Safira são comuns, e eles tomam emprestado nomes de árvores, plantas e animais.

Suas principais **ocupações são o pequeno comércio e leitura de sorte,** quando eles revelam para uma consideração todos os mistérios do 'amor e da lei, saúde e riqueza, as perdas e cruzes.' Eles também são 'interessado' em funerais, vivem muito e bebem, cantam e dançam a noite toda- com sequência regular. Eu não poderia induzi-los a utilizar a sua própria língua, ainda que evidentemente me entendam. Este desejo de esconder sua origem cigana, é notado com frequência por toda parte. É provavelmente uma relíquia dos dias de sua perseguição. Felizmente na maioria dos países civilizados atualmente os Ciganos podem contar igualdade de direitos como o de outros homens[29]. (BURTON,1898, pp.283-284-285, grifo nosso, tradução nossa)

[29] Burton (1898, p.283-284-285) no capítulo VIII pode-se ler sobre os ciganos na América do Norte e na do Sul, como no original: "South America is very little known; and yet the part with which I am most familiar, the Brazil, is full of Gypsies. When Ferdinand and Isabella the Catholic (A.D. 1492) issued the exterminating edict against Moors, Jews, and Gitanos, the latter slunk into hiding places; they were again proscribed by Charles V. (A.D. 1582); and Philip III. (A.D. 1619) issued from Belem in Portugal an order for all the Gypsies to quit the country within six months—an order renewed by Philip IV. in A.D. 1633. There was some reason for this severity. The "masterful beggars" had made themselves infamous by turning spies to the Turks and Saracens; and if the general prejudice against them was unfounded, it rested at least upon a solid foundation—their hatred of the Christian Busno, Gacho, or non Gypsy. Thus every maritime city of the Brazil to which the exiles were shipped presently contained a Gypsy bairro, or quarter, the Portuguese Moreria (Moorery) corresponding with the Spanish Gitaneria, and not a little resembling the Ghettos of the Italian Jews. For instance, the Rocco, now the handsomest square in superb Rio de Janeiro, was of old the Campo dos Ciganos—the Gypsies' Field. The "Egyptian pilgrims" thence spread abroad over the Interior, where their tents often attract the traveller's eye; and some of them became distinguished criminals, like the Gypsy Beijú, one of the chief Thugs, whose career, ended by hanging for the murders which long disgraced the Mantiqueira Mountains, I have described in the Highlands of the Brazil (i. 63).Wandering about the provinces of S. Paulo and Minas Geraes, I often met Gypsy groups whose appearance, language, and occupations were those of Europe. They are here perhaps a little more violent and dangerous, and the wayfarer looks to his revolver as he nears their camp at the dusk hour; yet they are hardly worse than the "Morpheticos" (lepers), who are allowed to haunt the country. Popular books and reviews ignore them; but the peasantry regard them with disgust and religious dread. They protest themselves to be pious Catholics, yet they are so far the best of Protestants, as they protest, practically and energetically, against the whole concern. Their religion, in fact, is embodied in the axiom: "Cras moriemur—post mortem nulla voluptas." We may well believe the common rumour which charges them with being robbers of poultry and horses, and with doing at times a trifle in the way of assassination. On May 3, 1866, when riding from Rio Claro to Piracicaba, Saõ Paulo, I visited a gang of these "verminous ones"; and attended by my armed servants, I spent a night in their tents. The scene was familiar: the tilt tent swarmed with dark children, the pot hung from the triangle, and horses and ponies for carriage, and perhaps for sale, were picketed about. The features and complexion were those of the foreign tinkler; the women, besides trumpery ornaments of brass, coral, and beads, wore scarlet leg wraps; and some of the girls were pretty and well dressed (…) Apparently they were owners of negro slaves, possibly runaways. According to the Brazilians, they are fond of fancy names; Esmeralda and Sapphira are common, and they borrow from trees, plants, and animals.
Their chief occupations are petty trade and fortune-¬telling, when they reveal for a consideration all the mysteries of "love and law, health and wealth, losses and crosses." They also "keen" at funerals during the livelong day, and drink, sing, and dance through the night—a regular wake. I could not induce them to use their own tongue, yet they evidently understood me. This desire to conceal their Gypsy origin I have frequently noticed else where. It is probably a relic of the days of their persecution. Fortunately in most civilized countries to day the Gypsy can count equal rights with other men'.

Após a explicação de Burton (1898) sobre a origem ou permanência dos ciganos no Brasil e sua forma de convívio, observamos a relevância de suas características para a formação da estereotipação e preconceito, tão recorrentes ainda hoje.

No encaminhamento dos séculos, encontramos outros autores que buscaram a origem da língua romani, como Fonseca (1996, p.86 *apud* Ceyhan, 2003, p.45) afirma: "a língua tem sido equiparada pelos ciganólogos[30] com a raça. Foi suscitada por alguns que aqueles ciganos que usavam palavras em romani tinham ligações genéticas mais diretas com a Índia". Ainda na mesma obra, Ceyhan (2003) cita a visão de Okely (1992, p.8) sobre a língua dos ciganos:

> A pressuposição dos pesquisadores é a de que a língua é transmitida e aprendida apenas por meio de descendência biológica. Por isso, é consenso entre os ciganólogos do século XIX que a linguagem oferece uma chave para as diferenças entre os ciganos e os não-ciganos. Ratifica essa posição a dos pesquisadores da área social e científica do século XIX que apresentaram o conhecimento da língua como um produto de sangue puro. Porém, dada a dificuldade de descrever essa língua, muitos pesquisadores abandonaram a língua romani e passaram a investigar suas bases nas línguas europeias[31], (OKELY, 1992, p.8, tradução nossa)

Destacamos nessa citação a ideia de que outros autores já assumiram uma perspectiva similar a esta defendida nesta tese, qual seja, a linguagem, como fato sociocultural, pode oferecer pistas para investigar elementos culturais de um povo.

É por isso que Fonseca (1996, p.86 *apud* Ceyhan, 2003, p.31) argumenta que a origem dos Roma vincula-se geograficamente ao noroeste da Índia: 'a origem dos

---

[30] O termo *ciganólogo* começou a ser utilizado no século XIX para a descrição de pesquisadores que se atinham sobre os boêmios ou egípcios, nome dado aos ciganos de então. na época.
O termo advém do português europeu, conforme explicação de Castro (2001), e confirmada pela ausência do termo em Houaiss e Villar (2009).

[31] Citação original: "Fonseca mentions, '[t]he Indian origin of the Gypsies has been known to scholars since the eighteenth century, when a few European linguistics became aware of people in their midsts who spoke an Oriental language' (Fonseca, 1996, p.86). Okely says 'language has been equated by the Gypsiologists with race. It has been implied by some that those Gypsies who use the most Romani words have the closest genetic links with India' (Okely, 1992, p.8). These scholars' assumption is that language is transmitted or learnt only through biological descent. According to nineteenth century Gypsiologists, language provided the key to the differences between the Gypsies and non-Gypsies. In this regard, the nineteenth-century social and scientific investigators presented knowledge of language as a product of pure-blood. Scholars who studied Gypsies' origin could not explain how Romany language changed from Indian origin to Europe languages". (Ceyhan, 2003, p.31)

Ciganos é conhecida pelos pesquisadores desde o século XVIII, quando alguns linguistas europeus descobriram que pessoas de seus meios falavam uma língua Oriental'.

Nos Dicionários Históricos de Povos e Culturas (Kenrich, 2007) nos esclarece que a Associação para a Preservação da Cultura Cigana acredita que existam cerca de um milhão de ciganos no Brasil, deles, 300.000 são nômades. Poucos deles têm certidões de nascimento, o que inviabiliza o acesso dos serviços públicos, a exemplo dos direitos como cidadão.

Em 2005, a Cultura Cigana era representada por Claudio Iavanovitchi no Conselho Nacional para a Proteção da Igualdade Racial, também participaram na Primeira Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial em 2005. Esses dados nos levam a crer que a língua romani ainda está sendo veiculada entre os ciganos dentro da nossa sociedade.

Há várias outras observações que devem ser consideradas no que toca à língua romani, nem todas são muito seguras quanto às elucubrações e fontes. No entanto, o certo é que evidências da linguagem seriam de fundamental importância para a compreensão da trajetória dos ciganos nas primeiras diásporas, sendo que a primeira delas ocorreu entre os séculos XII e XVI (A Primeira Grande Diáspora)[32]

1.2.1.2. Nomadismo e evidências linguísticas

Segundo China (1936), os movimentos migratórios dos ciganos ou Romas ocorreram entre os séculos XII e XVI. Saídos da Índia, migraram pelo Irã e se dividiram da Armênia até Bizâncio. Especificamente no século XV, um dos grupos da divisão fez sua viagem pela Síria, Oriente Médio e Mediterrâneo. A língua germânica foi incorporada na passagem desse grupo pelos Balcãs. A entrada para a Europa pode ser entendida de duas formas: 1. esse grupo se redividiu sendo que o primeiro adentrou o continente a oeste chegando ao interior; 2. Esse grupo caminhou pelo sul passando pela

[32] Fonte do mapa disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_povo_cigano acesso em 12-01-15.

Síria e seguindo para a África do Norte, depois voltando para a Europa pelo estreito de Gibraltar.

De acordo com Adiego (2002), que estudou o vocabulário do século XVIII compilado pelo Marquês de Sentmenat[33], havia a referência ao espanhol-cigano, o que o levou a considerar a Península Ibérica como passagem certa dos Romas:

> ...vocabulários documentados da língua romaní na Península Ibérica, antes do século XIX, eram quase inexistentes, limitados a algumas frases de uma peça de teatro e combinada a pequena lista de palavras. Penso que antes de abordar a questão e o comentário sobre o vocabulário de Sentmenat, seja apropriado, também, ponderar como ele contribui para a documentação da língua romaní geral, uma vez que (...) isso não é demasiado abundante antes XIX. Os testemunhos do passado estão lançados na língua cigana. (2002, p.13).

Mais uma possível passagem dos ciganos pela Europa é apresentada nos escritos não concluídos de Sir Captain Richard Burton[34] (1898) na obra que mescla povos considerados párias sociais, como os Judeus, os Ciganos e os de origem Islâmica, Burton explica que no século XVIII foi apresentado um artigo para a *Gazeta de Viena*, escrito por Szekely de Doba (BURTON, 1898), em que Doba relata o contato de um pastor protestante com jovens **malabares**[35], levados à Alemanha pelo governo de então. O objetivo era prover estudos a esse grupo

> Ao final de 1765, uma comunicação interessante foi enviada para a Gazeta de Viena pelo Capitão Szekely de Doba. Ele relatou que o pastor Protestante Stephen Vali enquanto estudava em Leyden conheceu alguns jovens de Malabar que haviam sido encaminhados para lá pelo governo Alemão, e seu vernáculo fazia-o lembrar da língua dos ciganos a qual havia escutado em sua casa em Almasch (localidade em Komora na atual Eslováquia). Os jovens afirmaram a ele que em Malabar havia um distrito chamado Zigania, que oportunizou a comparação entre o alemão Zigeuner. No ditado ele escreveu quase mil palavras, que vertida para o Almasch, para espanto

[33] Do século XVIII em diante, surgiram mais registros escritos sobre a língua romani. Na Espanha, o Marquês de Sentmenat publicou um pequeno vocabulário do romani falado na Península Ibérica, por volta de 1750.
[34] Na obra *The Jew, The Gypsy and El Islam* (1898), Burton relata, com citações diretas e indiretas, a presença de ciganos na Índia, Europa, Ásia, África e América.
[35] Malabar é um distrito na costa ocidental da Índia (http://www.dicio.com.br/malabar/).

> do pastor, os Czigan podiam compreendê-las[36]. (BURTON, 1898, p. 268-269, tradução nossa).

No âmbito acadêmico, em 1782, Johann Rudiger, da Universidade de Halle-Wittenberg, publicou um artigo de investigação linguística cujo *corpus* foi constituído pela fala de Barbara Makelin, uma mulher cigana. O objetivo era a comparação da língua observada com a gramática alemã do que hoje é *hindi* e *urdu* (*hindustani*). Alcançado o objetivo da pesquisa, que era o de estabelecer um contraste entre as variedades linguísticas analisadas e argumentar sobre uma mesma gênese, outros estudos mostraram que o *punjabi* e o *hindi* ocidental também eram identificados na língua *romani*.

Outros trabalhos (Alexandre Paspati com *Études sur les Tchinghianés*, publicado em Constantinopla em 1870. Sampson com *The dialect of the gypsies of Wales* em 1926; e dos suecos Gjerdman e Ljungberg com *A língua do cigano sueco trabalhador do cobre Dimitri Taikon*, publicado em 1963) evidenciaram que, a despeito da diversidade de línguas identificadas nos usos *romani*, havia uma unidade interna que propiciava o entendimento entre os ciganos. Mesmo que advindos de regiões diferentes da Europa, os vocabulários eram comuns. Isso pode ser percebido no levantamento feito por Couto (2002) e Ferrari (2010) para as correspondências das palavras 'grande' e 'cabelo':

Língua	Palavra- grande	Palavra- cabelo
Sânscrito	Vadra	Vála
Hindi	Bara	Bal
Greco-romani	Bara	Bal
Romani galés:	Baro	Bal
Romani kalderash (sueco):	Baró	Bal

Tabela 02: Consolidação de dados sobre correspondências lexicais

[36] At the end of 1765 an interesting *communiqué* was addressed to the *Vienna Gazette* by Captain Szekely de Doba. He related that the Protestant parson Stephen Vali while studying at Leyden made acquaintance with certain Malabar youths sent there by the Dutch Government, and their vernacular reminded him of the Gypsy tongue which he had heard in his home at Almasch. They also assured him that in Malabar there is a district called *Zigania* (?), which suggested a comparison with the German Zigeuner. At their [p. 269] dictation he wrote down almost a thousand words, and returning to Almasch he was surprised to find the Czigan understanding them. (http://www.jrbooksonline.com/HTML-docs/JG&EI_The_Gypsy_7.htm)

Essas palavras (*baro* e *bal*) estão presentes na gramática indiana e *romani* atual, denominado de caló espanhol. Notemos, com base em Ramanusch (2009), a semelhança entre os sons representados pelas mesmas letras. Há outras evidências linguísticas, tais como:

A marcação de gênero gramatical				
Masculino	'-e' – lolé = pimentão	Araté = sangue	Artife = pão	Triguisate = trigo
Feminino	'-i' – buchí = coisa	Arachí = noite	Clechí= bolsa	Giripiti= aguardente[37]
A formação de substantivo				
	'-ben'	Taco= certo	Taciben = verdade	
	'-pen'	Requerdar= falar	Requerdipen = eloquência[38]	

Tabela 03: Marcação de gênero feminino e masculino na língua romani

Há um amálgama de sufixos que surgem em uma língua formadora do romani de outras que já estão formadas, como é o caso da língua portuguesa (abaixisarelar = abaixar) e da espanhola (basisaro = vaso).

Também é verificada tanto na formação cognata das palavras quanto na estrutura sintática, como ocorre na formação do caso genitivo por adjetivação à palavras cognatas e metonímia: 'ésko' como em *dadésko gras,* que significa 'cavalo do pai'; *dad (papai,* em inglês*),* no português equivale a *pai;* já *cavalo* é *gras*, que pode, por metonímia, ser compreendido como *grass* (grama), o alimento do cavalo.

A estrutura sintática: o caso genitivo em língua inglesa possui duas formas básicas de ocorrência: possuidor 's + coisa possuída (Susan's purse = a bolsa de Susan) ou coisa possuída + *of* + possuidor (The purse of Susan = a bolsa de Susan).

Com relação ao romani, temos o primeiro caso genitivo sendo que

dad + esko + gras equivale a dad + s + gras

[37] COELHO, Adolpho. Todas as palavras com terminações em '-e' que identificam o gênero masculino, bem como em '-i' para o gênero feminino foram observadas em Coelho (1892) no subitem 'vocabulário' das páginas 39 a 96.
[38] MORAES, Mello (1885, p. 106)

Outro exemplo da amálgama do inglês com o *romani* foi extraído dos apontamentos de Couto (2002): “The rackli chored the luvva. A menina furtou o dinheiro”.

Com base em Houaiss e Villar (2001, p.1794) a palavra ‘luva’ tem origem no gótico: *lôfa* 'palma da mão' em 1253. Dela, luva, há acepções que acreditamos, por processos metonímicos, estarem ligadas à palavra ‘dinheiro’, tais como:

> 1- Vestuário: peça do vestuário, de material diverso, que serve para cobrir as mãos, us. em pares como enfeite, proteção, higiene, acessório de trabalho, apetrecho em diversos esportes etc.

Entretanto, quando há pluralização, a palavra *luvas* refere-se a:

> 1 Regionalismo: Brasil.
> quantia acima do preço paga na assinatura de contrato (p.ex., de locação) como recompensa pela preferência concedida [Tal cobrança não tem amparo legal.]
> 2 Regionalismo: Brasil.
> venda ou transferência de estabelecimento mercantil ou industrial [Tal acréscimo não tem amparo legal.]
> 3 Recompensa recebida por quem presta um serviço ou facilita negócio alheio
> 4 Rubrica: esportes.
> dinheiro recebido por jogador na assinatura de novo contrato

Os sentidos da palavra ‘luvas’ nas acepções mostradas revelam uma negociação, algo alheio e facilitador, podendo haver uma relação metonímica entre *luvva* e *luvas.*

Outra análise possível é a do sufixo de tempo passado em *chored* (formação –ed- morfológica marcada como -ed$_1$ e -ed$_2$ de passado simples e passado particípio em língua inglesa[39], e sintaticamente como passado simples equivalente ao pretérito perfeito e imperfeito em português).

Assim, as influências geográficas e sociais, quando da peregrinação do povo cigano, imprimem marcas na língua falada. Contudo, dado o caráter oralizado dessa forma de comunicação, tudo o que restou de escrita não passa de convenções criadas pelos pesquisadores desde as primeiras documentações, a partir do século XII.

[39] Steinberg (1985) explica a formação sufixal para o Simple Past e o Past Participle em inglês e denomina o sufixo –ed com a identificação 1 e 2 para cada lista de tempo passado respectivamente.

Nos séculos seguintes, os ciganos fazem outra diáspora e chegam ao continente americano, junto deles o estigma negativo: o preconceito, já definida na introdução desta tese como sinônimo de "prejuízo, prejulgamento, prenoção" e "repulsão", qualquer opinião ou sentimento concebido sem exame crítico.

As exemplificações dadas sobre o romani reforçam o significado do termo *preconceito* em referência a 'ciganos', da mesma forma que ocorre com o termo 'estigmatização', também já definido na introdução desta tese como sinônimo de 'deslustre'.

Dessa forma, os termos que incidem sobre os 'ciganos' revelam o preconceito, gerado pela estigmatização negativa, marcada em discursos que são inequivocadamente envoltos por juízos de valores. Qualquer elemento componente de um discurso marcaria a ideologia de quem o profere e da concepção que o interlocutor também compartilharia.

As marcas de preconceito, vindas de estigmatizações seculares, estão no dicionário marcando o juízo de valor em que há a desqualificação social do cigano, como a marginalização, a hostilidade e falham na preservação dos valores éticos e estruturantes para a inserção social dos menos privilegiados na sociedade mais privilegiada.

1.2.2. Os *Roma* e seu contato com as comunidades de língua portuguesa

No processo de historicidade, é possível classificar as sociedades em dois tipos: as de menor prestígio (grupo dominado) e poder e as de maior prestígio e poder (grupo dominante). Em todo o material consultado, os ciganos encaixam-se mais precisamente no primeiro grupo e a contraparte, invariavelmente, é referida como não-ciganos. Essa classificação não se traduz em números, pois (i) os Roma, na Europa Centro-Oriental, constituíam um grande grupo, que, posteriormente, a partir do século XIX, se fixou nas Américas; (ii) os Sintos ou Sinti, por sua vez, fixaram-se na Alemanha e em partes da Itália e da França em que o alemão era falado; (iii) os Romnichals formavam clãs que se estabeleceram no Reino Unido, depois nos EUA e na Austrália; e (iv) os Caló que se

estabeleceram na Península Ibérica e no Brasil, chegando a terras brasileiras no período posterior à Segunda Grande Guerra.

Contudo, esse tipo de perseguição não era novidade para os ciganos. Houve impasses de Portugal em relação ao povo cigano num período anterior, o que motivou a vinda ou o exílio desse povo para a Colônia Portuguesa, Brasil, como mostramos no decreto de degredo da África para o Maranhão (*apud* Coelho, 1893, p.53):

> Tendo resoluto que os ciganos e ciganas se pratique a lei, assim nesta corte, como nas mais terras do reino; com declaração que os anos que a mesma lei lhes impõem para a África, sejam para o Maranhão, e que os ministros que assim o não executarem, lhes seja dado em culpa para serem castigados, conforme o dolo e omissão que sobre este particular tiverem.

Em decorrência disso, alguns ciganos chegaram ao Brasil com as primeiras ondas migratórias vindas da Europa, ou seja, em meados do século XVI, quando a história de João de Torres, Angelina e os filhos do casal passa a desenrolar-se em novo território, e passam a ser localizados historicamente como um dos primeiros grupos de ciganos que desembarcaram no Rio de Janeiro como degredados (1574). Mesmo havendo depoimentos diferentes deste, que incidem sobre suborno feito pelo cigano para se livrar da vinda ao Brasil (cf. Teixeira, 2008), tanto uma quanto a outra versão reforçam essa ideia de retirada cigana da sociedade europeia e a entrada no Brasil por causa do Tribunal do Santo Ofício que os perseguiu sistematicamente como inconvenientes hereges e feiticeiros. Outra evidência é que, no século XVIII, Dom João V impôs a expulsão desse povo para o Brasil, especificamente para o Maranhão:

> Eu, Dom João, pela graça de Deus etc. faço saber a V. Mercê que me aprouve banir para essa cidade vários ciganos homens, mulheres e crianças – 'devido ao mao e escandaloso procedimento com que tem se portado neste reino'. Tiveram ordem de seguir em diversos navios destinados a esse porto, e tendo eu proibido, por lei recente, o uso de sua língua habitual, ordeno a V. Mercê que cumpra essa lei sob ameaça de penalidades, não permitindo que ensine a dita língua a seus filhos, de maneira que daqui em diante o seu uso desapareça. (apud TEIXEIRA, 2008, p.17)

Outra história subsequente à de João de Torres é a de Maria Fernandes, deportada de Portugal para o Brasil por ter roubado burros, como explica Kenrich (2007)

> BRASIL. A população cigana é estimada em: mais de 600.000. Os primeiros a chegar foram deportados no momento em que o país era uma colônia Português. Maria Fernandes (cuja presença foi registrada em 1591) tinha sido transportada de Portugal por roubar burros.[40] (KENRICH, 2007, p.28, tradução nossa).

Entre os séculos XVII e XVIII, diversos ciganos entraram no Brasil via Nordeste, sendo vítimas de perseguição violenta, pois o grupo era coeso e envolto em sua cultura, formada por língua própria, costumes, tradições. Isso tornava o grupo homogêneo, mas destoante e até certo ponto ameaçador ao grupo maior. Essa é razão suficiente para que, em 1710, promulgue-se uma lei que proíbe o ensino da língua *romani* entre os ciganos (cf. RAMANUSH, 2009).

Muitos outros fatos foram se acumulando como matérias que construiriam paulatinamente a estigmatização vivenciada e interiorizada pelo povo cigano:

> (...) se a língua é expressão da cultura de um povo, quando uma língua não é considerada igual em dignidade à língua majoritária de um país, persistirá a impossibilidade de aquela cultura comunicar os seus valores positivos, ficando assim favorecida a recusa racista (...) A língua *romani* reclama o seu direito de ser respeitada em pé de igualdade com todas as outras línguas do mundo. (MOONEN, 2008, p.43)

A despeito do interesse e da curiosidade que todas essas histórias possam suscitar, ater-nos-emos à análise de como a língua permite veicular e fazer cristalizar avaliações negativas muito fortes ao longo dos séculos. Daí a ideia de que, sem a língua nativa, um povo pode ser ou subjugado ou rejeitado até que assuma a língua mais privilegiada e corrente entre os ditos 'iguais'.

---

[40] BRAZIL. Estimated Gypsy population: over 600.000. The first to arrive were deportees in the time when the country was a Portuguese colony. Maria Fernandes (whose presence was recorded in 1591) had been transported from Portugal for stealing donkeys. (Kenrick, 2007)

1.2.2.1. Invisibilidade como fonte de preconceito

Como argumentamos na seção 1, a estigmatização, que se torna preconceito, tem seu meio de desenvolvimento na sociedade considerada de maior prestígio e poder, ou seja, a dominante. Assim, os grupos de menor prestígio e de pouco poder são considerados párias sociais, minimizados e invisibilizados para a sociedade como um todo. Essa realidade pode ser recuperada da reconstrução histórica a que procedemos, no início deste capítulo, sobre a migração 'cigana'.

Ocorre que essa mobilidade espacial típica não contempla alguns ciganos, que vivem em espaços estáveis, numa espécie de isolamento, na sociedade dominante. Também não combina com os casos dos ciganos que são economicamente bem sucedidos. E nesse perfil agrega-se um outro estereótipo, o sobrevivente entre os ciganos nômades: ciganos sedentários são aos que buscam camuflar sua identidade para se mesclarem à maioria da população e serem aceitos pela sociedade dominante (LIÉGEOIS, 1988). De todo modo, são vários os rótulos que se agregam a ciganos:

> (...) os nomes atribuídos aos ciganos são muito variados e designam, para aqueles que os empregam, realidades imprecisas e diferentes. Essas denominações nascem de uma visão míope e parcial da história dos ciganos (como é o caso na França com os chamados bohemians, nome dado aos ciganos que levavam cartas do rei da Bohemia, ou do espanhol húngaros), bem como de lendas e mitos (tal é o caso de todos os termos que procedem da palavra "Egito", como gitans, gitanos, gypsies...) e de uma terminologia empregada na língua cigana deformada (por exemplo, na **França os chamados manouches e os romanichels [nos Estados Unidos]), ou de termos mais ou menos pejorativos e regionais, ligados a um aspecto físico (como os mustalainen da Finlândia – "os negros**")". (LIÉGEOIS, 1988, pp. 46-7 *apud* REZENDE, 2006, grifo nosso)

Entre os séculos XIX e início do XX, temos as primeiras obras de referência sobre ciganos no Brasil. Por ordem cronológica: Mello Moraes Filho (1885/1886) escreveu no século XIX *Cancioneiro dos Ciganos* (1885) e *Os Ciganos no Brasil* (1886). Já no século XX, José Baptista d'Oliveira China, e a obra *Os ciganos do Brasil* (1936) e após 12 anos João Dornas Filho, escreve o artigo Os Ciganos em Minas Gerais (1948). Todas essas obras são referências para diversos estudiosos da cultura e sociedade ciganas.

Dornas Filho (1948) relata a entrada dos ciganos no Brasil, especificamente em Minas Gerais, e a maneira como foram descritos pela polícia no início do século XX:

> A entrada dos Rom no Brasil se deu totalmente na clandestinidade. A principio, com esses ciganos apresentando-se como sendo de nacionalidade do país de onde vinham, o que não era completamente falso, mas que eram identidades secundárias para os ciganos. Além de virem com russos, poloneses, romenos, gregos, etc. a outra possibilidade era desembarcarem fugindo de qualquer contato com as autoridades portuárias e de imigração. Dornas Filho, falando de Minas Gerais, informa:
>
> > Em março de 1909 aparecia em Juiz de Fora uma horda de ciganos, composta de 12 homens, 10 mulheres e 15 crianças, que já delata nos meios de vida a influência da reação policial. Tornaram-se exclusivamente (exclusivamente?...) saltimbancos, apresentando animais **amestrados** (ursos, macacos, cães, etc) O chefe do grupo, homem alto e corpulento, de cabelos crescidos até os ombros, interrogado pela polícia, não soube explicar-se em português e nem outra língua conhecida, permitindo as autoridades que ele exibisse os seus animais no pátio da cadeia. (TEIXEIRA, 2008, pp. 29-30, grifo nosso)

As avaliações que emergem dos rótulos atemporalmente empregados como referência a ciganos parecem estáveis já nos relatos do século XIX. Duas obras produzidas em Portugal serão o ponto de partida para essa discussão: a de Moraes Filho (1886) e a de Adolpho Coelho (1892).

Moraes Filho (1886), em sua obra intitulada *Os ciganos no Brazil: contribuição ethnográphica,* provoca uma reflexão sobre o estatuto migratório dos ciganos. O autor expõe breves e comentadas informações sobre os ciganos em relação à sua origem e as migrações entre Espanha e Portugal. Desenvolve uma apreciação a respeito de superstições e rituais de casamento, defloramento e morte. Também descreve as vestimentas e os adornos que eram comuns em cada um desses momentos da comunidade. Verifica-se, assim, uma preocupação etnográfica, embora permita conhecer traços linguísticos e estigmas:

> O lar cigano teve os seus estilos particulares, coloridos dos reflexos dos dias antigos. As leis de evolução, que anularam os fatos isolados, encontram esses pariás na eminência de uma civilização no apogeu, de onde, impelidos por forças inconsistentes, desceram como homens e ainda rodeiam como fantasmas. Em sua vida, fértil de riscos e aventuras, no templo ou na praça, na cidade ou nos desertos, o hálito das outras sociedades jamais mareou-lhes as tradições e os preconceitos de uma moral sem quebra. (...) A intervenção paterna como medianeira dos contratos, os usos excêntricos entre os noivos e

> parentes, a lealdade de revelação que infamava, a prova as sacramental do Gadê, que assentava sobre a virgindade as bases da família nascente, - imprimiam nesses pactos uma característica sem analogias nas nossas camadas populares. (...) Em geral o amor não tomava parte nesses atos. Não era necessário, para que alianças se realizassem, simpatia comum, estremecimento, afeto...(...) Essas núpcias realizavam-se fatalmente, como por desfastio dos pais que se lembravam de que um filho estava na idade de tomar estado, não assistindo aos da noiva o direito de recusa. (...) o sim constituía a regra, a menos que a rapariga não houvesse tropeçado na desonra. (MORAES FILHO, 1886, pp53-54)

O pai do noivo entra em contato com o da noiva, decidem o valor do dote, o pai da noiva chama o noivo por 'meu filho', e o noivo se refere a ele como "meu tio"

> - Aproxima-te; chega-se, meu filho. Olha que teu tio aceita a tua mão e se compraz de que faças parte de sua família.
>
> O filho, obedecendo: -Agradeço, meu tio, a honra que me dá, certo de que, enquanto eu tiver um *prato de feijão e uma pitanga*, saberei repartir com sua filha e minha futura consorte. (...) (MORAES FILHO, 1886, p.55)
>
> O noivo beijava-lhe respeitosamente a destra, tomava a bênção ao sogro inclinava-se diante de sua noiva e um pequeno diálogo se entabulava (...) Terminados os incidentes da negociação, a que os ciganos chamam dar a barroada, começavam logo a entrar os tios, compadres, primos e mais parentela (...) A casa era alvada de ponta a ponta, o soalho coberto de areia, e enfeitavam a talha de ramagens floridas. (MORAES FILHO, 1886, p.56)

O noivo traz flores e perfume, adereços (fitas cor de rosa, amarela, escarlate,) "*corte de vestido encarnado, amarelo e azul, lenços bordados*" (Moraes Filho, 1886, p.56), já as convidadas se arrumam com colares diversos, xales, lenços, brincos, anéis e perfumes, as roupas muito coloridas e acintadas.

Chegado o dia do casamento, há quatro madrinhas, duas vão à igreja ou templo, duas ficam em casa. Após o casamento, já na festa, as madrinhas esperam soar meia-noite e

> (...) retiravam-se todos para um lado da sala, adiantando-se os noivos e as duas madrinhas. As violas e as canções vibravam amis fortes. Sobre um móvel, cinco lençóis, alvos com uma hóstia, aromatizados com alfazema e salpicados de flores, achavam-se superpostos. (...) o rito sagrado do Gade ia cumprir-se. Então nele entravam os desposados e as duas sacerdotisas (madrinhas) (...) Uma das matronas despia a noiva, deitava-a sobre o leito, introduzia-lhe o dedo indicador no vestíbulo da vagina, despedaçava a membrana hímen, enxugando na camisa de cambraia as gotas de sangue da virgindade.

> Vestida novamente, a um sinal ajustado, os padrinhos largavam os lençóis, e o marido mostrava no Gade as rosas da pureza aos alaridos do festim. (MORAES FILHO, 1886, p.57)

Além de ser uma passagem curiosa para o não-cigano, aí mostra a humilhação que a mulher sofre ao ser exposta em sua intimidade. Daí, entendemos que o silêncio rancoroso poderia ser justificado como uma das características da própria formação do feminino na sociedade cigana.

Outro traço dessa personalidade feminina pode ser denunciado na forma como são recebidas as crianças do sexo feminino. A mulher deve ficar grávida e apenas anunciar a gravidez quando tiver total certeza do fato, mas, de antemão, já sabe que a predileção é por filhos homens, que darão continuidade ao clã. A mulher que tem várias filhas sofre preconceito dos próprios ciganos e se lamenta como se fosse estéril.

A concepção legitimada no grupo é a de que o homem é detentor de poder e a mulher é subjugada a esse poder. A ela é dada a condição de ser mãe e, caso não consiga, ela se apegará à magia por simpatias e rezas que as ciganas mais sábias conhecem, tal como:

Reza para obter-se o que é difícil

"Rita sois dos impossíveis,
De Jesus sois estimada
Sois a minha protetora,
Rita minha advogada[41]".
(MORAES FILHO, 1886, p.47)

Essa reza pode ser admitida como superstição, fenômeno explicado em Bluteau (1728:790-791) como:

> he hum culto,não devido ao verddeyro Deos, ou a algum Idolo, ou falso, & fabuloso Nume. A Oração v.g.feyra com circustancias indebitas, & superfluas do tempo, lugar, postura, & c. a invenção de milagres falsos, a impertinência de varias devoções, não usadas, & não approvadas da Igreja, são supertições, que se reduzem ao culto não devido ao verdadeyro Deos. A supertição pois como culto de algum não verdadeyro Nume, se divide em Idolatria, **adevinhações ceremonias magicas**, & váas observações, como as dos Romanos na consideração do voo das Aves, das entranhas das victimas, & hoje na escrupulosa, & totalmente irreligiosa fatuidade dos que receão como prognostico de algúa desgraça, o encontro de hum torto pela manhãa, o derramarse a

[41] Moraes Filho (1886, p.47) explica no rodapé que a palavra "Rita" se refere à Santa Rita dos Impossíveis. "O Rosário de Santa Rita serve para adivinhar-se o futuro".

> sal na mesa, o quebrarse hum espelho, & outros ridiculos agouros. (...) (BLUTEAU, 1728:790-79, grifo nosso)

Destacamos o termo 'adevinhações' e "ceremonias mágicas", pois de forma implícita, remetem aos ciganos na leitura da *boa dicha* e do domínio e mudança do destino. Há também os juízos de valores colocados pelo autor como em: " (...) *a impertinência de varias devoções, não usadas, & não approvadas da Igreja, são supertições, que se reduzem ao culto não devido ao verdadeyro Deos.*" Assim, compreendemos que a posição de Mello Moraes Filho é um reflexo da sociedade organizada desde a primeira diáspora cigana. Ainda na linha de raciocínio sobre o núcleo familiar e as superstições étnicas, quando a mulher grávida tem seu rebento, este deve ser lavado com "água e vinho, numa bacia de prata, dentro deitavam colares e moedas e ouro, para que tivesse fortuna" (Moraes Filho, 1886, p.59). Depois disso, a criança receberá um nome cigano, que apenas a mãe sabe, pois os maus espíritos[42] não podem ter acesso a essa informação. Outro nome, o da comunidade, será dado no momento da imersão na água.

Assim como a vinda da criança é celebrada, o outro lado da vida também o é. Desde os primórdios, os mortos eram lavados porque "a crença na continuação da existência material além-túmulo é o êxodo da alma imortal, incorruptível, etérea, apercebida pela consciência humana depois de uma evolução difícil, lenta, tardia" (MORAES FILHO, 1886, p. 61)

Podemos, inclusive, encontrar a forma muito comumente usada ainda hoje de tratamento dirigido a um ente querido da seguinte forma:

> (...) untado com óleos e ervas aromáticas, com sua vestimenta magnífica, o transportavam para um esquife, fornecido por irmandade religiosa, e o colocavam sobre um estrado coberto de veludo preto, agaloado de ouro, guarnecido de oito tocheiros. (MORAES FILHO, 1886, p. 63)

A maneira como o grupo reage à morte é bem próxima à da sociedade atual, os ciganos de então, os *janham,* contam a vida do falecido desde o *bródio* (casamento) até a morte, incluindo toda a sua participação na sociedade: "Por aquelas **faces trigueiras**

[42] A criança só é considerada um rom quando receber os dois nomes e o batismo além do cigano. (Sant'Ana, 1972, p.64)

deslizam grossos fios de lágrimas, como o orvalho sobre as folhas cretadas do verão". (MORAES FILHO, 1886, p.66, grifo nosso)

Todas as formas ritualísticas remontam a mesclas de povos, e é no capítulo 4 da obra de Mello Moraes Filho que encontramos o reforço da tradição desses povos, pois o autor justifica que "na razão direta da antiguidade dos povos está a superstição" se referindo ao lado humano que não evoluiu, e continua a afirmar:

> Confessemos, entretanto, que nenhuma religião, nenhuma civilização excluiu a adoração de potências imaginárias e as fórmulas rituais, ainda mesmo que o medianeiro plástico – feiticeiro, médico ou sacerdote – intervenha, desde que o crente tem necessidade de comunicar-se com a divindade.
>
> Naturalismo, fetichismo, antropomorfismo, politeísmo, zoolatria, astrolatria, cristianismo, etc., todos os cultos, todas as seitas, têm sucessivamente condenado como subversivas as usanças estranhas e seus dogmas. (MORAES FILHO, 1886, p.43)

O autor considera haver quatro individualidades formadoras da sociedade brasileira, divididas em caboclo, português e negro "o cruzamento com as três raças existentes efetuou-se, sendo o cigano a solda que uniu as três peças de fundição da mestiçagem atual do Brasil" (id., 1886, p.27) e uma quarta individualidade é "a cigana que lê a sina, que possui um ritual completo de oráculos, de pragas e de exorcismos". Diz-se que ela está no degrau mais elevado das crendices de então, pois ela é a mescla do "fetichismo africano, comprobatória de influências pré-históricas da mitologia destes (negros) na doutrina sacerdotal daqueles (ciganos calons)" (id., 1886, p.45). Assim, encontramos no que é considerado 'usanças estranhas' como na citação direta anterior.

Um exemplo dessa ação entre os ciganos está na interpretação dos augúrios inspirados nas peculiaridades dos animais, insetos e demais representações da natureza, tal como:"O zumbido do besouro que entra pela janela e desaparece é notícia de morte de algum parente". (id., 1886, p.45)

O mesmo fenômeno podemos observar na *Reza para fazer aparecer negro fugido, conforme abaixo:*

> Almas! Almas! Almas! – As três que morreram enforcadas; as três que morreram degoladas; as três que morreram afogadas – Todas três, todas seis, todas nove, que se incorporem no coração de fulano! – Que ele não possa lar, nem sossegar nem aliviar, sem por esta porta

> entrar!" Esta invocação, suspendendo uma enorme pedra, que colocam sobre a roupa do delinqüente, torcida em rodilha atrás da porta quando o sino bate meio-dia. O processo repete-se por três dias consecutivos, no memento convencionado, e, asseguraram-nos as ciganas, ser seguido de êxito. (id. ib.)

Já, em 1892, Adolpho Coelho escreveu uma Memória destinada à X Sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas. Essa obra foi intitulada *Os ciganos de Portugal: com um estudo sobre o calão*, assim como o trabalho anterior, essa obra traz subsídios para que possamos compreender não apenas parcialmente os ciganos, mas ainda como o europeu os analisa. Exemplo disso é a explicação de que a base da língua dos ciganos de Portugal era o espanhol, mesmo que influenciado pela língua portuguesa. Dessa forma, o emprego da ortografia, em sua concepção, seguiria a da língua espanhola. O autor inicia a obra com uma lista dos textos que lhe serviram de base para sua descrição: a) textos (84 expressões em romani e em português); b) Vocabulário em que há uma retomada das obras já existentes e importantes para a confecção do capítulo, que se estende de A até Z, com palavras em ordem alfabéticas e a tradução, quando necessária, envolta na explicação, como no exemplo de "jalar, v. a. Comer. Git. Jalar, v. a. comer, absorber, disipar, MAYO. To eat. Comer BORROW[43]". (COELHO, 1892, p.53)

Podemos, ainda, ler sobre as considerações gerais, no seu item c), em que o autor explica as palavras do rumanho (romani do Além Tejo) derivadas de palavras espanhola ou portuguesas, como "*gatuncho= gato"* (id., 1892, p. 64).

Coelho (1892) ainda explica sobre o Calão e a Língua dos ciganos, trazendo sua formação e exemplos, como o falso cognato: "balsamo, s. m. Vinho" (id., 1892, p. 83), e cujo capítulo discorre sobre a variedade sociolinguística no século XVIII e a passagem da língua cigana Calão por diversos países: Germânia (Alemanha).

---

[43] A importância de Borrow e Mayo para os estudos de ciganologia é porque ambos remontam a língua cigana como a que entra em contato com o português europeu do século XIX, na prática social, ou seja, no cotidiano cigano, como as canções e a poesia, a história, a gramática e os costumes desse povo. Especificamente, George Borrow (1841) escreveu *The Zincali... With an original collection of their songs and poetry, and a copious dictionary of their language*. Obra que foi editada em Londres pela editora John Murray. Já Francisco de Sales Mayo (1870) escreveu *El Gitanismo. História. Costumbres Y Dialecto de los Gitanos. Con un epítome de gramática gitana, primer estudio filológico publicado hasta el dia, y um diccionario Coló-Castellano, que contiene, ademas de los significados, muchas frases ilustrativas de la acepcion propia de las palavras dudosas*. Obra editada em Madrid pela editora Libreria de Victoriano Suárez.

Em sua continuidade, há os processos de formação do clã , sua descrição e a história do calão. Por fim, apresenta um esboço histórico e etnográfico.

No que se refere aos traços físicos, podemos ler em Coelho que, o biotipo da etnia cigana, bem como as características de sua língua, não podem ser compreendidas sem considerar a etnia:

> (...) Descreveram-nos como **homens de pele amorenada, feições que lembra os brancos, bem feitos e robustos.** (...) As mulheres viajam a cavalo, sentadas entre os cestos de animais carregados e os meninos são postos dentro dos cestos, de mistura com a bagagem. (COELHO, 1892, p.73, grifo nosso)

1.2.3. Representação de traços ciganos

> *As fronteiras étnicas não demarcam descontinuidades culturais entre populações distintas, mas são o resultado da eleição de determinados elementos culturais como sinalizadores das identidades que delimitam tais grupos. (Souza, 2013, 32)*

As obras dos dois autores apresentados na seção anterior, Mello Moraes Filho e Adolpho Coelho, constituíram-se base fundamental para os demais autores que estudaram os ciganos. Foi o caso de China, em 1936, ao publicar a obra *Ciganos Do Brasil - Subsídios históricos, ethnographicos e linguísticos*, como anunciado no Jornal o Estado de São Paulo de 07 de novembro de 1936, página 3.

LIVROS NOVOS

AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO: "Conceito de Civilisação Brasileira" (Cia. Editora Nacional, S. Paulo, 1936); JOSE' B. DE OLIVEIRA CHINA: "Os Ciganos do Brasil" (Imp. Official do Estado, S. Paulo, 1936)

Imagem 02- Anúncio do lançamento do livro 'Os ciganos do Brasil' no Jornal o Estado de São Paulo

Esse autor reforça as características ciganas derivadas da visão europeia, ou seja, características detentoras dos desvios éticos que marcam a estigmatização negativa e o preconceito em relação ao cigano:

> Continuam a **ser astutos, velhacos, errantes e miseráveis**, procurando viver da pirataria, da troca nas feiras, **enganando** compradores e vendedores. São conhecidos por **ladrões de cavalos**. Às vezes se dedicam à confecção de objetos de cobre, que procuram vender nas feiras (caldeireiros). A princípio o bando trazia sempre um urso e macacos que dançavam ao som de pandeiros e meninos que faziam acrobacias. As **mulheres liam, de preferência, a buena-dicha**, do que faziam fonte de receita. O **roubo entre eles sempre foi praticado como profissão**. (...). As mulheres são raptadas e os filhos batizados, por que isto lhes dá margem a presentes. (...). **Os ciganos são excessivamente mentirosos**. As mulheres, quando viajam a cavalo, montam como os homens, enganchadas. Quando dão a luz, continuam seus trabalhos como se nada houvesse acontecido (CHINA, 1936, p. 460-3, grifo nosso).

Posicionamento similar identificamos na obra de Antonieta Dias de Moraes, *Tradições ocultas dos ciganos*, ratificada por outros autores da época (PARAF, 1964; DERLON, 1977). Com a intenção de desvendar os mistérios do povo cigano como esotérico, a autora traz um viés sensacionalista e pouco confiável ao olhar científico. Esse viés é criticado por Derlon em sua obra.

Pierre Derlon, (1977, p.229) reforça a concepção de pouca cientificidade ao atribuir o místico ao povo cigano:

> As gentes errantes, [*sic*] são geralmente corajosas e altivas, mas só o nome de Mulo basta para lhes inspirar um medo próximo ao pânico. O Mulo habita nos cemitérios. É um morto-vivo, um pouco como vampiro ou Nosferatu das lendas medievais. Durante o dia mora debaixo da terra, ao meio-dia volta-se para a campa e quando vem a noite, vagueia pelos cemitérios e arredores para encontrar uma presa. Em volta do fogo, os nômades aterrorizados contam, algumas vezes, os sinistros feitos de um dos seus antepassados.

A despeito de criticar o sensacionalismo da obra de Antonieta Moraes, reverbera o rótulo "povo errante" com todos os atributos negativos que uma sociedade organizada rejeita. Quem vai assumir uma perspectiva mais científica é Maria de Lourdes Sant'Ana (1983), por meio da elaboração da tese *Os ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas*. Seu intuito é detalhar a hierarquia dos ciganos e de seus clãs, tais como a origem tanto europeia, da primeira diáspora, quanto brasileira, na

segunda. Parte, depois, para a caracterização do grupo étnico e sua distribuição pela cidade de Campinas, a formação da sociedade cigana em relação à vida e seu ciclo, os aspectos do sistema econômico, político e social e, a partir dos estudos apresentados, elabora a visão de preconceito ou aceitação entre o grupo cigano e a sociedade não-cigana, que equivale à visão de sociedade dominante.

Mais de 10 anos foram necessários para o surgimento da obra *Enterrem-me em pé: os ciganos e a sua jornada,* de Isabel Fonseca (1996). Essa autora parte do pressuposto de que, sendo os ciganos um povo em dispersão há séculos possuiria vastas e valiosas experiências a ensinar sobre paz, desprendimento e autenticidade. Essas ideias podem ser unidas as de Stewart (1997), que apresentou a obra *The time of the gypsies: a visão de mundo por meio do trabalho e do estilo de vida em comunidade*.

Em seu trabalho, Stewart traz como pano de fundo as adversidades dos Roma e como sobrevivem na Hungria. O autor afirma que eles se esforçaram para manter a noção cultural de um mundo dual em que o sofrimento possui valor. Sua visão de mundo, dessa forma, está unida à despreocupação e ao desprezo pela forma de viver dos não-ciganos. Esse povo soube valorizar as relações de igualdade, respeito mútuo e autonomia, apesar de passarem por problemas de ordem social interna, conflitos desencadeados pelo orgulho, pela identidade hermética e selada, a exemplo da imoralidade e vergonha encontradas nas ações dos não-ciganos em contraposição às suas. O autor, dessa forma, buscou investigar a ideologia subjacente, as motivações e valores antigos e atuais que se entrelaçam e mantêm a sociedade Roma com seus membros a avaliarem uns aos outros, como:

> Para os ciganos, não há nenhum anjo na história, nem existe um passado a ser resgatado. Eles vivem com o olhar fixo em um presente que é permanente e sempre se torna atemporal, contanto com uma existência contínua como Rom. Como o anjo, eles estão sendo soprados na tempestade do progresso, mas, ao contrário do anjo, eles não têm nenhum sonho de "integração"[44] (STEWART, 1997, p.346, tradução nossa)

[44] For the Gypsies, there is no angel on history, nor is there a past to be redeemed. They live with their gaze fixed on a permanent present that is always becoming, a timeless now in which their continued existence as Rom is all that counts. Like the angel, they are being blown in the storm of progress, but unlike the angel, they have no dream of “integration”(…) (STEWART, 1997, p.346)

Dessa obra, ressaltamos a ideia de isolamento dos ciganos, sem que isso fira sua trajetória histórica e seus objetivos de comunidade, como uma liga que os mantêm juntos mesmo na dinâmica mudança de endereço. Notemos, ainda, que essa percepção de não serem excluídos, mas, por vontade própria isolados, é o que os mantêm ciganos em sua essência.

Em 2013, participando como ouvinte de palestras desenvolvidas no Seminário Internacional História, Identidade e Memória dos Ciganos, fomos surpreendidos pela apresentação de uma intervenção de Rodrigo Corrêa Teixeira.

Esse pesquisador, em 1998, produziu a dissertação *Correrias de ciganos pelo território mineiro (1808 - 1903)*, constante do acervo bibliográfico do Núcleo de Estudos Ciganos (NEC). Nessa obra, fez a observação sobre as comunidades ciganas e suas denominações, sua trajetória econômica e suas relações com a sociedade mineira. Notemos que seu posicionamento crítico difere do tom das obras clássicas sobre ciganos justamente porque o autor descreve sem deixar que sua perspectiva seja maculada pelos preconceitos postos:

> Toda história dos ciganos é, na verdade, uma viagem nas línguas, nas estéticas, nas políticas antivagabundos e antiartistas, nas religiões, nas concepções de mundo, com os quais vários grupos ciganos, sucessiva e contraditoriamente, tiveram contato. Nisso a universalidade dos ciganos se manifesta (TEIXEIRA, 1998, p.06)

A despeito da relevância da produção científica, temos consciência de que sua divulgação sempre é mínima na sociedade em geral. Sendo assim, o preconceito vai se fortalecendo e ações são adotadas para autoproteção. Foi o que identificamos com a leitura do Código de Posturas do Município de Juiz de Fora (1858), presente na dissertação de Barroso (2009), em que flagramos uma preocupação com a estadia de ciganos. A explicação é óbvia: ciganos destoam da modernização planejada, porque não assumem comportamentos e atitudes em sintonia com o que a sociedade concebe para o cotidiano:

> É prohibido comprar ou trocar escravos, animaes, etc., com ciganos e pessoas desconhecidas, e suspeitas. Ciganos e suspeitos se denominão os que são por taes havidos; e não são moradores e estabelecidos no Municipio, e nem tem pessoa capaz que os conheça e abone. Os contraventores pagarão a multa de 10$ a 30$, e o duplo nas reincidencias. Na mesma pena incorrerão, bem como suspeitas, e além de ser-lhes sequestrada toda a sua mobilia e negocio, e não ser-

> lhes entregue emquanto não presterem fiança. (Código de Posturas do Município de Juiz de Fora de 1858, *apud* BARROSO, 2009)

Pela publicação, depreendemos a caracterização de ciganos como contraventores, como pessoas que trocam escravos e animais, por isso mesmo não são confiáveis. São desconhecidos e suspeitos. Acima de tudo isso, não são moradores da região e nem conhecidos de cidadãos.

Em outro trabalho realizado no último ano do século XX, a ideia de que os ciganos desenvolviam magias e feitiçarias ainda está presente e continua a ser reverberada. Essa representação de um estereótipo pode ser constatada na obra: *Magia e feitiçaria dos ciganos,* de Raymond Buckland (2000, p.28). Nele lemos o seguinte:

> Mullo é a palavra usada pelos romani para designar o fantasma ou espírito, embora esse termo também possa se referir aos "mortos-vivos" ou aos vampiros. E, quando há casos assim, sua convicção é a de que existe uma forte possibilidade de que a morte do falecido tenha sido provocada por alguma influência maligna. Após ter virado mullo, a pessoa que morreu tenta encurralar aquele que lhe causou a morte. Mas, a despeito de tais crenças, os ciganos não têm a menor hesitação em pernoitar em cemitérios. Com todo o medo que têm de fantasmas, isso poderia parecer contraditório, porém, eles acreditam que só os ciganos se transformam em vampiros. Ou seja, exatamente porque nos cemitérios estão enterrados os gaujos (ou górgios), isto é, todos aqueles que não são ciganos, não há qualquer motivo para que eles temam fantasmas desses mortos.

Extraímos desse excerto a ideia de que não-ciganos não afetam a dinâmica de vida e de crenças dos ciganos, como se as sociedades pelas quais passam fossem cidades em si invisíveis. As ações que importam – para o bem e para o mal – são somente as ações dos ciganos. Dessa forma, todo espaço geográfico penetrado pelos ciganos são espaços legítimos para a moradia e implantação de seus hábitos culturais.

Nesse mesmo ano, mas com viés científico, encontramos a dissertação de Dimitri Fazito de Almeida Rezende (1995), com o título: *Transnacionalismo e Etnicidade. A construção simbólica do Romanesthàn (Nação Cigana),* constante do acervo bibliográfico do Núcleo de Estudos Ciganos (NEC). Esse estudo objetivou compreender os processos de construção da Nação Cigana por meio de representações simbólicas e envoltas nas práticas cotidianas dos grupos rotulados pelo termo “ciganos”:

> (...) a etnicidade se apresentaria, no princípio, como ideologia ou sistema simbólico classificador e ordenador da realidade. Depois, como um sistema coerente de representações coletivas, esta ideologia especificaria e determinaria o teor das relações entre indivíduos e grupos, fundamentando a solidariedade característica do grupo étnico. (1995, p.31)

O autor discute, assim, a organização social da comunidade cigana, abordando a questão da etnia, da formação de grupos étnicos e de suas fronteiras e identidades. Procurou uma alternativa teórica para compreender o fenômeno étnico como experiências sociais, dinâmicas e pervagantes, inscritas no contexto das relações interétnicas. Com isso, preocupou-se em denotar a transitoriedade e a relatividade das ações, das identidades e dos indivíduos.

> Tento mostrar que, para compreendermos a tradição cultural cigana, necessitamos abstrair de nossas próprias categorias (conceitos e teorias) e suas lógicas redutoras, procurando inovar no sentido da interpretação, evitando as reificações constantes dos chamados ciganos em estereótipos, grupos e rótulos (como o fazem os discursos eruditos) pouco concernentes à fragmentação e à heterogeneidade características desta tradição...), as recentes perspectivas antropológicas sobre a nação e a comunidade, apresentando algumas idéias sobre a tradição cultural cigana como uma comunidade imaginada transnacionalmente (REZENDE, 1995, p.118)

A partir dessa perspectiva, é preciso ter em mente que observar e analisar os ciganos como um grupo homogêneo não é adequado, pois há diversos clãs que se diferenciam sob o mesmo rótulo de 'ciganos'. Veremos como Teixeira (2008) explica as ocupações dos ciganos no início do século XX e compreenderemos essa heterogeneidade dentro desse grupo:

> Comerciantes de tecidos, roupas, jóias e quinquilharias.
> Apesar da má fama, muitos ciganos comerciantes conseguiram, por meio de uma conduta inatacável nos negócios, a confiança de inúmeros clientes que os aguardavam periodicamente para fazerem barganhas. O comércio das mais diversas mercadorias oferecia aos ciganos a oportunidade de algum tipo de sociabilidade com as populações locais.
> Nas barganhas os ciganos geralmente buscavam o lucro, mas além dele, a relação de troca envolvia também uma relação de prazer no ato da transação. O prolongamento da transação, a pechincha, enriquecia as relações humanas, o que eles prezavam muito. Talvez isto fosse a única forma legítima e possível de diálogo entre ciganos e

> não-ciganos. Ao pechinchar, o comprador demonstrava seu respeito ao cigano, e vice-versa.
> O comércio cigano concorria com o dos mascates portugueses, judeus e, a partir da Independência, com os novos mascates vindos, por exemplo, da Itália, do Líbano e da Síria. A imprevisibilidade da vida cigana não permitia que vendessem à prestação como os mascates judeus. Além disso, os ciganos perdiam a disputa pela atenção e o dinheiro das populações visitadas, porque os mascates procuravam atender pedidos e, ao mesmo tempo, criar demanda. E portavam uma variedade maior de produtos a oferecer, enquanto os ciganos negociavam artigos conseguidos em sucessivas barganhas. A facilidade com que aceitavam fazer trocas, era o que mais favorecia o comércio cigano.
> Entre os diversos objetos comercializados pelos ciganos, além de "relógios de ouro" e "arreios de prata", havia tecidos e roupas. (TEIXEIRA, 2008, p.51)

Como podemos notar, negociar para ciganos diferencia-se de negociar para os não-ciganos. O negociar cigano é um momento de troca de valores sociais, de elementos culturais e, por último, de produtos. Esse ritual denuncia a organização social cigana inapreensível pelos não-ciganos como uma oportunidade de interação humana. Assim, a organização social das categorias étnicas, identitárias e ideológicas revelam-se fronteiriças num duplo processo social, de etnização e transnacionalismo ainda vigentes. Para isso, o autor entabula um diálogo com Bourdier, que desloca, por sua vez, os argumentos para o campo das forças simbólicas.

É nesse campo das forças simbólicas que o imaginário do não-cigano sobre o cigano se concretiza. Mas esse quadro não estaria completo, sem incluirmos a perpectiva do antropólogo que, como camaleão, convive com os sujeitos analisados. Foi o caso de Florência Ferrari, que, em 2002, apresentou a dissertação *Um olhar oblíquo: contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano:*

> A partir de obras literárias ocidentais (de Cervantes a García Lorca, de Machado de Assis a Raduan Nassar, de Victor Hugo a Virginia Woolf) repertoriou as representações dos ciganos mais recorrentes e as interpretou. A pesquisa ainda tratou da visão ocidental de ações grupais ciganas como a adivinhação, o nomadismo, o roubo, a sedução e nos indaga sobre a representação que os ciganos possuem em nosso imaginário. (2002, p.05) (...) A representação é uma verdade para o Ocidente, como qualquer outra: um ponto de vista absoluto sobre as coisas, se existir, é divino. Penso que, para evitar mal-entendidos, é preciso distinguir uma realidade histórica ou empírica (contexto) de uma realidade do imaginário. É importante ter claro, que a última, sobretudo em se tratando de arte ou de literatura, não tem compromisso rígido com a primeira. Então, diante, por exemplo, da representação literária do cigano ladrão, não se irá ao

> contexto para compreender se de fato ele era ou não ladrão, mas para trocar elementos que permitam ajudar a saber como esse imaginário do roubo funciona no seio de uma determinada realidade histórica. (2002, p.24)

Sobre estigmatizações sofridas, Okely (2002) desenvolveu o livro *The traveller-gypsies*, em que retoma as origens do povo cigano e as estigmatizações, por meio de pesquisa que reconstrói as categorias e representações históricas, tais como a da sociedade Gorgio, Gajés, payos, country people ou Flatties[45], também conhecidos por sociedade dos não-ciganos. Essa autora aborda também as leis e a política no século XX, assim como aspectos das ciências sociais e da literatura. Okely evidenciou o sofrimento dos ciganos, devido à hostilidade e aos períodos de perseguição imposta pela sociedade não-cigana. Paradoxalmente, essa mesma sociedade que os estigmatiza, também lhes atribui características exóticas, envolvendo-os em fantasias e romances. A autora cita que o poeta Arthur Symons escreveu em 1930 o poema "Para uma Cigana que Dança", que mostra a essência do homem não-cigano ao ver uma mulher cigana:"[...] você dança, e eu sei do desejo de toda a carne, e a dor da saudade de corpo a corpo, você acena, repele. Roga, e atrai e confunde, e constrói-se o feitiço"[46] (Okely, 2002, p.202, tradução nossa).

As mulheres, como foco de estigmatização, também são deslocadas para junto de danças, um dos objetos das projeções e desordens da sociedade dominante no que se refere ao exótico e ao erótico. Okely ilustra a dança com a representação contida no conto de Prosper Mérimée, *Carmen* (1845),, em que a dança da protagonista aproxima-

[45] É preciso esclarecer que esses termos não são sinônimos, pois Gorgio refere-se ao forasteiro ou estrangeiro em *romani;* Gajé é um termo atribuído aos que são de comunidades diferentes da dos ciganos, mas que entram na comunidade deles, com finalidade de integração; 'payos, country people e flatties' são outras designações de não-ciganos, não há uma tradução para a língua portuguesa dessas palavras que representem o que significam em *romani*. Segundo Okely, há as explicações sobre a diferenciação cultural, as possibilidades de haver uma origem indígena ou a dos Tinkers como oriundos das Ilhas Britânicas e da Irlanda.

[46] "You dance, and I know the desire of all flesh, and the pain of all longing of body for body, you beckon, repel. Entreat, and entice, and bewilder, and build up the spell". (Okely, 2002, p.202)

se de um jogo de atração sexual selvagem, metaforicamente representado pela sensualidade dos movimentos dos gatos[47].

A despeito da sensualidade cigana, as penalizações pelo suposto paganismo sempre estiveram no mesmo contexto dos ciganos. Okely (2002, p.4), por exemplo, aborda, no capítulo intitulado "Vagrants: an alternative category", a pena de morte aos ciganos como tendo perdurado até 1783. Ainda segundo essa autora, a perseguição se iniciou quando da partida de José e Maria do Egito, os quais foram solidariamente acompanhados pelos ciganos, o que se constitui como estigma positivo. Em contrapartida, em Sant'Ana (1983, p.07), lemos que os ciganos descenderam de Caim, por isso sendo amaldiçoados a andar pelo mundo sem ter parada e a trabalhar com metais, matéria prima de objetos bélicos.

Sant'Ana (1983) apresenta mais duas lendas sobre a origem do povo cigano. A primeira em que os Egípcios (nome dado aos ciganos de então) demonstraram ser peregrinos, pois saíram de sua terra natal por não concordarem em viver na mesma terra do povo que negou abrigo ao Menino Jesus. A segunda lenda diz que os ciganos roubaram quatro pregos da cruz, antes da crucificação, por isso peregrinaram por sete anos. Essas lendas marcam o imaginário social sobre essa etnia, e esse imaginário é tão reafirmado pela força da repetição em anos de sua disseminação que, no século XVI, já em terras inglesas e escocesas, os ciganos foram deportados. Os que se negaram a sair foram aprisionados e os seus bens confiscados, por fim, executados.

Mesmo que consideremos que a reverberação dessas lendas tenha grande potencial para reforçar o estigma negativo como uma verdade inquestionável, quando buscamos evidências documentais, temos a oportunidade de ouvir outras vozes sobre fatos. Okely, por exemplo, atestou a generalização desses estigmas em uma ordem decretada em 1562 pelos governos inglês e escocês determinando que os ciganos nascidos em suas terras não poderiam ser deportados. Em contrapartida, sua presença é alienada a certas normas. Vejamos o relato dessa norma feito por Okely:

[47] Okely (2002, p.202) cita um trecho de Galsworthy (1932, p. viii): "In her is sublimated as it were the Cat Force in human life", em que Carmem é representante da sublimação da Força do Gato na vida humana.

> Para evitar todas as 'Dúvidas e Ambiguidades', todos os **vagabundos tais resistentes e falsos desse tipo (cigano)** vivendo apenas sobre a ruína das pessoas simples" podem ser punidos, e a pena de morte foi promulgado 'e qualquer companhia de Amizade dos Vagabundos', comumente chamados ou que se autodenominam egípcios (..) O título Egípcio era uma identidade assumida por muitas pessoas com nenhuma origem estrangeira[48].(OKELY, 2002, p.3-4, tradução nossa)

No século XVII, pela ideologia católica e protestante de então, não se podiam executar os ciganos. Dessa forma, alguns foram levados a ter uma vida estável "serviço honesto ou o exercício de algum trabalho legal, Ofício ou Profissão[49]":

> (...) a deportação cigana assumia, assim, um duplo papel: de uma forma funcionava como um **mecanismo de defesa** da ordem religiosa e social e de outra parte, um **processo de purificação dos pecados** cometidos. (PIERONI, 2000, p. 117, *apud* HILKNER, 2008, p.57).

No campo da Sociologia, Virgínia Rita dos Santos apresentou a pesquisa de mestrado em que analisou a questão da *Espacialidade e da Territorialidade dos Grupos Ciganos na Cidade de São Paulo* (2002). A autora discutiu os processos de apropriação do espaço por parte dos grupos nômades e sedentários e a prática do nomadismo como uma das formas de preservação cultural desses grupos, garantindo-lhes sua autonomia econômica e social. Através de uma sinopse histórica da trajetória cigana no mundo ocidental, são analisadas as questões de **sedentarismo cigano** e suas consequências, de minorias étnicas, no tocante à discriminação e ao preconceito da sociedade dominante frente ao cigano.

Após quatro anos, Dimitri Fazito de Almeida Rezende (2006), na obra *A identidade cigana e o efeito de "nomeação": deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais,* discute os traços identitários dos ciganos em sua dinamicidade frente à uma diversidade complexa. O efeito de nomeação, pelo qual atores sociais posicionados assimetricamente na situação de

---

[48] For the avoiding of all Doubts and Ambiguities, all such sturdy and false vagabonds of that sort living only upon the soil of the simple people' might be punished, and the death penalty was extended not only to those 'in any company of Fellowship of Vagabonds, commonly called or calling themselves Egyptians' (…) Egyptian title was nothing but an assumed identity for many persons with no foreign origin. (OKELY, 2002, p.3-4)

[49] 'honest service or to exercise some lawful sort, Trade or Occupation'(OKELY, 2002, p.5)

contato inscrevem e assumem distinções coletivas, parece fortalecer a noção de unidade na diversidade, baseada nas experiências semelhantes de negação e diferenciação.

Um dos aspectos considerados relevantes é o nomadismo cigano, pois este, em oposição ao sedentarismo dos não-ciganos, reflete uma representação de dupla face: de um lado, é efeito de constantes perseguições e exílios que se inscrevem no corpo dos indivíduos, reforçando a identidade pela experiência comum da diferença; de outro, é efeito de experiência coletiva comum de deslocamento no espaço físico e social. Dessa forma, por enfatizar os aspectos histórico-sociais, explica que os ciganos mostram-se "nômades por natureza" e os que são sedentários ou sedentarizados são vistos como "ciganos degenerados", "falsos ciganos" ou "menos ciganos".

O nomadismo, assim, é enfatizado tanto por Okely quanto por Rezende. Enquanto Okely sustenta seu argumento em características sociais ("misturados a mendigos, vagabundos, pequenos ladrões, loucos e tantos outros marginais sociais produzidos pela sociedade medieval e pré-capitalista"), Rezende apóia-se na representação simbólica para alicerçar as relações entre ciganos e os não-ciganos.

As diferenças comentadas por Rezende também se manifestam nas características físicas relatadas por Moonen (1996, pp. 31-2). Essas características são disseminadas a partir de 1783, a partir da obra *Die Zigeuner* (Os ciganos) de Grellmann, de cujo texto extraímos o seguinte excerto:

> Uma **pele escura**, **baixa estatura**, **crianças nuas, moradia em tendas, preferência por roupas encarnadas, uma língua secreta, danças sensuais, endogamia; indivíduos sujos e horrorosos, medrosos e covardes, ladrões, mentirosos, sem noção do pecado** [...], as mulheres tinham uma **conduta imoral** [...].'Além disso, possuíam uma cultura material pobre, tendo de viver em cavernas ou habitações primitivas junto de animais selvagens. Assim, de indivíduos pertencentes às classes baixas, tornaram-se indivíduos racialmente degenerados, justificando a assimilação ou o extermínio desses grupos estranhos'. (MOONEN, 2012:95)

Não somente o nomadismo dá consistência ao estigma negativo. Do século XIX, um mito veio até os dias de hoje ecoando para a consolidação do imaginário social do não-cigano: o rapto de crianças. George Borrow (*The Bible in Spain,* 1843 e *Lavrengo,* 1851) é citado como propagador desse estigma ao afirmar a existência de práticas de: "canibalismo, rapto de criança, "[...] conhecimentos de medicina (curandeirismo) e

feitiçaria para envenenamentos de animais e pessoas, heresia e furtos". (*apud* REZENDE, 2006)

Na Psicologia Social, Valeria Sanchez Silva (2006) desenvolveu sua pesquisa *Devir cigano: o encontro cigano - não-cigano (rom-gadjé) como elemento facilitador do processo de individuação*. Nessa dissertação, a autora focalizou a alteridade do não-cigano prestes a ser tornar um membro da comunidade (rom–gadjé), e explanou a convivência interétnica no período de 1992 a 2003. Vemos, aqui, um viés inovador de estudo, posto que desloca para o centro da atenção a identidade e a subjetividade, constituindo-se, dessa forma, uma contribuição relevante para o que discutiremos nos capítulos sucedentes.

Um dos casos citados pela autora é o da união interétnica em que estão presentes fortes traços da cultura cigana brasileira, alguns dos quais, são facilitadores dessa aproximação. Vemos que a ostentação da riqueza é um desses facilitadores:

> Alguns sinais comuns e característicos dos ciganos ditos brasileiros são os dentes encapados de metal dourado, os mais ricos ainda fazem questão de usar dentes de ouro, as tradicionais roupas coloridas (vestidos rodados para as mulheres, adornos característicos como pulseiras, anéis, brincos e correntes), o hábito nômade, ou seminômade. A vida em barracas ainda é mantida por muitos. Esses traços visíveis permitem- nos perceber que ainda preservam e mantém a identitária. Mas sabemos que são os sinais não visíveis (fatores psicossociais) que lhes sustentam essa identidade. (SILVA, 2006, p.122)

Essa ostentação de riqueza, contudo, chega ao não-cigano como um aspecto exótico. Quem explora esse tema, na área da Antropologia Visual, é Regiane Aparecida Rossi Hilkner com a dissertação *Ciganos, viajantes do tempo- ritual, cultura e tradição* (2008). Ela discute as manifestações da cultura cigana em suas práticas mais polêmicas, com as diversas possibilidades de interpretação, considerando o exótico, artístico, religioso, entre outras definições. Ela considera o corpo cigano uma construção social, o que nos permite afirmar que essa ostentação do ouro nos dentes é uma das representações do *ethos* cigano no Brasil.

Analisar as peregrinações e os rituais religiosos pode também nos ajudar a compreender os ranços de preconceitos sobre os ciganos. Por essa razão, Hilkner (2008,

pp.25-26), afirma que a "função do ritual seria (...) delimitar fronteiras entre o divino e profano, pois engendrariam as normas de como o indivíduo deve comportar-se ante o sagrado", então as crenças existem a partir desse engendramento entre o indivíduo e o sagrado, que, para os ciganos, encontram-se:

> (...) **impressos nas linhas de suas mãos**; decorre dai, a quiromancia, talvez a arte cigana mais popular no mundo gadjô (não-cigano). De uso imemorial, a tatuagem é uma constante etnográfica em todos os povos ciganos, independentemente da tribo que se faça parte. As tatuagens são marcas para as quais se atribuem poderes. Geralmente tais marcas "talismânicas" são tatuadas nas mãos ou pés dos ciganos com objetivo de identificação do clã, significado do nome, defesa e 'contra-feitiço'. Assim, em qualquer lugar do mundo onde existam ciganos, independentemente do clã a que pertençam, as tatuagens nos corpos os identificam ou os distinguem entre si. (HILKNER, 2008, p.39, grifo nosso).

Notemos que muitos desses rituais foram incorporados pela sociedade majoritária, rompendo a fronteira identitária dos ciganos. No entanto, há elementos que ainda continuam denunciando a forma de viver a sua crença. As vestes ciganas, principalmente a das mulheres, são pistas que nos levam a identificar o caráter cigano, embora também nos levem a crer em sua origem indiana, apesar de que podem existir outras etnias a comporem a sua história no mundo:

> As indumentárias, os trajes ciganos procuram diferenciá-los das populações não-ciganas, em especial, as peças do vestuário feminino representam um retorno às **raízes hindus e espanholas**. Enquanto o homem pode facilmente confundir-se com qualquer nacional, a cigana é imediatamente identificada pelos seus trajes. Assim caracterizada, ela apresenta de imediato todo o **misticismo** com que o universo gadjô concebe os ciganos: misto de temor ou curiosidade. Os ciganos são famosos também pelas suas práticas musicais - instrumentais e vocais - e corporais, especialmente aquelas materializadas na **dança cigana**. Assim como outras Danças, a dança cigana pode ser encarada como um momento no qual se condensam as **representações simbólicas**, a partir da **linguagem do corpo**, da performance e do **ritual**. **(...) O corpo cigano e sua principal expressão constituinte - a dança** - podem ser concebidos como instituições que agregam saberes que dizem respeito à manutenção de sua **identidade étnica** (HILKNER, 2008, p.29-30, grifo nosso)

As representações simbólicas se desenvolvem em diversos grupos de ciganos. Portanto, seria uma falácia acreditar que os rituais que hoje são atribuídos a um grupo cigano, a exemplo dos Calóns ou dos Kalderashes, sejam comuns a todos os grupos ciganos de forma diacrônica ou sincrônica. Assim, a identidade de um grupo e de seu subgrupo é marcada pelo sentido social e ideológico em que em cada ação e em cada palavra há as marcas de seu universo, e ao mesmo tempo as marcas que desejam que o interlocutor perceba para formar a imagem sua e de seu grupo ou subgrupo, o *ethos*.

Contrariamente aos não-ciganos, os grupos ciganos não tiveram a possibilidade de afastarem sua etnia de um imaginário preconceituoso vindo da formação social, pois desde o século XV a palavra 'cigano' se refere a insulto:

> Sinônimo de imorais, desonrados, esbanjadores, sujos dentre muitos outros **adjetivos negativos**. Cada uma destas imagens teve períodos de maior e menor destaque ao longo do tempo e produziram um painel extremamente amplo de imagens sobre os ciganos. (HILKNER, 2008, p.46, grifo nosso)

Diferentemente dos textos anteriores que abordaram os ciganos com aspectos grupais, de clãs, mas com pouca distinção entre eles, Florência Ferrari (2010) defendeu uma tese (*O mundo passa: uma etnografia dos calon e suas relações com os brasileiros)* que, embora voltada para as relações familiares entre ciganos, inova numa abordagem etnográfica voltada exclusivamente para os ciganos Calon no estado de São Paulo. Nas palavras da autora, torna-se relevante a compreensão sobre costumes desse grupo cigano e as formas de socialização no "mundo dos brasileiros". Para tanto, a autora levanta as noções éticas e morais que diferenciam os calons dos gadjes (não-ciganos), tais como vergonha[50] que para o grupo minoritário é valor moral que distingue o puro do impuro, o sujo do limpo, ancorada no corpo feminino.

Em 2010, transitando da Antropologia e da Sociologia apresentadas por Ferrari, para os estudos da área da Psicologia com a tese de Sylvia da Silveira Nunes (*Racismo contra negros: Um estudo sobre o preconceito sutil)* expondo um problema social comum a todas as sociedades. Fez, dessa forma, pesquisa em diversos países para averiguar com que recorrência o preconceito se manifestava de forma explícita.

[50] A concepção da vergonha está ligada a diversas ações e estados dos calons: viagem, língua, atividade, dependência dos membros do clã, o tempo e o espaço, "criando uma sociedade calon no meio de nós, os gadjes" (id.ib.).

Focalizou o racismo e a forma de o compreender como preconceito sutil pelas práticas de diversos grupos no Brasil e na Espanha.

No Brasil, o enfoque foi dado aos negros e, na Espanha, aos gitanos. Mesmo estando há séculos em território brasileiro e espanhol, os grupos são desrespeitados por práticas discriminatórias. Nessa obra, está refletida a aceitação do estigma e a transformação deste em marca identitária do grupo minoritário, razão pela qual serviu, em grande medida, como fonte de consulta para determinar critérios sociais nesta tese. Para exemplificarmos, há os fatores da escala de preconceito flagrante e sutil, sendo que:

> Os fatores da escala de preconceito flagrante são (1) ameaça e rejeição; (2) anti-intimidade. E os da escala de preconceito sutil: (1) defesa dos valores tradicionais; (2) exagero das diferenças culturais; (3) negação das emoções positivas em relação ao grupo minoritário em questão. (NUNES, 2010, p.30)

E continua a autora a descrever as narrativas dos participantes da pesquisa que, de modo geral, expressaram mais preconceito sutil do que flagrante:

> (...) mostraram mais sentimentos negativos do que positivos contra os gitanos; não valorizaram a diversidade e são favoráveis à assimilação dos gitanos na sociedade "paya"; evitam o contato com o exogrupo; se percebem muito diferentes deles; pensam que os gitanos têm poder de influência e se sentem ameaçados; e, finalmente, concordam com a forma atual de distribuição do poder. (NUNES, 2010, p.31)

O que depreendemos desse estudo é que, seja onde for, o estigma e o preconceito andam lado a lado contra o povo cigano. Os argumentos são similares em toda a parte, mas o fundo da questão está no desconhecimento intercultural.

Sobre a Educação do povo cigano, a dissertação de Sílvia Régia Chaves de Freitas Simões (2007), intitulada *Educação Cigana: Entre-lugares entre escola e comunidade étnica*, apresentou e analisou a etnia cigana, sua história, seu tipo de organização social. Abordou a relação dos processos de interlocução com o poder político brasileiro na elaboração de Políticas Públicas que abarcassem a causa dos ciganos, por isso realizou um estudo de caso com uma família cigana residente no município de Palhoça, em Santa Catarina.

Os resultados a que a autora chegou revelam o apartamento de crianças ciganas do acesso à escolarização. E quando nesse espaço se encontram, não se reconhecem nos elementos culturais veiculados pela escola. Nem sempre, contudo, os resultados são negativos. É o que demonstra o trabalho de Martins (2011).

Ainda no campo da Pedagogia, Joseth Antonia Oliveira Jardim Martins (2011) apresentou a tese *A cultura cigana em questão: Significados e sentidos da instituição escolar para a criança cigana*. Nela, realizou o levantamento de aspectos da cultura cigana, identificando significados e sentidos atribuídos à escola por crianças ciganas em duas comunidades distintas. A autora constatou a inexistência de estudos sobre crianças ciganas no Brasil e a lacuna de informações sobre a sua escolarização. Empreendeu, assim, um estudo sobre os sentidos atribuídos à escola e ao cotidiano escolar, em especial lidando com conceitos distantes da realidade atual escolar, tais como: lugar onde é possível brincar, ver filmes, adquirir novos conhecimentos, conviver com outras crianças, aprender regras de convivência, receber carinho, aprender a ler e a escrever.

> (...) as implicações da cultura que se instala em seu interior na formação do indivíduo, principalmente em termos da formação de um indivíduo oriundo de uma **etnia diferente da sociedade dominante**. Dito de outro modo, nesse lócus que favorece a socialização de gerações mais jovens e onde as trocas, valores e crenças se evidenciam, ocorre um movimento extraordinário e poucas vezes valorizado enquanto um lugar de elaboração de novos conhecimentos. Quando na escola transitam crianças de etnias diferentes, consequentemente acontece uma alteração nas atitudes, valores e crenças, condição necessária para que se desenvolvam competências imprescindíveis no processo de interação. Em outros termos, defendo a premissa que reconhece na própria configuração físico-geográfica da instituição educativa um lugar de aprendizagem e de desenvolvimento, que antecede a relação com os conteúdos acadêmicos. Essa diferença de atitudes à qual me refiro aqui diz respeito às diferentes maneiras de se comportar, se posicionar, se colocar, se trajar, se expressar, se comunicar, impor, enfim, a leitura possível de cada uma dessas condições reflete os recursos, instrumentos/ferramentas e/ou possibilidades que crianças de outra etnia vivenciam ao frequentar a escola. "**No contexto das atividades sociais, as experiências dos sujeitos se entrelaçam à produção da ordem social e cultural, tanto originando as experiências singulares da pessoa, como também contribuindo para a produção e transformação social**". (CAMPOLINA; OLIVEIRA, 2009, p. 371). Daí o fato de as **crianças de etnia cigana referirem-se à escola como um lugar bom**, um lugar que lhes oportuniza experiências diferentes daquelas vivenciadas na sua comunidade, ancoradas nos hábitos, costumes e normas de sua cultura, razão pela qual investigar a escola configura-se como um meio de compreendermos as mudanças ao longo do desenvolvimento, seja o desenvolvimento histórico da sociedade, seja o desenvolvimento pessoal de crianças e jovens, posicionamento este defendido

> por Campolina e Oliveira (2009). Por outro lado, **em função dos significados da criança de etnia cigana** (...) evidenciarem a escola como um lugar cuja organização difere da própria organização de seu grupo de pertença, tanto em termos do encaminhamento das atividades, do tempo previsto para sua realização, da própria natureza dessas atividades e das exigências relativas à sua execução, entendo que, para essas crianças, a escola é concebida como um lugar interessante, um lugar onde desenvolve competências diferentes daquelas experienciadas no cotidiano de sua comunidade, competências estas que se estendem para além das habilidades acadêmicas, como o desenvolvimento da empatia e da competência interpessoal. (NUNES, 2010, p. 142-143, grifo nosso)

As escolas são vistas como um lugar interessante em que diferenças entre crianças se tornam menos marcadas, agressivas ou invasivas nas suas formações psicológicas, entretanto, é um lugar de desenvolvimento de elementos de formação social tal como: atitudes, valores e crenças, necessários para o processo de interação. Entretanto esse processo pode ser modificado pela aceitação ou rejeição desses elementos do grupo dominante para o dominado. Cabe à escola explorar as diferenças e semelhanças como a conscientização da diversidade nas questões sociais e não na estigmatização advinda do preconceito pelo que é diferente.

Ao fazermos a tomada de algumas obras em diversas áreas para mostrarmos que o hermético da cultura cigana nos causa curiosidade que impulsiona a pesquisa, neste momento deixaremos o viés cronológico com a finalidade de expor algumas obras estudadas que mantivemos apartadas desse critério de tempo físico, são as de Frans Moonen. Com esse novo critério de agrupamento, será possível vislumbrar com maior clareza sua pertinência ao tema, pois, nos últimos anos foram profícuos nos trabalhos desse autor o tema dos ciganos, como relataremos a seguir.

Na obra *Ciganos Calon no sertão da Paraíba* (1994), Moonen foi solicitado pelo então senador Antônio Mariz a desenvolver uma pesquisa sobre violações aos direitos e interesses dos ciganos sedentarizados em Sousa, Paraíba. Inicia pela diversidade entre os ciganos, havendo os que se intitulam ciganos ‘verdadeiros’ e ‘outros’ ciganos, como se os outros não fossem os verdadeiros. Disso se desenvolveu a unidade de seus clãs ou nações, que travam lutas para conquistar o grupo e manipulá-lo diante da sociedade, no caso a brasileira, cujas políticas ciganas, sua presença nas Constituições, nos Direitos Humanos, na Promoção da Igualdade Racial, na educação, saúde, terra e habitação, trabalho e renda e justiça constituem um espaço de apelo por inclusão.

Moonen (1996) com a obra *A História Esquecida dos Ciganos* afirma haver a falta de diálogo entre os gadjés e os ciganos, pisando novamente na questão da exclusão política, econômica, cultural e social. A novidade dessa obra diz respeito ao elemento de transgressão (às leis), tais como a **exploração, o exotismo** e **a magia**. No entanto, é possível compreender que, por ser um grupo fechado e misterioso para os não-ciganos, essas características são as mais marcantes. Sobre os ciganos no Brasil, Moonen continua a pesquisa afirmando que as obras sobre o assunto só foram desenvolvidas no fim do século XIX e metade do XX, havendo um esquecimento, com poucos trabalhos relatados, mesmo da década de 80, em que se pesquisam respostas sobre as condições de existência do cigano no Brasil.

O processo de discriminação vem de confirmando a partir dos dicionários que são posteriores a diversos quadros que apresentamos no decorrer da tese. Isso comprova que o que é dito do cigano está além de um lugar ou de um grupo, mas está no imaginário social, não só no Brasil. Nesse sentido, Moonen (1996, p.31) recorre a um cronista Aventinus, que relata que, em 1439, os ciganos saíram da Bavária e foram liderados pelo "Rei Zundel". Todos afirmaram que eram originários do Egito e que teriam de vagar sete anos pelo mundo, por não darem abrigo ao Menino Jesus e à Nossa Senhora, relato que é ironizado pelo próprio cronista: "Mas o Mundo é cego e quer ser enganado; acham que eles são santos e que quem lhes fizer mal, terá **azar;** permitem que **eles furtam e roubam, mentem, enganam de várias maneiras**" (Gilsenbach 1994, p. 78 *apud* Moonen, 1996:31, grifo nosso).

Os ciganos que transitavam pela Europa entraram na França e perturbaram a ordem social em Paris, como descreve Moonen (1996, p.33, grifo nosso)

> Como não podia deixar de ser, também em Paris despertaram grande curiosidade do público, em parte por causa de sua **aparência exótica**. Mas isto demorou pouco. (...) além de serem "as criaturas mais pobres que já foram vistas na França", causaram alguns problemas matrimoniais porque, ao **ler as mãos**, as ciganas informavam aos homens que "tua mulher te botou chifre" (*ta femme t'a fait coux*), e às mulheres que "teu marido te foi infiel" (*ton marit'a fait coulpe*) e enquanto isto "seja por **magia** ou por outro procedimento, seja por obra do inimigo que está no inferno ou por artifícios hábeis", outros esvaziavam os bolsos dos curiosos, 'segundo se dizia'." (MOONEN, 1996, p.33, grifo nosso)

Esse foi apenas uma das amostras sobre como os ciganos eram vistos na Europa do século XV e até hoje representam insegurança, perigo e incertezas ao que não é

cigano (payo em espanhol e gadjo em língua romani). Os ciganos e os não-ciganos se relacionam entre tensões e conflitos no mundo. Portanto, há um impasse dentro dos clãs: a **fidelidade às tradições** e **marcas étnicas** estão ameaçadas por legislações e modelos culturais considerados privilegiados do qual os ciganos estão apartados.

Moonen (1996, p.23) relembra que, no século XV, era das grandes descobertas e época dos viajantes, havia "exóticos indivíduos com uma pele escura ou preta (...) com uma aparência horrível e com alguns hábitos nada agradáveis". Ainda sobre a identidade cigana, o autor explica que é considerada fraca, pois a relação entre homogeneidade e grupo étnico é proporcional ao fortalecimento étnico, daí a dos ciganos ser fraco (MOONEN, 1996). Outro fator é o problema da autoidentificação, que se sanaria ao unir os grupos de ciganos em uma organização, como uma ONG. Além de não interagirem, a dispersão geográfica é mais marcada e visível em representantes desses grupos.

Uma forma de referendar a prevalência dos traços ciganos que são recorrentes em variadas culturas e épocas é visitar outras formas de expressão e de avaliação de personagens ciganas. Na próxima seção, recorremos a uma incursão no campo das Artes e da Ficção.

1.2.3.1. Representações artísticas e de ficção

A partir deste momento, propiciaremos o diálogo entre as percepções dos autores e as percepções nas Artes veiculadas por meio de obras artísticas de diferente natureza as quais permitem ou referendar esses traços ciganos negativos ou refutam-nos, tornando proeminentes os atributos positivos dessa etnia.

Uma dessas obras que veiculam, na forma de filme, os traços historicamente impregnados na conduta cigana é *Meu nome é Tonho*[51] *(1969).* Produzido no gênero do faroeste, traça uma história marcada por incômodo, desconforto e violência: um bando de malfeitores mata os habitantes de uma área tropical e tomam posse ilegalmente de suas terras, estupram suas esposas e filhas. Nesse ínterim há no enredo o **rapto de uma**

[51] Vídeo de ficção em 35 mm, duração de 96 min., em preto e branco, com direção de Ozualdo R. Candeias, em 1969, pela Iberia Filmes.

criança por esse grupo de malfeitores, ou seja, de ciganos errantes. Ao se tornar um homem, Tonho abandona grupo de ciganos, mas continua com as características que inconscientemente adquiriu dentro do clã. Ele encontra uma mulher, prostituta, com quem começa a viver, essa companheira busca próprio irmão, o destino se faz irônico ao deixá-los entregar-se à paixão, sendo que ela é sua irmã desconhecida, ou seja, há uma relação incestuosa na trama.

Nessa trajetória, os dois se deparam com problemas sociais desde as falhas do Estado em garantir a segurança, por exemplo, até as faltas éticas e morais. Há o desencadeamento da dual relação bem X mal, em que a ação inicial dos ciganos interfere na vida de Tonho, revelando seus caminhos, mas a negação às condições melhores de vida já foram dadas ao protagonista pela decisão inicial dos ciganos.

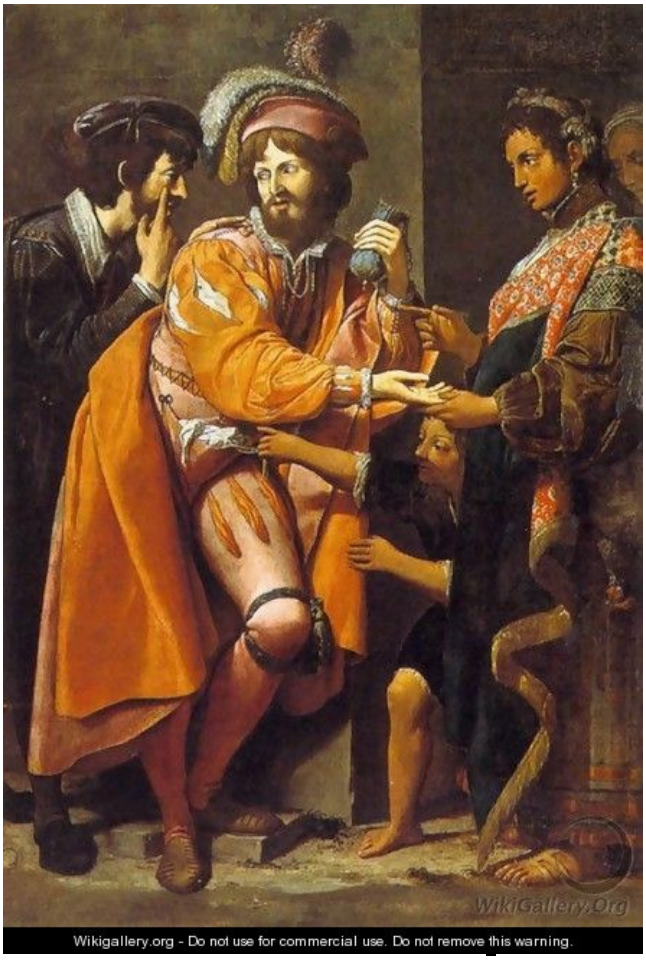
Imagem 03- Imagem do filme Meu nome é Tonho: Antonia da Silva e Eddio Imânio em Meu Nome É Tonho de Ozualdo Candeias disponível em http://www.contracampo.com.br/25/meunomeetonho.htm; acesso em 20-04-15

Os estigmas reforçados com esse vídeo atingem o perfil do cigano, quais sejam, a falha do Estado em proteger o menino Tonho, sendo ele um excluído social, a forma agressiva e rude com que teve de lidar com a vida o fez também ser violento. O fascínio pelos mistérios da mulher com marcas do estereótipo cigano: morena, olhos grandes e expressivos, corpulenta, altiva, impulsiva.

Os mesmos estigmas, que perseguem Tonho, são delineados e analisados por Acton (1974) em seu livro *Gypsy Politics and Social Change.* Nessa obra, destaca-se o fato de que o avaliador é também um cigano que avalia outros ciganos.

Notamos que os preconceitos de ciganólogos contra outros ciganos também pode ocorrer. Neste caso, havia a comparação entre um cigano verdadeiro identificado como *true blooded gypsy*, com língua e costumes verdadeiros, em detrimento de outros sem esses atributos. Nessa obra, o autor afirma haver o erro da supergeneralização das práticas particulares.

Daqui por diante há uma inclusão de diversas obras de arte em formato de quadros (telas pintadas). A escolha dessa forma de arte em detrimento de tantas outras se revela na intensidade e rapidez com que a obra demonstra as características que se necessita evidenciar com o tema desta pesquisa.



Quadro 02- *The Gypsy Fortune Teller* (1614-1615),

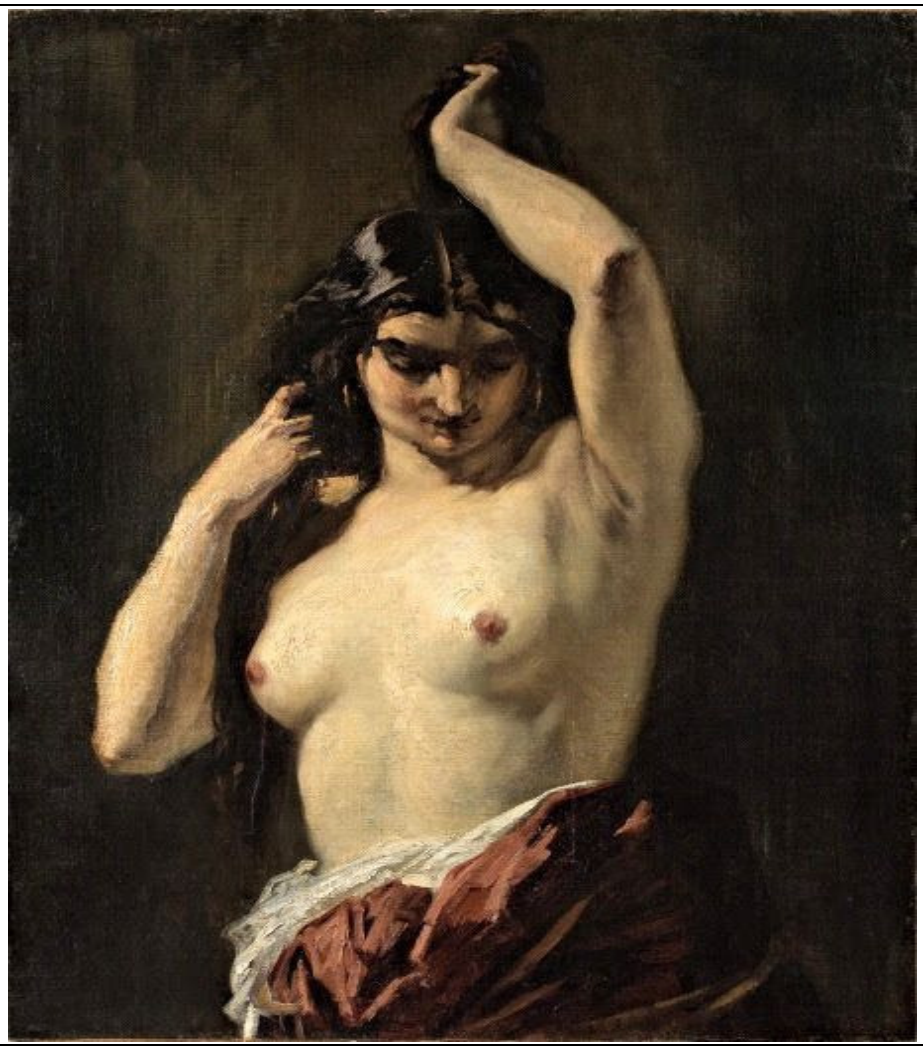
A obra de arte *The Gypsy Fortune Teller* está exposta na Galleria Estense, Modema (*Técnica* 211x158 cm). Seu pintor, o italiano Leonello Spada (1576-1622), nascido em Bologna e seguidor de Caravaggio, retrata a vida cotidiana na era barroca italiana, especificamente, a romana. Nessa pintura, podemos ver que há dois homens, não-ciganos, um deixando ler a sorte na palma da mão, o outro o alertando a prestar atenção, pois está no contato com ciganos e, nesse ínterim, há uma criança roubando algo, como um lenço, sem valor, mas atendendo às ações cotidianas de ciganos na perspectiva do pintor.

A cigana acompanhada por outra, mais idosa, atrás dela, como se conselheira do que deveria ser dito e feito para ludibriar o não-cigano e facilitar o roubo feito pela criança. Ela traz o dedo indicador, em riste, tentando voltar a atenção do não-cigano, para que pudesse cumprir com o seu objetivo. A breve análise da pintura é um exemplo da estigmatização negativa ou dos motivos para que ela exista.

Antes de Mérimée, ainda na Europa, especificamente, na Holanda, Frans Hal (1581-1666) retratou o tema com a imagem de uma mulher cigana: rosto maroto, sorriso sorrateiro, olhar trigueiro, insolene e provocador, seios opulentos e quase totalmente desnudos, roupas velhas e sujas e cabelos escuros e desgrenhados, tez alva, pele sedosa levemente maquiada, rosto arredondado, corpo roliço a notar pelos braços, todas essas características marcam uma pessoa bem alimentada e até com indícios de gula, em resumo, são tais os aspectos que definem grosseria e sordidez, mescladas a sensualidade e transitoriedade e espontaneidade na eminência do falar e no agir de *A Cigana* (1626), assim como outras obras do autor. Essa obra, especificamente, é imoral para os padrões sociais da época, representando como a sociedade imagina a cigana:

Quadro 03- *A Cigana* - Frans Hal (1626)

Outro pintor que transfere uma visão de sensualidade até imoralidade é o francês Henri Regnault (1843-1871) na pintura *La Gitane Topless* (1869), em que a cigana está em seminua, dançando, cabisbaixa, olhar baixo, de introspecção, cabelos levemente presos pelas mãos da própria cigana, o que é raro para os padrões de estética da cigana que, pelo que constam em livros e nas festas, os cabelos estão soltas para as que ainda não se casaram, e são ornados com uma flor. As já compromissadas ou casadas levam um adereço com flor no meio da cabeça, e esse adereço desce com uma fita até a altura dos ombros ou até abaixo.



Quadro 04 - *La Gitane Topless* - Regnault (1869)

Uma visão diferenciado a cigana de Regnault percorreu aproximadamente meio século e se apresenta na irreverente pintura de Matisse (1906) em que a nudez da cigana se mostra como ação corriqueira, sem o olhar cabisbaixo, mas olha diretamente para quem a vê e com um leve sorriso como que já se expusera muitas vezes antes.

A visão de Matisse não condiz com os livros de historiadores sobre a cultura, considerada rígida, do grupo cigano. Os adereços são marcas que revelam a condição de ser cigana, o uso deles não faz de uma pessoa uma cigana, como o colar e a flor em *Gypsy*.

Quadro 05- *Gypsy*-Henry Matisse- 1906

No século anterior, ainda, encontramos a sensualidade felina e ferina de *Carmen*, que é minimizada por Jean-Baptiste-Camille Corot (1796-1875) na obra *Gypsy Girl with Bandolin* (1870), em que o parisiense Corot faz uso da luz e da sombra como

técnicas para ressaltar as qualidades da cigana. O pintor expõe a visão quase angelical da menina que, inocentemente, toca o bandolim, diferente da imagem barroca anterior, despojada de vergonha e moral. Essa é marcada do Romantismo como Movimento Cultural, em que o místico, o secreto, o ritualístico e as características de grupos minoritários ganham nova relevância e passam a ser vistos com curiosidade e aceitação.

Quadro 06- *Gypsy Girl with Bandolin* (1870) de Jean-Baptiste-Camille Corot

Com tantas visões diferentes detectadas nas obras de arte, especificamente nas pinturas, era de se esperar que a sociedade também se dispusesse de maneira negativa em relação à presença dos ciganos.

Quadro 07- *Ciganos* (1940), Di Cavalcanti

Artistas brasileiros também se detiveram na representação de ciganos no Brasil. Foi o caso da obra de Di Cavalcanti, intitulada *Ciganos* (1940), que mostra a alegria e a dança de um grupo de ciganos, acendendo a alma do pintor em um olhar modernista sobre a captação da imagem. Essa perspectiva é reflexo do imaginário social sobre os ciganos no Rio de Janeiro, estado e cidade em que o pintor viveu. Uma tentativa de reverter a estigmatização negativa que os grupos excluídos da sociedade dominante carregam.

Quadro 08- *Cigana na frente de Musca* - Pablo Picasso (1900)

O espanhol Pablo Picasso (1900), ao representar os ciganos, escolheu a mulher cigana e a dispôs contemplativa. Sua vestimenta traduz a cultura cigana espanhola e a forma oblíqua do olhar nega a existência de um observador não-cigano. Em sua frente, apenas sobrevive o mar e seu cotidiano, mostrando a ligação do povo cigano com a natureza na percepção de Picasso.

Na próxima imagem, identificamos um grupo cigano na Transilvânia:

[52]

Quadro 09- Grupo de ciganos - Sem autor ou data definidos.

Retomemos as características inerentes ao povo cigano por um viés sócio-histórico em que o estigma e, consequentemente, o preconceito foram cunhados. Assim, as características físicas remontam a grupos étnicos oriundos do Oriente Médio e dos povos europeus, sendo esses responsáveis pela constituição de 50% dos seres humanos, e seu principal núcleo está no Velho Mundo: Europa, Ásia e Norte da África, sendo ainda divididas em meridional ou indo-mediterrânea que possuem pele, cabelos e olhos escuros. A outra metade é de setentrional ou atlanto-báltico em que a pele, olhos e cabelos são mais claros ou claros em comparação com os que vieram da Índia, África e Oriente Médio. (KALAYDJIEVA, 2005)

[52] Imagem disponível em https://depts.washington.edu/cartah/text_archive/boner/b22.shtml (University of Washington) acesso em 06-jul-15

[53]

Quadro 10- *Gypsy girl* (1897) de Pierre-Auguste Renoir

Gypsy girl é a obra do francês Pierre-Auguste Renoir, hoje pertencente a coleção particular no Canadá. Nota-se pelos traços físicos, que a menina é a representação do cigano setentrional, já que os ciganos integram um espectro de traços muito amplo a depender das condições de vida. No caso específico deste quadro, a pele clara e faces rosadas, cabelos maleáveis, ondulados ou lisos e ruivos. Sua testa é reta, olhos horizontais, provavelmente castanhos, nariz afilado, lábios delgados e queixo mediano. Ela reúne todos os atributos físicos inerentes ao grupo étnico cigano setentrional.

Fisionomicamente, os dados que Moraes Filho (1886), Coelho (1892), Moonen (1996, 2003) e Rezende (2006) trouxeram, e que explicitamos na seção anterior,

[53] Disponível em http://arteseanp.blogspot.com.br/2012/03/imagem-semanal-os-ciganos.html acesso em 07-jul-15

marcam como características a pele escura e cabelos pretos e longos, os olhos pretos e grandes, como dos hindus e dos árabes, nariz aquilina, pele amorenada recobrindo as feições que lembram os brancos, bem feitos e robustos, como os italianos, espanhóis, armênios e gregos. Esses atributos são prototipicamente representados no quadro de Manet, *The Gypsy* (1861-62):

[54]

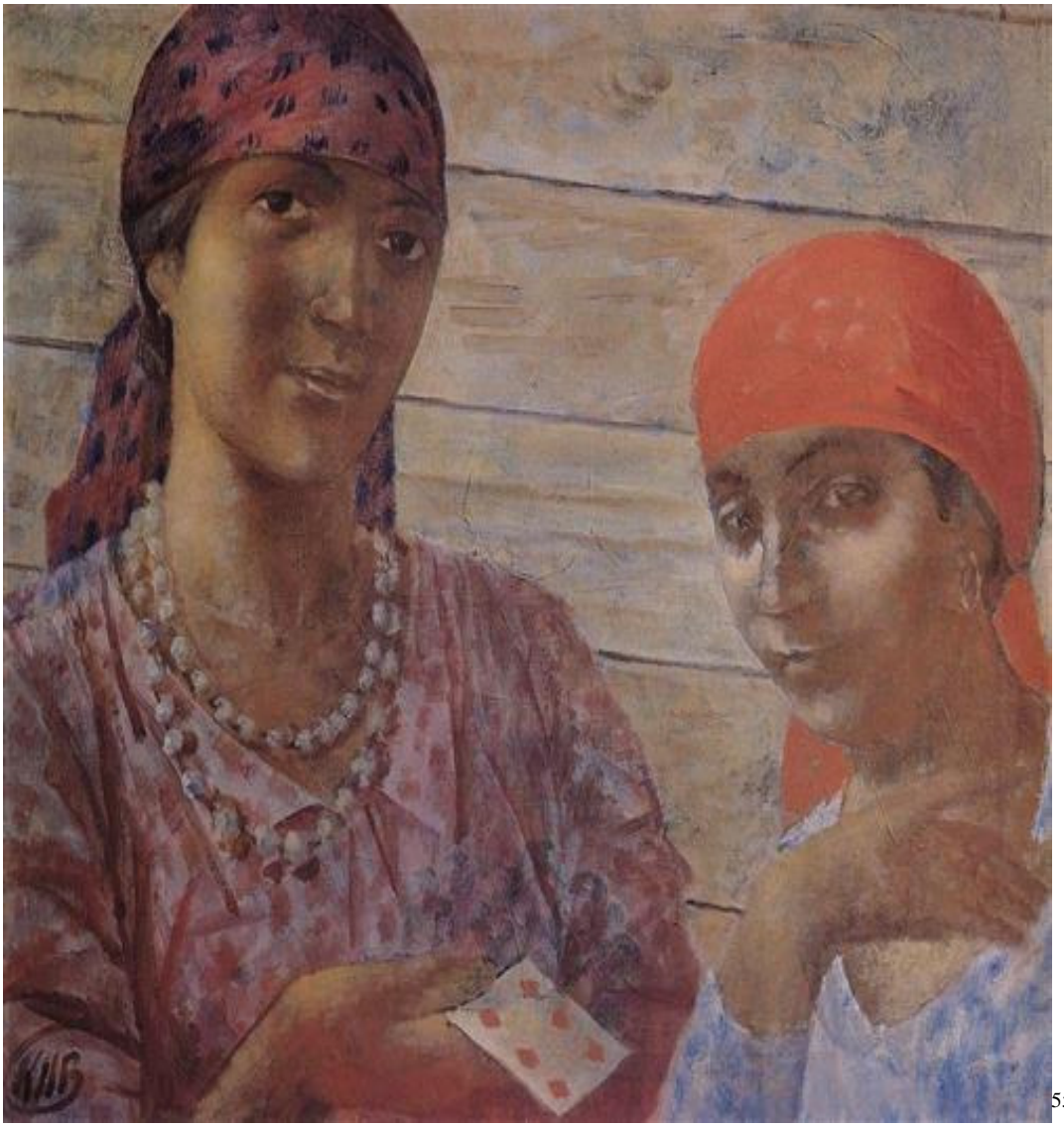
Quadro 11- *The Gypsy,* Manet (1861-1862)

Esta é uma tela do francês Édouard Manet, intitulada *The Gypsy* (1861-62) do século XIX. Está exposta atualmente no Museu de Louvre de Abu Dhabi. Assim como

[54] Esta foto foi disponibilizada por: Thierry Ollivier, no site especificado no rodapé. Disponível em https://www.google.com.br/search?newwindow=1&biw=1280&bih=643&tbm=isch&sa=1&q=edouard+manet%3B+gypsy&oq=edouard+manet%3B+gypsy&gs_l=img.3...3039.11132.0.11932.7.7.0.0.0.0.2420.3566.4-1j0j1j9-1.3.0....0...1c.1.64.img..6.1.2420.4X2ghLvF8rc#imgdii=qmsEIB2OTKL-ZM%3A%3BqmsEIB2OTKL-ZM%3A%3BiCN411zc5ytKAM%3A&imgrc=qmsEIB2OTKL-ZM%3A. acesso em 07-jul-15

retratou Manet, o historiador Moonen (1996) também expõe que o cigano é marcado como aquele que tem estatura baixa, e essa característica é remontada por grupos étnicos hindus.

A tela do pintor Kuzma Petrov-Vodkin (século XX), intitulada *Gypsy* (1926-1927), está exposta no Russian Museum, em St. Petersburg, na Rússia. Nela, pode-se observar uma mulher com a carta do naipe de ouros, o olhar trigueiro, a pele escurecida, cabelos negros e olhos escuros. A outra mulher, de estatura mais baixa, também tem as características físicas assemelhadas à primeira. A escolha dessa imagem permite reconhecer um traço profissional da mulher cigana, que é a cartomancia.



[55]

Quadro 12- *Gypsy* - Kuzma Petrov-Vodkin (século XX-1926-1927)

[55] Disponível em http://www.wikiart.org/en/kuzma-petrov-vodkin/gypsy-1927 acesso em 07-jul-15

Sobre as profissões, reunimos as várias formas de subsistência cigana, dentre as quais estão as profissões de ferreiro, quiromante, cartomante, circense e saltimbanco até comerciantes de tecido, roupas, joias e quinquilharias, cavalos (roubados) e bestas de carga. Essas formas de subsistência podem também ser alvo de representação nas obras de arte, tais como a seguinte.

Trata-se de pintura feita por Vincent Van Gogh (1853-1889), em *The caravan, gypsy camp near Arles*, pintada em 1888, exposta no Musée D'Orsay, Paris.

[56]

Quadro 13- *The caravan, gypsy camp near Arles,* de Vincent Van Gogh (1888)

[56] Disponível em *http://www.musee-orsay.fr/fr/collections/catalogue-des-oeuvres*; acesso em 07-jul-15

1.3. Síntese de traços ciganos

Logo no final da seção 3, por meio de Moonen, evidenciamos que os traços ciganos são ligados à vida na natureza e livre da fixação geográfica. Retomemos por outras palavras o que o autor afirma:

> Vida em barracas, preferência por roupas encarnadas, uma língua secreta, danças sensuais, endogamia; indivíduos sujos e horrorosos, medrosos e covardes, ladrões, mentirosos, sem noção do pecado [...], as mulheres tinham uma conduta imoral [...]." (Moonen, 2012, p.95);

No século XIX, o grupo étnico cigano foi marcado como não tendo religiosidade aceita pela sociedade dominante. A maioria era católica, ciganos devotos de Santa Sara Kali, mesmo assim, eram vistos como merecedores do inferno (Moraes Filho, 1886).

Nos séculos subsequentes, encontramos textos que afirmam que os ciganos eram maus elementos (Rezende, 2006) acusados de canibalismo, rapto de crianças, feitiçaria, furtos, que são marcas de castas inferiores vistos como racialmente degenerados, povo impuro (Ferrari, 2002), malditos, párias sociais, como explicam Moraes Filho (1886), Burton (1888), Moonen (2003) e Rezende (2006).

Fisicamente, pele, cabelos longos e olhos escuros remontam aos hindus, africanos e europeus setentrionais (Hilkner, 2008), mas isso não quer dizer que não haja ciganos de olhos verdes ou azuis e perfis ligados a povos europeus. Todas essas representações e variações podem ser surpreendidas nas telas que aqui reproduzimos.

Quanto a profissões ciganas, notamos que a maioria não exige leitura (Ferrari, 2002), mas não se eximem de trabalhos manuais e instrumentais. É o que vemos com os amestradores, ferreiros, circenses e quiromantes. Mais atualmente, são comerciantes de tecido, roupas, joias e quinquilharias, cavalos (roubados) e bestas de carga, como refere Teixeira (2008).

O nomadismo, ligado à boemia, é uma das características mais recorrentes do grupo étnico cigano; ser nômade é uma das necessidades dessa etnia, como apresentaram Liégeois (1988 *apud* Rezende, 2006), Derlon, (1997), Silva (2006) e Moonen (1996; 2003).

> A primeira onda de migração de que se tem noticias cruzou o Oriente Médio, foi para o sul da Ásia e, finalmente, seguiu para a Austrália. Dessa primeira experiência migratória, outras se seguiram. Os motivos eram tão diversificados

> quanto o número de deslocamentos (...) . Esse povo (os ciganos) por sua condição nômade vagueia pelo mundo desde muito tempo. (REZENDE, 2006)

Ler e organizar as ideias dos autores com os quais dialogamos, em seus livros e artigos, por meio dos termos de referência a ciganos permitem-nos reconhecer ecos que foram se consolidando ao longo do tempo, inclusive nas representações artísticas (vide seção 3.1). As crenças, avaliações e usos marcados retomam o que, no passado, foi marginal e episódico e, nas sincronias, soam como verdades irrefutáveis.

Como pudemos verificar, os autores vão colecionando atributos ciganos por meio de adjetivos que marcam a estigmatização e o preconceito até hoje em voga nas sociedades. Observemos a síntese desses traços:

Características físicas	
✓ Pele escura	Moonen (1996;2003)
✓ Cabelos pretos e longos	Moonen (2003)
✓ Olhos pretos e grandes	Moonen (2003)
✓ Nariz aquilina	Moonen (2003)
✓ Homens de pele amorenada, feições que lembram os brancos, bem feitos e robustos.	Coelho (1892)
✓ Baixa estatura, crianças nuas, moradia em tendas,	Moonen (1996)
✓ Ligados a um aspecto físico (como os mustalainen da Finlândia – "os negros")	Liégeois (1988 *apud* Rezende, 2006)
✓ Face trigueira	Moraes Filho (1886)

Tabela 04: Características físicas que perfazem a etnia cigana por fontes diversas.

Esses traços não são uniformes nem homogêneos, apesar de ciganos serem altamente integrados etnicamente independemente da região, se confrontados ou ameaçados por não-ciganos. As regiões de convivência histórica, no entanto, podem determinar traços mais ou menos similares quanto aos atributos físicos. É o que podemos depreender a partir da leitura de Lima:

> Em relação aos primórdios de suas origens não temos registros autênticos escritos, apenas contamos com os relatos da própria tradição oral, em forma de lendas, sagas, cantos, perpetuada pelos mais velhos dos grupos. Posteriormente, vamos encontrar os relatos de viajantes, mercadores e cronistas, narrando o encontro e os contatos com estes grupos de gente misteriosa e mágica. E quanto às tendas, elas contam de espaços vividos entre as regiões da Caldéia, do Egito e da Índia, sendo conveniente mantermos cautela quanto à emissão de consensos quanto à origem. Particularmente, acredito que a Índia represente um lugar nas trajetórias deste povo, dadas as diferenças de caracteres físicos entre os grupos, com predominância ora dos **traços semitas e mouriscos, ora daqueles indo-arianos**. Entretanto, são apenas suposições e até o presente, somente podemos conjeturar, apoiados nas

> narrativas da história oral e nas análises comparativas, pois não existe, ou não foi descoberta, nenhuma documentação concernente a este remoto passado. (LIMA, 2015, p.02) (grifo nosso)

Observemos, agora, a tabela que elaboramos, em viés social, a partir da visão do não-cigano se confrontado com o cigano. Notemos que classificar seus atributos avaliativos será o mesmo que recorrer a aspectos negativos dos grupos minoritários em contraste com os atributos avaliativos positivos que a sociedade dominante utiliza. Essa é a forma icônica que o grupo majoritário utiliza para se afastar da sociedade minoritária: pária social, boêmio, nômade, maldito, feiticeiro.

Atributos avaliativos	
✓ Boêmio	Unesco (1992)
✓ Nômade	Liégeois (1988 *apud* Rezende, 2006); Derlon, (1997); Silva (2006) Moonen (1996;2003)
✓ Malditos	Unesco (1992)
✓ Feiticeiros	Unesco (1992); Moraes Filho (1886)
✓ Pária social	Burton (1898); Unesco (1992); Rezende (2006);
✓ Não-alfabetizados	Ferrari (2002)
✓ França os chamados manouches e os romanichels [nos Estados Unidos]), ou de termos mais ou menos pejorativos e regionais,	Liégeois (1988 *apud* Rezende, 2006)
✓ Temor ou curiosidade	Hilkner (2008)
✓ (Cigana que lê a mão) inimigo que está no inferno ou por artifícios hábeis	Moraes Filho (1886)

Tabela 05: Atributos avaliativos pejorativos sobre a etnia cigana por fontes diversas.

Dentro dos parâmetros avaliativos, um grupo, ao observar o outro, inicia um processo de autoanálise para possível compreensão da alteridade e até de autodefesa, no compasso em que o não-cigano rotula negativamente o cigano. De outra perspectiva, o dito exótico ignora essa sociedade que o repele, mas não deixa de confrontá-la com seus costumes e hábitos ciganos.

A Unesco (1992) expõe os problemas sociais ligados aos povos de etnia com classe social menos prestigiada, a dos ciganos é um exemplo, marcada como boêmios,

malditos, feiticeiros e nômades, como também constatado por Moonen (1996, 2003), Hilkner (2008) e Ferrari (2002) e Rezende (2006)

> O resgate das imagens ambientais revela um espaço vivido extremamente fragmentado, resultado de experiências que conduzem à dualidade de um código de ética, valores e atitudes, na tentativa de prorrogar mais um pouco a sobrevivência dos diversos grupos Rom. [...] um espaço de encapsulamentos, onde as restrições não são encontradas somente em termos da ocupação de um espaço físico, pois trata-se de restringir a capacidade de expressão, de vivenciar os próprios estratagemas visando a conservação da vida. Ao resgatarmos as imagens de **nômades**, poderíamos questioná-las quanto à veracidade de sua gênese, tendo em vista, que configuram-se, através de milênios, como imagens de fuga (um falso-nomadismo?), que perduram até os dias de hoje, por todo o mundo.
> Em relação aos primórdios de suas origens não temos registros autênticos escritos, apenas contamos com os relatos da própria tradição oral, em forma de lendas, sagas, cantos, perpetuada pelos mais velhos dos grupos. Posteriormente, vamos encontrar os relatos de viajantes, mercadores e cronistas, narrando o encontro e os contatos com estes grupos de **gente misteriosa e mágica**. (LIMA, 2015, p.02) (grifo nosso)

Ladrões e maus caracteres adjetivam os ciganos, porém eles sempre estiveram às voltas com variadas profissões, que a necessidade de (sobre)viver os fez abraçar desde a primeira diáspora, o que nos leva a questionar a veracidade da avaliação negativa de quem os julgava. Essa conduta disseminou e projetou para as gerações futuras crenças a respeito de ciganos.

Ofícios e profissões	
✓ Amestrador	Unesco (1992)
✓ Ferreiros	Unesco (1992)
✓ Forjadores de metal	Unesco (1992)
✓ Quiromantes	Unesco (1992); Hilkner (2008)
✓ Dança ritualística e magia	Moraes Filho (1886); Hilkner (2008)
✓ Saltimbancos e circenses; quiromantes e comerciantes de escravos;	Dornas Filho (1948) Teixeira (2008)
✓ Indivíduos pertencentes às classes baixas, indivíduos racialmente degenerados	Moonen (1996) Rezende (2006)
✓ Impressos nas linhas de suas mãos	Hilkner (2008)
✓ Os ciganos no século XIX eram comerciantes de tecido, roupas, joias e quinquilharias, cavalos (roubados) e bestas de carga	Teixeira (2008)

Tabela 06: Ofícios e profissões dos ciganos, por fontes diversas.

Essas profissões foram encontradas nas obras de diversos pesquisadores das comunidades ciganas, dentre os quais está Pereira (2015):

> Podem ser nômades - os que caminham o tempo todo e vivem em barracas; semi-nômades - os que têm residência fixa, mas viajam por causa de **negócios** e os sedentários que não acampam mais, têm residência fixa, um nível econômico melhor e uma minoria deles chegou às universidades, exercendo os mais diversos tipos de profissão, tais como a de advogados, professores, antropólogos, médicos, assistentes sociais, etc. Os ofícios tipicamente ciganos como **tacheiros de cobre, quiromantes e cartomantes, violinistas, artistas de circo** são exercidos pelos nômades e semi-nômades, sendo que atualmente os ciganos são predominantemente comerciantes de automóveis, tapetes, colchas, jóias e bijuterias. Os sedentários que não têm nível universitário geralmente exercem esses ofícios ciganos. (PEREIRA, 2015, p.37,

Com isso, demo-nos conta de que a forma de ser de um povo determina as características de sua comunidade. A sociedade dominante o vê como um grupo de dominados, como reforço do estigma que forma a avaliação negativa fortalecendo o preconceito social. Analisemos, a título de exemplo, a síntese das obras lidas em relação com avaliações:

Descrição da comunidade	
✓ Tribo errante	Houaiss e Villar (2001)
✓ Pária social	Burton (1898); Unesco (1992); Rezende (2006);
✓ Povo repugnado	Barth (1990)
✓ Povo impuro	Ferrari (2010)
✓ Casta inferior	Unesco (1992); Rezende (2006);
✓ Vida em barracas, preferência por roupas encarnadas, uma língua secreta, danças sensuais, endogamia; indivíduos sujos e horrorosos, medrosos e covardes, ladrões, mentirosos, sem noção do pecado [...], as mulheres tinham uma conduta imoral [...]."	Moonen (2012)
✓ Raízes hindus e espanholas	Hilkner (2008)
✓ Viver em cavernas ou habitações primitivas junto de animais selvagens	Rezende (2006)
✓ "Canibalismo, rapto de criança, (...) Conhecimentos de medicina (curandeirismo) e feitiçaria para envenenamentos de animais e pessoas, heresia e furtos".	Rezende (2006);
✓ Dentes encapados de metal dourado, os mais ricos ainda fazem questão de usar dentes de ouro, as tradicionais roupas coloridas (vestidos rodados para as mulheres, adornos característicos como pulseiras, anéis, brincos e correntes), o hábito nômade, ou seminômade.	Silva (2006)
✓ A tatuagem	Hilkner (2008)

Tabela 07: Descrição da comunidade cigana pelos autores, por fontes diversas.

Esse é o poder da palavra e da língua, que veiculam concepções dos grupos de maior poder. Retomaremos esses dados para verificar como esses ecos se confirmam e também serão informações preciosas para cotejarmos com os resultados do trabalho de campo que realizamos.

Capítulo II – Teorias da linguagem a serviço da visão holística humana

À conta dos ciganos, todos furtamos (ditado cigano)

Quadro 14- La Bohémienne et ses enfants (1857) - Gustave Coubert

O objetivo deste capítulo é apresentarmos os aspectos teóricos do campo da sociocognição que permitem discutir o estigma e o preconceito. Esses fundamentos se completam com aspectos, mecanismos e princípios que nos guiarão na análise dos dados. Além do referencial teórico, apontaremos as decisões metodológicas pontuais tomadas com vistas a possibilitar a formulação de respostas aos objetivos previamente traçados, com base nas amostras constituídas para a recolha dos dados, que antecederá a analise.

Neste capítulo, apresentamos os postulados e pressupostos teóricos que nos orientaram na reflexão sobre os estigmas e os preconceitos que impactam o grupo cigano. Foram essas reflexões responsáveis pela identificação de caminhos científicos para a compreensão da cultura cigana à luz do discurso de não-ciganos. Inicialmente, discutiremos os conceitos e as formas de estigmatização geradas socialmente. E por envolver esse aspecto social, travaremos diálogo com as ideias de Labov (2001), de Lippmann (1961[1922]) e de Goffman (1993). Posteriormente, visitaremos os postulados relativos ao pensamento humano e como ele se processa na mente, daí consultarmos, dentre outros, Mithen (2002), Maturana e Varela (2011) e Tomasello (2003). E, como buscamos um atalho para a descrição linguística das avaliações, recorreremos a autores que estabelecem a relação entre a representação mental e a materialidade linguística, dentre os quais citamos Croft (1990), Givón (1995; 2009), Neves (2006), Lima-Hernandes (2007), Martelotta (2011), Cunha (2011) e Ribeiro (2015).

E, remanescente das ideias givonianas, partiremos para a definição de contexto como altamente atrelado à mente do outro. Dessa forma, assumimos que os contextos comunicativos linguisticamente são passíveis de codificar expressões de avaliação sobre o interlocutor à luz das ideias de um locutor. Essas alteridades, em perspectivas diferentes, produzem, com relação ao objeto sob estudo, o estereótipo. Isso se deve, como já argumentamos no capítulo I, à relação de grupos considerados de maior influência na formação da sociedade em contraposição a grupos com menor representação e legitimidade social. Para lidarmos com contextos comunicativos, apoiar-nos-emos em Austin (1975) e Azeredo (1999).

2.1. Para uma abordagem linguística funcionalista

> *A intuição por trás de iconicidade é bastante simples: a estrutura da língua reflete de alguma forma a estrutura da experiência, isto é, a estrutura do mundo, incluindo (em muitas visões funcionalistas) a perspectiva imposta ao mundo pelo faltante* (CROFT, 1990, p.164).

O foco da abordagem funcionalista está no uso das expressões linguísticas dentro da interação social, mediando as relações comunicativas dos interlocutores. Nesse

sentido, para funcionalistas, a língua existe para ser um instrumento de interação social (Dik, 1978), tendo como principal função a de mediar a comunicação dos interlocutores. Estes usam as expressões linguísticas de forma apropriada nos modelos de interação verbal, que só recebem profundamente sua significação quando dentro de um contexto, determinado por informações situacionais. Numa perspectiva geral, para os funcionalistas, a linguagem não constituiu um conhecimento único, mas isso não é novidade do século XXI.

Halliday (1977, *apud* Neves, 2007) já explicitava também os fatos mais internos ou intrínsecos relacionados à língua. Seu desenvolvimento teórico permite reconhecer as variadas funções da linguagem, bem como verificar que a organização interna não é tão aleatória como se poderia intuir no início do século XX. Há estruturas linguísticas que exteriorizam a necessidade que o grupo social tem de usar a língua em todos os seus vieses: "A pluralidade funcional se constrói claramente na estrutura linguística e forma a base de sua organização semântica e simbólica, ou seja, lexical e gramatical" (Neves, 1997:12). Segundo Halliday, a linguagem desenvolve três funções:

1. Função Ideacional – a linguagem é usada mediante a necessidade de expressão de conteúdo específico, então os interlocutores usam a língua como veículo em que organizam e agregam desde suas experiências até as trocas nos atos linguísticos envoltos na compreensão e no entendimento do que é veiculado.

2. Função Interpessoal – O interlocutor tem a linguagem como recurso de interação em um evento de fala. A língua expõe o universo interno e externo dos interlocutores.

3. Função Textual – todas as unidades linguísticas estão envoltas na contextualização, no cotexto e na situação.

Conforme essa orientação funcionalista, identificar as ocorrências de padrões distintos de função se faz necessário para que a análise se desenvolva em sintonia com o que de fato os falantes empregam em situações espontâneas de uso. A sistematização que daí decorre facilita o trabalho do investigador/analista da língua, que visa a recuperar o significado das expressões explicitadas pelo falante e a reconhecer os motivos que conduziram à sua manifestação.

As propostas do modelo funcionalista de análise linguística explicam que a língua constitui um sistema de conhecimento integrado e dependente do comportamento social que é refletido nas diversas situações comunicativas. Então, o foco para a análise da linguagem por meio do modelo funcionalista está no fato de ser a estrutura da gramática explicada como resultado de funções de outras esferas, especialmente os níveis da cognição e da comunicação, cabendo à estrutura gramatical espelhar a situação comunicativa.

A teoria da gramática funcional considera a competência comunicativa uma capacidade dos interlocutores de codificar e decodificar as expressões com o intuito de interpretá-las de forma apropriada ao contexto e à situação.

Em 1994, Halliday expôs que a língua deve ser interpretada como um sistema de significados. A partir dali, reconhecendo que a gramática é natural, muitos linguísticas passaram a explicar a língua em uso, no discurso, um exemplo disso está nos trabalhos desenvolvidos por Braga e Neves (1998), cuja orientação funcionalista favoreceu que uma reflexão sobre os dados linguísticos fosse orientada pelos seguintes aspectos:

a) nenhuma forma pode ser compreendida sem se considerar sua função. É necessário integrar o estudo da forma, do significado e do uso;

b) toda a expressão linguística é guiada por dois sistemas: regras constitutivas da forma (semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas) e regras de organização e hierarquização conversacional (pragmáticas);

c) A frequência de uso deve ser considerada como elemento importante na análise funcionalista.

d) todos os subsistemas linguísticos são hierarquizados. (das unidades menores para os conceitos mais amplos, a saber: fonológicos → morfológicos → sintáticos → semânticos → pragmáticos)

e) o ponto de partida da concepção funcionalista é considerar o sistema semântico como prioritário em relação aos demais.

Mais recentemente, a abordagem funcionalista iniciou um diálogo bastante produtivo com as ciências da cognição. A partir de então, tratar de função remete a considerar não só as funções da linguagem, mas as intenções, as ressignificações, o papel do outro na compreensão e na articulação do sentido são alguns aspectos a serem considerados. Nesse sentido, vale à pena visitar as considerações de Cunha (2011) acerca dessa integração língua e mente:

> ‘processos gerais de pensamento que os indivíduos elaboram ao criarem (...) um conjunto de atividades comunicativas, sociais e cognitivas integradas ao restante da psicologia humana, tal como afirma Martelotta significados, adaptando-os a diferentes situações de interação com outros indivíduos. Ou seja, os conceitos humanos associam-se à época, à cultura e até mesmo a inclinações individuais caracterizadas no uso da linguagem’. ‘(...) o modelo funcionalista de análise linguística caracteriza-se por duas propostas básicas:
>
> a) a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si;
>
> b) as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico’. (CUNHA, 2011:158)

A estrutura sintática e a organização cognitiva e semântica se coadunam para que falantes e ouvintes compreendam o conteúdo na linguagem utilizada. Portanto, pode-se afirmar que a linguagem é entendida a partir da semântica, desde o fazer (pragmatismo) até a união dos termos relacionados à fala (sintaxe) em que o falante adquire competência comunicativa para desenvolver-se na interação dentro do âmbito social.

Givón (1995:343) explica que o tópico semântico-discursivo pode ser observado como um elemento do texto e, também, como um fenômeno cognitivo na mente do falante. Ele refere, nesse momento, a complexidade[57] como uma propriedade de entidades organizadas, de organismos ou sistemas. Tais propriedades estabelecem relação em vários níveis. Então, a função comunicativa pode ser definida heuristicamente: com base no texto, ou cognitivamente: com base no processo.

[57] Complexity is a property of organized entities, of organisms, or systems. (…) Within an organized system, simple entities may bear relations to the systems as a whole, or to its sub-parts, or to each other (Givón, 2009,p.03)

"As possíveis correlações entre linguística e complexidade cognitiva:

> a. Codificação: eventos mentalmente-representados mais complexos são codificados por estruturas linguísticas e sintáticas mais complexas.
> b. Processamento I- os eventos mais mentalmente representados mais complexos requerem mais operações de processamento mental. Portanto,
> c. Processamento II- estruturas sintáticas mais complexas exigem mais complexas operações de processamento mental[58].

Com a finalidade de alcançar esse desenvolvimento, Neves (2001:41-47 *apud* Ribeiro, 2015) explica que os dados se localizam em um *input* extenso, constante do contexto natural, em que a competência comunicativa ocorre de forma interativa.

> Um dos aspectos relacionados às línguas humanas que mais têm intrigado os linguistas é sua fluidez (Martellota, 2011:57), ou seja, diferentes formas para diferentes indivíduos, situações e épocas distintas. Fatores como ambiente, gênero, idade, escolaridade, visão compartilhada de mundo, entre outros, estariam diretamente relacionados às escolhas dos falantes e, com isso, na ordem das palavras no discurso.

Os processos discursivos são, deste modo, levados em consideração em todas as etapas de análise de dados. Para tanto, alguns princípios e categorias funcionalistas facilitam a tarefa de identificar essa relação de uma língua-cognição, agindo num sistema funcional. São eles: princípio de iconicidade, princípio de informatividade e atuação dos planos discursivos. Há, ainda, um princípio - cognitivo e ao mesmo tempo demanda o controle atencional do indivíduo - que age em combinação com os princípios e categorias anteriormente citados: o da marcação.

---

[58] Coding: more complex mentally-represented events are coded by more complex linguistic/syntactic structures.
Processing-I- More complex mentally-represented events require more mental processing operations. Therefore,
Processing-II- More complex syntactic structures require more complex mental processing operations. (GIVÒN, 2009, 12)

2.2 - Princípio de iconicidade

Este princípio por ser compreendido como uma relação "natural e motivada entre forma e função (...) entre código linguístico (expressão) e seu significado (sentido)" (Martellota, 2011:167), favorece que o analista reconheça que a estrutura da língua reflete a da experiência. Nesse sentido, a primeira estrutura é um caminho para a elucidação de como a mente organiza a informação e, também, como o ser humano conceitua o mundo.

Iniciamos esta seção com Croft (1990) em uma citação sobre o significado de 'iconicidade' e como esta nos auxilia na interpretação de dados da pesquisa. Autores elencados para conceituar o termo 'iconicidade' são diversos, conforme observado na tese de Ribeiro (2015), encontramos respaldo em Neves (2006, p.23) que traz em uma das definições que iconicidade é a "motivação icônica para a forma linguística", havendo uma relação natural e motivada entre forma como expressão a partir do código da língua e função sendo o conteúdo, ou seja, o significado desse código evidenciado por seu uso na malha textual disposta no discurso proferido pelo falante.

O princípio da iconicidade está ligado intrinsecamente em uma relação motivada entre a expressão e o conteúdo, mais especificamente, para os funcionalistas, a estrutura da língua reflete a estrutura das experiências do falante, de seu mundo, então a linguagem reflete a conceitualização do falante sobre o seu mundo para compreendermos suas formas de pensamento.

Encontramos apoio no texto de Lima-Hernandes (2007) para compreender esse princípio em forma e uso, como apresentamos no quadro a seguir:

Termos	**Significado**	**Autores ou linhas de pesquisa**
Princípio da iconicidade	Relação motivadora unívoca, isomórfica entre forma e função.	Bolinger (1975) *apud* Lima-Hernandes (2007)
Relações signo x objeto	Três elementos: ícone, índice e símbolo	Peirce (1945) *apud* Lima-Hernandes (2007)
Ícone	A relação de semelhança estabelecida entre o signo e a realidade exterior	
Índice	A relação de contiguidade	
Símbolo	A relação convencional	

Signo icônico-conceito de iconicidade	Relação motivada por domínios sígnicos Elementos menores do que o signo – como ocorre com os morfemas. Elementos maiores – como ocorre com as sentenças complexas.	Funcionalistas e Sociolinguistas
Princípio da iconicidade linguística	A ordem dos elementos na língua como fruto da ordem de conhecimentos decorrentes da experiência física.	Greenberg (1966) *apud* Lima-Hernandes (2007)
	"Ordem de menção"- experiências físicas - Ordenação linear respeita a ordem de acontecimento dos fatos "Orações devem preferencialmente ser ordenadas segundo as relações conceptivas ou temporais, decorrentes dos fatos ou estados de coisa que designam" O subprincípio da integração explica que os conteúdos, cognitivamente mais próximos, estão mais integrados no nível da codificação, ou seja, o que está mentalmente próximo, se apresentará sintaticamente próximo.Então, a distância formal corresponde à distância conceitual	Dik (1997, p. 134)
Iconicidade e suas motivações	a) a distância lingüística entre expressões corresponde à distância conceptual entre elas; b) a separação lingüística de uma expressão corresponde à independência conceptual do objeto ou evento o qual representa; c) a distância social entre interlocutores corresponde à extensão da mensagem, com conteúdo referencial igual.	Haiman (1983, p. 782-3)
Motivações	Distância conceptual, por individuação e por distância social. Atuantes em categorias de causa, ordenação, transitividade - paralelismo formal entre distância conceptual e formal.	
	Distância conceptual Individuação – Independência conceptual e independência formal. Distância social - Distância física e suas relações paralelas com a distância social, tanto instrumental quanto referencial.	
Princípio geral	Continuidade tópica discursiva - A iconicidade aparece como explicação parcial para vários fenômenos lingüísticos	
Subprincípios	Manifestação da iconicidade: quantidade, proximidade espaço-temporal e ordenação espaço-temporal.	Votre (1992) e Votre *et al*. (1999); Neves (1997) *apud* Lima-Hernandes (2007)

a) Iconicidade de quantidade quanto maior a informação, maior a forma	Subprincípio da quantidade, desencadeadores de forma maior a informação maior, ou seja, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, A estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa. A complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade de expressão aquilo que é mais simples e esperado se expressa com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo.	Cunha, Costa e Cesário (2003), *apud* Lima-Hernandes (2007) Neves (1997, p. 109)
c) Iconicidade de independência: separação lingüística de expressão independência conceptual	Iconicidade temporal: representação lingüística de determinados eventos, o gerenciamento da ordem lingüística pela ordem dos acontecimentos no mundo real. Informações mais importantes, mais previsíveis e imprescindíveis para assegurar a cadeia de significados aparecem em primeiro lugar na cadeia sintática. A ordem de elementos no enunciado mostra o lugar de importância do significado daquela construção para o falante	Neves (1997, p. 109)
d) Iconicidade de ordenação: grau de importância determina a ordem		
e) Iconicidade de complexidade: forma plural maior do que forma singular		
f) Iconicidade de categorização: sujeitos são preponderantemente agentes e objetos, pacientes		
Tabela 08: Iconicidade		

O princípio da iconicidade pode ser observado por meio dos seus subprincípios, dentre os quais utilizaremos o que rege a ordem sequencial e a topicalidade. O subprincípio da ordem só ocorre em contextos discursivos mostrando a relação entre uma informação veiculada e a ordem sintagmática na sentença, a informação já conhecida ocorre em posição inicial, oposto à informação nova. (GIVÓN, 1990), o que nos traz o subprincípio da topicalização. Este subprincípio é mais complexo por sofrer a influência de mecanismos sintáticos e contextuais (discursivos): o tópico é similar ao assunto mediado por uma estrutura hierarquizada; já a sintaxe se mostra pelas disposições sintagmáticas.

2.3- Em busca de um diálogo com Austin - atos de fala

Se for o teu irmão que te ofende, o teu sofrimento é dobrado (Ditado Cigano)

A partir das pesquisas e das obras desenvolvidas por Austin (1975), pudemos verificar a tripla divisão em que o ato de fala pode ser analisado:

Locucionários – em que a expressão linguística produz os aspectos fonéticos do vocabulário e a articulação entre a sintática e a semântica,

Ilocucionários e performativos – os que têm força e aspectos tanto para reforçar algo negativo quanto positivo dentro da mensagem proferida no ato de fala. Nesses casos, a realização da ação é contida no enunciado.

Perlocucionário – apresenta o efeito produzido sobre o interlocutor

Acreditamos que, no caso específico da fala dos não-ciganos sobre os ciganos, o ato locucionário consubstancia-se a partir de relações sociais previamente existentes em uma instituição.

> Pois, afinal, 'fazer algo' é uma expressão muito vaga. Ao emitirmos qualquer enunciado, não estamos 'fazendo algo'? Certamente as formas como falamos sobre 'ação' estão sujeitas aqui, como em outro lugar, a serem confundidas. Por exemplo, podemos contrastar homens de palavras com homens de ação, podemos dizer que eles não fizeram nada, apenas falaram ou disseram coisas: novamente, podemos contrastar apenas o pensar em algo com o ato de, de fato, dizê-lo (em voz alta), sendo o contexto de dizê-lo é o mesmo do de fazer algo. (AUSTIN, 1975: 92)

Mesmo que o grupo dominante tenha mais força de dizer, a não ser que esteja representado por uma instituição socialmente legitimada, ele não ocupa o espaço de transformação do dizer em fazer, como nos atos ilocucionários; entretanto, na medida em que pensamos no insulto e na discriminação que evidenciam o preconceito entre elementos do grupo socialmente dominante para com outro grupo socialmente dominado parece que o primeiro ganha visibilidade em comparação ao grupo segundo.

Falar do 'uso da linguagem' para argumentar ou advertir' parece caracteristicamente com falar do 'uso da 'linguagem' para persuadir, despertar, alarmar'; contudo, o primeiro (uso) pode, por contraste grosseiro, ser considerado convencional, no sentido em que poderia pelo menos ser explicitado pela fórmula

performativa; mas o último não poderia. Assim, podemos dizer ‘eu argumento que’ ou ‘eu advirto que’, mas não podemos dizer ‘eu o convenço de’ ou ‘eu o assusto’. (AUSTIN, 1975: 103-104)

Austin, ao tratar dos atos perlocucionários, seleciona o verbo ‘insultar’. Segundo ele, como não existe uma fórmula para explicitar o insulto, ou seja, não é lógico dizer: ‘agora irei insultar a quem me ouve’, então “insultar” não pode ser concebido como ato ilocucionário. Só no ato de dizer é que o fazer ocorre, isso fica evidente com o verbo ‘insultar’, que só é analisável na descrição e na avaliação, como explica Austin (1975: 122), o uso do verbo ‘insultar’ é mais contundente quando o propósito da ação não é exteriorizado antecipadamente:

> [...] atos perlocucionários não são convencionais, entretanto, atos convencionais podem ser usados para dar prosseguimento ao ato perlocucionário. Um juiz poderia ser hábil para decidir, ouvindo o que foi dito, que atos locucionários e ilocucionários foram realizados, mas não que atos perlocucionários foram levados à realidade.

Para exteriorizar um ato de fala, o interlocutor depende de diversas variantes com a finalidade de atingir o seu par interlocutivo, especificamente no que tange ao verbo ‘insultar’.

> [...] devemos sempre nos lembrar da distinção entre produzir efeitos ou consequências que são intencionais ou involuntários; e quando o falante pretende produzir um efeito, ele pode, no entanto, não acontecer e quando ele não pretende produzi-lo ou pretende não produzi-lo, ele pode, contudo, ocorrer. (AUSTIN, 1975: 106)

O estudo dos atos de fala como base da linguagem que se transforma em ação, não traz apenas um significado, mais vai além, ou seja, é a representação da ideologia do grupo social de maior prestígio para com o de menor prestigio, evidenciando seus lados opostos: a curiosidade que o grupo primeiro tem sobre o segundo e as estigmatizações recorrentes aos segundo.

Para Luhmann (1997) há um jogo nem sempre intencional entre o novo e a tradição, mesmo assim, as intenções, como resultantes de atos comunicativos, são passíveis de uma análise que versam por atos de fala elucidativos ou intensificadores, a primeira minimiza os conflitos intergrupais e a outra mantém esses conflitos resultando em formações de estigmas e preconceitos contra o grupo social de menor prestígio.

Após uma breve incursão nos atos de fala com enfoque no verbo 'insultar', torna-se relevante recorrer às contribuições de Givón (2005) que sugere que para se compreender o contexto, devemos partir de uma construção psicológica e não apenas do que existe exterior ao sujeito. Com isso, o autor pretende observar, a partir da pragmática, os campos da cultura, sociedade e comunicação. Ele defende que as intenções precisam ser analisadas além de uma perspectiva sociocultural.

Givón (1984), incentivado pela leitura de Sankoff e Brown (1976) sobre evidências de motivações discursivas geradoras de estruturas sintáticas, desenvolve diversos estudos sobre o fato de a sintaxe "desempenhar uma função, e é essa função que determina a sua maneira de ser" (Martelotta, 2011:164)

As motivações discursivas nos encaminharam para notar que no ato de fala há uma consideração sobre o que profere e à quem recebe o que foi proferido. Em se tratando de ciganos, no ato de fala há desde a escolha lexical até o local em que o termo *cigano* é colocado propiciando a análise como a escolha do termo para insultar.

2.3.1- O ato de fala e o insulto

Azeredo (1999:09) explica que "o ato de dizer/escrever se dá em um contexto que inclui ouvinte/leitor, assunto, tempo, espaço. Quem diz/escreve normalmente o faz buscando a comunicação". Contando com plausibilidade dessa afirmação, lidar com graus de merecimento ou desmerecimento no teor da fala dos interlocutores e identificar se essas características são individuais ou grupais, parece ser um bom caminho para lidar com a reciprocidade à ideologia pertinente à sociedade dominante e, concomitantemente, verificar se o conteúdo desses falares são apenas reproduções de alguns interlocutores pouco representativos em relação quantitativa.

2.3.2- Análise da escolha e motivações de uso dos itens lexicais

Se a forma de codificar intenções é relevante somente dentro de contextos de uso, não se pode ignorar que esse aprendizado da equação [contexto=intenção] se inicie já

desde os momentos tenros do exercício na linguagem. Sendo assim, tratar de aquisição da linguagem, com enfoque na visão sociocognitivista, é requerido neste momento. Esse objetivo toma por base que toda ação de linguagem se manifesta em sociedade, o que torna os aspectos: social, interacional e o cognitivo, indissociáveis das intenções do ato comunicativo.

Martelotta (2011) explica que houve processos referentes à evolução biológica e à seleção natural que foram fundamentais para "... o surgimento das habilidades necessárias para os humanos lidarem com tecnologias, formas complexas de organização social e comunicação" (Martelotta, 2011:213). Por isso, esse autor explica que o conjunto de habilidades cognitivas é resultado de um tipo de processo de transmissão cultural, com evolução cultural cumulativa para além da criação.

A evolução cultural cumulativa marcada pela transmissão social se torna aprendizado cultural, pois a "compreensão capacita os indivíduos a imaginarem-se 'na pele' de outra pessoa e, portanto, ele pode aprender não apenas com a outra pessoa, mas através da outra pessoa" (Martelotta, 2011:213). Desse modo, ao compreender o outro, compreendemos a nós mesmos.

A partir das escolhas lexicais até a formação do discurso, todos os itens que compõem a expressão oral estão marcados dentro de uma análise profunda e ampla, tal como já orientado por Hermann Paul (*apud* Lima-Hernandes 2010:10) já no final do século XIX, o que mostra a importância dos itens ou unidades em seus papéis de frequência e de gradiência categorial, sendo que:

> O agrupamento [das palavras] faz-se tanto mais facilmente e torna-se tanto mais sólido, por um lado quanto maior for a concordância e significação no aspecto fonético, por outro lado quanto mais profundamente estiverem gravados os elementos capazes de formar um grupo. No último caso interessam para os grupos de proporções, por um lado, a frequência de cada uma das palavras, por outro lado, o número de proporções análogas possíveis. Onde os vários elementos são demasiado pouco marcados ou a sua concordância recíproca é muito fraca, eles ou não se associam ou a associação permanece pouco sólida. Também aqui são possíveis várias graduações. (...) Aqueles grupos de proporções que adquiriram um determinado grau de solidez são de importância eminente para toda a atividade da fala e para toda a evolução da língua. (1983[ano]:120, *apud* LIMA-HERNANDES 2010:10)

Nos estudos de Givón (1990) sobre a sequência em que as palavras são sintagmaticamente dispostas, ele percebeu que o grau de informatividade e não apenas pelo valor semântico podem ser instrumentos valiosos para o estudo pragmático:

> (...) os elementos da língua se apresentam de modo distinto em diferentes situações. O fato de um elemento constituir uma informação conhecida em um determinado contexto de comunicação atribui a ele determinadas características formais. (...) esse fenômeno é caracterizado por Givón (1990) como o subprincípio icônico da relação entre ordem sequencial e topicalidade (...) que prevê uma conexão entre o tipo de informação veiculada por um elemento da frase e a ordenação(...) (MARTELOTTA, 2011:82).

Essas ideias nos conduziram a desenvolvermos alguns padrões para nos auxiliar a compreender o fenômeno de polaridade negativa.

O estudo de uma língua pela comunidade de falantes com a finalidade de se comunicarem, construírem na dinamicidade, própria das línguas, o mundo da comunidade de falantes, ou seja, do grupo social, imbuído de propósitos, intenções e manipulações relativas à enunciação, essas são algumas das questões meneadas pela abordagem funcionalista. Então, a linguagem observada nas enunciações, está envolta em funções, analisadas por diversos teóricos:

Esses aspectos levam o falante a diversas possibilidades de comunicação na veiculação do discurso. Já o interlocutor recebe o que é veiculado, mas nem sempre, com toda a informação proferida pelo falante, ela é prontamente compreendida, portanto a cognição e linguagem dependem mutuamente do âmbito cognitivo.

Na área da cognição, é a gramática composta por propriedades sintáticas, morfológicas que se ligam à forma da construção, sendo um elo simbólico com o sentido, ou seja, com as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais (Croft, 2004: 354)

O foco desta seção está na breve apresentação sobre as bases teóricas da gramática funcional, pontuando que dada construção da língua pode desenvolver diversas funções mediadas pelo contexto ao qual se insere, portanto a língua é dotada de

uma variação e de uma mudança semântica, relacionada à função que a construção exerce no discurso.

2.4. A linguagem e a mente: inter-relações

> *Os humanos arcaicos parecem ter sido muito semelhantes a nós sob alguns aspectos, porque possuíam esses domínios cognitivos especíalizados, mas também parecem muito diferentes porque lhes faltavam um ingrediente vital da mente moderna: a fluidez cognitiva.*
> (MITHEN, 1996, p.225)

Construída ao longo do tempo, hoje, a mente pode ser considerada como um produto da evolução humana pela sua estrutura funcional complexa e abstrata, fruto de um processo evolutivo que se iniciou há milênios e ainda está se desenvolvendo. Essa evolução é observável na realização de julgamentos, críticas e inferências aos estados mentais que motivam o ser humano à ação, por suas crenças, desejos, intenções, imaginação, emoção ou qualquer outro aspecto ou atributo social.

Mithen (2002) explica que podemos resgatar a filogênese e compreender a ontogênese da espécie com a observação do desenvolvimento cognitivo. Isso se torna possível por meio da análise de pistas sobre o comportamento humano, revelado de modo gradual e em crescente complexidade por meio de raciocínio, hábitos, gestos impensados (respostas do corpo humano às ações do meio e de outros indivíduos), sendo a interação comunicativa um dos pontos cruciais a ser observado.

A interação pode ser, assim, delimitada pela abordagem funcionalista, que prevê a linguagem como um instrumento utilizado na interação social, interligado ao ambiente social. Assim, toda a análise deve partir e tomar como enfoque a situação comunicativa que, de acordo com Cunha (2011:157):

> (...) envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo - a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.

Isso só é possível, naturalmente, se partirmos da concepção de linguagem como formada por um "(...) complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas integradas ao resto da psicologia humana, ela evidencia os processos de pensamento no momento em que cria significados adaptando-os às diferentes situações de interação (...) os conceitos humanos associam-se à época, à cultura e até mesmo a inclinações individuais caracterizadas no uso da linguagem" (Cunha, 2011:158). Essa caracterização que se faz notar no objeto de pesquisa selecionado: a evidência da estigmatização no discurso sobre ciganos, por meio do uso de construções avaliativas e/ou de valoração com polaridade negativa feitas pelos não-ciganos.

2.4.1-Para uma abordagem sociocognitiva

Este item constará das pertinentes teorizações de Maturana e Varela (2011) que versam sobre a árvore do conhecimento na formação biológica do humano, revertendo essas bases para a relação entre os humanos, o ambiente, as expectativas e envoltos no domínio experiencial que retroalimenta as ligações neurais para o desenvolvimento das camadas cerebrais responsáveis pela cognição. Também os autores saem do viés biológico e adentram o social pontuando que os grupos sociais se fazem com a visão de mundo do 'eu' comparada à de mundo do 'outro'. Logo, a relevância das diferenças para a sociedade é que elas podem ser eficientes auxiliares na construção do respeito para que as experiências possam ser trocadas e desenvolvidas no mundo de cada 'eu'.

Maturana e Varela (2011) discorrem sobre o convívio humano analisado dentro do desenvolvimento social; as questões primeiras são voltadas ao autocontrole, ao domínio social e à convivência como elementos do processo de aprendizagem social que permeiam as ações humanas desde sempre. Há questões sobre conflito entre os seres humanos, responsabilidade social no conhecer a si e ao outro como reflexo do seu 'eu' ou 'ego' (Luhmann,1997). Analogicamente, revertem essas questões a uma metáfora de um estádio de futebol bélico, no qual os seres humanos digladiam ao expor e salvaguardar o que acreditam ser a visão de seus mundos como as corretas em relação a dos outros.

> (...) como se nosso planeta não tivesse outro destino, que não o de ser um gigantesco estádio de futebol bélico em que o jogador inimigo se nos apresenta sempre como que atentando contra os nossos mais sagrados valores, lá longe, na espessa noite de sua maldade preconcebida, sem que jamais pensemos que talvez o processo de aprendizagem social seja uma só trama apertada de relações humanas,

> na qual nossos próprios atos estão contribuindo constantemente para aumentar a polarização e a divergência social, cavando com isso nosso próprio abismo, mesmo quando acreditamos lutar pela nobre causa da "verdade" que o outro, em sua cegueira intencional, não pode nem quer reconhecê-la como tal (MATURANA E VARELA, 2011:16).

Além de analisarem os seres humanos como conflituosos, os autores apontam as falhas do processo de conhecimento para a apropriação do saber, pois as teorias existentes relacionadas ao comportamento humano não desenvolvem a contento bases sobre a organização do ser vivo, do sistema nervoso, do social, das relações comportamentais que são os fundamentos da formação cultural.

Junto desses fatores há o da área genética posto que "o sistema nervoso em seus processos de percepção, opera captando, processando, acumulando e transmitindo informação" (Maturana e Varela, 2011:13). Ampliam que o conhecer é um fenômeno biológico. Também defendem que a harmonia social é enfatizada pela confiança, paz, respeito, amor ao outro ser humano, evidenciados na colaboração, parte da solidariedade social: "o universo de conhecimentos, de experiências, de percepções do ser humano não é passível de explicação a partir de uma perspectiva independente desse mesmo universo" (Maturana e Varela, 2011:14).

Conhecer a si mesmo e reconhecer, no outro, a parte do humano que carregamos, revelada nas diferenças, favorece o respeito ao outro e a si próprio. Daí, podermos assumir que a conscientização dos estereótipos desenvolvidos no convívio social é o primeiro passo para minimizar o preconceito sofrido pelo grupo de menor prestígio s. Saber que o preconceito é desenvolvido e ratificado com o passar do tempo, com ações de desrespeito para com o outro ser humano, portanto não se trata de uma herança genética, mas de um desvio do relacionamento, que não prevê o 'outro' ou 'alter' e o 'eu' ou 'ego' como continuidade, mas como contorno limítrofe de convívio: "(...) nunca atingiremos uma convivência criativa e sempre estaremos generalizando o rancor, que se transforma num agressivo controle ou numa submissão hipócrita" (Maturana e Varela, 2011:20).

Esse ser humano que olha para si e, em seu discurso e em suas atitudes, generaliza o mundo ao seu redor, fortalece o lado da sociedade ligado às situações de caos, batalhas, guerras e conflitos. Todas essas reações se tornam tão constantes que se perdem de suas motivações e existem pela própria repetição de atos.

O processo que conscientiza o ser humano a se destituir das atitudes que provocam o caos das relações interpessoais é aquele ligado à compreensão científica do processo de observar, de se observar e de se tornar consciente de si mesmo: “o conhecimento é um processo de "armazenamento" de "informação" sobre o mundo ambiente e que o processo de viver é, portanto um conhecer como "adaptar-se" a este mundo adquirindo mais e mais informação sobre sua natureza.” (Maturana e Varela, 2011:25)

Ao nos depararmos com a noção de conhecimento, observamos a vida de forma profunda e a repensamos a partir da condição social humana, daí termos uma percepção nova do mundo e da realidade social. Essa existe na convivência dos diversos grupos sociais compreendendo que estes fazem parte de um processo pessoal de desenvolvimento que se reflete no social: "a experiência cognoscitiva do presente na linguagem como fenômeno social.” (2011:43), o que nos remete ao grupo dos ciganos e a como deveriam ser aceitos na sociedade.

Essa reflexão ocorre quando, ao ver o ‘outro’ ou ‘alter’, o ser humano se conscientiza da necessidade da atitude ética originária dos padrões impostos pela sociedade à qual faz parte:

> A cosmovisão sobre o universo humano que aqui se apresenta, nos mostra que ela é coroada com a mesma concepção ética que nos faz refletir na condição humana como uma natureza cuja evolução e realização está no encontro do ser individual com sua natureza última, que é o ser social. (MATURANA e VARELA, 2011:44)

A árvore do conhecimento tal como postulada por Maturana e Varela visa ao entendimento do ser humano, de como esse se processa nos meandros cognitivos da mente e quais as relações ‘mente-cérebro’ com o mundo exterior, portanto, a reflexão é um:

> (...) processo de conhecer como conhecemos um ato de nos voltarmos sobre nós mesmos, a única oportunidade que temos de descobrir nossas cegueiras e de reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são, respectivamente, tão nebulosos e tênues quanto os nossos. (Maturana e Varela, 2011:59)

O conhecimento ocorre da ação à experiência, sendo que ambas produzem um mundo em que "todo fazer é conhecer e todo conhecer é fazer" (2011:60) Essa produção de mundo é a exteriorização do conhecimento proveniente das bases cognitivas do ser humano, logo o conhecer é um fenômeno integrado às experiências, percepções individuais. Mais além, os autores explicam que *"todo conhecer é uma ação da parte daquele que conhece. todo conhecer depende da estrutura daquele que conhece*" (Maturana e Varela, 2011:68). Para justificar essa máxima, descrevem a história do planeta Terra, desde o surgimento dos organismos vivos, das transformações no sistema da Via Láctea, a vida das estrelas, adentrando no aparecimento das moléculas e delas, os seres vivos. O ambiente que contribuiu positivamente para esse processo com condições climáticas e terrestres. Explicam que:

> os seres vivos se caracterizam por sua organização autopoiética. Diferenciam-se entre si por terem estruturas diferentes, mas iguais em sua organização. (2011:79) (...) A formação de uma unidade sempre determina uma série de fenômenos associados às características que a definem. (...) uma célula interage com uma molécula X, incorporando-a a seus processos, o que ocorre como consequência dessa interação é determinado não pelas propriedades da molécula X, mas pelo modo com que essa molécula é "vista" ou tomada pela célula quando esta a incorpora em sua dinâmica autopoiética. (MATURANA e VARELA, 2011:84)

Essa classificação dos seres vivos como organismos que se reproduzem continuamente é denominada de organização autopoiética, posto que os seres vivos são autônomos e integrados. O termo 'poiese' é originário do grego (*poiesis*) e significa '*produção'*, logo a *autopoiese* é a *autoprodução.* Em 1974, Maturana, Varela e Uribe conceberam esse termo para a definição dos seres vivos como sistemas que se reproduzem e são autopoiéticos, pois a unidade, ou seja, cada ser vivo se recompõe, portanto, o sistema autopoiético confere que os seres humanos sejam produto e produtor deles mesmos. É o núcleo da dinâmica dos seres vivos: autônomos e dependentes, pois exercem a autopoiése de modo autônomo, mas condicionados pelos recursos e pelo meio ambiente.

A partir daí, a evolução na Terra e a constituição de uma herança genética ocorre por fatores relevantes da reprodução. Isso é uma das pontes que sugere a origem dos seres humanos: "Toda vez que, num sistema, um estado surge como modificação de um estado anterior temos um fenômeno histórico." (2011:88)

O ser vivo é uma unidade autopoiética e, ao produzir outra unidade, constrói uma cadeia de produção e reprodução constante e viva, mas isso não lhe confere ser uma organização, pois o ser vivo é, antes, uma unidade e tem uma organização e só então terá condições de reprodução. Há possibilidade de mudança estrutural da unidade, mas isso não afeta à organização. Trata-se da ontogenia *"desencadeada por interações com o meio onde se encontra ou como resultado de sua dinâmica interna."* (2011:104).

Poderíamos nos perguntar, neste momento, a relação entre *autopoiese* e a estigmatização dos ciganos. Pode não parecer óbvia, ainda, mas é nas interações que ocorrem, de formas diversas, as relações entre os seres humanos em suas singularidades. Essas singularidades podem ser geradas pelo distanciamento e isolamento grupal, o que vai se recrudescendo até serem percebidas como algo fora do comum, e o grupo ser estigmatizado.

Se a comunicação é elemento primordial para estabelecer-se o contato com os demais indivíduos de um grupo, então toda e qualquer comunicação existente é interior o lugar de um sistema social, e à sociedade como sistema social global, que forma os demais sistemas sociais. A comunicação ocorre quando o "eu", que recebe a informação, a entende e, depois, emitida pelo outro passa a ser compreendida numa dimensão maior que unifica. Entretanto, dentro da área biológica, "não há Informação transmitida na comunicação. O fenômeno da comunicação não depende do que se fornece, e sim do que acontece com o receptor" (idem, 2011: 209).

A reflexão e a conscientização advêm da linguagem que exterioriza a variação no domínio comportamental: as palavras são geradoras de ações, elas concebem o ambiente de interação pessoal, espelham a reflexão sobre as atitudes que se tornaram frustradas em seus objetivos:

> o domínio linguístico do homem é muito mais abrangente e envolve muito mais aspectos de sua vida do que ocorre com qualquer outro animal (...) A partir da existência da linguagem, não há limites para o que podemos descrever imaginar, relacionar. Ela permeia de modo absoluto toda a nossa ontogenia como indivíduos, desde o caminhar e a postura até a política. (MATURANA e VARELA, 2011:223- 224)

O ser humano observa e pondera os efeitos negativos percebidos, modificando seu comportamento, porque "a rede de interações linguísticas [...] nos torna o que somos." (2011:242) e só assim podemos conferir a essa 'rede' o processo de interação do ser humano com o meio: "os fenômenos sociais, fundados num acoplamento linguístico,

dão origem à linguagem, e como a linguagem, a partir de nossa experiência cotidiana do conhecer, nos permite gerar a explicação de sua origem. O começo é o final." (idem, 2011:247)

A experiência do conhecer leva a sociedade ao comprometimento ético, lança-se contra as certezas e reconhece que elas não são obrigatoriamente a verdade, daí: *"ao saber que sabemos, não podemos negar que sabemos"* (idem, 2011:251). Isso permite intuir que a construção é essencial na ética social entre os grupos. A construção do mundo é feita das experiências com os outros. Sempre que ocorre uma contradição com quem convivemos, nossa postura mental não deve ser a de afirmar o nosso conhecimento preestabelecido, mas a de colocar em dúvida a condição de domínio experiencial em face do domínio experiencial do outro. É certo que essa experiência trará um novo ponto de vista e ampliará as perspectivas, mesmo que o efeito seja pouco agradável.

A compreensão do domínio experiencial dos integrantes de um grupo e/ou de grupos diferentes confere um aprendizado de convívio, mediado pela conscientização na reflexão, portanto, a socialização, a aceitação e o amor constroem as bases da humanidade. A exteriorização das três condições básicas para a existência da humanidade tem lugar em:

> Todo ato humano ocorre na linguagem. Todo ato na linguagem produz o mundo que se cria com outros no ato de convivência que dá origem ao humano: por isso, todo ato humano tem sentido ético. Esse vínculo do humano com o humano é, em última análise, o fundamento de toda ética como reflexão sobre a legitimidade da presença do outro (MATURANA e VARELA, 2011:252).

Cada ação social reflete uma reação que pode causar mudança com as consequências aferidas a todos os componentes do meio social. Portanto, a reflexão e a autoavaliação se tornam processos de conscientização humana e de evolução do homem. Entretanto, hoje, o ser humano está vivenciando o período da falta de compartilhamento de ações sociais, da omissão de responsabilidades grupais diante de seus pares, é o período do desconhecimento do desconhecer, no entanto essas 'ausências' não são desculpas para o estigma e o preconceito.

Parcialmente, podemos concluir que a visão de Maturana e Varela (2011), além da de Goffman (1993), endossa o processo de construção paulatino, auto e inter-relacionado dos valores, o que pressupõe a não-hierarquização do conhecimento que

delineia o ser exteriorizado pelo 'eu' por meio do discurso modalizado em função da visão que este tem do universo do 'outro'.

Esse discurso é desconstruído pelo 'outro' para ser compreendido e, ao mesmo tempo, é reconstruído, tendo no processo a noção do mundo, do universo do 'eu', concluindo a análise da mensagem do discurso (desconstrução) e a reconstrução desta pautada no universo do 'outro'. Todo esse trajeto é deflagrado pelos fatores cognitivos que são pertinentes a anos de desenvolvimento humano.

2.4.2- A perspectiva cultural

A gramática aqui admitida como ramificação de uma perspectiva neuro-cognitiva, pode ser analisada a partir de seu grau da adaptabilidade e do ambiente social em que é desenvolvida. Imbuída de atos de cooperação e funções comunicativas, como na exteriorização pelos atos de fala (Austin, 1975). Todas as atividades são dependentes de aceites de estados mentais de crenças dos interlocutores: conhecimento e, simultaneamente, da intenção: predisposição para agir desses interlocutores. Givón (1995) compreende que a realidade externa não é um fenômeno objetivo, mas, antes, uma construção intencionalmente esquematizada. Dialoga com essa abordagem Tomasello (2003), que avança em direção à compreensão das origens culturais da espécie humana. Partindo da observação cotidiana de seu próprio filho em contraponto com as leituras de Bates (2001, *apud* Tomasello, 2003), por exemplo, ele passa a refletir sobre cognição humana e evolução filogenética:

> a cognição adulta moderna do gênero humano é produto não só de eventos genéticos que ocorrem ao longo de milhões de anos no tempo evolucionário, mas também de eventos culturais que ocorreram ao longo de dezenas de milhares de anos no tempo histórico, e de eventos pessoais que ocorreram de muitas dezenas de milhares de horas no tempo ontogenético (TOMASELLO, 2003: 302)

Ao citar outros exemplos que envolvem: tempo, espaço, cores, limites, tamanho, formas, gravidade, inércia, movimento e ação, o autor conclui que:

> (...), é um fato histórico que os itens específicos e construções de um determinado idioma não surgem uma vez, mas, ao invés disso, evoluem, e acumulam modificações ao longo do tempo histórico com os seres humanos as usando uns com os outros e adaptando-as às novas circunstâncias de comunicação [...]. Mais importante, através de

> processos de discurso diferentes (que envolvem vários tipos de inferência pragmática, fazendo analogia, e assim por diante) discurso de estruturas livres e redundantemente organizadas se solidificam em construções mais firmes, menos redundantemente organizadas [...]. Isso acontece tanto no nível das palavras, como no nível desconstruções mais complexas. [...] Sobre o nível de construções, em vez de sequências de palavras se tornando uma palavra, frases inteiras assumem um novo tipo de organização, ou seja, sequências de discurso livre tornam-se mais firmes e organizadas construções sintáticas". (TOMASELLO, 2005 online:13)

Tomasello (1999; 2003a) explica que os processos históricos universais são fatores responsáveis pelo desenvolvimento da cognição humana:

> (...) a importância de aspectos culturais específicos, uma vez que esses aspectos estão geralmente relacionados com a utilização de símbolos linguísticos em interações discursivas, nas quais diferentes perspectivas são contrastadas e compartilhadas, (...) essas interações representariam o principal veículo de transmissão cultural humana.

Ainda continua o autor: "Uma das mais básicas e importantes forças, na formação de uma construção sintática abstrata e de categorias fora de partes concretas de linguagem é o chamado padrão-descoberta" (TOMASELLO, 2005:39).

Allan e Souza (2009, p.15) explicam que na teoria exposta por Tomasello (1999/2003a) os processos históricos universais são fatores responsáveis pelo desenvolvimento da cognição humana:

> (...) a importância de aspectos culturais específicos, uma vez que esses aspectos estão geralmente relacionados com a utilização de símbolos linguísticos em interações discursivas, nas quais diferentes perspectivas são contrastadas e compartilhadas, (...) essas interações representariam o principal veículo de transmissão cultural humana.

Essas ideias são as bases de relação do mundo a partir do 'eu' para o "outro"; a exteriorização deste mundo ocorre com o encadeamento de construções linguísticas complexas, por meio de uma sequência coerente, por exemplo, no contar de uma história, mais especificamente para esta pesquisa, na narrativa que o não-cigano desenvolve sobre o que acredita do povo cigano.

Capítulo III- Procurando agulha no palheiro: análise das amostras de dados.

"Rato com rosa na cabeça,
é sempre rato". (Ditado Cigano)

Quadro 15- Acampamento cigano (1964) – Willy Zumblick

O objetivo deste capítulo é o de reconhecermos que traços de ciganidade orientam os sentimentos de pertença na perspectiva dos não-ciganos. Adentramos às teorias previamente discutidas e as utilizaremos para comprovar ou refutar as hipóteses analisadas a partir das amostras de dados. Essas descrições formam parte dos subprincípios de ordenação linear (ordem das palavras); integração (avizinhamento de palavras) e quantidade (iteração verbal). A soma deles forma a complexidade cognitiva demandada para o interlocutor.

Após seleção do *corpus*, realizamos o levantamento das ocorrências com referência ao cigano, independentemente do sujeito discursivo. Posteriormente, identificamos os espaços interacionais que representavam a estigmatização baseada nos ecos históricos apresentados no Capítulo I.

3 – Atuação do princípio de iconicidade

A análise dos dados foi orientada pela atuação do princípio de iconicidade em seus subprincípios. Por essa razão, julgamos pertinente recuperá-los aqui.

Como expusemos anteriormente, o princípio da iconicidade denuncia a relação motivadora unívoca, isomórfica entre forma e função (Bolinger, 1975), por essa razão, nem sempre a relação entre o signo e o objeto (realidade exterior) é arbitrária (Peirce, 1945). Logo, a relação de semelhança estabelecida entre o signo e a realidade exterior pode ser representada em sua contiguidade e convencionalidade.

Os estudos sobre iconicidade são variados e já desde o Círculo Línguístico de Praga que vemos resultados consolidados em diversos subprincípios, sintetizados em três considerados principais por abrangerem todos os outros:

a) Iconicidade de ordenação linear: a ordem dos elementos na língua revela a ordem de conhecimentos decorrentes da experiência física. Nesse sentido a ordenação linear respeita a ordem de acontecimento dos fatos, fazendo com que, por exemplo, as orações sejam ordenadas atendendo às relações conceptivas, desde o concreto até a abstração dos estados de coisa.

b) O subprincípio da integração: permite reconhecer que os conteúdos, cognitivamente mais próximos estão mais integrados na codificação linguística, ou seja, o que está mentalmente próximo se apresentará sintaticamente próximo. Então, a distância formal corresponde à distância conceitual. Na contramão dessa concepção, a separação linguística corresponde à maior distância conceptual do objeto ou evento. Da mesma forma, a integração se apresenta no âmbito social e pode ser reconhecida pelas deferências que utilizamos em relação às pessoas, por exemplo.

c) O subprincípio de quantidade: estabelece uma relação entre quantidade de informação e quantidade de forma. Nesse sentido, a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa. No entanto, consideramos apropriado analisar a quantidade vinculada à sua complexidade cognitiva, uma vez que a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade de expressão, ou seja, aquilo que é mais simples e esperado se expressa com construções mais acessíveis perceptualmente.

3.1. Subprincípio de ordenação linear: topicalização

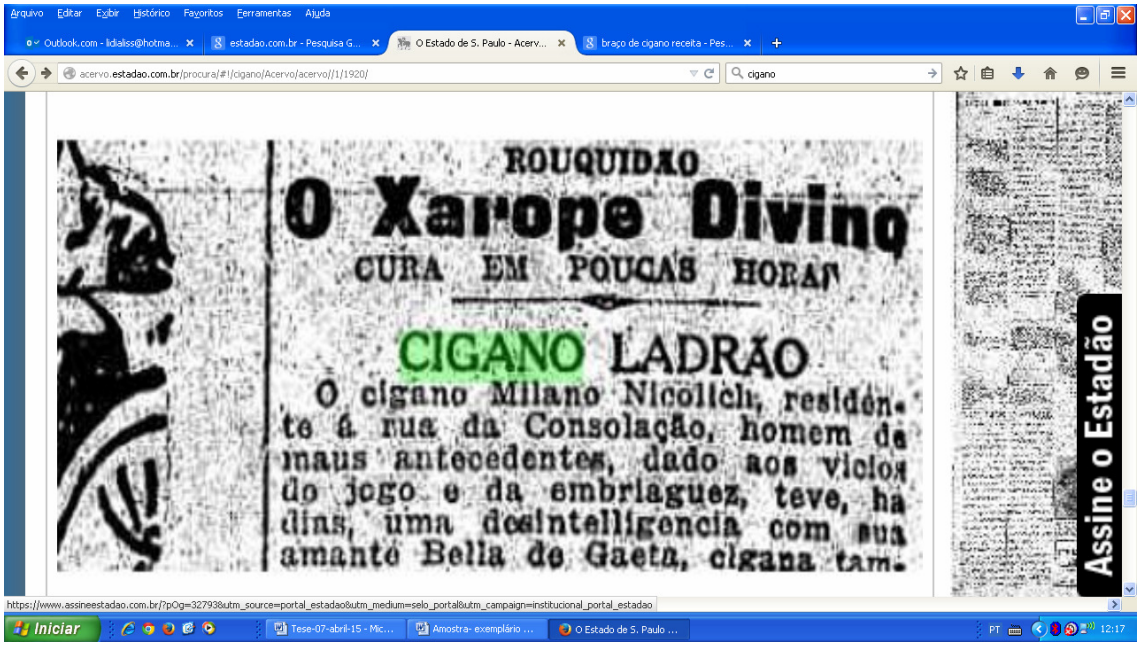
Com base no *corpus*, é possível identificar três estratégias adotadas pelos usuários da língua para estigmatizar os ciganos. No capítulo I, explanamos a ideia de que são mais recorrentes os estigmas negativos. Nesta seção, apresentaremos o rol de dados com a finalidade de referendar essa ideia.

1ª estratégia: topicalização dos termos referentes a ciganos

Ao considerar o tópico como uma posição de destaque discursivo, funcionando como sujeito sintático, esperávamos que os 'ciganos' ocupassem apenas essa posição discursiva se houvesse o reforço de estigma negativo.

Coincidentemente com o senso comum dos não-ciganos, a topicalização pode ser encontrada nos exemplos 55, 124, 158, 159, 184 e 188. A quantidade de exemplos em relação à topicalização do sujeito como 'cigano' ou seus termos nos revelou o percentual é de 3,15%. A baixa quantidade é entendida como um indício de que a posição de topicalização traz temas relevantes, e 'cigano' não é um termo socialmente relevante nos discursos dos não-ciganos.

159-


ROUQUIDÃO
O Xarope Divino
CURA EM POUCAS HORAS
CIGANO LADRÃO
O cigano Milano Nicolich, residente á rua da Consolação, homem de maus antecedentes, dado aos vicios do jogo e da embriaguez, teve, há dias, uma desintelligencia com sua amante Bella de Gaeta, cigana tam-

24 de Março de 1920

Cigano Ladrão
O **cigano** Millano Nocolich, residente á rua da Consolação, homem de maus antecedentes, dado aos vícios do jogo e da embriaguez, teve, há dias, uma

desintelligencia com sua amante Bella do Gaeta, cigana também. Resolveu abandonal-a; não o fez, entretanto, sem levar comsigo o sufficiente para beber e jogar durante algum tempo : fugiu com um collar composto de sete medalhas de ouro pertencente á sua amasia. A policia, porém prendeu-o, quando se encontrava no botequim da rua da Consolação, 480.(...)

124 | NOTÍCIAS | 19/09/2011 6:27 - Ivan Lessa:
A **CIGANA** me enganou- alguns etmologistas, teria sua origem em "egípcio". Gente, pois, viajada, no tempo e no espaço. Mas o **CIGANO** de verdade é igual em todas as partes e em tudo lembra nossos, principalmente, nossas, ciganas. De origem romena, pele e cabelos escuros, um lenço na cabeça, pequenas medalhas...

Em outros exemplos, observamos deslocamentos opostos à topicalização. Em concernência com a ideia de que o termo relativo a 'cigano' não é privilegiado no discurso, assumindo posições de focalização, identificamos exemplos com voz passiva, como explica Givón (2009, p.45). Pode-se definir a cláusula passiva funcionalmente como: "uma cláusula passiva (...) como o tipo de cláusula em que o agente da ativa correspondente é radicalmente de-topicalizado e o paciente se torna o argumento tópico"[59].

O sujeito na voz passiva pode ser encontrado nos exemplos 01, 25 e 145, além de diveersos outros exemplos[60] constantes no Anexo 1, que foram o percentual da topicalização: 4,21%.

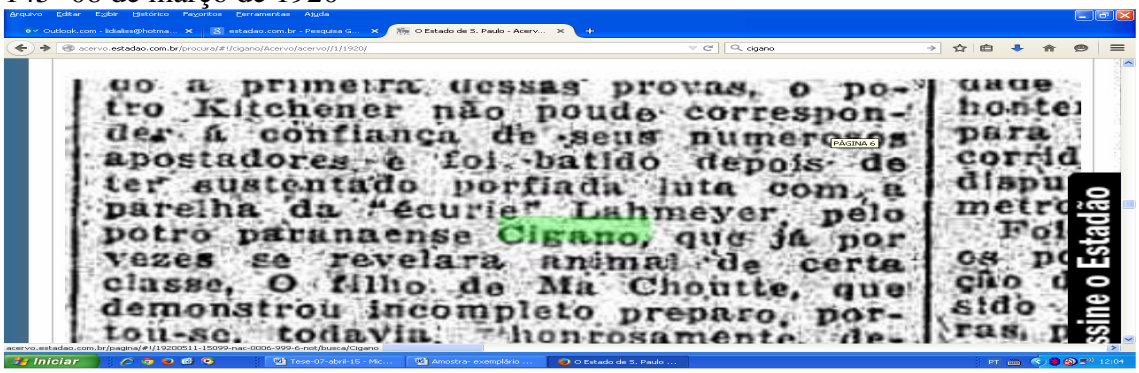
1- | NOTÍCIAS | 30/10/2013 2:20-A formação que traz vem criar uma sonoridade cheia e reproduzir, mais do que em música, uma cultura que inclui dança e canto influenciados **por CIGANO**s e mouros, árabes e judeus.

25 | NOTÍCIAS | 05/01/2012 19:01
Gipsy Kings fará 2 shows no Brasil em março
disco lançado pelo grupo foi Pasajero, no ano de 2006. O Gipsy Kings é formado **por músicos CIGANO**s das famílias Reyes e Baliardo, no sul da França. Álbuns de ouro como Mosaique, Allegria, Mundo Este, Gipsy Kings Live, Love & Liberté, Tierra Gitana, Cantos de Amor, Volare e The Very Best of Gipsy Kings

[59] "(…)a passive clause functionally as the clause-type whereby the agent of the corresponding active is radically de-topicalized, and the patient becomes, by default the topical argument" (GIVÓN, 2009, pp 45-46).

[60] Os demais exemplos de voz passiva são 18, 122, 138, 157 e 185´.

145- 08 de março de 1920



Apresenta-se pela primeira vez em publico neste anno, disputando a primeira dessas provas, o potro Kitchener não poude corresponder á confiança de seus numerosos apostadores e foi batido depois de ter sustentado porfiada luta com a parelha da "ecurie" Lahmeyer pelo potro paranaense **Cigano**, que já por vezes se revelara animal de certa classe.(...)

O exemplo 164 é o único em que o termo 'ciganos' é colocado em topicalização, e está na posição de agente da passiva.

164- | NOTÍCIAS | 11/12/2010 21:12

"Ciganos da crescente população da etnia roma, originária da Romênia. Ainda no sábado, o ministro do Interior, Alfredo Mantovano, disse em entrevista que os **CIGANOs estão "associados** a roubos, assaltos e seqüestros".

As implicações de uso da voz passiva no discurso dos não-ciganos são compreendidas como uma estratégia sintática que revive o subprincípio de ordenação linear, em que as ideias são exteriorizadas do concreto para o abstrato. Nesse exemplo, nota-se a manutenção do estigma negativo. A seguir, apresentamos um gráfico com a distribuição das posições topicalizadas e focalizadas do sujeito.

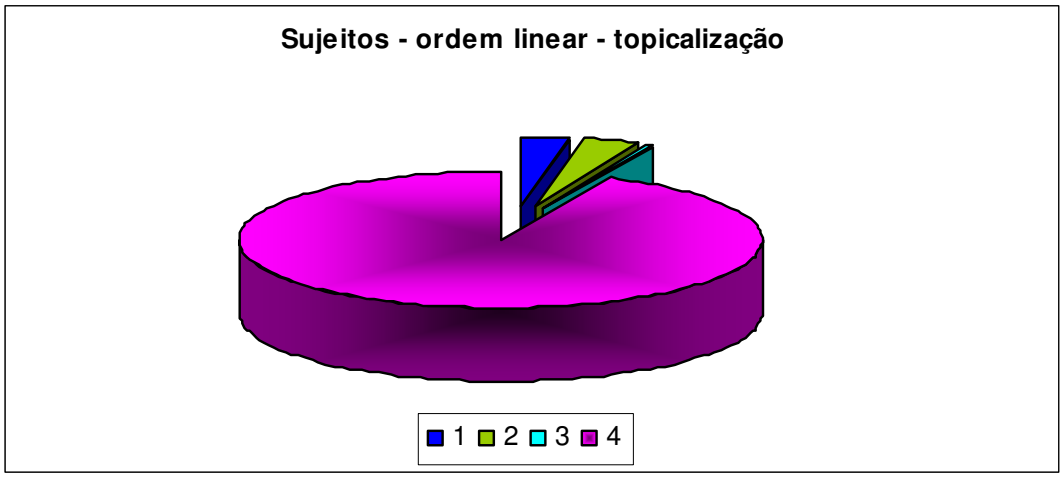


Gráfico 01- Sujeito em ordem linear de topicalização

Legenda:
1- sujeito na voz ativa e topicalizado - 3,15%.
2- sujeito da voz passiva- 4,21%.
3- sujeito na voz passiva e topicalizado 0,52%
4- sujeito outros que não 'cigano' ou seus termos 93,18%

2ª estratégia: focalização na ordem linear - ordenação medial - gradação

Sintaticamente, há argumentos nucleares que formam o sujeito (argumento externo) e o predicado (e seus argumentos internos) em sintagmas nominais. A relação funcional desses argumentos com o verbo na estrutura SVC é que define as funções.

Neste item, analisaremos os argumentos nucleares que compõem tanto o predicado quanto sujeito ressaltando haver elementos de valor sintático idêntico, portanto, marcados por vírgulas e/ou conjunções, caracterizando a gradação. Dentro da sentença, quando o sujeito não é topicalizado, ele está na ordem linear de focalização, que pode se apresentar na posição medial ou final.

O quadro que se segue nos auxiliará a visualizar a função sintática dos argumentos, com a finalidade de observar a disposição desses elementos em relação ao verbo.

Exemplo	**Sujeito**		**Predicado**			
	Argumento externo		**Argumentos**			
	Topicalizado	**Focalizado**	**Verbal**			**Nominal**
			OD	**OI**		**Predicativo do sujeito**
			→	→	**CN**	
02					✓	
05				✓		
11		✓				
14				✓		
15				✓		
20			✓			
28					✓	
29					✓	
30					✓	
32					✓	
34					✓	
39				✓		
45			✓			

48					✓	
51					✓	
52 a				✓		
52 b					✓	
61		✓				
70		✓				
78 a		✓				
78 b			✓			
78 c			✓			
78 d						✓
92					✓	
125					✓	
127					✓	
138		✓				
140					✓	
162						✓
165			✓			
170			✓			
173			✓			
176					✓	
177				✓		
178		✓				
183			✓			
186			✓			

Tabela 09: Argumentos em ordem linear de gradação

Ao analisar os dados da gradação, podemos inferir que quanto mais distantes dos argumentos nucleares está a palavra 'cigano' ou os termos a ela relacionados, mais estigmatizada tenderia a ser no texto.

Sujeito focalizado

61 | NOTÍCIAS | 03/04/2009 19:01
Grupo elabora plano contra a intolerância religiosa
. Hoje, representantes da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Comunidade Muçulmana, Federação Israelita, evangélicos, afrorreligiosos, **CIGANO**s e juristas se reuniram durante todo o dia para elaborar tópicos que estarão no texto de apresentação do plano.

Objeto direto

177- *André* 31 de março de 2011 at 10:57
Adolf Hitler não apenas matou judeus em nome de uma superioridade da raça ariana, matou também comunistas, **CIGANO**s, prostitutas, deficientes físicos etc!
Esse deputado, que me recuso a escrever o nome, não defendo só a ditadura em que ele como militar tinha privilégios, em que se torturava, censurava e matava em nome da moral e dos bons costumes e se roubava tanto ou mais que hoje, só que ninguém podia denunciar, Ele defende o preconceito contra todas as minorais, gays, negros, nordestinos, e amanhã serão as mulheres, os judeus e todos que contrariem sua noção de raça superior.
Com todos os nossos problemas VIVA o BRASIL livre e democrático, não queira conhecer os horrores do regime que o deputado tanto aprecia

Objeto Indireto

5- | NOTÍCIAS | 02/09/2013 17:05 O libreto de "Trovatore", ambientado na era medieval, fala de nobres, crianças roubadas, **CIGANO**s, guerra – e nem sempre o faz com uma linguagem teatral fluente, em especial perante nosso olhar contemporâneo

Complemento Nominal

28 NOTÍCIAS | 13/04/2011 9:24
Religiões se unem em homenagem às vítimas do massacre em Realengo da Silveira, com a participação de católicos, umbandistas, candomblecistas, judeus, muçulmanos, wiccanos, **CIGANO**s, evangélicos, hare krishnas, entre outros segmentos. O sargento Alvez, responsável por impedir que o atirador continuasse com o massacre, foi o primeiro a entrar na escola.

Predicativo do Sujeito

162| NOTÍCIAS | 18/08/2008 22:01
A ONU cobra empenho da Rússia contra racismo e neonazismo
por parte de jovens pertencentes a grupos extremistas." Os alvos do discurso e dos atos de violência são principalmente chechenos, mas também outros povos do Cáucaso e Ásia Central, **CIGANO**s, turcos, judeus, muçulmanos e africanos.

Os argumentos nucleares foram contabilizados em 37 ocorrências dispostas nesta tabela, posteriormente visualizadas em um gráfico:

Legenda	Função sintática	Ocorrências	Porcentagem
1	Sujeito	6	16,21
2	Objeto direto	9	24,32
3	Objeto indireto	6	16,21
4	Complemento nominal	14	37,83
5	Predicativo do sujeito	2	05,41

Tabela 10: Funções sintáticas de argumentos em ordem linear de gradação

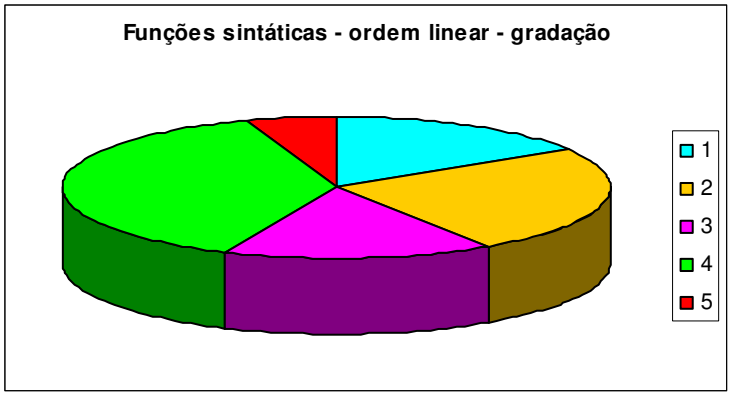
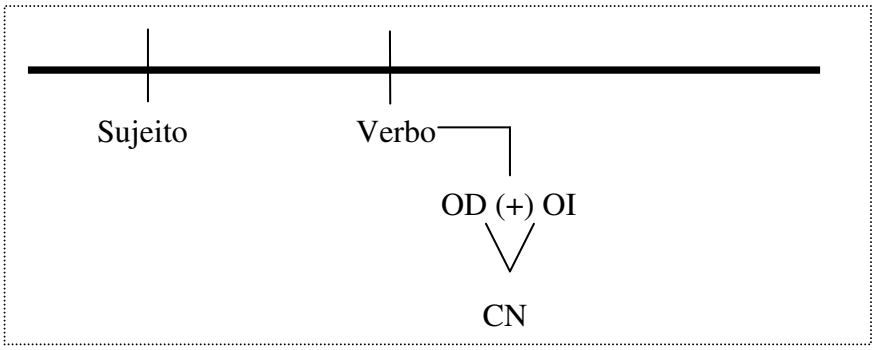


Gráfico 02- Funções sintáticas de argumentos em ordem linear de gradação

Considerando que língua portuguesa é constituída majoritariamente por sentenças SVC, compreendemos que, dentro de uma oração, os argumentos nucleares e seus elementos podem ser dispostos em uma linha em que observamos a proximidade e o distanciamento dos elementos em relação aos argumentos nucleares:



A ordem linear de gradação analisada nos exemplos com a palavra ou termos relacionados a 'cigano' trouxe maior incidência da função sintática de complemento nominal. Como podemos notar, o CN se distancia do verbo, que é o predicador da oração.

Ainda na ordem linear de posição medial, os argumentos nucleares podem adquirir função de adjunto ou de complemento nominal, como nos exemplos 71, 155 e 156.

71| NOTÍCIAS | 23/03/2007 14:56

O universo da cultura **CIGANA** transpira na peça Savina - nem nascidos (Savina e Ika) dos dois amigos que se encontram no bar no início da peça, é muito simples, assim como a maioria das histórias **CIGANA**s. No entanto, Ana acredita que é a partir desse

ponto que se pode discutir "o valor da palavra dada, a ética, o respeito, a família, a verdade e a mentira".

Ainda dentro do escopo da adjetivação, há elementos com função adjetiva que fazem parte dos argumentos pospostos ao sujeito e o qualificam. Nesse sentido, trata-se de mais um caso de adjunto adnominal:

7-| NOTÍCIAS | 10/12/2013 15:05
Nem tudo são flores – literalmente – na vida de uma esposa de treinador. O problema principal é a vida **cigana** do futebol. Roseli conta que ficou nove anos vivendo longe de Muricy no período em que ele passou por Pernambuco (Náutico), Santa Catarina (Figueirense) e Rio Grande do Sul (Internacional).

13 | NOTÍCIAS | 22/12/2012 7:00
A Ivete Sangalo de Israel quebra tabu histórico Emir Kusturica. Ele sempre escolhe umas músicas com um que **CIGANO**. Me sinto como se eu e minha banda fossemos um bando destes **CIGANO**s". Os instrumentos que a acompanham - kamanche e duduk - são tradicionais, mas a música que fazem é projetada para as ondas de rádio.

3.3. Estratégia de Ordenação final

Diante do subprincípio da ordenação, a focalização do termo ‘cigano’ em posição final ocorreu nos exemplos 6, 24, 37, 132, 133, 141, 161 e 182, quantificados em 4,21% das ocorrências dentro de sentenças em gradação.

6- | NOTÍCIAS | 01/09/2013 18:12 O objetivo é "garantir a orientação geral sobre direitos humanos a qualquer vítima de violação de direitos" e prestar "atenção jurídica, psicológica e social a detentos, egressos do sistema prisional, seus familiares, comunidades e população em geral, bem como a pessoas com deficiência, idosos, quilombolas, indígenas, assentados, afrodescendentes, população GLTB e **CIGANO**s".

37- 07/06/1905

NOTICIAS DIVERSAS

Ciganos

No bairro de Santa Lucia, municipio de Araraquara, está arranchado um bando de mais de cincoenta ciganos.

Os moradores dalli e arredores,

Notícias diversas – Ciganos – No bairro de Santa Lucia, município de Araraquara, está arranchado um bando de mais de cincoenta **CIGANOS**.

161- | NOTÍCIAS | 22/08/2008 19:22
Madonna vai usar Givenchy na abertura da nova turnê
Madonna escolheu a grife de alta costura francesa Givenchy para criar os modelos de sua nova turnê Sticky & Sweet. O estilista da marca, Riccardo Tisci, que adora elementos góticos e dark, criou duas roupas para a cantora. Uma delas traz referências de gângsteres e outra, dos **CIGANO**s.

133 | NOTÍCIAS | 24/10/2007 21:11- JORGE GERDAU JOHANNPETER Prêmio "Este título não é meu. É fruto do apoio de 35 mil pessoas que trabalham nas nossas organizações". Leia trechos do discurso de Zilda Arns e Jorge Gerdau nas periferias urbanas, favelas, comunidades rurais, assentamentos, invasões, comunidades indígenas, quilombolas, prisões femininas e comunidades **CIGANA**s."

Podemos analisar esse dado com dois vieses: o primeiro é que o baixo índice de ocorrência nos indica que o estigma negativo não é tão aparente. O segundo é que, mesmo não sendo tão aparente, o estigma negativo existe: ao colocar 'cigano' ou 'seus termos' em posição medial dentro de uma gradação, por exemplo, ficam arrolados junto de etnias e religiões que se avizinham às do 'cigano', deixando de ser uma unidade para mesclarem-se aos demais grupos descritos.

Entretanto, ao colocar os 'termos relativos a ciganos' na posição final, a ideia de unidade que se mescla muda para algo que é minimizado dentre todos os já citados, daí estar tão longe dos argumentos da sentença, mesmo que na gradação o valor sintático dos termos sequenciados seja o mesmo; logo, os traços semânticos da cadeia sequenciada evidenciam o valor de prestígio quando dispostos na linha SVC.

3.2- Subprincípio da integração

1.a Estratégia: Contiguidade de itens de polaridade negativa

Os elementos que se aproximam mentalmente (aspecto cognitivo), codificam-se linguisticamente contiguos. Em outras palavras, na mente, as ilações são feitas e podem

ser mapeadas pela ordem em que as palavras são colocadas no eixo sintagmático. Se uma palavra se distancia da outra, é porque conceitualmente também estão apartadas.

148- 03-01-2011 (conversa entre três adolescentes)[61]
Dronk
O Cigano.
Mortien Tiehl

-Odeio cigano. Povo mais **porco e imundo, impossível**. **Fora que, não** tem nacionalidade. Ou seja, **nem** brasileiros são.
-Não somos com prazer!
-E provavelmente voce **nem** conheceu **ciganos** mesmo, como disse no topico acima o povo que mais parece **mendigos** são "**calons" não ciganos de verdade**.
- **nao** sou **cigano nao** cara
-só estudei com uma loira bem bonita no EM que era **cigana**, a guria tinha traços muito europeus, desde entao **nao** sei + definir **o que é um cigano**
-ela teve que parar de estudar pra casar virgem, kra era mto gostosinha n qro ofender seu povo mas era mto gostosinha
-Entendi.. **Não** tem muita definição do que e um **cigano**.. Tem **muitos clãs, muitas raças, existem de todos os tipos.**
-Nem ofende chamar ela de gostosa não.. Não sendo minha parente ta tudo ok.
-Normalmente as ciganas tem uma beleza acima do normal, meio europeia, espanica, não sei explicar.
-Pelo menos o pessoal que conheço.
Mensagem editada pelo usuário O Cigano. em 25/01/2012 03:48.
http://forum.jogos.uol.com.br/sabe-galera-eu-tenho-certeza-que-um-dia-vou-me-casar-e-ter-filhos-e-uma-familia-porque_t_1862904?page=5

A contiguidade dos termos relacionados a 'cigano' será observada na tabela que se segue:

Satélite	Sujeito	Verbo	Complemento e predicativos	Satélite	Avaliação
	(eu)	**Odeio**	**cigano**	Povo **porco e imundo impossível**	Polaridade negativa
Fora que	(ele)	**não** tem	nacionalidade.		
	(eles)	**nem** são	brasileiros		
	Voce	**nem** conheceu	**ciganos**		
	o povo	parece	**mendigos**		
	"**calons"**	**não** são	**ciganos de verdade**		
	(eu)	**nao** sou	**cigano**		

[61] Esclarecemos que mantemos a escrita original dos exemplos coletados.

		nao sei definir	**o**		Neutro
	Que	**é**	**um <u>cigano</u>**		
	muita definição	**Não** tem	do que e um **<u>cigano</u>**		
		Tem	**muitos clãs**		
			muitas raças		
		existem	**de todos os tipos**		

Tabela 11: Contiguidade no subprincípio da integração

A proximidade de 'cigano' com palavras de traços semânticos negativos no exemplo 148 mostra a atuação do subprincípio da integração**.** Quanto mais próximos os argumentos nucleares estão, mais é admitido ou marcado o valor semântico negativo:

Verbo (VTD)	Complemento – OD (Substantivo)
Odeio	**<u>cigano</u>**

3.2.1- Estigma tendendo ao neutro – um grupo está citado entre outros grupos.

NOTÍCIAS | 30/10/ 2013 | 2:20
1- A formação que traz vem criar uma sonoridade cheia e reproduzir, mais do que em música, uma cultura que inclui dança e canto influenciados por **<u>CIGANO</u>**s e mouros, árabes e judeus.

Quanto ao subprincípio da integração, as expressões 'mais do que' e 'inclui' semanticamente são positivas, pois, ao redor, há os substantivos 'cultura', 'dança', 'canto'. Também podemos notar que há uma gradação, com foco em etnias. Até aqui, notamos a polaridade positiva. Entretanto, a voz passiva traz a polaridade negativa com vistas à radical de-topicalização. (GIVÓN, 2009)

Há também a gradação em que o grupo cigano está encabeçando a sequência em ordem linear de outras etnias; esta é mais uma forma de não focar em um dos grupos, pois todos os sequenciados são minorias em relação ao grupo privilegiado socialmente.

3.2.2- Socialmente excluídos, marcados por pouco prestígio ou privilégios na sociedade.

2- | NOTÍCIAS | 21/10/2013 3:13MARTA SUPLICY

Quais eram as prioridades no Congresso Nacional?

Havia uma demanda da classe artística, há muitos anos, em relação à fiscalização do Ecad. No começo de julho, conseguimos aprovar a lei que muda as regras no Ecad. E, há alguns dias, foi aprovada a PEC da Música, que isenta de impostos a produção de CDs e DVDs de artistas brasileiros. Depois de pensar nos projetos estruturantes para a cultura e nos que estavam parados no Congresso, fui para a inclusão social. Foi aí que percebi que a Lei Rouanet não atendia grupos pequenos. Daí fizemos os editais para os grupos que não tinham acesso à lei.

Como aconteceu com a moda?

Sim. Mas também estou falando de editais para negros, mulheres, **CIGANO**s e povos indígenas.

Não é uma forma de preconceito? Pegar minorias e destacá-las?

Não. Porque não se pode tratar diferentes como iguais. Olhei para a Rouanet e vi que essas minorias raríssimas vezes conseguem ter um projeto aprovado. E mais: quando o projeto é aprovado, não conseguem captar o dinheiro. Ninguém quer patrocinar projetos LGBT, por exemplo. Ninguém quer patrocinar uma produção negra. Eles não conseguem ter acesso aos que decidem os projetos nas empresas.

Esse exemplo é oriundo de uma entrevista. Vejamos a parte final em que o termo 'cigano' ocorre. A ordem linear e a topicalização deixam entrever a polaridade negativa marcada pela expressão 'mas também' seguida de várias outras palavras: 'não', 'preconceito', 'minorias', 'raríssimas', 'ninguém'. Quando a ordem de linearidade mantém um grupo aquém dos demais, vê-se que a polaridade negativa reforça o preconceito: 'mas'; 'não'; 'calei', 'vetaram', 'qualquer outro grupo' e 'adversários'.

92- | NOTÍCIAS | 21 de outubro de 2013 | 3h 29

O QUE LHES CONVÉM

Primeiro, eles vetaram a presença dos homossexuais, mas, como não sou gay, eu me calei. Depois, eles vetaram a presença de qualquer outro grupo, a critério de Feliciano e seus carolas, como os judeus, negros, deficientes físicos e mentais, **CIGANO**s, adversários políticos e religiosos, tal como no nazismo em nome da pureza, não da raça, mas do que lhes convém.

Vimos, no exemplo anterior, a gradação em que o grupo de ciganos aparece apartado dos demais grupos étnicos (judeus, negros) colocado entre o grupo dos deficientes físicos e mentais e os grupos dos adversários políticos e religiosos. No exemplo seguinte, essa gradação fica mais evidente justamente porque com ela também ocorre a ruptura semântica:

5- | NOTÍCIAS | 02/09/2013 17:05

Do início ao fim da carreira, Verdi seguiu rumo a uma maturidade marcada pela revolução do drama musical italiano. Essa é uma das verdades mais repetidas acerca do trabalho do compositor. Mas, como aponta Gilles de Van no livro "Verdi's Theatre" (O Teatro de Verdi), sugere que as últimas óperas do autor são melhores ou mais importantes do que as iniciais, transformadas em meros pontos de passagem cujo interesse artístico seria bem menor.

Nessa linha de raciocínio, como definir títulos como "Trovatore", "Rigoletto" ou "La Traviata", a chamada trilogia romântica, criações que estão entre as mais populares do compositor – mas que, cronologicamente, estão mais próximas do início de sua carreira do que de sua chamada fase madura? O musicólogo italiano Massimo Mila oferece uma resposta, definindo a existência de dois Verdis, um culminando com a composição da trilogia e o outro, com "Otello" e "Falstaff", suas duas últimas criações.

Em qualquer dessas fases, há porém, um elemento comum: a primazia da voz. Seja na proximidade com o passado bel cantista (em que a voz era o começo, meio e fim de um espetáculo), seja na busca de um novo drama (em que o teatro se impõe perante música e texto e sugere entre elas uma nova ligação), ela jamais perde seu protagonismo – e está constantemente ganhando em possibilidades expressivas. E talvez por isso, mesmo no Verdi do início da carreira, a marca da revolução já se faça presente.

Essas ideias passam pela cabeça durante a apresentação de "Il Trovatore", na semana passada, no Festival do Theatro da Paz, que realiza ao longo de agosto e setembro seu festival de ópera. E isso se dá em parte pelo próprio caráter da montagem, assinada pelo diretor Mauro Wrona. Os figurinos, de época, não sugerem ousadias estéticas; os cenários são simples, mínimos, em diálogo com um trabalho de luz de tons escuros, discreto e funcional. E se a simplicidade não se torna monótona é apenas porque o diretor sabe conduzir os cantores com eficiência pelo espaço cênico, respeitando as sugestões do libreto e da música. Como consequência, o foco está todo no canto – e na interpretação dos solistas, acompanhados com segurança, musicalidade e senso teatral pelo maestro Sílvio Viegas, que esteve à frente da Orquestra Sinfônica do Teatro da Paz.

Contrastes

O libreto de "Trovatore", ambientado na era medieval, fala de nobres, crianças roubadas, **ciganos**, guerra – e nem sempre o faz com uma linguagem teatral fluente, em especial perante nosso olhar contemporâneo. Ainda assim, o texto carrega elementos de uma das principais alterações feitas por Verdi – trazer para o centro de suas histórias figuras marginais. E isso é consequência do desejo do compositor de retratar personagens mais complexas, explorando para isso as possibilidades expressivas do gênero operístico por meio de uma linguagem feita de meias-tintas e contrastes.

A ordem linear é apresentada em dois momentos de gradação: um é semanticamente contínuo com marcas positiva (nobre e criança). Na sequência, há as marcas negativas (roubadas, ciganos, guerra), ou seja, de um foco de maior prestígio social (nobres) contra o de menor (ciganos e crianças roubadas). O outro momento é o de recorrência do estigma negativo constante nos dicionários, desde os mais antigos

(Bluteau, 1728) até os anteriores ao ano de 2012, que apenas refletia o ideário constituído pela sociedade.

É possível, no entanto, construir essa mesma gradação voltada para a não ruptura semântica, mas sintática. No exemplo seguinte, há uma sequência gradativa com elementos interligados com ruptura sintática evidenciada pelo sequenciamento de elementos qualificadores que somente metaforicamente podem assumir uma conotação estigmatizante dos 'versos':

87 | NOTÍCIAS | 18/08/2000 17:46
Ensaios discutem rumos e impasses da poesia o oposto da geração marginal dos anos 70, formada por "pastores de uma religião sem nome", com seus **versos** "**CIGANO**s, **impuros**, **delinqüentes**". Mas longe da vida de que se alimenta a poesia? E para que serve? A quem se destina? Opiniões - A poesia é a salvação do corpo e da alma, diz o capixaba Valdo Motta

Da mesma maneira, a focalização pode ocorrer de forma linear e em posição inicial, ou seja, a palavra 'ciganos' é o sujeito da voz ativa seguida de outras palavras com o mesmo valor sintático. A despeito de o sujeito não estar topicalizado, o efeito continua a denunciar a polaridade negativa com as expressões: 'apátridas', 'refugiados', 'guerras civis':

11-| NOTÍCIAS | 12/03/2013 2:09
Fórum dos Leitores- Além desses movimentos e iniciativas, os **CIGANO**s, os apátridas, os refugiados por motivo de guerras civis, poderiam ter uma prelazia pessoal para atendê-los, em razão de sua peculiar situação e circunstâncias.

Neste exemplo, a polaridade negativa é marcada com as palavras: 'denúncia', 'violações' e 'vulnerabilidade', e a polaridade positiva com 'acrescida', 'direitos humanos'. Semanticamente percebe-se haver uma tensão do item mais fraco para o maior forte, no que tange às etnias, sendo que a do 'cigano' é a última a ser apresentada, sendo seguida de ações antiéticas 'violência policial' e 'tortura'.

14 | NOTÍCIAS | 10/12/2012 17:05
Denúncia de violações contra idosos aumenta quase 200%, referem-se a denúncias de "outras populações em situação de vulnerabilidade acrescida de assuntos relacionados a direitos humanos, como quilombolas, indígenas, **CIGANO**s, violência policial, tortura, entre outros". Contra crianças e adolescentes, as maiores violações registradas pela Disque 100

No exemplo 15, a interpretação a partir da palavra 'Hitler' produz-se num contexto de polaridade negativa enfocando o estigma: 'Hitler' → 'camarilha', 'fantasma', 'extermínio', 'categorias marginais', 'derrocada', 'nazismo', 'atrocidades', 'torturas', 'ditadura militar','negadas', 'ninguém', todas com polaridade negativa. Observemos, especificamente na gradação, que o termo 'cigano' é o complemento nominal de 'extermínio', despertando uma associação com a informação historicamente compartilhada.

15 | NOTÍCIAS | 28/11/2012 2:11

Aparições - Sem opinião pública, as aparições somem ou são controladas. Hitler e sua camarilha domesticavam o fantasma do projeto de extermínio de judeus e de categorias marginais como os deficientes, os **CIGANO**s e os homossexuais. Havia suspeição do extermínio, não a prova cabal que apareceu na derrocada do nazismo, em 1945, confirmando as atrocidades. O mesmo ocorreu com as torturas da ditadura militar. As torturas eram negadas, ninguém era responsável e até hoje há quem nelas não creia ou admita e, no entanto, tal como os fantasmas, elas existiram.

Observem o exemplo 16, além das palavras destacadas 'pesadelos', 'tendências racistas', 'neonazista', 'antissemitismo', há o dado novo a partir do dado antigo: 'tendências racistas' → 'ciganos'.

16 | NOTÍCIAS | 10/11/2012 2:10
Clarão sobre os pesadelos da história - Na Áustria, é pior ainda. O objeto dessas tendências racistas eram, tradicionalmente, os judeus. Hoje são, por exemplo, os **CIGANO**s e os africanos. Temos também o exemplo da Grécia, onde um partido que se declara abertamente neonazista, e faz do antissemitismo uma de suas principais bandeiras, está triunfando. De outro lado, há um questionamento interessante que reflete sobre o projeto.

É tão comum identificar o termo cigano em contextos de estigma negativo que, mesmo quando a intenção é salvaguardar um espaço de inclusão social, ainda assim, a escolha dos termos satélites a 'cigano' denunciam o preconceito. Vejamos o exemplo seguinte em que 'minorias' e 'cotas raciais' são empregados para integrar 'raças' ao contexto social de direitos, no entanto, a proposta é 'resgatar injustiças históricas', ou seja, reinserir as tais 'injustiças' na sociedade.

19 | NOTÍCIAS | 09/08/2012 7:48

Fórum dos Leitores
Parabéns aos senadores pelo projeto que aprova cotas raciais nas universidades, resgatando injustiças históricas. Entretanto, as cotas deveriam contemplar outras minorias, também injustiçadas. Índios, cafusos, **CIGANO**s, judeus, como ficam (...)

3.2.2.1- Socialmente excluídos: marcas de estigmas evidenciadas por mudança de polaridade de positiva para negativa.

Recuperando o exemplo 5, é possível notar mais um fenômeno de ruptura semântica. Esse fenômeno forma-se por uma sequência que revela as escolhas lexicais e a posição sintática em ordem linear gradativa. Assim sendo, o nobre (prestígio), crianças (+/- prestígio), roubada (- prestígio), cigano (pernicioso), guerra (+pernicioso). Essa gradação cria uma transposição de traços, o que pode ser visto nos dois exemplos seguintes:

5 | NOTÍCIAS | 02/09/2013 17:05
(...)
O libreto de "Trovatore", ambientado na era medieval, fala de nobres, crianças roubadas, **ciganos**, guerra – e nem sempre o faz com uma linguagem teatral fluente, em especial perante nosso olhar contemporâneo. Ainda assim, o texto carrega elementos de uma das principais alterações feitas por Verdi – trazer para o centro de suas histórias figuras marginais. E isso é consequência do desejo do compositor de retratar personagens mais complexas, explorando para isso as possibilidades expressivas do gênero operístico por meio de uma linguagem feita de meias-tintas e contrastes.

20 | NOTÍCIAS | 27/07/2012 3:03
Parque Olímpico muda cara de região empobrecida, onde morou quase toda a vida, em hotel. Uma volta às origens. A taverna nasceu em 1812 para receber imigrantes, soldados, marinheiros, forasteiros, **CIGANO**s que chegavam pela ferrovia ou no atracadouro próximo. Ainda hoje, o leste londrino é uma região de minorias étnicas, principalmente do sudeste.

O mesmo pode ser observado no exemplo 20, que se inicia com a entrada de 'imigrantes', depois de 'soldados' e de 'marinheiros'. Todas as palavras são semanticamente positivas, havendo algum grau de prestígio na sociedade. Na sequência, 'forasteiro' (algum desconhecido, estranho ao lugar em que se encontra; aquele que é de fora; muitas vezes esta palavra é utilizada para denotar o arruaceiro) e, por fim, 'ciganos'. Tanto 'forasteiro' quanto 'cigano' denotam estigma negativo. Então,

podemos inferir que houve uma gama de traços marcando a transposição de polaridades, como em um *continuum*, em que há como base a ideia de grupo. Representamos essa transposição de traços no quadro seguinte:

(+) _____	(0) _____ (–)
imigrantes – soldados – marinheiros	forasteiros – ciganos
geral – específico – específico	geral – geral
maior – menor (quantidade no grupo)	(quantidade no grupo) menor – maior

Gráfico 03 : *Continuum* de traços semânticos como marcas de polaridade

3.3 - Subprincípio da quantidade e complexidade cognitiva

A quantidade de palavras utilizadas (forma) para a quantidade de informação gerada (expressão) é analisada por meio da materialização linguística segundo a concepção do falante. A construção gramatical reflete, assim, congruência entre o pensamento e a quantidade de elementos da construção sintática. Isso é o que chamamos de complexidade cognitiva.

Estratégia do discurso de não-cigano sobre cigano

Construções mais complexas podem ser mobilizadas para a avaliação dos ciganos. Normalmente, essa complexidade é veiculada por meio de materiais linguísticos que integram a cultura geral da sociedade. Analisemos os seguintes exemplos:

21 | NOTÍCIAS | 23/07/2012 19:00
Sai Joel, vem Dorival? A roda-viva dos técnicos segue...
Um dos mercados mais curiosos que há é o de treinador de futebol. Eles estão mais para **CIGANO**s da bola do que para professores, de tanto que andam pra cá e pra lá. (Bom, de professores têm só a deferência, porque o salário dos mestres de verdade está assim ó!). Pulam de galho em galho a todo momento

142- Ricardo Aguieiras disse... Fora que esse papo de "perdoar" tem tudo a ver com o cristianismo, até a palavra vive na boca de padres e pastores, que, escondido, não perdoam nada.
O povo **cigano** (o verdadeiro...), só para dar um exemplo, não tem esse papo de "perdão". Ao contrário, adoram e valorizam uma vingança e não medem esforços para realizá-la. Para eles, vingança é um prato que se come quente. E bem quente!

Beijos, Ricardo aguieiras2002@yahoo.com.br http://dividindoatubaina.wordpress.com (http://thiagolasco.blogspot.com.br/2010/10/ferro-e-fogo.html)

Nos exemplos 21 e 142, a utilização de provérbios e ditos populares modificados para que se encaixem e sejam irônicos dentro do discurso, evidencia que o falante tem total compreensão da língua e de sua complexidade, enfocando a competência linguística, usando o tema 'cigano' para adjetivar um conceito. Além disso, modifica o provérbio para se encaixar no conceito:

Exemplo	**Conceito**	Adjetivo	Adjetivo	Provérbio - ditado
21	**treinador de futebol**	**CIGANO**s da bola	De tanto que andam pra cá e pra lá (ciganos= nômades)	Pulam de galho em galho a todo momento
42	Fora que esse papo de "**perdoar"**	O povo **cigano**	não tem esse papo de "perdão". Ao contrário, adoram e valorizam uma vingança e não medem esforços para realizá-la. (ciganos=vingativos)	Para eles, vingança é um prato que se come quente. E bem quente!

Tabela 12 Amostra de complexidade cognitiva no subprincípio da quantidade

Como vimos nos capítulos iniciais, a iconicidade apresenta-se como a manifestação de um fenômeno cognitivo, em que "a estrutura da língua reflete de alguma forma a estrutura da experiência, isto é, a estrutura do mundo, incluindo (em muitas visões funcionalistas) a perspectiva imposta ao mundo pelo faltante". (CROFT, 1990, p.164). Nesta seção, tivemos a oportunidade de analisar vários exemplos que evidenciaram a atuação da iconicidade pela ordenação linear, pela integração sintático-semântica e pela complexidade cognitiva, sendo esta última representada por um discurso amparado em ecos culturais manifestados em ditados e provérbios.

3.4- Mesclas

A linguagem funciona como uma ponte de comunicação entre os falantes. A língua (e sua gramática) mostra-se como a interação da e na vida cotidiana, no

pensamento e na ação, mantendo-se entrelaçadas de tal forma que, ao longo da vida, o indivíduo, cria conceitos, ressignifica-os inconscientemente por meio de metáforas, que o levam a perceber, pensar e agir no mundo.

As metáforas conceituais, que "consistem em um conjunto de mapeamentos entre uma fonte e um alvo" (BERNARDO), lidam com o que é o mais concreto, mais acessível aos sentidos (domínio usado para conceitualizar) e direcionam esses conteúdos para o domínio-alvo, ou tópico, que é mais abstrato. Esse percurso pode não ser unívoco, provocando algumas interferências conceptuais, a que chamaremos de mesclas. Vejamos estes exemplos:

7-| NOTÍCIAS | 10/12/2013 15:05 **CIGANO**S
Nem tudo são flores – literalmente – na vida de uma esposa de treinador. O problema principal é a vida **cigana** do futebol. Roseli conta que ficou nove anos vivendo longe de Muricy no período em que ele passou por Pernambuco (Náutico), Santa Catarina (Figueirense) e Rio Grande do Sul (Internacional). 10/12/2013 15:05

Nesse exemplo, em que se lê o trecho: "O problema principal é a vida **cigana** do futebol", temos como domínio-fonte a vida cigana, e como domínio-alvo a ideia abstrata de instabilidade, mudança de endereço, nomadismo, que transporta de um *continuum* lexical (FONTE) para um semântico (alvo, mediado pela cultura dos ciganos, entendidos, aqui, como seres mentais e intencionais).

Historicamente essas metáforas favoreceram novas formas de aprendizagem cultural e, aqui especificamente, elas nos auxiliam a definir aspectos culturais e tradições comportamentais acumuladas e modificadas ao longo do tempo na origem da sociedade cigana. Analisemos o exemplo seguinte:

13 | NOTÍCIAS | 22/12/2012 7:00
A Ivete Sangalo de Israel quebra tabu histórico Emir Kusturica. Ele sempre escolhe umas músicas com um que **CIGANO**. Me sinto como se eu e minha banda fossemos um bando destes **CIGANO**s". Os instrumentos que a acompanham - kamanche e duduk - são tradicionais, mas a música que fazem é projetada para as ondas de rádio.

No primeiro fragmento, 'um que cigano', o uso do substantivo 'quê', mesmo que não acentuado, só é compreendido pelo conhecimento prévio da cultura do povo cigano, cujas experiências com o mundo físico servem como uma natural e lógica fundamentação para a compreensão do domínio abstrato (alvo). A segunda parte do

exemplo: “Me sinto como se eu e minha banda fossemos um bando destes **CIGANO**s”, evidencia a recorrência do estigma negativo na expressão ‘um bando destes ciganos’, o que gera ênfase na tradição comportamental, aqui, entre a alegria, que para o não-cigano parece ser sem razão; a ideia da convivência, companheirismo e união da minoria em: ‘como se eu e minha banda fossemos um bando destes ciganos’. Estratégia similar ocorre no exemplo 118:

118- **INFORMANTE 6 - Fita no. 5a**
SEXO: feminino
IDADE: 28 anos
ESCOLARIDADE: nula
OCUPAÇÃO: faxineira, doméstica - Trabalhou em indústria de roupas.
PROCEDÊNCIA: Norte de Minas Gerais (Município de Nova Módica, perto de Teófilo Otoni) - Veio para São Paulo em 1971.
RELIGIÃO: Espírita
DURAÇÃO DA ENTREVISTA: 30 minutos

Inf. a rua qui a genti falava era u interi/ era... nóis falava cidadi... lá é rua... purque tem a fazenda né? a gente ia... da rua pa fazenda fazê us biscoitu... intão voltava pa rua di novo... nóis falava a cidadi era di rua... a maior comédia... tinha veiz qui... nu:... nu sábadu né? a genti: ::... a genti chorava pa í pa missa mas aconteci qui a genti num gostava di sapatu né?... a mamãe comprava sapatu pra genti... nóis ia pa missa di sapatu chegava nu caminhu tirava tudu... ((ri)) punha nu ombru... i voltava todu mundu discalço pra casa... era u maió baratu... tá locu... eu chorava até daná eu num gostava di ropa di otra cor era só **ropa vermelha** qui eu (gostava) **iguar ciganu... vistidu rasgadu** si u espetu fizessi um furinhu minha fia eu infiava aquilu nus gaiu di pau... rasgava tudu pra mim ganhá otru
Doc. ganhá novu ((risos))
Inf. é... eu andava só di shorti mais era di shorti... eu prifiria andá di shorti du que cum vistidu rasgadu né?,... ((risos)) aí depois eu fui aprendenu fazê uns vistidu pra mim cum novi anu eu custurava pra mim

Em análise das expressões linguísticas ‘ropa vermelha’ ‘iguar ciganu’ e ‘vistidu rasgadu’, observamos manifestações de metáfora conceitual, pois revelam um ideário social ‘ropa vermelha’ (cor de vestimentas comumente atribuída a ciganos) e a avaliação sobre o modo de vestir: **‘**vistidu rasgadu’**.** Essas avaliações remetem ao que Kövecses (2002) explica sobre as metáforas ontológicas, pois são elas que nos permitem enxergar uma estrutura mais pontualmente delineada onde há pouca informatividade do domínio fonte para mais profundas e diversas interpretações no domínio alvo.

Evidencia-se, aqui, uma tradição comportamental atrelada à crença, esta simbolicamente ganha espaço e força de sentido entre as gerações, até cristalizar-se na formação social do grupo.

3.4.1 - Sociedade de multiplicidade identitária, vista como um grupo social sem unidade.

As mesclas são recursos comumente empregados em nos discursos dos grupos sociais. Pode-se avaliar a condição de um grupo que interage e se condensa em outro grupo. Muitas vezes identificamos contextos em que os componentes de um grupo considerado maior, ou mais representativo, denota não somente o seu desconhecimento sobre o grupo considerado menor ou de representação social mais discreta, como é o caso dos ciganos. Os componentes do grupo mais relevante socialmente, ainda, veicula conhecimentos compartimentados e compartilhados por várias gerações. O resultado disso é que podemos eventualmente surpreender discursos que se revelam neutros em relação a estigmatizações. É o que vemos no exemplo 10, dentre outros:

10- NOTÍCIAS | 19/05/2013 12:33
(...) Um dos problemas, segundo o educador alemão Mairele Krause, é que os **CIGANO**s, por sofrerem com a perseguição, estabeleceram uma cultura de segredo e proteção que torna difícil entendê-los e estudá-los. David Mayall, um acadêmico que escreveu a história dos **CIGANO**s nos últimos 500 anos, afirma ser difícil definir uma identidade para este povo, pois elas são múltiplas.

A mescla se aplica pela atuação dos subprincípios de integração (sofrer, perseguição, segredo, proteção, difícil) e de complexidade cognitiva (últimos 500 anos, identidades múltiplas).

Além do exemplo 10, há o 148 em que 'cigano' se refere ao coletivo e não a um indivíduo dentro de um grupo. O falante (twitter) ressignifica os conceitos e amplia em conotações metafóricas encontradas no comentário que faz sobre o cigano: como no domínio fonte- 'porco e imundo' para o domínio tópico ou alvo- 'cigano'. Agem aqui, também, os subprincípios de integração e de complexidade.

148- Odeio cigano.
Povo mais porco e imundo, impossível.
Fora que, não tem nacionalidade. Ou seja, nem brasileiros são.
http://forum.jogos.uol.com.br/sabe-galera-eu-tenho-certeza-que-um-dia-vou-me-casar-e-ter-filhos-e-uma-familia-porque_t_1862904?page=5

3.4.2 - Ideia, opinião ou expressão de sentimento desfavorável formado sem conhecimento abalizado, sem ponderação ou motivo.

68 | NOTÍCIAS | 09/05/2008 7:55
Socorro! Um médico quer me pegar! O médico era um só e mais assustador que qualquer bicho-papão. O médico só perdia para o lobisomem do Lon Chaney Jr em minha demonologia pessoal. Por quê? Não sei. Criança é um bicho meio idiota. Algumas temem os **CIGANO**s, outras o monstro que vive debaixo de suas camas.

Consideramos a ordem linear SVC em que o termo 'cigano' ocupa o espaço de OD e em posição medial. No subprincípio da integração há palavras que denotam ideias negativas: 'socorro' (topicalização), 'assustador', 'bicho-papão', 'lobisomen', 'demonologia', 'idiota' e 'monstro'. Como expressão de sentimento desfavorável, 'temem os ciganos', neste exemplo, as crianças já conceituaram o termo 'cigano' e reafirmam o que lhes foi incutido socialmente, não havendo ponderação ou motivo aparente para essas qualificações. A quantidade de informação necessária para compor a opinião sobre os ciganos atende ao subprincípio de complexidade.

3.4.3- Sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; intolerância.

190-

ODEIO CIGANOs (a). **Odeio. Odeio. Odeio**. Só por eles respirarem o mesmo ar que eu já os **odeio**! Devem ser a espécie mais **irritante** à face da Terra. É para eles que a vida está boa. Não fazem descontos, têm grandes carrões e até direito a inserção social! São **nojentinhos**! No fundo quando estamos trabalhando, ali dando duro... para que eles possam continuar por aí **fazendo nada**, dançando, um desacato. Por mim, mandávamos essa espécie do **demônio** para uma ilha deserta e eles que **desencarnassem** por lá. Que se **matassem** uns aos outros. Que se **roubassem** uns aos outros. Por isso, se querem que a vida vos sorria das duas uma: tornem-se políticos ou **CIGANO**s (b)!

No exemeplo 190, o subprincípio de ordenação linear traz o sintagma 'ciganos' (a) focalizado em posição medial como OD da primeira sentença e ciganos (b) em posição final, também como predicativo da última sentença. A posição sintatica pode não afetar a compreensão do texto, mas pragmaticamente, o que é principal deve vir topicalizado, ou seja, a intolerância já se apresenta na primeira posição do texto, enquanto os termos 'ciganos' são minimizados em sua relevância semântica ao virem em última posição oracional.

Quanto ao subprincípio da integração, os dois termos ciganos (a) e (b) estão avizinhados de: ‘odeio’, ‘irritante’, ‘nojentinhos’, ‘fazendo nada’, ‘demônio’, ‘deseencarnassem’, ‘matassem’, ‘roubassem’, denotando a avaliação negativa.

Em referência ao subprincípio da quantidade, considerem os segmentos: ‘**ODEIO CIGANO**s (a). **Odeio. Odeio. Odeio**. Só por eles respirarem o mesmo ar que eu já os **odeio**!’ e ‘Por mim, mandávamos essa espécie do **demônio** para uma ilha deserta e eles que **desencarnassem** por lá’. Esses dois segmentos mostram que o sentimento hostil, a generalização e a intolerância são conceitos codificados em expressões.

Estes outros dois segmentos exemplificam a complexidade cognitiva: ‘Devem ser a espécie mais **irritante** à face da Terra ‘ e ‘que se **roubassem** uns aos outros’, pois, reforçam o ideário já anteriormente explicado sobre como o não-cigano avalia e denigre o cigano, para tanto, utiliza-se de estruturas sintáticas complexas para a abrangência de sentido.

3.4.4- Qualquer atitude étnica revelando uma forma irracional ou ilógica de discurso.

53 | NOTÍCIAS | 14/07/2009 0:00 - De amarração para o amor a apartamentos milionários - A turma dos orixás, **CIGANO**s e pessoas que "fazem trabalho para trazer a pessoa amada de volta" já representou, com folga, o grupo que mais burla a lei da poluição visual. Hoje, porém, ganharam um concorrente de peso: os corretores de imóveis.

A falha de lógica está presente no preconceito em referência a ‘ciganos’. Esta pode ser notada em termos relacionados à religião (orixá), etnia (ciganos) e atuação dentro da sociedade (pessoas que fazem trabalho para trazer a pessoa amada de volta). Essa gradação tem seu ápice em ‘burlar a lei da poluição visual’. O início do texto ‘De amarração para o amor’ permite depreender o sincretismo que o não-cigano atribui ao cigano, assim, ressaltando o subprincípio da quantidade, codificada do concreto para o abstrato e demandando uma complexidade cognitiva.

3.4.5- A polaridade positiva e a negativa a serviço do grupo socialmente privilegiado.

56 | NOTÍCIAS | 03/06/2009 0:00
Uma atitude milenar que inspira vários criadores. A atitude milenar dos **CIGANO**s diante do mundo sempre fascinou os criadores, segundo Cristina da Costa Pereira. "Para

inventar, o artista precisa do sonho", diz. "E os **CIGANO**s, pelo fato de estarem sempre caminhando, sem explicarem a causa da sua busca, inspiram uma visão onírica."

57 | NOTÍCIAS | 03/06/2009 0:00
Uma nação que vive sem destino - Os **CIGANO**s estão andando, e não se importam em saber para onde. Certa vez, um aristocrata até perguntou: "Mas, afinal, o que eles querem?", e ouviu a seguinte resposta: "Ir até o fim do mundo e depois voltar." "E é por isso que a culpa sempre é do **CIGANO**, porque ele está sempre de passagem".

Os dois exemplos revelam a atuação do subprincípio da quantidade e, portanto, demanda maior complexidade cognitiva, pois, somente com o compartilhamento da ideia de que 'caminhar' e 'andar' representam uma ação nômade, uma das características da cultura cigana.

O nomadismo é o foco de ambos os exemplos. A diferença está presente no subprincípio de integração, pois o exemplo 56 apresenta as palavras 'atitude', 'milenar', 'fascinou', 'inventar', 'sonho' e 'visão onírica', todas com polaridade positiva, sendo o caminhar um hábito cigano relacionado a buscas e descobertas. Já o exemplo 57 traz as expressões 'sem destino', 'não se importam', 'fim do mundo', 'culpa' e 'está sempre de passagem' avizinhando-se ao termo 'cigano', o que evidencia o nomadismo como fuga e possibilidade de o não-cigano utilizar esse hábito do cigano para esconder os próprios deslizes.

Observemos que o subprincípio da integração abre espaço para o da quantidade, que demanda maior complexidade cognitiva por parte do interlocutor, ou seja, as polaridades existentes nos dois exemplos, mesmo que opostas, apresentam o que o não-cigano desenvolveu de ideia sobre o cigano.

3.4.6- A construção de modalidade, tempo e aspecto com traço negativo a partir do discurso do não-cigano.

150 - Passagem obrigatória. Do ceguinho à esquina do armazém do português no tilintar de moedas na cuia de queijo, ao homem da perna-de-pau, morador do Alto da Silveira. Como não lembrar do falador da vida alheia - Bate-Bico - morador do beco do Sabino que era também padioleiro do Pronto-Socorro. As cantigas do verdureiro ainda tão vivas na memória daqueles que as escutaram um dia. Quem não se lembraria do mercador de peixe que vinha do Rio Vermelho a pé e que passava invariavelmente pelas manhãs. Já o vendedor de pirulito tocava seu realejo pelas tardes. Fazia seu ponto na porta do colégio Dois de Julho.

Bandos esporádicos de CIGANOs montados a cavalo armavam suas tendas nos terrenos baldios da Fazenda Garcia. Traziam mercadoria exótica. Motivavam um certo receio. Dissimulado**. "Cuidado, pois CIGANO é ladrão de galinha**..." Fascínio em sorrisos de ouro. **As mulheres ciganas liam as mãos de moças e rapazes à saída do colégio.** Eram suas profecias acreditadas em troca de algumas moedas. Sempre queriam mais no convencer intencional. Aos homens **CIGANO**s cabiam outras tarefas - Batiam de porta em porta oferecendo simpatia envolvida na magia de peregrino pelas estradas do mundo. Sonho de outros. Sabiam usar bem as palavras. Tachos de cobre e almofariz niquelado faziam como ninguém. **A arte dos CIGANOs nos metais**. (Informante: Amália Gonzalez Grimaldi – descendente de espanhóis, nascida em Salvador, Brasil. Ano da interação: 2011)

No exemplo 150, várias palavras de conotação negativa ou de falta de ação ('não', 'invariavelmente', 'ninguém', 'receio', 'ladrão', 'dissimulado', 'cuidado') sinalizam que o léxico está entrelaçado ao discurso produzindo as camadas de figura e fundo (Givón, 1984) e uma avaliação negativa dos ciganos.

Adicionalmente, o traço irrealis, ou seja, pressuposição fracamente aceita como uma verdade possível, pode ser identificada nos usos verbais: 'As mulheres ciganas **liam** as mãos de moças e rapazes à saída do colégio. **Eram** suas profecias acreditadas em troca de algumas moedas'; '**Batiam** de porta em porta oferecendo simpatia envolvida na magia de peregrino pelas estradas do mundo. Sonho de outros. **Sabiam** usar bem as palavras'. O tempo verbal marca o pretérito imperfeito, em cuja ação há a iteratividade, ou seja, a ação é realizada várias vezes sem tempo determinado de término.

Essas descrições formam parte dos subprincípios de ordenação linear (ordem das palavras); integração (avizinhamento de palavras) e quantidade (iteração verbal). A soma deles forma a complexidade cognitiva demandada para o interlocutor.

3.5 - Padrão de uso com abrangência de sentido: foco na estigmatização.

Observemos os exemplos seguintes, em que a construção do sentido produz a estigmatização: 6, 92, 11 e 3.

6- | NOTÍCIAS | 01/09/2013 18:12 O objetivo é "garantir a orientação geral sobre direitos humanos a qualquer vítima de violação de direitos" e prestar "atenção jurídica, psicológica e social a detentos, egressos do sistema prisional, seus familiares, comunidades e população em geral, bem como a pessoas com deficiência, idosos, quilombolas, indígenas, assentados, afrodescendentes, população GLTB e **CIGANO**s".

Exemplo 92- O QUE LHES CONVÉM: Primeiro, eles vetaram a presença dos homossexuais, mas, como não sou gay, eu me calei. Depois, eles vetaram a presença de qualquer outro grupo, a critério de Feliciano e seus carolas, como os judeus, negros, deficientes físicos e mentais, **ciganos**, adversários políticos e religiosos, tal como no nazismo, em nome da pureza, não da raça, mas do que lhes convém. Luiz Nusbaum. ".(*O Estado de São Paulo* 18/10/2013 2:14)

11-| NOTÍCIAS | 12/03/2013 2:09
Fórum dos Leitores- Além desses movimentos e iniciativas, os **ciganos**, os apátridas, os refugiados por motivo de guerras civis, poderiam ter uma prelazia pessoal para atendê-los, em razão de sua peculiar situação e circunstâncias. (*O Estado de São Paulo* 12/03/2013 2:09)

3- | NOTÍCIAS | 18/10/2013 2:14- Os Romas, como são oficialmente conhecidos os **CIGANOS** (a) (gypsies, em inglês), celebraram nesta semana a sua data cultural. E as comemorações não receberam atenção nenhuma. Afinal, os **CIGANOS** (b) são praticamente ignorados e quase ninguém no mundo luta pelos direitos deste povo. No Holocausto, eles também foram levados para campos de concentração e eliminados em escala industrial pelo regime nazista. Mas ficaram sem indenização ao perderem as suas posses e seus parentes. Não há memorial para eles. Os **CIGANOS** (c) tampouco possuem um Estado, apesar de serem minorias expressivas em países do Leste Europeu, como a Romênia. Não vemos movimentos internacionais como os existentes pela criação da Palestina, de Kosovo, de Timor Oriental ou do Curdistão. Os **CIGANOS** (d) são perseguidos na Itália e na Suíça, mas poucos se preocupam em defendê-los, ao contrário do que ocorre com imigrantes ilegais de nações africanas.

Nesses exemplos, notamos a palavra 'cigano' com grau de informatividade minimizado ou até com ilações ao pejorativo. Também a topicalização é usada como uma estratégia para destacar o *locus* da atenção requerida. Todos eles ilustram a atuação do subprincípio da iconicidade com relação à ordem sequencial e o sujeito topicalizado em (a) e os focalizados em (b), (c) e (d), além do subprincípio da ordem, há também o da integração ('ignorados', 'ninguém', 'nenhuma', Holocausto', 'eliminados', 'nazista' e 'minorias' marcando o traço negativo, mesmo que o texto tenha como objetivo evidenciar a falha que a sociedade privilegiada ao não incluir o grupo dos ciganos em benefícios para os grupos minoritários (vide o exemplo 3).

Após a análise dos traços negativos e das formas pelas quais eles são codificados pelos não-ciganos, perguntamo-nos se, na cidade de São Paulo, essa descrição também

encontraria guarida ainda hoje. Elaboramos, então, um questionário projetado para ser aplicado em ambientes diversos a paulistanos.

Capítulo IV. Referendação dos usos

A mais bela fogueira começa com pequenos ramos (Ditado Cigano)

Quadro 16 - Portrait d'un gitan- Henri Regnault (s/data)

Com as necessidades advindas da primeira incursão investigativa, sentimos a necessidade de elaborar um questionário para uma consulta a nativos da cidade de São Paulo. Esse questionário priorizou dados pessoais dos informantes e impressões sobre os ciganos. Concomitantemente, como não poderia deixar de ser, esses informantes relataram histórias vivenciadas ou ouvidas cujos protagonistas eram os ciganos.

O olhar ao longe, distante, observador e prescrutador. Essa é uma das possibilidades de interpretação do olhar do cigano da tela de Henri Regnault (França, 1843–1871). Espelhamo-nos nesse olhar para elaborar, aplicar e analisar o questionário, um dos componentes do *corpus*, em busca de referendar os resultados até o presente momento reunidos sobre o cigano no discurso do não-cigano. Com essa finalidade, retomamos vários autores que nos acompanharam durante nossa formação acadêmica. Dentre eles, citamos alguns da Sociolinguística (Labov, 1972; Monteiro, 2000; Preti, 1982), que prevê análise de variáveis diatópicas, contextuais e diastráticas. As *diatópicas* podem ser representadas pelo *locus* de nossa pesquisa: a cidade de São Paulo, dentro da qual selecionamos somente os nativos, ou seja, paulistanos. As *contextuais*, por sua vez, poderiam nos auxiliar na análise de diferenças nas escolhas linguísticas e nas formas de se expressar, ou, ainda, no modo de preenchimento do questionário. No entanto, não as utilizaremos como foco de estudo, que se prenderá tão exclusivamente ao conteúdo formulado pelos informantes. Por fim, as diastráticas nos interessem na medida em que nos ajudarão a compreender o conjunto de informantes em seus traços ligados à sua formação educacional, ao sexo e à faixa etária. Esses traços são fundamentais para compreender em que espaços paulistanos circulam preconceitos e estigmas contra ciganos.

As faixas etárias variam de 13 anos até 74 anos e serão controladas na população estudada em cinco grupos, formados aleatoriamente, posto que as oportunidades de contato é que nos guiaram na recolha de respostas:

A. de 13 anos até 17 anos: nesta faixa etária, os jovens ainda não são emancipados e não respondem legalmente por si mesmos na sociedade. Nesse grupo, consultamos 8 paulistanos.

B. de 18 anos até 25 anos: nesta faixa etária prevê-se a responsabilidade plena, portanto, o crescimento e maturidade que pressupõe o conhecimento de regras sociais e de convivência. Hipotetizamos, por isso mesmo, que, nesse grupo, o preconceito seja menos marcado, devido à busca de conhecimento amplo do adolescente e do jovem-adulto em todos os assuntos que os cercam. Nesse grupo, consultamos 40 paulistanos.

C. de 26 anos até 38 anos: as determinações sociais de trabalho, emprego, meios de viver, relacionamentos, filhos, são recorrentes na fase vivenciada

pelos integrantes dessa faixa etária. Neste grupo, consultamos 83 paulistanos.

D. De 39 anos até 55 anos: nesta fase, as determinações sociais do item C tornam-se mais evidentes, e os entrevistados certamente demonstrarão maior maturidade num mais amplo nível de modo a revelar uma estabilidade social e independência. Neste grupo, consultamos 65 paulistanos.

E. De 56 em diante: nesta faixa etária, encontram-se indivíduos com as mesmas condições da faixa anterior, sendo que muitos deles possam se encontrar na condição de aposentado, momento em que desfrutam de todo o tempo de aplicação de seu conhecimento e trabalho. Neste grupo, consultamos 13 paulistanos.

A partir dessa divisão é que indicaremos o perfil do grupo de paulistanos entrevistado com o intuito de compreender mais abrangentemente as respostas dadas e interpretá-las. Abaixo, apresentamos o modelo de questionário utilizado.

MODELO DE QUESTIONÁRIO:

Pesquisa sobre **Ciganos→**
Em estando de acordo, solicito que respondam as questões:
(Não é necessário colocar o seu nome)

A- Sua idade: _____ anos.

B- ( ) Masculino ( ) Feminino

C- Localização (mora na(o))
Na cidade de São Paulo:
( ) zona norte ( ) zona sul ( ) zona leste ( ) zona oeste ( ) centro

Em outra cidade:_____
( ) zona norte ( ) zona sul ( ) zona leste ( ) zona oeste ( ) centro

D- Escolaridade
( ) EFI ( ) EFII ( ) EM ( ) Superior incompleto
( ) Superior completo- graduação ( ) Pós-graduação (completa ou incompleta)

E- Já ouviu falar em 'ciganos'? ( ) sim ( ) não

F- Coloque 3 palavras que, para você, são associadas aos ciganos:
_____- _____ - _____

G- Conhece algum objeto que te lembra o povo cigano? (instrumentos, roupas, etc.) Qual (is)? _____

H- Conhece algum nome cigano? (nome de pessoa?)
( ) não ( ) sim (qual?) _____

I- Já foi a alguma atividade cultural cigana? (festa, etc)
_____

J- Sabe sobre profissões exercidas por ciganos? Qual (quais)?
_____

K- Conhece alguma história de ou sobre ciganos? Não ( ) Sim( )
_____
_____
_____

L- Você acredita ter preconceito em relação à etnia cigana? _____

M- Qual a sua etnia? _____

N- Sobre os **ciganos,** marque um 'X' para identificar a posição que lhe parece adequada na caracterização do grupo cigano.

	0% - 24%	25 %- 49%	50 %- 74%	75%- 90%	91%- 100%	
baixo nível educacional						alto nível educacional
baixo nível cultural						alto nível cultural
baixo nível econômico						alto nível econômico
baixo status social						alto status social
pouco prestígio						muito prestígio
pouco poder						muito poder

Inicialmente, consideremos as respostas elaboradas pelos paulistanos à questão do item K: *Conhece alguma história de ou sobre ciganos?* Do total de 211 questionários respondidos, somente 58 responderam positivamente a esse item.

Analisando, a partir de agora, somente os 58 respondentes, pudemos agrupar todas as histórias em três núcleos ligados ao *continuum* de traços neutro > positivo > negativo.

Os neutros equivalem à falta de ênfase nos traços ou positivos ou negativos, ou seja, a história é contada com afastamento e sem julgamento sobre os ciganos. O traço neutro é representado por três grupos de histórias: gênese, hábito e sem definição.

O traço positivo abrange todas as histórias relatadas que dão relevo a características inerentes à cultura cigana com exaltação. Esse traço é representada por cinco grupos de histórias tematicamente organizadas assim: personalidade; hábito; leitura de mãos e cartas; filmes, novelas e livros; e alegria.

O traço negativo mostra-se presente nas histórias relatadas que estigmatizam o povo cigano. Esse traço é representado por sete grupos temáticos de histórias: maldição; cultura; ganância; morte; roubo; abandono; e perseguição.

A seguir, apresentamos a quantificação desses temas nas respostas aos questionários.

a) Neutro – 14 respostas

Tema: **Gênese**
Informante 173 - A origem do povo estaria relacionada a um episódio bíblico, a **uma visão diferente de Adão e Eva**.
Informante 21 – Sobre os ciganos **romenos** expulsos de **alguns lugares da Europa**
Informante 25- A origem dos ciganos nas **terras húngaro-austríaca império**
Informante 115- Eles saíram da **Índia** e ganharam o mundo.
Informante 157- Dizem que tem origem **asiática** (**Índia**)

Tema: **Sem definição**
Informante 58-**Não me recordo** dos nomes com precisão, mas foi a representação desses personagens diversos nomes.
Informante 76- Já ouvi alguma coisa,, mas **não conheço bem** nenhuma.
Informante 194- Apenas em programa no TLC mas **não sei** se tem a mesma temática

Tema: **Hábitos**
Informante 125- **se casam entre eles**, onde os casamentos são **arranjados** entre as famílias, as moças se casam muito cedo por volta dos 14 anos.
Informante 132- As mulheres têm o costume de **ler a mão** das pessoas, eles **vivem em acampamentos**.
Informante 146- **Mudam de casa com frequência**.
Informante 163- **Várias, tendas e contos**.
Informante 169- **Moram em tendas**, as mulheres são preparadas para fazer serviços domésticos, educar os filhos algumas tem o dom de **trabalhar com cartas** através da **vidência**
Informante 55- O depoimento de um professor da USP sobre sua **história de vida** e a divulgação das **culturas** do povo cigano.

b) Negativo-28 respostas

Tema: **Maldição**
Informante 91- Minha mãe presenciou uma cigana pedindo uma galinha e a amiga negou, diante desse fato, **a cigana rogou uma praga e a galinha morreu**.
Informante 120- Que quando **eles lançam uma maldição, acontece**.
Informante 99- Assisti a um filme chamado '**Arraste-me para o inferno**'
Informante 129- Lá no Nordeste a cigana pediu dinheiro, animais para minha mãe para **desamarrar os feitiços que ela falava que alguém tinha colocado** nela ou na nossa família.E minha mãe acreditava e dava escondido do meu pai.

Tema: **Cultura**
Informante 1 - Conheço algo sobre as mulheres sempre vestirem saias longas, por ser **impuras da cintura para baixo**
Informante 183- **Querem sair ganhando**, não importa se estão certos ou errados, querem ser espertos.
Informante 9- **O corcunda de Notredame, Explode coração, novelas da Globo**.
Informante 48- No interior (Assis) **a invasão** de um terreno, com barracas, carros, mobília e sua **expulsão**... Há muito penso, **preconceito e receio**!
Informante 172- Os que eu já vi montam barracas iguais de circo e vivem assim no meio do mato tem o hábito de pedir para ler a sorte das pessoas, nos pontos de onibos (*sic*) e estações de trem **andam sujos** principalmente as mulheres e carregam as crianças também sujas dizem que estes são ciganos, onde vivem **não há saneamento básico** onde eles **fazem suas necessidades fisiológicas aonde esta montada a suas barracas** e o local fica **cheio de lixos ratos**.

Tema: **Ganância**
Informante 183- **Querem sair ganhando**, não importa se estão certos ou errados, querem ser espertos.

Tema: **Roubo**
Informante 2 - Apenas estórias sem fundamento que **eles roubam crianças, cavalos** e que quando **rogam 'pragas' o sujeito amaldiçoado sofrerá algo grave**
Informante 78 - Apenas me lembro de que quando era criança, na época em que os ciganos chegavam à cidade, sempre me diziam para ficar longe deles, pois eram **ladrões de crianças e poderiam me levar embora.**
Informante 159 - Como saí da religião do candomblé, tenho relato de **ciganos que roubavam cavalos**, **mas que hoje ajudam as pessoas**.
Informante 153- Nas feiras **os ciganos vendiam cavalos cegos, aleijados e que jogavam mal olhado nas pessoas.**
Informante 14- O **cigano trocou um cavalo com meu pai, e que quase me matou**, carrego uma cicatriz até hoje, na minha testa do meu lado direito.
Informante 74- Quando era pequena, minha mãe falava para **tomar cuidado**, porque enquanto uma **lia a mão as outras roubavam**, era para **tomar cuidado**.
Informante 18- **Rouba**
Informante 83- **Roubam** coisas, leem mão
Informante 42- **Roubam** crianças
Informante 109- **Roubas** criancinhas

Informante 154- **Roubavam** crianças
Informante 110- **Roubo** e rapto de crianças
Informante 53- São ricos, **roubam** crianças, leitura de mão
Informante 63- Já fui **abordado por uma cigana**, no centro de São Paulo, quando tinha uns 17 anos e ela insistiu ler a palma da minha mão, fiquei com medo, pois minha avó dizia que **os ciganos roubava objetos** sem a gente perceber, porém não fui roubado
Informante 188- Sei que são pessoas que não são aceitas na sociedade pois o preconceito em relação a eles é muito grande, **são taxados de ladrões** etc.

Tema: **Morte**
Informante 50- Foram **dizimados** do sudeste mineira **por policiais**.

Tema: **Abandono**
Informante 60- Sou advogada (Procuradora ?) do Estado e certa vez fui nomeada para advogar na vara da infância e investido na defesa de duas crianças, filhas de ciganos, que foram **abandonadas pelos pais** e foram na ocasião encaminhadas para conselho tutelar e adoção.

Tema: **Perseguição**
Informante 103- **Perseguição** ao longo da história! A mais significativa, no meu ponto de vista, **2.a Guerra Mundial**.

c) Positivo – 16 respostas

Tema: **Personalidade**
Informante 40- livro Esmeralda – Zibia Gasparetto – fala de uma cigana de **personalidade forte.** Apresenta-se em noites de festa com uma dança sensual.

Tema: **Hábito**
Informante 43- a única coisa que sei é de observação de um **acampamento** cigano na cidade de Itapevi, as casas são de tijolo em uma área livre próximo a linha férrea me chama a atenção as **roupas coloridas** e os carros novos em contraste com a extrema pobreza das habitações.

Tema: **Leitura de mãos e cartas**
Informante 80- uma mulher cigana **leu minha sorte** e aquilo que ela me disse realmente se realizou. Acredito que eles tem o **dom de prever futuro**.
Informante 113- Uma cigana, não sei se foi baralho ou mão, **acertou tudo** sobre como seria a vida da minha mãe, só não acertou a quantidade de filhos.
Informante 104- **casamentos ciganos**

Tema: **Filmes, novelas e livros**
Informante 68- **O corcunda de Notredame**
Informante 75- Apenas aquelas mostradas em **filmes** e **novelas** com personagens ciganos. A imagem que tenho do cigano é principalmente representada pela personagem feminina, bela, sedutora e por quem os homens se apaixonam loucamente.

Informante 77- Conheço uma referência aos ciganos no **filme "O Corcunda de Notredame"** da Disney, em que figura a cigana Esmeralda, retratada como uma mulher muito bonita, esperta e de bom coração.
Informante 92- Na realidade tudo que sei sobre ciganos é resultado de **filmes**, **novelas** e/ou **desenhos**.
Informante 133- **O corcunda de Notredame**
Informante 193- **conde de notredame**
Informante 27- [relata o **filme**] vaso barro casamento quebrar o vaso- se junta ou se separa
Informante 31- **Carmen** de Merrimé
Informante 45- Lembro de uma **reportagem** sobre o casamento de uma cigana de 12 anos com um adulto, **documentário** (gipsy) no Canal Futura, o **filme**: a bússola de outro também fala sobre esse tema, entre outros filmes.

Tema: **Alegria**
Informante 116- lembro de uma história que falava sobre ciganos, acampamentos e **fogueiras** Onde todos alegremente **dançavam** e **cantavam**.
Informante 43 - A única coisa que sei é de observação de um acampamento cigano na cidade de Itapevi, as casas são de tijolo em uma área livre próximo a linha férrea me chama a atenção **as roupas coloridas e os carros novos em contraste com a extrema pobreza das habitações**.

Das 58 respostas analisadas, boa parte remete a informações que não estão presentes no dia a dia dos paulistanos. Isso quer dizer que, para que o informante tenha recuperado essa informação, contou com maior complexidade cognitiva. Esta pode ser ilustrada em diversos exemplos, dentre os quais citamos os dos informantes 2 e 173:

Informante 2- "Apenas estórias sem fundamento que eles **roubam crianças, cavalos** e que quando **rogam 'pragas'** o sujeito amaldiçoado sofrerá algo grave."

Informante 173-A origem do povo estaria relacionada a um episódio bíblico, a **uma visão diferente de Adão e Eva**.

Como discutimos no capítulo sobre as bases teóricas, Pinker (2008, p. 417) argumenta sobre a importância da "*associação memorizada entre som e significado, [...]compartilhada por uma comunidade linguística*" . Em outras palavras, pretendemos aproximar essa ideia do repertório cultural que os cidadãos carregam consigo, mesmo sem ter vivenciado as situações. Dessa maneira, os informantes se utilizam de alguma

expressão convencional da comunidade linguística em que eles estão inseridos, compartilhando ideologias.

Esses paulistanos são células de uma sociedade de não-ciganos, fazendo convergir 28 das 121 respostas que estigmatizam o cigano. Em outro viés, 16 respostas revelam traços positivos e 14 são neutras, em que o cigano é visto pela alegria e pelo exotismo como o relatado pelo informante 75, na mesma questão:

Informante 75- Apenas aquelas mostradas em filmes e novelas com personagens ciganos. A imagem que tenho do cigano é principalmente representada pela personagem feminina, **bela, sedutora e por quem os homens se apaixonam loucamente**.

A gradação do externo (beleza – para atingir o objetivo – sedução) para o interno (fazer homens se apaixonarem, como se houvesse algo de magia ou mágico na cigana, como se o homem não tivesse escolha de tão encantadora que ela é) revela-se como uma dinâmica avaliativa como eco do imaginário social.

Os exemplos 141 e 143 convergem em seus traços positivos com as respostas dos informantes 43 e 116, no item K do questionário:

Informante - 141- Recebi um pedido semana passada para ajudar a encontrar alternativas baratinhas para uma **festa cigana**.

Tenho que dizer que adorei o tema, super criativo, cheio de **história e tradição**, fora que está **super na moda**. Já reparou que está na moda usar **várias pulseiras, anéis, colares…tudo ao mesmo tempo**? Fora **os lenços e saias longas** que voltaram com tudo!

Todos são **elementos da tradição cigana** que é **muito sensual e vaidosa**.

Logo esse tema não é nada minimalista, o espaço deve estar **super decorado** com muitos **tecidos de cores fortes e coloridas**.

http://www.suacasasuafesta.com.br/festas/festa-cigana

Informante 116- Lembro de uma história que falava sobre ciganos, acampamentos e fogueiras Onde todos **alegremente dançavam e cantavam**.

Informante-143 -Nem tudo estava perdido. Só minhas amigas tinham se perdido (ou desistido, ou se escondido?) de mim. Porém... **Santa Sara Kali, protetora do povo cigano**, resolveu olhar para o **arremedo de cigana desgovernada de sua festa** e eis que aparece um **Deus Cigano** (além do fraco por Deuses Gregos, tenho um fraco por Deuses Ciganos também. Na verdade, tenho um fraco por homem bonito!). **Lenço na cabeça, brinco na orelha, uma camisa de seda vermelha**... fora que ele tinha quase 2 m de altura e eu gosto de homem assim: praticamente um parque de diversões. Entrou

em um banheiro comigo e estava me ajudando a lavar meu pé esquerdo, que tinha terra grudada na zona do "bife". Romântico, né? Seria, se minhas amigas não tivessem resolvido aparecer e gritar na porta do banheiro: sai daí, Alê, isso é quase pedofilia! Gente... só porque o **Rei Cigano** tinha no máximo uns 23 anos????? Mas pensando bem e fazendo umas contas, realmente não dava para encarar.
http://www.alelasorciere.com.br/2011/07/la-sorciere-e-fratura-do-halux.html

Informante 43 - A única coisa que sei é de observação de um acampamento cigano na cidade de Itapevi, as casas são de tijolo em uma área livre próximo a linha férrea me chama a atenção **as roupas coloridas e os carros novos em contraste com a extrema pobreza das habitações**.

Passemos à tabulação das demais respostas assinaladas pelos informantes paulistanos. Iniciemos pelo gênero do informante, perguntado na questão B. Havia duas possibilidades de resposta: **masculino** ou **feminino**.

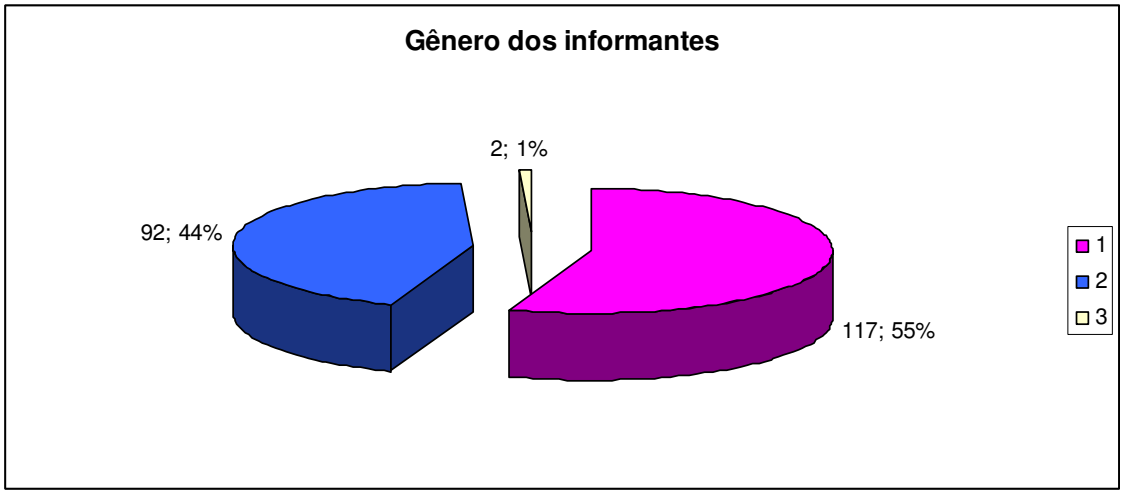


Gráfico 04 : Gênero dos informantes

Quantidade de informantes: 209
Número de formulários- 211
1- Mulheres – 117 paulistanas (56%)
2- Homens – 92 paulistanos (44 %)
3- Não informaram – 2 paulistanos (0%)

O local em que reside cada um dos paulistanos também foi alvo de inquiração na questão C. Tivemos como objetivo procurar mapear as principais áreas da cidade, separadas em centro, zona norte, zona sul, zona leste e zona oeste. O resultado da tabulação pode assim ser representado:

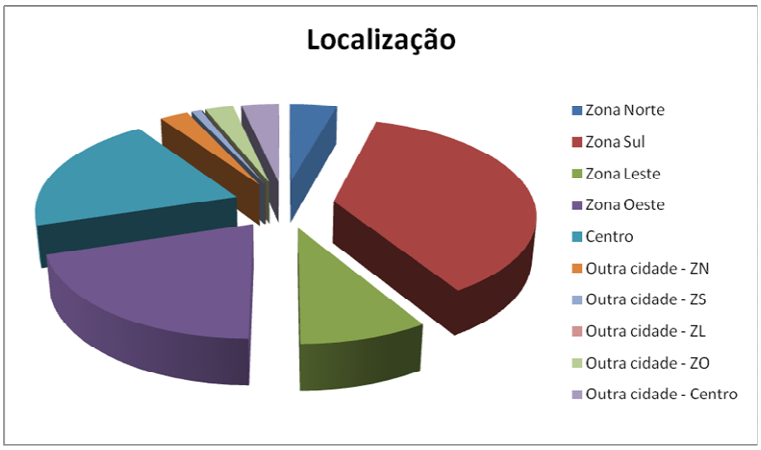


Gráfico 05: Localização

Outro dado relevante para a pesquisa foi o da idade dos informantes. Das cinco faixas etárias identificadas, a seguir, tivemos uma distribuição desproporcional devido à forma que adotamos para colher o material: aleatória.

1- de 13 anos até 17 anos: **3- de 26 anos até 38 anos** **5- De 56 em diante**
2- de 18 anos até 25 anos **4- De 39 anos até 55 anos**

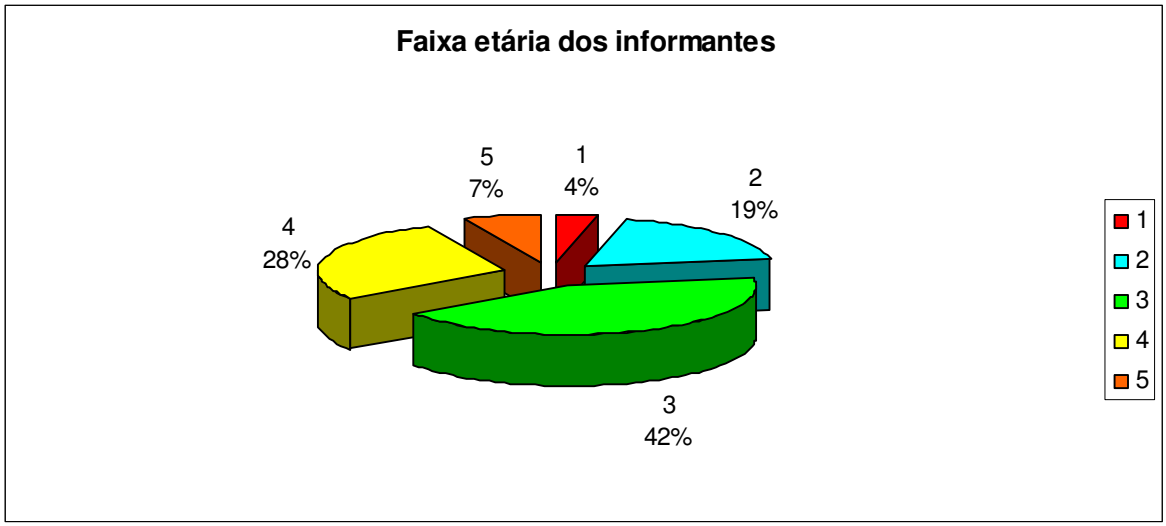


Gráfico 06: Faixa etária dos informantes

Como argumentamos anteriormente, a formação escolar dos paulistanos respondentes é relevante para que consigamos melhor delinear o que é preconceito. Explicamos: raramente a população paulistana convive com ciganos. Estes migram e se instalam em áreas não residenciais, provocando, no máximo, um confronto visual e de passagem. Essa ideia não é válida, no entanto, para os casos de paulistanos que vivem em áreas periféricas da cidade. Vejamos o resultado dessa distribuição no seguinte gráfico:

D- Escolaridade

(1) EFI (2) EFII (3) EM (6) Superior incompleto
(4) Superior completo- graduação (5) Pós-graduação (completa ou incompleta)
(7) analfabetos (7) Não respondido

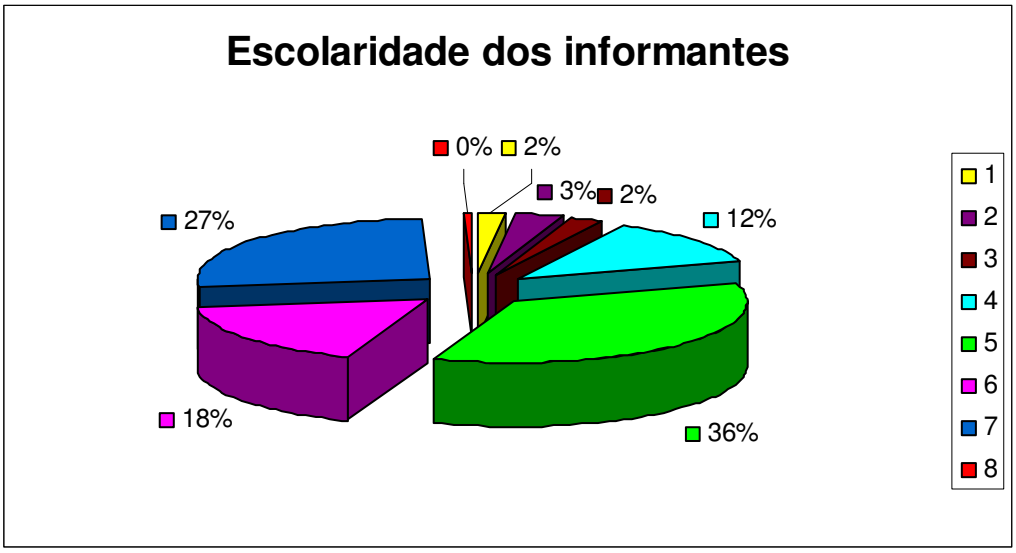


Gráfico 07: Escolaridade dos informantes

Sabemos que há muitas pessoas que tiveram a oportunidade de conviver com ciganos ou já os avistaram, então, deve haver um conhecimento prévio acionado em relação à existência e conhecimento de ciganos. Surpreendentemente, vários informantes não se posicionaram e alguns nunca haviam ouvido falar nessa etnia, ou a compreendia como uma entidade religiosa. Entretanto, para a maioria o termo 'cigano' já era conhecido.

Gráfico 08 - Conhecimento prévio sobre ciganos

Além do conhecimento prévio, precisávamos ter a certeza de que os informantes tinham tido maior contato com a etnia cigana, então, formulamos a questão sobre três

palavras associadas a ciganos (questão F), algum objeto que eles (questão G), que os informantes reconhecessem como sendo de ciganos e nomes próprios ciganos (H).

Os maiores índices foram para 'dança', 'indumentária feminina' e quanto aos nomes: Dara (11%) e Sarah (7%) como nomes femininos; Igor (9%) e Yago/Iago (8%), como masculinos. A maioria das respostas está atrelada a programas televisivos, como novelas (Explode Coração), por serem de grande alcance populacional, conferindo forte influência nos telespectadores e, portanto, estes admitem o que está sendo veiculado pela novela como uma verdade, assim sendo é pontual a ação televisiva na menção dos nomes, pois, a maioria deles fez parte de novelas no final do século XX em que o tema era o dos ciganos. Alguns informantes remeteram a resposta à religiosidade, com Santa Sara Kali, a Santa Católica dos Ciganos. Outros nomes são de origem espanhola, indiana e russa, lugares em que há grande incidência de ciganos.

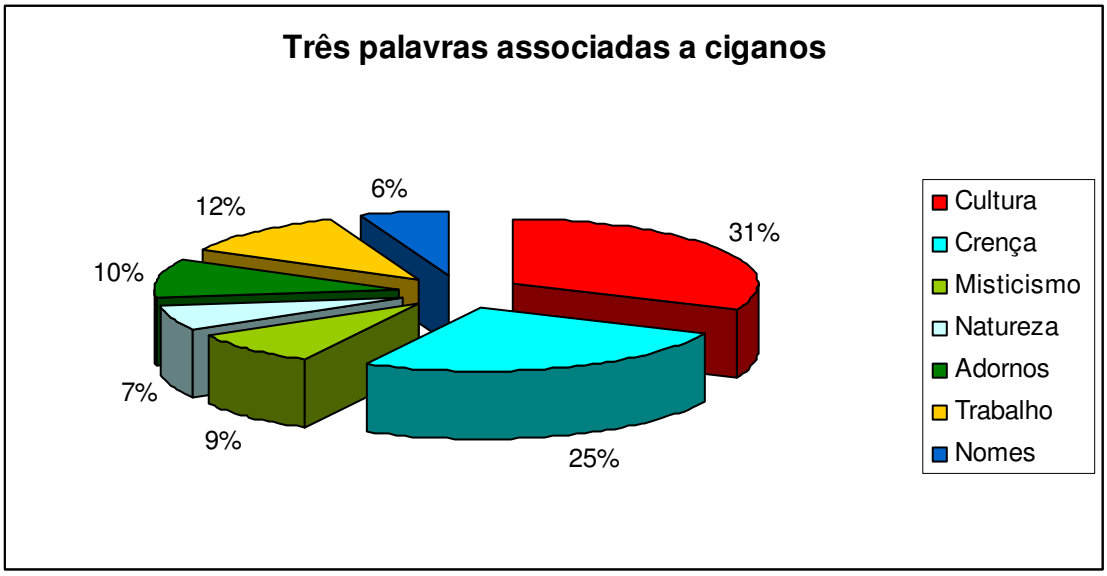


Gráfico 09 Palavras reconhecidas como ciganas

Na questão F, separamos as palavras em grupos para melhor visualização no gráfico. Das 102 as mais repetidas foram 'agiota'; 'ambulantes'; 'aproveitadores'; 'azar'; 'bagunça' 'boemia'; 'bijouteria'; 'bola de cristal'; 'bona ditcha'; 'borra de café'; 'carroça'; 'brincos'; 'casamento'. 'cavalo', 'clã', apenas para ilustrar o que os não-ciganos imaginam ser parte do mundo dos ciganos.

A separação feita está relacionada à visão dos não-ciganos sobre os ciganos, a saber:

-Adereços e vestimentas- bijouterias, pulseiras, brincos, dentes amarelos/ouro, pandeiro, pés-descalços, turbante, vaidade, dança, moedas.

-Trabalho: bona ditcha, bola de cristal, borra de café, búzios, conchas, mambembe, autônomos, economia, (não)trabalham, agiota, ambulante, aproveitadores

-Cultura: povo, organização, clã (diversidade/tribo), casamento, conhecimento, sabedoria, costumes (migração, caraana, carroça, cavalos), mobilidade (movimento), união, exóticos, extravagantes, filosofia de vida, ganjão, gipsy, história, idioma, meio social, moradia, moradia não-fixa, moradores de rua, pedintes, mutantes, roda de gente, rua, verdade, vivem em bandos, vivência, bagunça, boemia, cigarro(tabagismo nicotina), errante.

-Nomes: Romênia, Espanha, Igor, Esmeralda, Sidney Magal.

-Natureza: naturalistas, árvores, rancho

-Misticismo: Azar, figa, folclore, futuro, lua, pomba-gira, vela, vermelho, cartas

-Crenças sobre os ciganos: bravos, contagiante, conversadores (falantes), curiosos, desconfiados, desligados, destino, egoísta, estranhos, excluídos (isolados), furto, gentileza, golpes, independentes (libertos/ soltos), inteligente, interessantes, perigosos, restritos, sedução, sem vergonha, sem preconceitos.

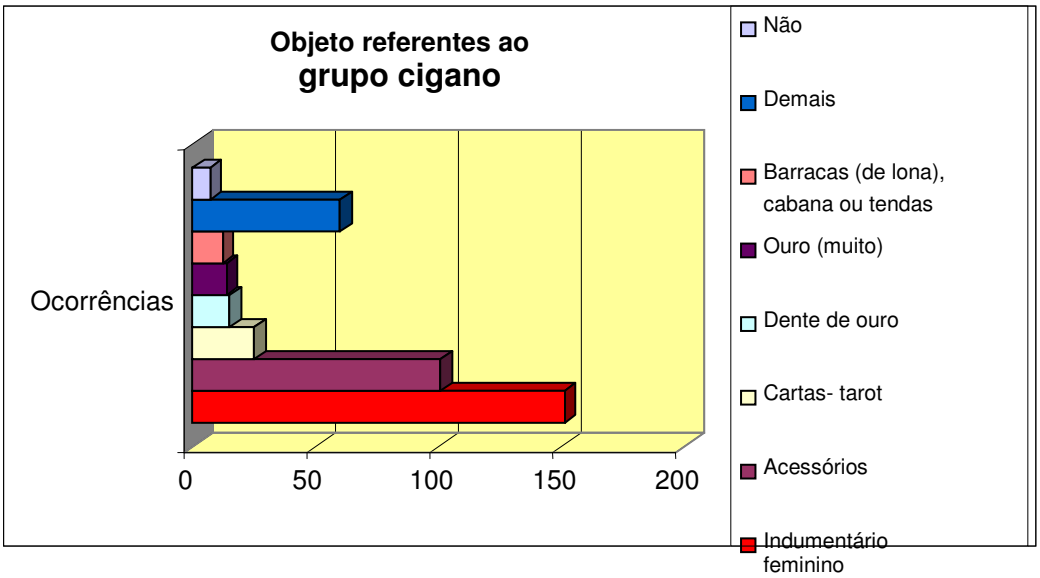


Gráfico 10 Objetos reconhecidos como de ciganos

Os questionários tabulados revelaram que para os entrevistados, a indumentária feminina é composta por saias rodas de tecidos coloridos, blusas com mangas largas e decotadas, miniblusas (que não fazem parte das vestes da cigana, mas sim, da *Carmen* de Merrimée, que já faz parte do imaginário paulistano sobre ciganas), muitos adornos, tais como pulseiras, colares e brincos, grandes, largos e de ouro com muitas moedas dependuradas. Instrumentos como pandeiro, leque e xale. Para os homens, o colete, o lenço vermelho na cabeça, calças acinturadas e sapatos ou botas ambos negros e brilhantes. Em comum, as castalholas e a alegria na dança, como se o cigano só dançasse.

Gráfico 11: Nomes próprios de ciganos

As questões I, J e K iniciam uma trajetória mais subjetiva em que o informante expôs o quanto há de envolvimento com a cultura cigana, como por exemplo, a atividade cultura cigana (Questão I), festas, rituais, dentre outras; as profissões que destinadas a ciganos (Questão J) e se podia relatar alguma história que tenha presenciado ou ouvido sobre ciganos (Questão K).

Em resposta às atividades culturais, dos 211, analisamos que 82% dos informantes nunca participaram de eventos ciganos.

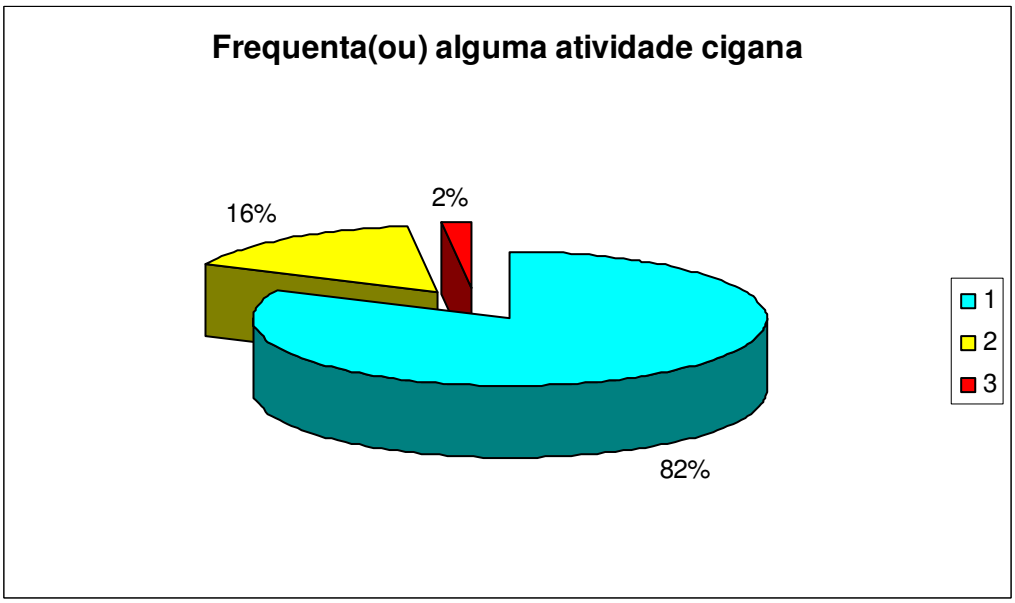


Gráfico 12: Atividade cultural cigana (1-Não; 2- Sim; 3- Não respondeu)

Acredita-se que os informantes não participaram de eventos e ou sobre ciganos por falha de conscientização de que essa etnia, assim como outras, desenvolvem reuniões culturalmente marcadas, ou seja, com vestes, música, dança, entre outros fatores que marcam ideologicamente os ciganos.

Os mesmos informantes imaginam sobre os ciganos a respeito de profissões e, a partir de suas crenças, desenvolvemos o gráfico que se segue:

J- Sabe sobre profissões exercidas por ciganos? Qual (quais)?

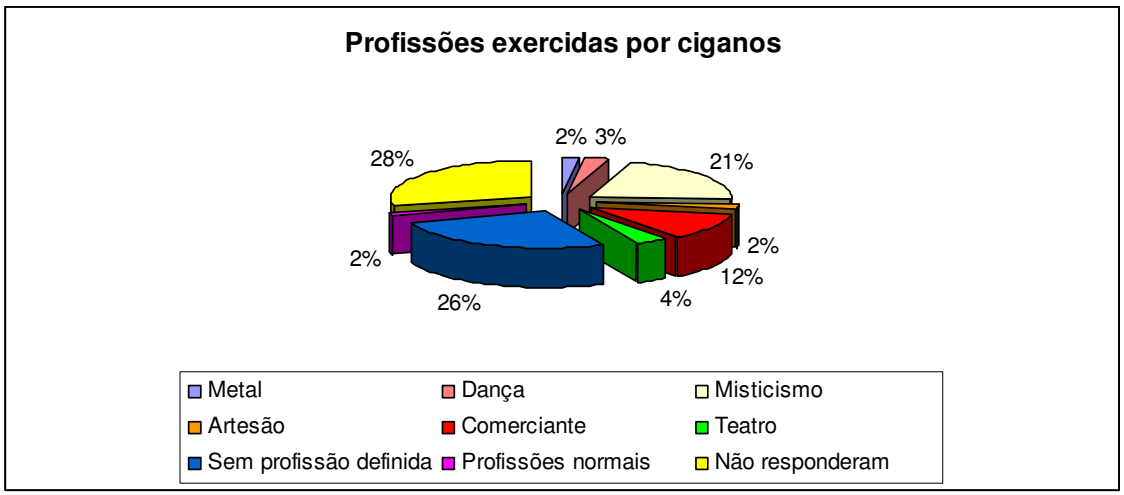


Gráfico 13- Profissões exercidas por ciganos

Especifamos que o metal se refere a ouvires e ferreiros em tachos de cobre; artesanato. A dança está tanto para professor quanto para dançarinos; o item misticismo

é composto por cartamancia, tarologia, quiromancia e vidência. O teatro, cinema e o circo envolvem os ciganos como atores e cantores, bailarinos e amestradores.

Comerciantes e advogados pelo viés de profissões consideradas ‘normais’. Por outro lado, rolos, roubas e falcatruas determinadas aqui como sem profissão definida.

Esse cojunto perfaz o imaginário dos 209 informantes dos questionários sobre ciganos em relação à profissão.

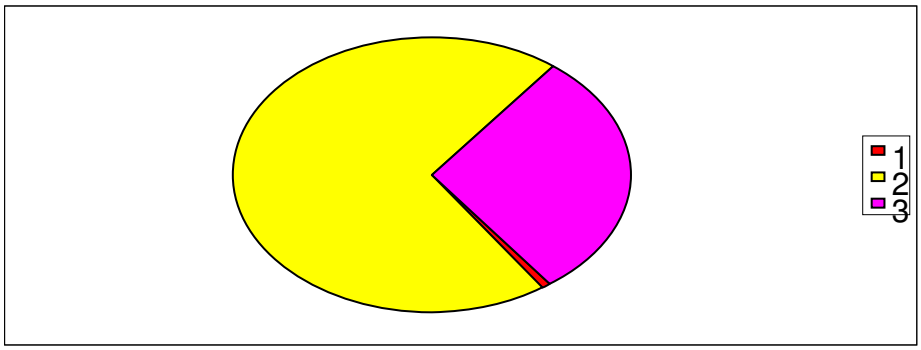


Gráfico 14: História de ou sobre ciganos

Sobre o desconhecimento de histórias de ciganos, podemos inferir que a maioria dos informantes tenham de conhecimento mesclado com preconceito e histórias transmitidas pela oralidade por gerações. Poucos informantes fizeram leitura a respeito dessa etnia, portanto, a falta de instrução é a base do preconceito.

Os informantes que definiram não ter conhecimento de histórias sobre ciganos, no restante das questões as responderam, e todas elas dependiam de haver um conhecimento prévio do assunto. Então, reforça a falta de consciência do que já conhecem sobre as histórias de ciganos, ou a decisão de não comentar sobre.

Nas questões J e K, pudemos notar que os informantes não entraram em um consenso sobre a profissão dos ciganos, entretanto as mais recorrentes foram agiota e vendedor. A questão K já foi bem desenvolvida anteriormente, logo após o Modelo do Questionário, e por meio dela revelam-se alguns traços negativos que compõem o ideário do não-cigano em relação ao cigano.

Esta questão abre espaço para a próxima, sobre haver preconceito em relação à etnia cigana. A maioria respondeu que não ter preconceito.

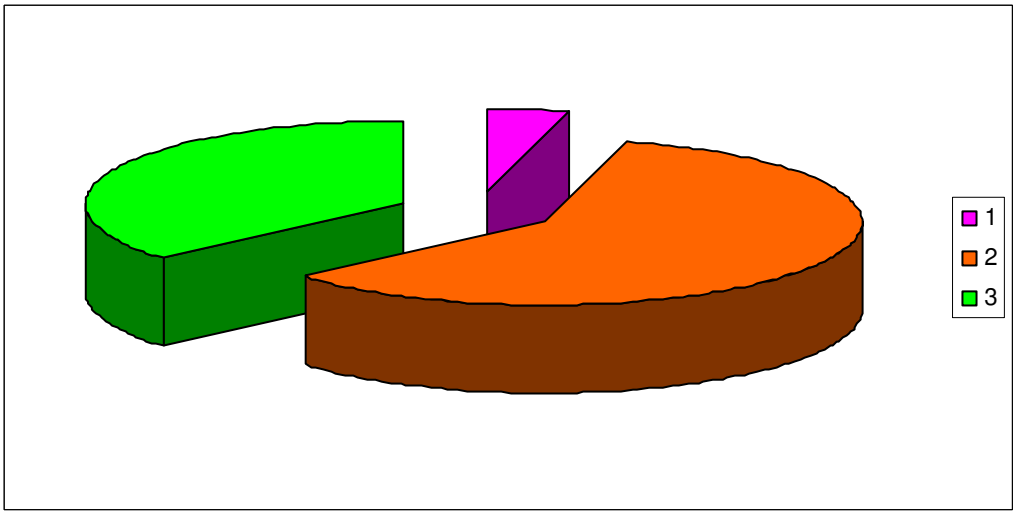


Gráfico 15: Preconceito quanto à etnia cigana (1-Não respondeu; 2- não; 3- sim)

As questões subsequentes (M, N e suas variantes) são relacionadas ao informante nos explicar sua etnia, pois as respostas vindas de informantes de etnia cigana seriam descartadas (não ocorreu). Alguns não sabiam o que era etnia e responderam como religião (resposta ignorada). Diversos possíveis informantes se recusaram a preencher o questionário quando souberam que o assunto era sobre ciganos. Isso nos garantiu a confirmação antecipada da estigmatização, pois nem nos oportunizou aplicar a teoria de iconicidade e já temos a confirmação de haver preconceito.

M- Qual sua etnia?

1- 61 brancos

2- 59 não

3- 29 afro-descendentes

4- 18 europeus

5- 8 brasileiros

6- 21 misturados

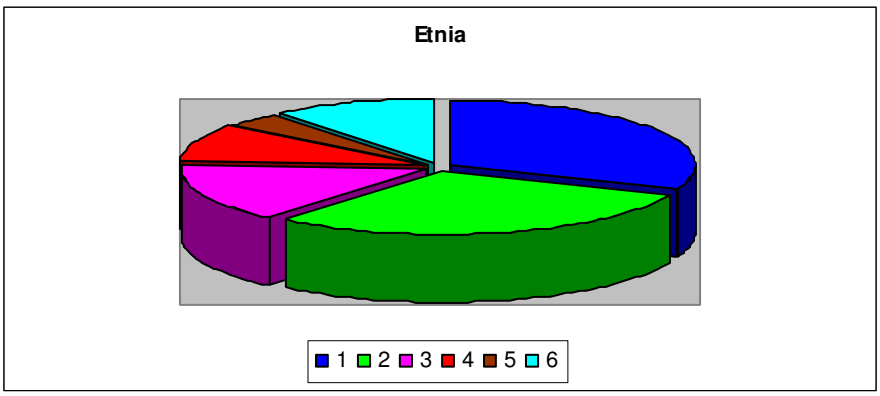


Gráfico 16: Etnia do informante

Admitir que os níveis educacional, cultural, econômico e social dos ciganos são diversos, é uma das hipóteses que permearam a questão N.

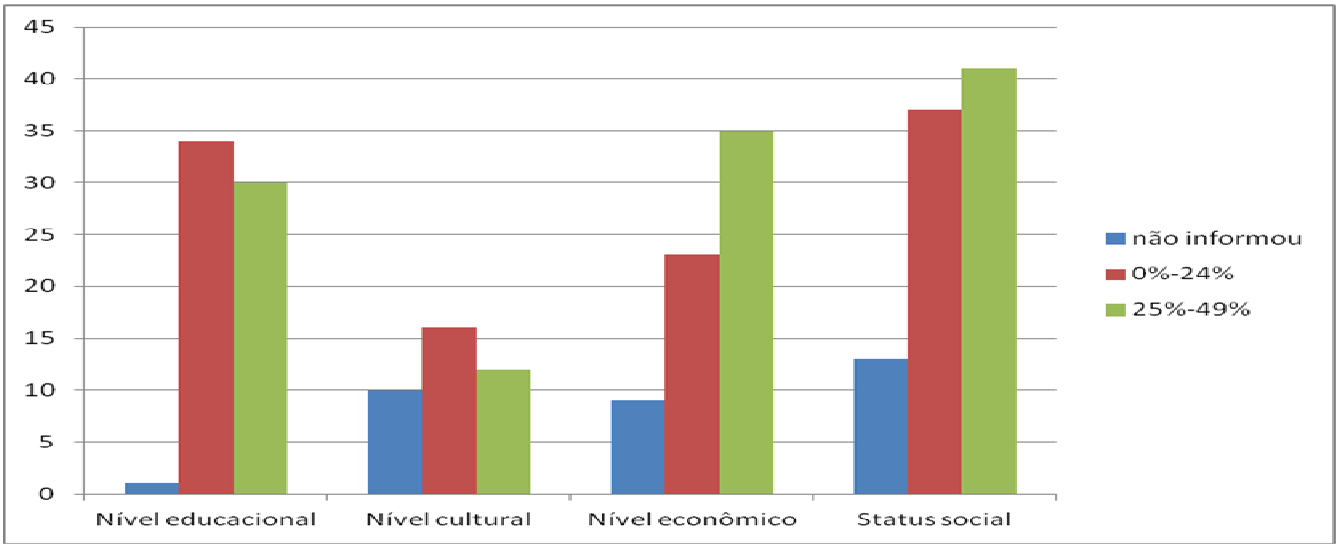


Gráfico 17: Níveis educacional, cultura, econômico e social do cigano

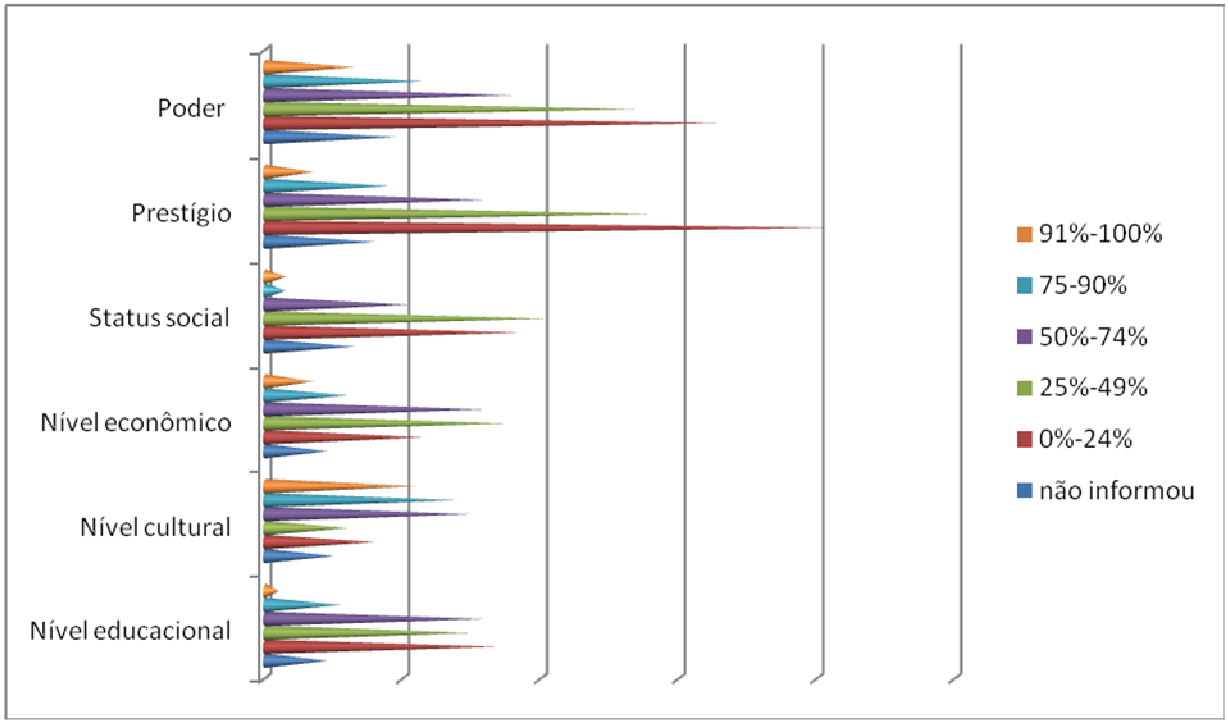


Gráfico 18: Posição do cigano dentro da sociedade

Interpretando as respostas dadas nos questionários, percebemos que havia coincidências entre as opiniões de pessoas de faixa etária diferentes. Então, ponderamos sobre a possibilidade de recolher relatos pessoais dos ciganos. Nesta fase da pesquisa,

deparamo-nos com alguns impasses, tais como: os ciganos não se mostraram solícitos em nos receber e serem por nós analisados; a única família que nos recebeu era de ciganos sedentários, que viviam em bairro de classe média alta na cidade de São Paulo, destoando das tradições tão bem disseminadas de povo nômade. Mesmo assim, a família era um tanto estereotipada com vestes e trejeitos que imitavam o cigano prototípico vivente em nossa mente.

Conclusão

Para se entender a Caravana é preciso estar nela.
(Ditado cigano)

Quaro 17- *Blue Gypsy*- Gustave Singier (1953)

Iniciamos este capítulo com um provérbio e com uma imagem, para entendermos a estigmatização que causa o preconceito, temos antes de entrar no viver do grupo minoritário (a Caravana) ou, pelo menos, observar sem julgar a forma como vivem os ciganos. Entretanto, para fazermos esse exercício, precisamos antes compreender que saber sobre uma etnia é complexo, pois sempre há o fator do conhecimento caleidoscópico, ou seja, fechado em uma área restrita, com poucos elementos que trocam de posição. Ainda que possamos ampliar a área e trazer novos elementos, teremos uma visão em mosaico, este foi o motivo de termos escolhido a obra de Singier para concluirmos este estudo. A obra é intitulado *Blue Gypsy*, com duas possibilidades de tradução: Cigano Azul ou Cigano Triste.

Como planejado inicialmente, cumprimos, nesta tese, as metas de cada capítulo. No Capítulo I, discutimos o conceito de estigmatização, de alteridade e de (des)prestígio como mote para elaborar um quadro orientador dos caminhos adotados para identificar raízes de alguns preconceitos. Para tanto, fundamentamo-nos em aspectos, mecanismos e princípios que nos pareceram inicialmente transparentes para a organização das informações. Comprovamos, ao final, que adotamos estratégia eficiente para isso.

Posteriormente, no Capítulo II, revisamos trabalhos de autores que se debruçaram a estudar a condição do cigano na sociedade. Não foi possível identificar nenhum trabalho no campo da linguagem e da linguística, o que nos animou a continuar com a proposta a fim de consolidar uma contribuição ao entendimento de como se constrói na linguagem a codificação do estigma. Igualmente nos animou o fato de que não havia, pelo menons não nos acervos consultados, nenhum trabalho que se voltasse para a perspectiva da avaliação do cigano pelos não-ciganos. Ao final, pudemos reunir elementos que garantem uma nova perspectiva de análise sobre a concepção do que é cigano entre nós.

Chegamos, assim, ao Capítulo III, com uma bagagem robusta de dados, os quais foram sistematicamente analisados e reunidos em padrões. Foi o reconhecimento e, mais do que isso, a organização dessa padronagem que nos conduziu ao "pulo do gato", qual seja, o processamento cognitivo marcadamente mais complexo via mesclagens. Esse passo foi fundamental para que reconhecêssemos a atuação do princípio de iconicidade.

Perguntamo-nos, ao final, se aqueles estigmas ainda estariam entre nós no século XXI. A pergunta exigiu de nós um extenuante trabalho de campo, com questionários distribuídos ao longo de um ano, como já explicado na Introdução. Os questionários foram entregues a pessoas diversas em locais diversosda cidade de São Paulo; ao anlisar as resposta, constatamos que o estigma continua forte entre os paulistanos, com uma diferença quanto à forma de apresentar a opinião.

A impressão que ficou é que, nesta metrópole que é São Paulo, os grupos minoritários, pelo menos o dos ciganos, se não estão incluídos no grupo majoritário, são, ao menos, tolerados como massas flutuantes pela cidade. Sempre isolados, sempre vistos de longe, mas presentes em locais que seriam, em outras épocas, os de compartilhamento social. Ali eles prestam seus serviços, mas continuam invisíveis e impermeáveis à cultura dos não-ciganos.

Um exemplo que catalisa o conjunto de opiniões negativas sobre os ciganos e, ao mesmo tempo, marca esse conjunto como codificação sintática icônica é o seguinte:

142- Ricardo Aguieiras disse... Fora que esse papo de "perdoar" tem tudo a ver com o cristianismo, até a palavra vive na boca de padres e pastores, que, escondido, não perdoam nada. O povo **cigano** (o verdadeiro...), só para dar um exemplo, não tem esse papo de "perdão". Ao contrário, adoram e valorizam uma vingança e não medem esforços para realizá-la. Para eles, vingança é um prato que se come quente. E bem quente! Beijos, Ricardo aguieiras2002@yahoo.com.br http://dividindoatubaina.wordpress.com (http://thiagolasco.blogspot.com.br/2010/10/ferro-e-fogo.html)

A iconicidade é surpreendida com a organização lógica que o escrevente manifesta ao apresentar a mudança do provérbio, numa distorção da ideia original e aceita em geral entre os não-ciganos, para ilustrar um comportamento atípico, o dos ciganos, personagens também atípicas em muitos de seus hábitos.

Uma forma de ilustrar a confluência entre os fundamentos teóricos e os encaminhamentos que adotamos metodológica e analiticamente nesta tese é apresentando um quadro que reúne alguns pontos desse percurso de elaborar tese:

Autores	**Contribuições para esta tese**
Luhmann	**intenção elucidativa**: para a compreensão dos conflitos intergrupais e busca de minimização de seus efeitos ao grupo de repercussão social minoritária; e **intenção intensificadora**: para manter e fomentar os conflitos, em que veiculam o preconceito; sua recorrência leva à estigmatização de todo um grupo social. Contribuição da tese: intenção elucidativa
Halliday	A linguagem desenvolve três funções: 1. **Função Ideacional** – a linguagem é usada mediante a necessidade de expressão de conteúdo específico, então os interlocutores usam a língua como veículo em que organizam e agregam desde suas experiências até as trocas nos atos linguísticos envoltos na compreensão e no entendimento do que é veiculado. 2. **Função Interpessoal** – O interlocutor tem a linguagem como recurso de interação em um evento de fala. A língua expõe o universo interno e externo dos interlocutores. 3. **Função Textual** – todas as unidades linguísticas estão envoltas na contextualização no cotexto e na situação. Contribuição da tese: análise das funções da linguagem utilizada para avaliar ciganos
Princípio da Iconicidade	

Croft	"A intuição por trás de iconicidade é bastante simples: a estrutura da língua reflete de alguma forma a estrutura da experiência, isto é, a estrutura do mundo, incluindo (em muitas visões funcionalistas) a perspectiva imposta ao mundo pelo faltante". (Croft, 1990, p.164) Contribuição da tese: a estrutura da experiência (vivida ou ouvida) replica-se no discurso de gerações futuras.
Haiman	a) a distância linguística entre expressões corresponde à distância conceptual entre elas; b) a separação linguística de uma expressão corresponde à independência conceptual do objeto ou evento o qual representa; c) a distância social entre interlocutores corresponde à extensão da mensagem, com conteúdo referencial igual. Contribuição da tese: a codificação sintática organiza as propriedades negativas de forma mais periférica, marcando a distância conceptual do não-cigano.
Greenberg, Neves, Givón	A ordem dos elementos na língua como fruto da ordem de conhecimentos decorre da experiência física. Contribuição da tese: dispor elementos linearmente sinaliza o que é mais relevante e significativo para avaliar ciganos
Dik, Givón	O subprincípio da integração explica que os conteúdos, cognitivamente mais próximos, estão mais integrados no nível da codificação Contribuição da tese: o que está mentalmente próximo, se apresentará sintaticamente próximo. Então, a distância formal corresponde à distância conceitual
Austin	Os atos de fala podem ser: **Locucionários** – em que a expressão linguística produz os aspectos fonéticos do vocabulário e a articulação entre a sintática e a semântica **Ilocucionários** e **performativos** – os que têm força e aspectos tanto para reforçar algo negativo quanto positivo dentro da mensagem proferida no ato de fala. Nesses casos, a realização da ação é contida no enunciado. **Perlocucionário** – apresenta o efeito produzido sobre o interlocutor Contribuição da tese: atos ilocucionários reverberam e reforçam preconceitos contra ciganos no discurso de paulistanos.

É possível depreender dessas contribuições que a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade de expressão, ou seja, tudo o que for simples e esperado será expresso com construções mais acessíveis perceptualmente. É justamente por isso que modos mais complexas de codificação em encadeamentos, avizinhamentos e quantidade maior de formas traz, embutidas em si, avaliações negativas camufladas por questões éticas dos tempos atuais. Se no passado, as avaliações eram diretas e claramente preconceituosas, hoje contamos com o "politicamente correto", representado por uma linguagem mais polida e contida, caso contrário a reprimenda social a galope chegará, tal como apontamos no *Dicionário Houaiss* (vide nota 10).

Resgate das agulhas significativas de dentro do palheiro

Resgatamos as indagações que foram mote desta pesquisa e estão elencadas na Introdução; a partir delas e das hipóteses comentaremos o que ratificamos até o momento.

1. Que expressões e construções linguísticas sobre ciganos ganham eco em narrativas, notícias e relatos individuais?

As expressões e construções linguísticas sobre ciganos realmente ganham eco em narrativas, notícias e relatos individuais, entretanto, nem sempre são vistos como uma parcela invisível da sociedade por fugirem aos padrões não-nômades de habitação, ou associados a miseráveis e "sem-posses", tais como andarilhos, "sem-teto" ou "sem-terras". Observaremos o exemplo 15 no que se refere à construção linguística e à iconicidade em dois subprincípios, o de ordem linear de gradação e o de integração. O avizinhamento de palavras marcadas no próprio exemplo como 'categorias marginais'.

15 | NOTÍCIAS | 28/11/2012 2:11 Aparições - Sem opinião pública, as aparições somem ou são controladas. Hitler e sua camarilha domesticavam o fantasma do projeto de extermínio de judeus e de categorias marginais como os **deficientes, os CIGANOs e os homossexuais**. Havia suspeição do extermínio, não a prova cabal que apareceu na derrocada do nazismo, em 1945, confirmando as atrocidades. O mesmo ocorreu com as torturas da ditadura militar. As torturas eram negadas, ninguém era responsável e até hoje há quem nelas não creia ou admita e, no entanto, tal como os fantasmas, elas existiram.

O eco das explicações sobre a estrutura linguística se faz com o exemplo do informante 172 marcando a falta de posses e o nomadismo:

Informante 172- Os que eu já vi montam barracas iguais de circo e vivem assim no meio do mato tem o hábito de pedir para ler a sorte das pessoas, nos pontos de onibos e estações de trem andam sujos principalmente as mulheres e carregam as crianças também sujas dizem que estes são ciganos, onde vivem não há saneamento básico onde eles fazem suas necessidades fisiológicas aonde esta montada a suas barracas e o local fica cheio de lixos ratos.

2. Qual a relação entre frequência e estigmatização para a construção social do preconceito?

Notamos que a baixa recorrência de uso (frequência ínfima de fatos ocorridos) em oposição à alta produtividade de contextos de ecos de preconceitos negativos consolidam expressões estigmatizantes. Desse modo, é possível notar uma reverberação de preconceitos sociais dos não-ciganos contra ciganos. A exemplificação, como demonstramos ao longo da tese, é farta. Aqui, resgatamos um deles:

Informante 129- Lá no Nordeste a cigana pediu dinheiro, animais para minha mãe para desamarrar os feitiços que ela falava que alguém tinha colocada nela ou na nossa família.E minha mãe acreditava e dava escondido do meu pai.

3. Seria possível afirmar que os termos sequenciados na cadeia sintática podem ser os responsáveis pela estigmatização do termo *cigano*?

Essa questão foi amplamente checada por meio de análises de exemplos. Restou óbvia a ideia de que o sequenciamento sintático é uma estratégia poderosa a serviço do menosprezo de grupos minoritários. Demonstramos, igualmente, que, na esfera microlinguística, elementos com traços de polaridade negativa são avizinhados do termo *cigano* com finalidade intencional de reforço de estigma negativo.

45 | NOTÍCIAS | 25/04/2010 0:00 De **Anti-Cristo** a herói supremo da cultura Caravaggio criou e explorou esse gosto pelo naturalismo. Sua inovação gerou um gênero iluminado e brilhante de cores frescas, com uma ou mais figuras a meio corpo em escala imponente. Usava como modelos amigos, amantes, pessoas do povo, **CIGANO**s, prostitutas, gente da vida real - e a si próprio, com sua pele morena. Essas figuras vulgares eram retratadas ao lado de naturezas-mortas ofuscantes. Segundo a crença de Caravaggio, pintar flores era tão difícil quanto pintar uma figura.

4. Os efeitos do espraiamento de rótulos negativos poderiam ainda hoje ecoar entre os falantes cultos da cidade de São Paulo?

Se não bastassem os dados históricos e de jornais um pouco menos distantes no tempo, ainda teríamos como referendadores de traços negativos respostas a inquéritos preenchidos por paulistanos não somente cultos. O que vimos é que não há distinção de estratos sociais quando o foco é o cigano. Todos, de algum modo, reverberam e

equalizam ideias anticiganas. Em outras palavras, os indivíduos consultados – parte representativa de paulistanos - compartilham crenças e opiniões semelhantes, via língua e linguagem, a respeito de "traços" ciganos. Todas essas ideias são parte de uma cadeia 'hereditária' que não tem fundamento no contato social.

124 | NOTÍCIAS | 19/09/2011 6:27- Ivan Lessa:
A **CIGANA** me enganou- alguns etmologistas, teria sua origem em "egípcio". Gente, pois, viajada, no tempo e no espaço. Mas o **CIGANO** de verdade é igual em todas as partes e em tudo lembra nossos, principalmente, nossas, **CIGANA**s. De origem romena, pele e cabelos escuros, um lenço na cabeça, pequenas medalhas.

A cadeia hereditária marcada na lingua foi anteriormente moldada, na teoria de Maturana e Varela (2011), em que o conhecer é um fenômeno, antes, biológico, envolto em percepção, compreensão, acumulo e transmissão de informações (MATURANA e VARELA, 2011). O conhecer se faz na harmonia social, com paz, confiança, respeito, amor ao outro, evidenciados na colaboração e solidariedade social.

Compreender que no outro há o humano que habita em nós é oportunizar o surgimento das diferenças; a conscientização delas é um dos caminhos para minimizar os estereótipos desenvolvidos há tanto tempo e reforçados por anos em um convívio social intransigente, ou seja, aquele que fortalece o preconceito sobre o grupo de menor prestígio. Ao conseguirmos entender que as diferenças nos faz únicos, conseguiremos extirpar os limites impostos pela ignorância.

A condição de isolamento do cigano

Repensando nossa trajetória desde o momento em que decidimos iniciar um trabalho acadêmico sobre ciganos, notamos que a língua e a comunicação podem ser admitidas como meio de não somente compreender como grupos minoritários se organizam numa sociedade majoritária, mas, principalmente, podemos notar o modo de avaliar grupos minoritários numa sociedade complexa como São Paulo.

A língua usada entre ciganos configura-se como um problema à parte, pois não existe uma língua romani geral, ou seja, a diversidade linguística soa como um 'incômodo' para a comunicação intergrupal de ciganos. Advêm daí a rivalidade e a competição, que é replicada para as relações estabelecidas com outros grupos não-

ciganos, que, por sua vez, reagem ao grupo cigano recuperando estigmas e promovendo a disseminação dessas ideias. O resultado disso é o isolamento.

Tal isolamento, voluntário ou não, traz uma leitura única de como o ocidente separa os espaços físicos, as propriedades e as fronteiras neste século. Atualmente, os ciganos preocupam-se em manter a memória de seu povo, como evidenciamos por meio de notícias recentes, não ficando dependente exclusivamente da transmissão oral. No entanto, as ações ainda são muito isoladas, assim como os agentes dessas ações.

Assim, nas bordas das bolhas sociais que separam esses dois grupos, é que os padrões de avaliação que identificamos poderiam assumir, em outros momentos ou seguindo outros métodos, novos formatos e imagens, tal como um caleidoscópio. A cada movimento, um novo desenho se revela. O desenho assim como a avaliação herdada na sociedade atual é desmotivada, ou seja, os efeitos esperados não têm razão de ser no novo enquadramento. Adicionalmente, os desenhos, embora utilizando as mesmas peças, não são previsíveis. Assim mesmo é a ação da sociedade majoritária em relação à minoria cigana: todos sabem os (pre)conceitos em jogo, mas ninguém consegue prever seu impacto. Enfim, isolamento nesse contexto analisado equivale, tal como numa equação matemática, à falta de conhecimento mútuo. E esse desconhecimento só alarga as bordas entre essas bolhas, num distanciamento também revelado na codificação linguística. Foi o que demonstramos nas análises que desenvolvemos.

Referências bibliográficas

ACTON, Thomas. *Gypsy Politics and Social Change*. London: Routledge, Kegan and Paul, 1974.

ADIEGO, Ignasi-Xavier. *Un vocabulario español-gitano del Marqués de Sentmenat* (1692-1762). Breviares 4. Barcelona: Edicions Universitat de Barcelona, 2002. Disponível em https://archive.org/stream/Adiego_Vocabulario_Sentmenat#page/n0/mode/2up; acesso em 28-05-2014.

AUSTIN, John L. *How to do things with words.* Oxford University Press, 2a Edição, 1975.

AZEREDO, José Carlos *Fundamentos da gramática do português.* 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BENEDICT, Ruth, 1934 [2005]. *Patterns of Culture*. A Mariner Book. Houghton Mifflin Company: Boston/New York.

BARROSO, Elaine Aparecida Laier. Modernização e Higienismo: controle sanitário e gestão político-científica na Manchester Mineira (1891-1906). Disponível em: http://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2009/12/Elaine-Laier1.pdf. Acesso em: 15-ago-2013.

BERNARDO, Sandra. Radialidade das construções de movimento causado presumido Olha só, aqui, ali, lá. *In*: *Cadernos do CNLF v.XIII*, n. 04, 2009. Disponível em: *Revista Escrita*. Rua Marquês de São Vicente, 225 Gávea/RJ: BrasilAno, 2011. Número 13. ISSN disponível em <http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/radialidade_das_construcoes_de_movimento_sandra.pdf>. Acesso em: 09-04-2016.

BUCKLAND, Raymond. *Magia e feitiçaria dos ciganos*. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 2000.

CEYHAN, Selin. *A case study of Gypsy/Roma identity construction in Edirne*. Graduate School of Social Sciences of Middle East Technical University. Master of Sciences in the Department of Sociology, 2003

CHINA, José Bonifácio D'Oliveira. *Os ciganos do Brasil: subsídios históricos ethinograficos e lingüísticos*. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1936.

COELHO, Francisco Adolfo. *Os ciganos de Portugal; com um estudo sobre o calão. Memoria destinada á X sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

_____. *Os Ciganos de Portugal - com um estudo do calão*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

COUTO, Hildo Honório do. *Anticrioulo: Manifestação lingüística de Resistência cultural.* Brasília: Thesaurus, 2002. Disponível em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5462/1/2005_FabioJos%C3%A9DantasMelo.pdf; acesso em 08-07-2014

CROFT, Wiliian. *Typology and universals.* Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. *Manual de linguística.* MARTELLOTA, Mario Eduardo (org). São Paulo: Editora Contexto, 2011

DIK, C. S. *The Theory of Functional Grammar.* Dordrecht-Holland/ Cinnaminson-U.S.A.: Foris Publications, 1978.
Tese de doutoramento. São Paulo. Universidade de São Paulo (USP), 2015.

FERRARI, Florência Ferrari. *Um olhar oblíquo: contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano.* Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo (USP)São Paulo: USP, 2002.

_____. *O mundo passa: uma etnografia dos calon e suas relações com os brasileiros*, São Paulo. Universidade de São Paulo (USP), 2010.

FONSECA, Isabel *Enterrem-me em pé: os ciganos e a sua jornada. São Paulo, Companhia das Letras* , 1996.

FRASER, Angus. *História do Povo Cigano*. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.

GIVÓN, Talmy. *Syntax and semantics,* v. 12, Discourse and Syntax. New York: Academic Press, 1984.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction.* v. II. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

_____. *Functionalism and grammar.* Amsterdam/Philadelphia John Benjamins, 1995

_____. *Context in other minds: the pragmatics of sociality*. *Cognition and communication* Amsteram/Philadelphia: John Benjamins, 2005

_____. *The genesis of syntactic complexity: Diachrony, ontogeny, neuro-cognition, evolution*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009

GOFFMANN, Erving. *Os estigmas: a deterioração da identidade social*. Disponível em http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf ; acesso em 17-05-2014

GOODY, Jack; WATT, Ian. As consequências da cultura escrita. In: GOODY, Jack (org.) *Cultura escrita em sociedades tradicionais*. Barcelona: Gedisa, 1996.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*: *Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4.a edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1993 [1988]

HALLIDAY, Michael A. K. *An Introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

_____. *Language as a social semiotic the social interpretation of language and meaning*. London University Park Press, 1994 [1978]

HOUAISS, Antonio.; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª. reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KALAYDJIEVA, Luba *et alii*. A newly discovered founder population: the Roma/Gypsies. In: *BioEssays* 27:1084–1094, 2005. Wiley Periodicals, Inc.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford and New York: Oxford University Press, 2002.

_____. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge, 2005.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Principles of linguistic change: Social Factors*. Oxford: Blackwell Publishing. 2001.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia & CASSEB GALVÃO, Vânia. Gramaticalização e ensino. In: *Introdução à Gramaticalização.* GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite *et alii*. São Paulo: Parábola, 2007.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. O princípio da iconicidade e sua atuação no português do Brasil. Revista Filologia (20/07/2007). Disponível em: http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59746/62855; acesso em 22-fev-2013.

LIPPMANN, Walter. *Opinião pública* (1922/1966) Disponível em http://estereotipos.net/tag/walter-lippmann/ ; acesso em 06-06-14.

LUHMANN, Nilklas. O conceito de sociedade. *In* NEVES, C. B.; SAMIOS, E. M. B. (Org.) Niklas Luhmann: *A nova teroira dos Sistemas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Editora Cortez, 2007

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, Joseth Antonia Oliveira Jardim. *A cultura cigana em questão: Significados e sentidos da instituição escolar para a criança cigana*. Tese de doutorado. Paraná: Universidade Federal do Paraná, 2011.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano.* Campinas: Editorial, 2011.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1979 [1950].

MITHEN, Steven. *A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo: Editora Unesp, 2002

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov.* Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MOONEN, Frans. Calon no sertão da Paraíba. *In: Cadernos de Ciências Sociais.* Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Mestrado em Ciências Sociais. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 1994.

_____. *A História esquecida dos ciganos no Brasil*. Saeculum: Revista de História. João Pessoa: UFPB, 1996.

_____. *Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil*, 2011 (3.a edição revisada e digitalizada).

MORAES, Mello Filho. *Os ciganos no Brasil e cancioneiro dos ciganos*. Rio de Janeiro: B.L.Gatnier Editor,1885.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional.* São Paulo. Martins Fontes. 1997.

_____. *A gramática: história, teoria e análise, ensino.* São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

_____. *Texto e gramática.* São Paulo: Contexto, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura; BRAGA, Maria Luísa. Hipotaxe e gramaticalização: uma análise das construções de tempo e de condição. IN: *D.E.L.T.A.*, v. 14 (n. especial), 1998, p. 191-208.

NEVES, Maria Helena de Moura. Funcionalismo e descrição do português In: *Veredas: revista de Estudos Lingüísticos*, Juiz de Fora, vol. 2, nº 3 - p. 69 a 75. Disponível em http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo53.pdf; acesso em 04-dez-15.
O Estado de São Paulo, Jornal do Estadão. Disponível em http://acervo.estadao.com.br/procura/#!/ciganos/Acervo///1/1870/ acesso de 2011 até 2013.

NUNES, Sylvia da Silveira *Um estudo sobre o preconceito sutil,* Tese de doutoramento. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2010.

OKELY, Judith. *The traveller-gypsies*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

PEREIRA, Cristina da Costa. *Os ciganos ainda estão na estrada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

PEREIRA, Cristina da Costa *A oralidade como defesa de uma minoria étnica. In*. UNESCO, Documento *Oralidad-4/1992.* Disponível http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001086/108693m.pdf , acesso em 11-10-15.

RAMANUSH, Nicolas. *Palavras Ciganas, vocabulário e gramática Romani-Sinte*. Editora própria, 2010.

REZENDE, Dimitri. Fazito de Almeida. A identidade cigana e o efeito de "nomeação": deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais**.** IN: *Revista. Antropol.* vol.49 no.2 São Paulo July/Dec. 2006

_____. *Atitudes, Comportamentos e Etnicidade: um estudo sobre uma minoria cigana de Belo Horizonte a partir de um modelo de conflito/competição.* BH: UFMG, monografia de Ciências Sociais, 1995.

RIBEIRO, Marcello. *Tudo o que existe, desde maravilhas a catástrofes, é resultado de algum trabalho, uma vez que ele não se limita apenas ao homem, mas, sim, a todo o universo: o papel da correlação inovadora, um exercício cognitivo?* Tese de doutoramento. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2015.

S/a. Hino Cigano disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Gelem_Gelem; acesso em 11-02-14.
Hino Cigano disponível em http://www.unionromani.org/gelem.htm; acesso em 11-02-14.

S/a. Quadro de Grupo de Ciganos na Transilvânia. Disponível em https://depts.washington.edu/cartah/text_archive/boner/b22.shtml; acesso em 06-jul-15.

SANT'ANA, Maria de Lourdes *Os ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas*. Tese de Mestrado em Antropologia Social. São Paulo, FFLCH/USP, 1983.

SANKOFF, Gilliam; BROWN, Penelope. The *Origins of Syntax in Discourse: A Case Study of Tok Pisin Relatives* Vol. 52, No. 3 (Sep., 1976), pp. 631-666,1976. Disponível em http://www.jstor.org/stable/412723, acesso em 14-out-2012

SANTOS, Virgínia Rita dos. *Espacialidade e da Territorialidade dos Grupos Ciganos na Cidade de São Paulo.* Tese. São Paulo: USP, 2002.

SILVA, Valeria Sanchez *Devir cigano: o encontro cigano - não-cigano (rom-gadjé) como elemento facilitador do processo de individuação.* Dissertação. São Paulo: PUC/SP, 2006.

SIMÕES, Sílvia Régia Chaves de Freitas. *Educação cigana: entre-lugares entre escola comunidade étnica.* Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

SOUZA, Mirian Alves de. Ciganos no Brasil: uma identidade plural. In: ZACHARIAS, João Cândido (org.). *Caravana Cigana.* Rio de Janeiro: Jurubeba Produções, 2013.

STEINBERG, Martha. *Morfologia Inglesa: Noções Introdutórias.* São Paulo, Ática, 1985.

STEWART, Michael. *The time of the gypsies.* Colorado: Westview Press, 1997.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *Correrias de ciganos pelo território mineiro (1808 - 1903).* Dissertação. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos (NEC), 1998.

_____. *História dos Ciganos no Brasil*. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

_____. *Territorialidade e cultura de fronteira*. Disponível em <http://www.mostracaravanacigana.com.br/textos/territorialidade-e-cultura-de-fronteira/> acesso em 06-02-14.

TOMASELLO, Michael. *Beyond formalities*: The case of language acquisition. The Linguistic Review 22, 2005c, p. 183-197. Disponível em: <http://email.eva.mpg.de/~tomas/>. Acesso em 11-jan-2013.
_____. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. (C. Berliner, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1999.

USP – Comissão de Ética. Disponível em http://www.leginf.usp.br/?resolucao=resolucao-no-4871-de-22-de-outubro-de-2001#c2; acesso em 02-out-2016

Anexo I

Exemplário

1- | NOTÍCIAS | 30/10/2013 2:20-A formação que traz vem criar uma sonoridade cheia e reproduzir, mais do que em música, uma cultura que inclui dança e canto influenciados por **CIGANO**s e mouros, árabes e judeus.

2- | NOTÍCIAS | 21/10/2013 3:13MARTA SUPLICY - Sim. Mas também estou falando de editais para negros, mulheres, **CIGANO**s e povos indígenas.

Quais eram as prioridades no Congresso Nacional?

Havia uma demanda da classe artística, há muitos anos, em relação à fiscalização do Ecad. No começo de julho, conseguimos aprovar a lei que muda as regras no Ecad. E, há alguns dias, foi aprovada a PEC da Música, que isenta de impostos a produção de CDs e DVDs de artistas brasileiros. Depois de pensar nos projetos estruturantes para a cultura e nos que estavam parados no Congresso, fui para a inclusão social. Foi aí que percebi que a Lei Rouanet não atendia grupos pequenos. Daí fizemos os editais para os grupos que não tinham acesso à lei.

Como aconteceu com a moda?

Sim. Mas também estou falando de editais para negros, mulheres, **CIGANOS** e povos indígenas.

Não é uma forma de preconceito? Pegar minorias e destacá-las?

Não. Porque não se pode tratar diferentes como iguais. Olhei para a Rouanet e vi que essas minorias raríssimas vezes conseguem ter um projeto aprovado. E mais: quando o projeto é aprovado, não conseguem captar o dinheiro. Ninguém quer patrocinar projetos LGBT, por exemplo. Ninguém quer patrocinar uma produção negra. Eles não conseguem ter acesso aos que decidem os projetos nas empresas.

3- | *NOTÍCIAS* | 18/10/2013 2:14- Os Romas, como são oficialmente conhecidos os **CIGANOS** (gypsies, em inglês), celebraram nesta semana a sua data cultural. E as comemorações não receberam atenção nenhuma. Afinal, os **CIGANOS** são praticamente ignorados e quase ninguém no mundo luta pelos direitos deste povo. No Holocausto, eles também foram levados para campos de concentração e eliminados em escala industrial pelo regime nazista. Mas ficaram sem indenização ao perderem as suas posses e seus parentes. Não há memorial para eles. Os **CIGANO**S tampouco possuem um Estado, apesar de serem minorias expressivas em países do Leste Europeu, como a Romênia. Não vemos movimentos internacionais como os existentes pela criação da Palestina, de Kosovo, de Timor Oriental ou do Curdistão. Os **CIGANO**S são perseguidos na Itália e na Suíça, mas poucos se preocupam em defendê-los, ao contrário do que ocorre com imigrantes ilegais de nações africanas.

4- | NOTÍCIAS | 19/10/2013 17:05 “Amamos Brasil. É por isso que vamos tocar em Porto Alegre, Curitiba e São Paulo. Mas agora estamos aqui, no Rock in Rio”, explicou o percussionista equatoriano Pedro Erazo (a banda tem ainda ucranianos, alemães, russo, uma chinesa e um etíope). Ainda há um percurso a ser percorrido para que o Brasil diga o mesmo, mas o fato é que o acampamento dos **CIGANO**s não deixou marcas mais profundas dessa vez

5- | NOTÍCIAS | 02/09/2013 17:05 O libreto de “Trovatore”, ambientado na era medieval, fala de nobres, crianças roubadas, **CIGANO**s, guerra – e nem sempre o faz com uma linguagem teatral fluente, em especial perante nosso olhar contemporâneo

6- | NOTÍCIAS | 01/09/2013 18:12 O objetivo é "garantir a orientação geral sobre direitos humanos a qualquer vítima de violação de direitos" e prestar "atenção jurídica, psicológica e social a detentos, egressos do sistema prisional, seus familiares, comunidades e população em geral, bem como a pessoas com deficiência, idosos, quilombolas, indígenas, assentados, afrodescendentes, população GLTB e **CIGANO**s".

7-| NOTÍCIAS | 10/12/2013 15:05 **CIGANO**S
Nem tudo são flores – literalmente – na vida de uma esposa de treinador. O problema principal é a vida cigana do futebol. Roseli conta que ficou nove anos vivendo longe de Muricy no período em que ele passou por Pernambuco (Náutico), Santa Catarina (Figueirense) e Rio Grande do Sul (Internacional).

8- NOTÍCIAS | 22/12/2013 06:04
A percepção que o senso comum tem dos **CIGANOS**, no entanto, não costuma dar margem para dúvida alguma. A simples menção a eles já remete à construção de uma imagem saída diretamente daquele imenso leque de estereótipos que cada um de nós parece deixar sempre à mão para qualquer eventualidade.
Assim, por estes conceitos e preconceitos que nos orientam às vezes em escolhas tão simples como atravessar a rua ou continuar na mesma calçada dependendo de quem estará na esquina, os **CIGANOS** viram sinônimo de gente rude, suja, preguiçosa e traiçoeira, a vagar por aí em busca da próxima vítima de seus golpes, ou da próxima criança que será arrastada para dentro de um saco
http://opiniaoenoticia.com.br/internacional/qual-o-lugar-dos-**CIGANO**s-no-mundo-moderno/

9- NOTÍCIAS | 25/04/2013 11:13
Guga, lembro que volta e meia a minha avó falava que o comércio das pequenas cidades do interior de Portugal fechava assim que os **CIGANO**s chegavam. O preconceito contra este povo já está arraigado nas sociedades há séculos, e encontraram eco nas sociedades modernas, pois o nomadismo não se coaduna com o modelo de economia em que vivemos. Além disso, grupos nômades e fechados em si - ainda que o fechamento em si seja uma reação legítima ao estigma - nunca foram bem aceitos, o que não justifica, claro, as perseguições que o povo **CIGANO** sofreu no decorrer da história.

10- NOTÍCIAS | 19/05/2013 12:33
Um dos problemas, segundo o educador alemão Mairele Krause, é que os **CIGANO**s, por sofrerem com a perseguição, estabeleceram uma cultura de segredo e proteção que torna difícil entendê-los e estudá-los. David Mayall, um acadêmico que escreveu a história dos **CIGANO**s nos últimos 500 anos, afirma ser difícil definir uma identidade para este povo, pois elas são múltiplas

11-| NOTÍCIAS | 12/03/2013 2:09
Fórum dos Leitores- (...) A igreja é jovem e sempre o será. Tem um enorme poder de renovar-se e o fará. Talvez tenha chegado a hora de fazê-lo na sua parte administrativa, não só nos aspectos financeiros, que são importante, mas também estruturais. Refiro-me, por exemplo, às Prelazias pessoais, uma criação magnífica do Concílio Vaticano II, que não tem sido percebida como uma estrutura extremamente ágil, bem própria para os tempos atuais e futuros. Alguns movimentos ou iniciativas apostólicas de épocas recentes acabaram por adotar estruturas clássicas assemelhadas às religiosas, isto é, com votos e ênfase na vida em comum, quanto talvez pudessem trabalhar com mais eficácia com outra roupagem jurídica. Além desses movimentos e iniciativas, os **CIGANO**s, os apátridas, os refugiados por motivo de guerras civis, poderiam ter uma prelazia pessoal para atendê-los, em razão de sua peculiar situação e circunstâncias.

12 | NOTÍCIAS | 29/01/2013 19:51
Artista cigana Ceija Stojka, sobrevivente do Holocausto, morre aos 79- "Vivemos em reclusão: as memórias de uma romani", de 1988. Além disso, ela passou décadas dedicando a falar do seu povo pela música e a arte. Os **CIGANO**s, como os judeus, foram enviados para campos de concentração

13 | NOTÍCIAS | 22/12/2012 7:00
A Ivete Sangalo de Israel quebra tabu histórico Emir Kusturica. Ele sempre escolhe umas músicas com um que **CIGANO**. Me sinto como se eu e minha banda fossemos um bando destes **CIGANO**s". Os instrumentos que a acompanham - kamanche e duduk - são tradicionais, mas a música que fazem é projetada para as ondas de rádio.

14 | NOTÍCIAS | 10/12/2012 17:05
Denúncia de violações contra idosos aumenta quase 200%
, referem-se a denúncias de "outras populações em situação de vulnerabilidade acrescida de assuntos relacionados a direitos humanos, como quilombolas, indígenas, **CIGANO**s, violência policial, tortura, entre outros". Contra crianças e adolescentes, as maiores violações registradas pela Disque 100

15 | NOTÍCIAS | 28/11/2012 2:11
Aparições - Sem opinião pública, as aparições somem ou são controladas. Hitler e sua camarilha domesticavam o fantasma do projeto de extermínio de judeus e de categorias marginais como os deficientes, os **CIGANO**s e os homossexuais. Havia suspeição do extermínio, não a prova cabal que apareceu na derrocada do nazismo, em 1945, confirmando as atrocidades. O mesmo ocorreu com as torturas da ditadura militar. As

torturas eram negadas, ninguém era responsável e até hoje há quem nelas não creia ou admita e, no entanto, tal como os fantasmas, elas existiram

16 | NOTÍCIAS | 10/11/2012 2:10
Clarão sobre os pesadelos da história - Na Áustria, é pior ainda. O objeto dessas tendências racistas eram, tradicionalmente, os judeus. Hoje são, por exemplo, os **CIGANO**s e os africanos. Temos também o exemplo da Grécia, onde um partido que se declara abertamente neonazista, e faz do antissemitismo uma de suas principais bandeiras, está triunfando. De outro lado, há um questionamento interessante que reflete sobre o projeto

17 | NOTÍCIAS | 25/10/2012 3:12
As cicatrizes do Brasil - a primeira edição do Mês Internacional da Fotografia em 1993, promovendo o intercâmbio com outros países e trazendo ao Brasil imagens de Josef Koudelka e Keiichi Tahara, entre outros. O checo Koudelka, célebre por suas fotos de **CIGANO**s, é um nome lembrado imediatamente por Nair pela força

18 | NOTÍCIAS | 27/09/2012 19:19
Casal diz que perdeu R$ 15 mil em golpe aplicado por **CIGANO**s
SÃO PAULO - Uma estudante de 21 anos e um administrador de empresas de 29 anos procuraram a Polícia Civil nesta quarta-feira, 26, para registrar que foram vítimas de um golpe aplicado por um casal de **CIGANO**s no bairro do Jabaquara, na zona sul de São Paulo.

19 | NOTÍCIAS | 09/08/2012 7:48
Fórum dos Leitores
Parabéns aos senadores pelo projeto que aprova cotas raciais nas universidades, resgatando injustiças históricas. Entretanto, as cotas deveriam contemplar outras minorias, também injustiçadas. Índios, cafusos, **CIGANO**s, judeus, como ficam...

20 | NOTÍCIAS | 27/07/2012 3:03
Parque Olímpico muda cara de região empobrecida
, onde morou quase toda a vida, em hotel. Uma volta às origens. A taverna nasceu em 1812 para receber imigrantes, soldados, marinheiros, forasteiros, **CIGANO**s que chegavam pela ferrovia ou no atracadouro próximo. Ainda hoje, o leste londrino é uma região de minorias étnicas, principalmente do sudeste

21 | NOTÍCIAS | 23/07/2012 19:00
Sai Joel, vem Dorival? A roda-viva dos técnicos segue...
Um dos mercados mais curiosos que há é o de treinador de futebol. Eles estão mais para **CIGANO**s da bola do que para professores, de tanto que andam pra cá e pra lá. (Bom, de professores têm só a deferência, porque o salário dos mestres de verdade está assim ó!). Pulam de galho em galho a todo momento

22 | NOTÍCIAS | 01/03/2012 3:07
Fórum dos Leitores - HOUAISS E O TRATAMENTO PRECONCEITUOSO
Não me espantou a nota veiculada pelo Estadão em que se noticia que o Ministério Público Federal entrou com uma ação na Justiça, censurando os editores do Dicionário Houaiss pela inclusão de termos pejorativos relacionados aos **CIGANO**s. Como é

muito recente em nosso país a tentativa de se conscientizar sobre a gravidade do tratamento preconceituoso, seja de indivíduos, de grupos étnicos, religiosos, de cor, de orientação sexual (...)

23 | NOTÍCIAS | 29/02/2012 3:09
Fórum dos Leitores
O procurador federal que a retirada imediata de circulação de todos os exemplares do Dicionário Houaiss por "conterem expressões preconceituosas e pejorativas aos **CIGANO**s". Parece que o sr. procurador, pago pelo dinheiro do povo brasileiro, tem muito pouca coisa a fazer, pois quer censurar um dicionário que afirma expressamente que os termos relativos ao verbete

24 | NOTÍCIAS | 28/02/2012 3:01
MPF quer tirar dicionário Houaiss de circulação
Racismo. A Justiça não se manifestou. O caso teve início em 2009, quando a procuradoria recebeu representação de uma pessoa de origem cigana afirmando que havia preconceito por parte dos dicionários. No Brasil, há aproximadamente 600 mil **CIGANO**s. O MPF recomendou às editoras que mudassem o verbete

25 | NOTÍCIAS | 05/01/2012 19:01
Gipsy Kings fará 2 shows no Brasil em março
disco lançado pelo grupo foi Pasajero, no ano de 2006. O Gipsy Kings é formado por músicos **CIGANO**s das famílias Reyes e Baliardo, no sul da França. Álbuns de ouro como Mosaique, Allegria, Mundo Este, Gipsy Kings Live, Love & Liberté, Tierra Gitana, Cantos de Amor, Volare e The Very Best of Gipsy Kings

26 | | NOTÍCIAS | 19/09/2011 6:27 Os ingleses gostam de dar nome àquilo ou àqueles que já têm um nome embutido na vida. Travellers, cuja tradução não poderia ser mais simples: viajantes. Os ingleses gostam de dar nome àquilo ou àqueles que já têm um nome embutido na vida. Travellers, no caso, é um eufemismo, creio que vindo na crista da onda de correção política, para **CIGANO**s. **CIGANO**, em inglês, é gypsy, que, segundo alguns etmologistas, teria sua origem em “egípcio”. Gente, pois, viajada, no tempo e no espaço. Mas o **CIGANO** de verdade é igual em todas as partes e em tudo lembra nossos, principalmente, nossas, **CIGANAS**. De origem romena, pele e cabelos escuros, um lenço na cabeça, pequenas medalhas dele dependurados, saia rodada varrendo a calçada e, nas esquinas, oferecendo por preços extorsivos flor em troca de algus miúdos ou se oferecendo para nos tirar a sorte.

27 | NOTÍCIAS | 16/08/2011 0:00 Cartas para 100 anos de solidão - Lembro da minha mãe sentada numa cadeira em frente de casa enquanto a noite descia sobre ela como uma manta feita de mormaço. Ali eu ouvia as histórias que meus avós contavam: histórias de cavalos, de **CIGANO**s. Ou simplesmente histórias de chuva e vento".

28 NOTÍCIAS | 13/04/2011 9:24

Religiões se unem em homenagem às vítimas do massacre em Realengo da Silveira, com a participação de católicos, umbandistas, candomblecistas, judeus, muçulmanos, wiccanos, **CIGANO**s, evangélicos, hare krishnas, entre outros segmentos. O sargento Alvez, responsável por impedir que o atirador continuasse com o massacre, foi o primeiro a entrar na escola.

29 | 02/04/2011 14:00 - Atoleiro racista -
Foi esse tipo de atitude que esteve presente na política do Estado nazista que determinou a morte de milhões de judeus, romas (**CIGANO**s), homossexuais, pessoas com deficiências e, depois, adversários do regime. São diversos os níveis de gravidade que o deputado sinalizou: "meus filhos foram muito bem educados

30 NOTÍCIAS | 20/03/2011 2:35 - Século das novas luzes - dos totalitarismos na Rússia, na Itália e na Alemanha, massacre dos judeus, **CIGANO**s, "deficientes" físicos ou mentais pela horda nazista. É possível matizar essa visão profundamente negativa lembrando que, nos dias de hoje, as guerras mundiais são muito improváveis, os regimes totalitários foram derrotados

31 | NOTÍCIAS | 22/02/2011 7:42- Cavalos vivem em conjunto habitacional de pessoas da etnia roma (conhecidos como **CIGANO**s). Os cavalos seriam uma herança de **CIGANO**s que moravam no local Vários animais podem ser vistos na rua e, até hoje, um comerciante de metais usados usa os animais para trabalhar. Mesmo na comunidade, nem todos gostam dos cavalos.

32 | NOTÍCIAS | 19/02/2011 23:45-
Em 1/11/2005 a Assembleia-Geral da ONU aprovou por consenso resolução copatrocinada pelo Brasil que criou o dia internacional da comemoração das vítimas do Holocausto. Designou 27 de janeiro como a data para essa celebração, dia em que, no ano de 1945, as tropas soviéticas libertaram Auschwitz. A visualização dos horrores desse campo de concentração fez do nome de Auschwitz o símbolo do ineditismo do mal que o Holocausto, promovido pelo regime nazista, encarnou ao levar adiante, de forma organizada e deliberada, a preconceituosa e gratuita descartabilidade, em larga escala, de seres humanos (judeus, mas também **CIGANO**s, homossexuais, doentes mentais e deficientes). A Carta da ONU, elaborada no pós 2.ª Guerra Mundial, preocupou-se com a promoção e a tutela dos direitos humanos. Uma das fontes inspiradoras dessa preocupação foi a de conter a radicalidade do mal, emblematizado por Auschwitz, nas suas duas vertentes.

33 | NOTÍCIAS | 29/01/2011 0:00 Minha Trilha- Sampa. Isso fica bem claro quando ouço Ronda. Acho muito curioso que o Vanzolini seja especialista em cobras." 6. CAROUSEL - Jacques Brel. "Essa é música feita pra rodar até cair no chão. É do circo e também dos **CIGANO**s e dos apaixonados. É a minha favorita, sem dúvida." 7. TOM"S DINER - Suzanne Vega

34 | NOTÍCIAS | 03/01/2011 20:19 - Luiza Bairros defende cota para negros em todas pastas crescido de forma assustadora", disse. Segundo ela, a presidente Dilma Rousseff recomendou que o assunto seja tratado com o Ministério da Justiça. Outras prioridades,

segundo ela, devem ser educação, saúde e a inclusão de demandas de outros grupos minoritários como índios, **CIGANO**s e judeus.

35 | NOTÍCIAS | 17/12/2010 11:45
Ao ser diplomado, Tiririca é ovacionado na Assembleia Legislativa que esta seja a primeira diplomação de "muitas que virão". Tiririca disse também que possui propostas que beneficiem a classe artística, antecipando que seu mandato dará enfoque às áreas de educação e cultura. "Tenho algumas ideias sobre direitos para os artistas circenses e para os **CIGANO**s, aos artistas em geral

36 - 03/03/1956

tada. 10 — Renal, nadar. 11 — Mala, aral.

Charadismo

1 — Ideal. 2 — Escaramuça. 3 — Espicaçado. 4 — Cigantce. 5 — Lentura. 6 — Apé. 7 — Umas. 8 — De levante. 9 — Advena. 10 — Homens. 11 — Perlonga. 12 — Pardoca. 13 — Paulista. 14 —

honraria e
ria ser cra
a agravant
pedra só p
raso.
Soluções
continuam
não poder
precisão o

Palavras cruzadas = charadismo

37- 07/06/1905

Fazenda
Clautino
rito Bas-
— José
Campos.
io Mon-
F. Mat-
Ignacio

NOTICIAS DIVERSAS

Ciganos

No bairro de Santa Lucia, municipio de Araraquara, está arranchado um bando de mais de cincoenta ciganos.

Os moradores dalli e arredores,

regiment
nacional
S. do
Movi n
de 1905
Descarre
Paulo.
Descarre,
Chaves

Notícias diversas – Ciganos – No bairro de Santa Lucia, município de Araraquara, está arranchado um bando de mais de cincoenta ciganos.

38 | NOTÍCIAS | 29/09/2010 0:00

Mais controle de capitais de investimento, e é um dos poucos países que terão forte crescimento em 2010, é natural que o Brasil atraia capitais **CIGANO**s. Essa avalanche contribui para valorizar o real, na contramão do que está acontecendo em outros países, que conduzem a política cambial para produzir efeito oposto

39 | NOTÍCIAS | 16/09/2010 16:37
Projeto prevê aula sobre Holocausto em escolas gaúchas- O vereador Valter Nagelstein (PMDB), autor da proposta, lembrou, na exposição de motivos da medida, que "sob a doutrina racista do Terceiro Reich, cerca de 7,5 milhões de pessoas perderam a dignidade e a vida em campos de concentração especialmente preparados para matar em escala industrial", referindo-se ao extermínio de judeus, **CIGANO**s, negros, homossexuais, comunistas e doentes mentais pelo regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). "É fundamental guardar esse período na memória, ainda que seja dos mais pesados da história", acrescentou.

40 | NOTÍCIAS | 12/08/2010 0:00
Um gosto pela ironia
-Segunda Guerra Mundial, e não o modelo libertário do pós-guerra na França e em outros países. Portanto nas origens do fascismo que volta na Europa Central com todos os seus maus costumes - antissemitismo, perseguição a **CIGANO**s e outras minorias, etc. - está o mesmo exército que resistiu heroicamente

41 | NOTÍCIAS | 23/06/2010 0:00
Egos monumentais cabem na mesma tela
que, em muitas passagens desse documentário sobre Maradona, veem-se trechos de filmes do próprio Kusturica. Do povo que ele retrata e celebra. Dos pobres da região dos Bálcãs, dos **CIGANO**s, com sua agitação, sua musicalidade e prodigiosa capacidade de gozar a vida. Seres irmãos daqueles que encontramos no bairro

42 | NOTÍCIAS | 31/05/2010 0:00 -Verdi reabre municipal " a dificuldade da convivência entre as diferenças. Constrói cenários conceitualmente distintos para nobres e **CIGANO**s" no caso dos primeiros, a linguagem é vertical e estratificada, passando ideia de hierarquia; para os demais, o palco se abre horizontalmente.

43 | NOTÍCIAS | 27/05/2010 0:00
Il trovatoreno Rio: enfim, o 'novo' Municipal
, já com parte dos figurinos: azul para os nobres e seus servidores, vermelho para os **CIGANO**s e cinza para os religiosos. "Nós nos libertamos do figurino tradicional. Tinha de ser algo moderno para combinar com a direção da Bia", conta Kalma, 60 anos de teatro e em sua segunda ópera. Em vários momentos

44 | NOTÍCIAS | 26/05/2010 5:00
Fanny Ardant, atriz de Truffaut, dirige e mostra curta em SP
de duração. Há dois anos esse mesmo projeto tivera por tema os direitos do homem. Por que não? Sempre tive atração pelas coisas desconhecidas. Como eu não era uma pessoa suficientemente religiosa, desviei um pouco o tema e falei dos **CIGANO**s, que não formam uma religião mas uma cultura e um modo de vida.

45 | NOTÍCIAS | 25/04/2010 0:00
De Anti-Cristo a herói supremo da cultura
Caravaggio criou e explorou esse gosto pelo naturalismo. Sua inovação gerou um gênero iluminado e brilhante de cores frescas, com uma ou mais figuras a meio corpo em escala imponente. Usava como modelos amigos, amantes, pessoas do povo, **CIGANO**s, prostitutas, gente da vida real - e a si próprio, com sua pele morena. Essas figuras vulgares eram retratadas ao lado de naturezas-mortas ofuscantes. Segundo a crença de Caravaggio, pintar flores era tão difícil quanto pintar uma figura.

46 | NOTÍCIAS | 20/03/2010 12:53
Não tão *buena dicha* sofrera exploração ou maus-tratos e determinou que fosse devolvida à mãe. Os **CIGANO**s, como todo grupo humano, elaboram sua experiência do mundo de forma coerente e significativa. Sua organização social baseia-se em relações de parentesco e na deliberada recusa do modo de vida dos brasileiros

47 | NOTÍCIAS | 19/03/2010 0:00
Juiz devolve criança para mãe cigana
JUSTIÇA O juiz Jefferson Barbin Torelli, da Vara da Infância e da Juventude de Jundiaí, no interior de São Paulo, determinou ontem que uma criança de 1 ano e 2 meses retirada dos braços da mãe seja devolvida aos pais, que são **CIGANO**s. A criança foi levada para um abrigo na segunda-feira, após a mãe

48 | NOTÍCIAS | 13/03/2010 0:00
Folias ao Vertigem: ponte que vale cruzar
. O espetáculo do Folias coloca em cena árabes, negros, **CIGANO**s, chicanos, toda uma gente que tenta atravessar fronteiras, muros, oceanos, para se integrar ao mundo do trabalho. No espetáculo do Vertigem, o público vai encontrar os integrados, secretárias, telefonistas, executivos, funcionários de uma grande corporação

49 | NOTÍCIAS | 04/03/2010 0:00
Cantor quer criar sua 'Graceland' no Brasil de **CIGANO**s, como forma de agradecimento por ser o único a falar deles numa canção de maneira positiva. Os amigos são privilegiados - o maior deles, Erasmo, com um canto especial - em uma grande ala da Oca com exibição de vários filmes, com imagens de arquivos, programas de televisão e minidocumentários.

50 | NOTÍCIAS | 12/02/2010 9:47
Após saga de vampiros, 'O Lobisomem' chega ao cinema
suspeitas, mas isso só será revelado ao espectador a muito custo no demorado desenrolar da trama. Em busca de pistas do assassino do irmão, Lawrence se aventura à floresta, onde os **CIGANO**s montaram acampamento. Conforme o esperado, a lua cheia prevê a chegada de um grande e feroz lobo negro.

51 | NOTÍCIAS | 29/09/2009 1:48
Palavra de procurador
. A instituição promove ações civis públicas e de improbidade administrativa, investigações, recomendações, acordos extrajudiciais nas áreas do meio ambiente, consumidor, patrimônio cultural e também em defesa de comunidades índigenas, quilombolas, comunidades ribeirinhas, **CIGANO**s e comunidades extrativistas

52 a | NOTÍCIAS | 20/06/2009
Em linguagem contemporânea, diríamos que Hitler era politicamente correto, enquanto os seus inimigos eram libertinos da pior espécie, não propriamente humanos. Eram os representantes dos sub-humanos, embora costumasse reservar mais propriamente essa expressão aos judeus, **CIGANOS**, homossexuais e comunistas. É interessante observar que o álcool e o fumo são considerados enquanto doenças, na verdade, vícios civilizatórios de uma sociedade decadente, de um capitalismo corruptor do corpo e da alma, formas de expressão a serem banidas de um "estilo de vida liberal". Ambos prejudicariam o desempenho no trabalho e a pureza do corpo, numa mistura de considerações sanitárias, trabalhistas, médicas e ideológicas. O tabaco, em particular, era tido como uma "praga", uma "epidemia", uma "bebedeira seca" e uma "masturbação do pulmão". Também era considerado um "veneno", uma forma do capitalismo (tobacco capitalism) e o "inimigo da paz mundial". O ato de fumar era associado à depravação sexual, ao comunismo, ao judaísmo, à África e aos negros degenerados. A palavra câncer funcionava como uma espécie de metáfora daquilo que deveria ser eliminado, seja um câncer de pulmão, provocado pelo fumo, sejam os judeus, que deveriam ser exterminados. A metáfora do câncer funcionava como um substituto do mal, que exigiria medidas públicas de saneamento, tanto podendo estas se traduzir por medidas raciais, pelo eugenismo, quanto por iniciativas tidas por de saúde pública.

52 b | NOTÍCIAS | 20/06/2009
Em todo caso, surge, nessas diferentes modalidades, a ideia da criminalização: do alcoolista, do fumante, do judeu, do **CIGANO** e do homossexual. Alguns poderiam ser tratados, outros simplesmente eliminados. Um dos mais proeminentes médicos nazistas, Hans Auler, professor em Berlim, considerava o regime nazista como anticancerígeno: "É uma sorte para os pacientes alemães de câncer que o Terceiro Reich estivesse ele mesmo fundado na conservação da saúde alemã."

53 | NOTÍCIAS | 14/07/2009 0:00 - De amarração para o amor a apartamentos milionários - A turma dos orixás, **CIGANO**s e pessoas que "fazem trabalho para trazer a pessoa amada de volta" já representou, com folga, o grupo que mais burla a lei da poluição visual. Hoje, porém, ganharam um concorrente de peso: os corretores de imóveis.

54 - | NOTÍCIAS | 22/06/2009 | 06h 09 Ivan Lessa: Ele chegou . Os locais dizem que eles, além de serem romenos e **CIGANO**s, enchem o saco e empanam a beleza da cidade, por eles tida como aprazível. A polícia francesa já pediu reforços. No lado de cá do canal, os ingleses, armados de binóculos poderosos, acompanham interessados os movimentos.

55- | PODCASTS | 03/06/2009 13:39
Livro "Os **CIGANO**s Ainda Estão na Estrada" aborda a tradição do povo **CIGANO**
Livro ?Os **CIGANO**s ainda estão na estrada? aborta a tradição do povo **CIGANO**

56 | NOTÍCIAS | 03/06/2009 0:00
Uma atitude milenar que inspira vários criadores. A atitude milenar dos **CIGANO**s diante do mundo sempre fascinou os criadores, segundo Cristina da Costa Pereira. "Para

inventar, o artista precisa do sonho", diz. "E os **CIGANO**s, pelo fato de estarem sempre caminhando, sem explicarem a causa da sua busca, inspiram uma visão onírica."

57 | NOTÍCIAS | 03/06/2009 0:00
Uma nação que vive sem destino - Os **CIGANO**s estão andando, e não se importam em saber para onde. Certa vez, um aristocrata até perguntou: "Mas, afinal, o que eles querem?", e ouviu a seguinte resposta: "Ir até o fim do mundo e depois voltar." "E é por isso que a culpa sempre é do **CIGANO**, porque ele está sempre de passagem", diz

58 | NOTÍCIAS | 16/05/2009 23:18
Casamentos de outrora- para os escravos, que se entregavam aos alegres batuques, atabaques e repeniques de violas. Entre os **CIGANO**s, os recém-casados dirigiam-se à casa da esposa para a bênção paterna. Aí a noiva recebia do parente mais velho uma camisa cara, recoberta de bordados, que lhe era cobrada no dia seguinte

59 | NOTÍCIAS | 16/05/2009 0:00
Patrimônio se perdeu com o fim do ciclo do café
CIGANOs quebraram a porta para invadir, chamei a polícia", diz. Ao dormir, coloca uma lata na porta, pois teme "maconheiros". Segundo ele, o prefeito prometeu dar-lhe uma casa e transformar o lugar num centro cultural. "Isso faz dois anos." Já em Marília, um grupo de mendigos se reúne para conversar

60 | NOTÍCIAS | 08/04/2009 0:00 - Quem foi que disse? Um ditador com total apoio do seu povo pode liquidar um etnia, acusando-a de ser impura ou iníqua, como ocorreu com os **CIGANO**s e os judeus na velha e civilizadíssima Alemanha. Na América Ibérica, bispos e padres liquidaram milhões de índios em nome da catequese e do cristianismo.

61 | NOTÍCIAS | 03/04/2009 19:01
Grupo elabora plano contra a intolerância religiosa
. Hoje, representantes da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Comunidade Muçulmana, Federação Israelita, evangélicos, afrorreligiosos, **CIGANO**s e juristas se reuniram durante todo o dia para elaborar tópicos que estarão no texto de apresentação do plano.

62 | NOTÍCIAS | 31/03/2009 2:42
A influência dos guias de excursão, uma catedral qualquer se torna 'a mais esplêndida obra da arquitetura gótica do século 15' e o obscuro cardeal enterrado em uma de suas criptas passa a ser 'o amante secreto da Rainha Fulana de Tal, castrado e decapitado em uma emboscada atribuída a **CIGANO**s, mas que, de fato, foi ordenada pelo próprio soberano.

63 | NOTÍCIAS | 28/03/2009 0:00
Entidades denunciam aumento da xenofobia
. "Relatórios indicam o recrudescimento dos atos de violência contra imigrantes, refugiados e asilados, assim como contra minorias, como os **CIGANO**s", diz a denúncia. "A história da Europa nos lembra que, em épocas de depressão econômica, caímos tragicamente na exclusão social e na perseguição."

64 NOTÍCIAS | 05/12/2008 10:54
Madonna vem ao Brasil e traz alguns 'números' curiosos 20 Nacionalidades diferentes representadas na equipe da turnê (incluindo Japoneses, Israelenses, Russos, Romenos, Australianos, Algerianos...) 18 Araras de roupas para a banda, dançarinos e **CIGANO**s 16 Pessoas responsáveis pelas refeições de Madonna e equipe 12 Costureiras trabalhando dia e noite

65 | NOTÍCIAS | 21/10/2008 0:00
Sonny, o mestre de cerimônias. Apesar de não contar com atrações mais "carimbadas", as chamadas lendárias & populares (como o foram Chuck Berry, Little Richard, Brian Wilson e Kraftwerk), o festival traz apresentações que deverão firmar novas reputações entre os brasileiros, como o grupo de **CIGANO**s punks Gogol Bordello

66 | NOTÍCIAS | 19/08/2008 3:49
Lendas de uma terra mágica bem convincente para esse "causo". (...)Nos séculos 18 e 19, teriam havido violentas avalanches no Morro do Pico, algumas registradas por historiadores.
Poucos moradores mantêm o costume de passar antigas lendas e crednices locais adiante. O serviço fica por conta do Memorial Noronhense, instalado num prédio capenga, na Vila dos Remédios. Além de bom material sobre a história do arquipélago, ali há algumas informações sobre crenças que assustaram os ilhéus por mutios e muitos séculos: (...) Cajueiro da **CIGANA**: Essa também tem base histórica. No século XVIII, **CIGANO**s e indivíduos considerados nocivos à sociedade foram banidos para Fernando de Noronha. A paritr daí criou-se a lenda da cigana, que seria umaprostituo e, morta, teve um cajueiro plantado em sua cova. Todas as noites, a alma da cigana aparecia na tal árvore, junto com os epíritos dos homens ue foram apaixonados por ela.

67 | NOTÍCIAS | 26/07/2008 0:00
Nau de Ícaros encerra temporada na cidade
Hoje é a última chance para assistir à peça Cidade dos Sonhos, da Cia. Cênica Nau de Ícaros, que apresenta uma trama recheada com números circenses e de dança. No palco, quatro **CIGANO**s e um rei saem da próspera cidade em que moram para desbravar outros mares.

68 | NOTÍCIAS | 09/05/2008 7:55
Socorro! Um médico quer me pegar! O médico era um só e mais assustador que qualquer bicho-papão. O médico só perdia para o lobisomem do Lon Chaney Jr em minha demonologia pessoal. Por quê? Não sei. Criança é um bicho meio idiota. Algumas temem os **CIGANO**s, outras o monstro que vive debaixo de suas camas.

69 | NOTÍCIAS | 25/04/2008 5:25 – Tremendas ciganagens Americanas. O carnaval é uma ilusão, diziam todos azulejos. Pura verdade. E tome verdades puras e duras Agora, aí estão as ciganas e seus respectivos fazendo seu próprio carnaval aqui em terras de Dona Rainha Elizabeth. Os **CIGANO**s não são devidamente apreciados aqui.

70 | NOTÍCIAS | 03/03/2008 18:53
Jovens de comunidades tradicionais cobram melhorias em áreas

Após três dias de discussão, jovens de comunidades tradicionais como **CIGANO**s, índios, quilombolas e ribeirinhos construíram as demandas que pretendem levar à 1ª Conferência Nacional de Juventude, que será realizada de 27 a 30 de abril, em Brasília. Muitas reivindicações de jovens de diversos

71 | NOTÍCIAS | 23/03/2007 14:56
O universo da cultura cigana transpira na peça Savina
toda a força e o mistério que envolvem esse universo ainda desconhecido para nós. A companhia Amok partiu do ritmo e da melodia dos Rroms (homens **CIGANO**s, em romani) para desenvolver seu mais novo trabalho que acaba de estrear em palco paulistano, Savina, que estará em cartaz no Sesc Santana somente

72 | NOTÍCIAS | 27/06/2006 18:26
Mulher de 63 anos cai em tubulação e morre afogada
A cigana Maria Aparecida Nogueira de Oliveira, de 63 anos, morreu afogada depois de cair numa cisterna com 1,5 metro de água, nesta terça-feira, 27, em Capão Bonito, a 225 km de São Paulo. A mulher estava acampada com um grupo de **CIGANO**s no Jardim Cruzeiro, na periferia da cidade.

73 | NOTÍCIAS | 21/02/2006 7:34
Lideranças ciganas levam reivindicações ao governo e da Educação e da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). Os **CIGANO**s chegaram ao Brasil no Século XVI, com os primeiros colonizadores. Vieram principalmente de Portugal e Espanha. Eles se dividem nos grupos Calom (procedente da península ibérica), Rom (da Europa Oriental).

74 | NOTÍCIAS | 05/12/2004 14:18
Jogador brasileiro morre na Índia, do São Caetano, que morreu em outubro. Veja o especial **CIGANO**s do Futebol, sobre os desconhecidos jogadores brasileiros que se aventuram pelos campos do mundo

75 | NOTÍCIAS | 13/09/2004 9:25
Taffarel vira o "motorista" da família em Porto Alegre. "Quando a gente joga profissionalmente, sacrifica muito a família", afirma o goleiro. Taffarel sabe como o jogador de futebol leva uma vida de **CIGANO**s. Foi revelado pelo Internacional gaúcho, com 18 anos. "Comecei um pouco velho.

76 | NOTÍCIAS | 09/07/2004 16:47
Isabel Fonseca investiga a vida dos **CIGANO**s
A escritora Isabel Fonseca decidiu largar o emprego em 1991, para se dedicar a um projeto: descobrir a origem e o caminho dos **CIGANO**s pelo mundo. O resultado surgiu quatro anos depois, no livro Enterrem-me em Pé, lançado aqui pela Companhia das Letras.

77 | NOTÍCIAS | 27/01/2004 10:57
Retrospectiva de Picasso é inaugurada hoje se interessa pelo mundo do circo, dos **CIGANO**s, pela figura dos saltimbancos. Nesse período, também se interessa por arte africana e por peças ibéricas dos séculos 4 e 5 a.C. Em 1906, começa os esboços para o célebre Les Demoiselles d´Avignon, um marco da arte moderna.

78| Edição 64 | Janeiro-2012_esquina

Lenços ao vento

A identidade dos **CIGANOS** (78 a) é uma questão problemática, mas Valenzuela é bastante inclusivo na sua definição. "Palavra qualquer papagaio aprende. Cigano é muito mais que isso, é atitude, por isso reconheço a '**CIGANIDADE**' (78 b) de cada um e chamo de primos esses **CIGANOS** (78 c) de coração." Tal generosidade é vista com reticência por alguns. "Hoje em dia, o nosso maior problema é interno, um quer ser mais **CIGANOS** (78 d) que o outro. Malditos sejam esses, porque vão morrer sozinhos." (http://revistapiaui.estadao.com.br/materia/lencos-ao-vento/)

79 | NOTÍCIAS | 26/05/2003 8:16 - Briga entre **CIGANO**s termina com três mortos em SP - Uma dicussão entre **CIGANO**s de uma mesma família, por volta das 19h30 de ontem, terminou com três pessoas mortas, entre elas um garoto de 14 anos, e um homem preso e indiciado, no município de Salto, região de Sorocaba, interior do Estado de São Paulo.

80 | NOTÍCIAS | 25/11/2002 12:15
CIGANOs ocupam área pública em SP-
Cerca de 35 **CIGANO**s invadiram uma área pública ajardinada, uma espécie de praça, ao lado da Ponte do Piqueri, na Marginal do Rio Tietê, montando suas barracas em lona nas cores, azul e laranja. Eles estão no local há quase dois meses, revelam moradores próximos, que preferem não se identificar Os **CIGANOS** já haviam acampado na área verde, ao lado da ponte do Limão, também na Marginal do Tietê. Os moradores próximos reclamam da sujeira na praça e também no fato de que os **CIGANO**s sobem com seus carros sobre a praça, como se não houvesse uma fiscalização na cidade que proibisse este comportamento. Este acampamento **CIGANO** não tem data para sair do local, segundo informações dos próprios integrantes. Muita gente, segundo informações dos mesmos moradores, têm procurado evitar a passagem no local, à noite

81 | NOTÍCIAS | 20/06/2002 17:48
A emocionante volta do "Circo" - As trapezistas gêmeas, puras, virgens, levitam. O elenco anuncia a partida - "Voar, fugir como o rei dos **CIGANO**s quando junta os cobres seus" ou "como o mais pobre dos pobres dos pobres dos plebeus". O circo se vai. Ninguém dele se esquecerá. A levitação das gêmeas e a canção Na Carreira

82- NOTÍCIAS | 10/05/2002 9:13
Plano nacional apóia união de homossexuais a usar representantes dos diversos grupos étnicos em seus anúncios. O plano também prevê a elaboração de projetos educativos destinados aos **CIGANO**s, ao mesmo tempo em que fará uma revisão dos livros escolares onde haja termos depreciativos contra eles.

83 | NOTÍCIAS | 09/04/2002 17:40
Comparsa de Andinho será mostrado a testemunhas os parentes de outros seqüestrados a concordar com os valores pedidos pelo bando?, disse um investigador da Delegacia. Na época do assassinato, foi cogitada a participação de **CIGANO**s no caso. Rosana, que

pertencia a uma comunidade cigana, teria reconhecido um deles no bando. A hipótese está quase descartada

84 | NOTÍCIAS | 05/03/2002 14:58
Pintura de Ianelli inspira “Rosso e **CIGANO**s”, conta. No palco está presente a integração entre a música e bailarinas. “Costumo dizer que é uma orquestra de saias, que estamos todos ligados.”. “Rosso” proporciona, para os que executam e aos que assistem, uma experiência interessante: são focos e diferentes expressões artísticas

85 | NOTÍCIAS | 18/06/2001 3:42
Briga em acampamento **CIGANO** deixa um morto - Uma pessoa morreu, duas ficaram feridas e outra foi presa após um tiroteio em um acampamento de 80 **CIGANO**s, no município de Ferraz de Vasconcelos, na grande São Paulo, por volta das 23 horas de ontem. Segundo a Polícia Militar, uma discussão entre um grupo de **CIGANO**s, todos bêbados.

86 | NOTÍCIAS | 18/05/2001 12:27
Cortés traz seu "flamenco de resultado" a SP
, Cortés é exibicionista. Cultivando uma sensualidade latin lover, que se traduz em longos cabelos pretos, torso nu, calças justas e botas de salto, Cortés, espanhol de Córdoba, filho de **CIGANO**s, 31 anos, quer ser visto como um pop star. Não contente com as performances no palco, ele já se apresentou

87 | NOTÍCIAS | 18/08/2000 17:46
Ensaios discutem rumos e impasses da poesia o oposto da geração marginal dos anos 70, formada por "pastores de uma religião sem nome", com seus versos "**CIGANO**s, impuros, delinqüentes". Mas longe da vida de que se alimenta a poesia? E para que serve? A quem se destina? Opiniões - A poesia é a salvação do corpo e da alma, diz o capixaba Valdo Motta

88 | NOTÍCIAS | 24/06/2010 0:00
Como capturar público pela emoção
temas secundários, expondo toda a sua riqueza de timbres, inicialmente nas cordas, depois nos oboés, retorna às cordas e madeiras em uníssono, até enunciar de novo o tema principal num tutti, driblar a expectativa do solista com mais motivos, agora com acentos **CIGANO**s. Foram nesses 90 compassos

89- Gazeta de Petrópolis (Rio de Janeiro- Sábado- 10 de Abril de 1897)

Fundado em partes officiaes, communica-nos o Dr. Aureliano Magalhães, chefe de Policia do Estado, que a nova fôrça dos capitães Valamiel e Diogo, perseguindo os **CIGANO**s fugitivos, foi recebida a tiros, pelo que teve logar um pequeno teroteio, ficando levemente feridas duas praças, e gravemente os **CIGANO**s Josephino e Pedro, caindo este morto.

90-

Para contar os meus males/ Meu natural me contém;/ As sepulturas têm flores/ A minha vida não tem. /Os desejos de minh'alma/ São pela sorte esquecidos, /Para vê-los em tal penúria/ Antes não fossem nascidos./Pra resistir tua falta/ Minh'alma não tem coragem/ Só se iludido pensar/ Que não perdi tua imagem. (MORAES FILHO, 1885:57-59).

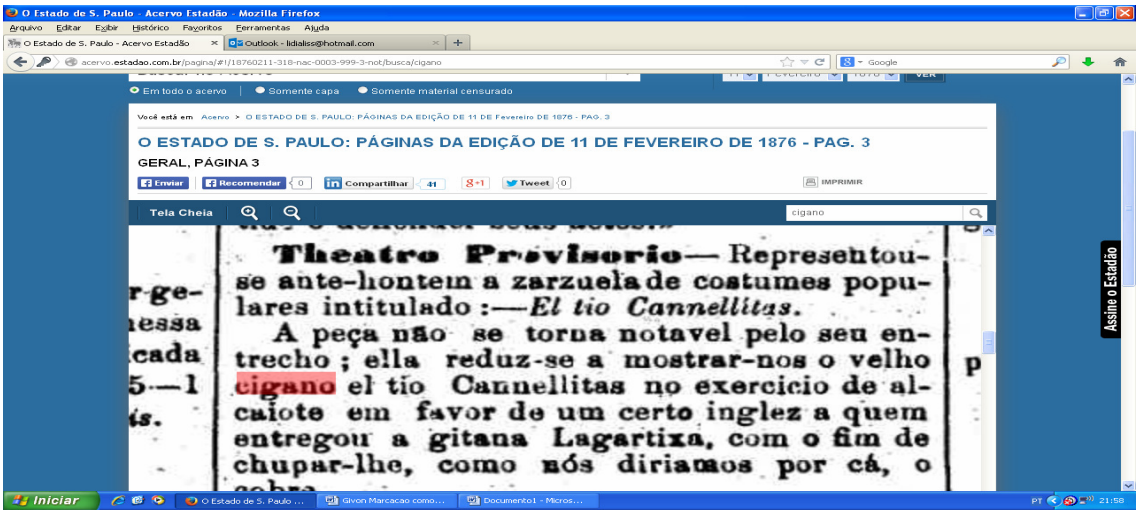
91- *Gelem, gelem lungone dromensar galem* *maladilem baxtale Rromençar* *A Rromalen kotar tumen aven* *E chaxrençar bokhale chavençar* *A Rromalen, A chavalen*	Caminhei, caminhei por longos caminhos Encontrei afortunados roma Ai, roma, de onde vêm com as tendas e as crianças **famintas**? Ai, roma, ai, rapazes!
Sàsa vi man bari familja *Mudardás la i Kali Lègia* *Saren chindás vi Rromen vi Rromen* *Maskar lenoe vi tikne chavorren* *A Rromalen, A chavalen*	Também tinha **uma grande família** **foi assassinada pela Legião Negra** **homens e mulheres foram esquartejados** **entre eles também crianças pequenas.** Ai, roma, ai, rapazes!
Putar Dvla te kale udara *Te saj dikhav kaj si me manusa* *Palem ka gav lungone dromençar* *Ta ka phirav baxtale Rromençar* *A Rromalen, A chavalen*	Abre, Deus, **as negras portas** para que eu possa ver onde está minha gente. Voltarei a percorrer os caminhos e caminharei com os afortunados roma. Ai, roma, ai, rapazes!
Opre Rroma isi vaxt akana *Ajde mançar sa lumáqe Rroma* *O kalo muj ta e kale jakha* *Kamàva len sar e kale drakha* *A Rromalen, A chavalen.*	Avante, roma, agora é o momento, Venham comigo os roma do mundo Da cara morena e dos olhos escuros Gosto tanto como das uvas negras Ai, roma, ai, rapazes!

92- *O Estado de S.Paulo*
21 de outubro de 2013 | 3h 29
O QUE LHES CONVÉM
Primeiro, eles vetaram a presença dos homossexuais, mas, como não sou gay, eu me calei. Depois, eles vetaram a presença de qualquer outro grupo, a critério de Feliciano e seus carolas**, como os judeus, negros, deficientes físicos e mentais, CIGANOs, adversários políticos e religiosos, tal como no nazismo**, em nome da pureza, não da raça, mas do que lhes convém.

	Informante Código	Comentário
93-		
94-		
95-		
96-	173	A origem do povo estaria relacionada a um episódio bíblico, a **uma visão diferente de Adão e Eva**.
97-	43	A única coisa que sei é de observação de um acampamento **CIGANO** na cidade de Itapevi, as casas são de tijolo em uma área livre próximo a linha férrea me chama a atenção **as roupas coloridas e os carros novos em contraste com a extrema pobreza das habitações**.
98-	2	Apenas estórias sem fundamento que **eles roubam crianças, cavalos** e que quando **rogam 'pragas' o sujeito amaldiçoado sofrerá algo grave**
99-	78	Apenas me lembro de que quando era criança, na época em que os **CIGANO**s chegavam à cidade, sempre me diziam para ficar longe deles, pois eram **ladrões de crianças e poderiam me levar embora.**
100-	159	Como saí da religião do candomblé, tenho relato de **CIGANO**s que roubavam cavalos, mas que hoje ajudam as pessoas.
101-	1	Conheço algo sobre as mulheres sempre vestirem saias longas, por ser **impuras da cintura para baixo**
102-	91	Minha mãe presenciou uma cigana pedindo uma galinha e a amiga negou, diante desse fato, **a cigana rogou uma praga e a galinha morreu**.
103-	153	Nas feiras **os CIGANOs vendiam cavalos cegos, aleijados e que jogavam mal olhado nas pessoas.**
104-	14	O **CIGANO trocou um cavalo com meu pai, e que quase me matou**, carrego uma cicatriz até hoje, na minha testa do meu lado direito.
105-	74	Quando era pequena, minha mãe falava para tomar cuidado, porque enquanto uma lia a mão as outras roubavam, era para tomar cuidado.
106-	120	Que quando **eles lançam uma maldição, acontece**.
107-	183	**Querem sair ganhando**, não importa se estão certos ou errados, querem ser espertos.
108-	18	**Rouba**
109-	83	**Roubam** coisas, leem mão
110-	42	**Roubam** crianças
111-	109	**Roubas** criancinhas
112-	154	**Roubavam** crianças
113-	110	**Roubo** e rapto de crianças
114-	53	São ricos, **roubam** crianças, leitura de mão
115-	211	Tenho uma prima **que foi jogada no lixo, pois ela não era o primeiro filho homem.** A minha tia a adotou, explicou de onde veio e agora ela se rebelou contra a tia e quer ficar com os

		CIGANOs, eles dizem que ela não pode casar, pois já está velha (17 anos) e não foi determinado ninguém para ela quando pequena.

116



11 de fevereriro de 1876
Theatro Provisorio - Representou-se ante-hontem a zarzuela de costumes populares intitulado: - El tio Cannellitas
A peça não se torna notavel pelo seu entrecho ; ella reduz-se a mostrar-nos o velho **CIGANO** el tio Cannellitas no exercicio de alcaiote em favor de um certo inglez a quem entregou a **gitana** Lagartixa, com o fim de chupar-lhe, como nós diriamos por cá, o cobre. (11-02-1876)

117-
Edição 399
PONSON DU TERRAIL [espaço] 23

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS (ano de 1884)

A ramilheteira Nichette

Ora quer saber o que fez Anto[-] lnia? lançou nessa caixa commum a som- l ma enorme que roubou á senhora e á l sua irmã, com a condição de a usufruir, ficando depois da sua morte, para o the- l souro commum. ll - Estão, pois, perdidas todas as nossas l esperanças, disse Dagoberto. ll - Ainda não. ll - **Os CIGANOs não restituem nada.** ll - Talvez.. ll - Oh ! és ingenuo de mais, disse Da- l goberto. ll - Meu general, os bohemios são hon- l rados Quando souberam que esse di- l nheiro foi roubado... ll - Mas como ! exclamou Aurora, en- l tão elles não o sabem ? ll - Não, porque Antonia lhes fez crêr l que essa fortuna lhe fôra dada pela prin- l ceza Helena, que se queria vingar da l infidelidade do conde de Mazures, seu l tio. Provou-lh'o com peças falsas e car- ltas escriptas expressamente. ll - E então julga, meu caro Bibi, que l **os CIGANOs restituiriam o dinheiro**, si ti- l vessem a prova de que foi roubado? ll Julgo, senhora. ll - Mas, disse Aurora suspirando, onde l encontrar essa prova ? a condessa de Ma- l zures

morreu ; Gretchen, nossa mãe | morreu ; meu pae ... || - Seu pae não morreu, disse Bibi. || - Meu pae não morreu ? || - Não, senhora. || - Ah ! exclamou Aurora commovida, | mas onde está então ? || - Ah ! senhora, disse Bibi, ainda não | chegou a hora de lhe fazer tão dolorosa | confidencia. Não me interrogue hoje... || - Mas ... || - Basta que saiba que seu pae vive, | que se arrepende do passado, e que a | ama. ||

118- **INFORMANTE 6 - Fita no. 5a**
SEXO: feminino
IDADE: 28 anos
ESCOLARIDADE: nula
OCUPAÇÃO: faxineira, doméstica - Trabalhou em indústria de roupas.
PROCEDÊNCIA: Norte de Minas Gerais (Município de Nova Módica, perto de Teófilo Otoni) - Veio para São Paulo em 1971.
RELIGIÃO: Espírita
DURAÇÃO DA ENTREVISTA: 30 minutos

Inf. a rua qui a genti falava era u interi/ era... nóis falava cidadi... lá é rua... purque tem a fazenda né? a gente ia... da rua pa fazenda fazê us biscoitu... intão voltava pa rua di novo... nóis falava a cidadi era di rua... a maior comédia... tinha veiz qui... nu:... nu sábadu né? a genti: ::... a genti chorava pa í pa missa mas aconteci qui a genti num gostava di sapatu né?... a mamãe comprava sapatu pra genti... nóis ia pa missa di sapatu chegava nu caminhu tirava tudu... ((ri)) punha nu ombru... i voltava todu mundu discalço pra casa... era u maió baratu... tá locu... eu chorava até daná eu num gostava di ropa di otra cor era só ropa vermelha qui eu (gostava) iguar **ciganu...** vistidu rasgadu si u espetu fizessi um furinhu minha fia eu infiava aquilu nus gaiu di pau... rasgava tudu pra mim ganhá otru
Doc. ganhá novu ((risos))
Inf. é... eu andava só di shorti mais era di shorti... eu prifiria andá di shorti du que cum vistidu rasgadu né?,... ((risos)) aí depois eu fui aprendenu fazê uns vistidu pra mim cum novi anu eu custurava pra mim

119 | NOTÍCIAS | 27/02/2012 16:35 - MPF quer tirar de circulação o dicionário Houaiss - e não atendeu recomendações de alterar o texto, como fizeram outras duas editoras com seus dicionários. O caso teve início em 2009, quando a Procuradoria da República recebeu representação de uma pessoa de origem **CIGANA** afirmando que havia preconceito por parte dos dicionários brasileiros em relação à **ETNIA**.

120 | NOTÍCIAS | 18/09/2010 16:00 - Eternos indesejados -Times e Economist) comparar policiais franceses aos soldados alemães durante a guerra, quando deportavam homens porque faziam parte de uma **ETNIA** (judaica, **CIGANA**). Claro, essas referências históricas são não só ignóbeis, mas tolas: que relação existe entre a expulsão dos **CIGANO**s pela França

121 | NOTÍCIAS | 22/10/2012 7:18
Vidas **CIGANA**s - a história da minoria mais antiga da Espanha em fotos

Trajetória **CIGANA** A exposição "Vidas **CIGANA**s" mostra a trajetória desse povo na península ibérica, desde sua chegada até os dias de hoje. Eles chegaram à região no século 15, vindos da Índia. Segundo os organizadores da mostra, seu objetivo é combater o estereótipos ancestrais sobre a minoria.

122 | NOTÍCIAS | 15/04/2012 3:04
A classe C e a política : a mudança na composição demográfica e a nova geografia do voto. No lugar ocupado outrora por **CIGANA**s adivinhas, que em tempos bucólicos tomavam as praças das cidades para mostrar aos transeuntes as pistas do amanhã, temos hoje as pesquisas de opinião. São essas as modernas bolas de cristal que procuram

123 | NOTÍCIAS | 01/03/2012 3:07
Fórum dos Leitores - Federal. É claro que essa consideração remete-se há 60 anos. Certamente a comunidade **CIGANA** no Brasil vive hoje integrada ao modo de ser rotineiro de nosso país e nenhum deles se dedicaria mais a circos rurais, ainda que grupos de **CIGANA**s estejam diariamente no viaduto do Chá, Praça da Sé.

124 | NOTÍCIAS | 19/09/2011 6:27- Ivan Lessa:
A **CIGANA** me enganou- alguns etmologistas, teria sua origem em "egípcio". Gente, pois, viajada, no tempo e no espaço. Mas o **CIGANO** de verdade é igual em todas as partes e em tudo lembra nossos, principalmente, nossas, **CIGANA**s. De origem romena, pele e cabelos escuros, um lenço na cabeça, pequenas medalhas.

125 | NOTÍCIAS | 19/06/2010 16:00
Poetisa dos pincéis - adornadas por flores, borboletas, diademas. "Minhas mulheres são rainhas. Fortes, poderosas e guerreiras, sabem o que querem", acrescenta. Algumas têm ares de divas, outras, de deusas, **CIGANA**s (inspiração que vem das histórias russas da avó paterna, Clara, nascida em Vitebsk, na Rússia).

126 | NOTÍCIAS | 17/03/2010 15:23
Justiça apreende filhos de **CIGANA**s que pediam esmola
Duas crianças foram separadas de suas mães e conduzidas para uma casa transitória durante o fim de semana em Jundiaí, no interior de São Paulo. As mães eram **CIGANA**s desempregadas e pediam esmolas no centro da cidade. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública do Estado, A Vara da Infância

127 | NOTÍCIAS | 26/06/2009 12:19
Projeto que garante cotas será votado na próxima semana, diz ministro - e da intolerância religiosa. Até domingo (28), a conferência vai reunir representantes da população negra, de povos indígenas, comunidades **CIGANA**s, além de representantes de judeus e palestinos. "Esperamos um debate intenso, profundo, em alguns momentos, duro, do ponto de vista da avaliação pela sociedade civil

128 | NOTÍCIAS | 03/06/2009 0:00
Uma atitude milenar que inspira vários criadores, Lorca, Lawrence, Baudelaire. Além de lembrar as origens **CIGANA**s do pianista Wagner Tiso, ela fala do flamenco, que hoje experimenta um boom de gravações e shows na Espanha e que absorveu procedimentos da música **CIGANA**.

129 | NOTÍCIAS | 28/06/2008 21:23 Celebração fashion - foi marcada por uma variedade de propostas. SEVENTIES A onda setentinha já vem do inverno, com as calças de boca larga e as batinhas meio **CIGANA**s. Vai continuar firme, trazendo as lavagens em degradées, o tie-dye e o batik (ambos efeitos de manchas localizadas), e principalmente a estampa liberty –

130 | antonienko 5 years ago (2011)

http://www.revistaforum.com.br/rodrigovianna/plenos-poderes/serra-plantou-odio-brasil-colhe-preconceito-as-manifestacoes-contra-nordestinos-na-internet/

Há 3 meses atrás, citei um filme de David Griffith, "A Bird of a Nation". Brancos eram os heróis, nas batas da KKK.
Negros , bandidos a serem extirpados. Foi o primeiro filme americano a usar da linguagem cinematográfica e tornou-se o maior clássico do cinema americano. 100 anos atrás.
Quem vê vomita.
José Serra, tem o perfil da KKK. com certeza ele viu este filme.
Mas nas ondas do século 20, onde espalhou-se os fascismos, as ditadouras , também eclodiu a reação. Banhos de sangue pelos solos europeus,Alemães, eslavos, espanhóis, russos, judeus, **CIGANO**s… Centena de milhão.
O que este senil cidadão paulistano está querendo?
Separação do estado de são paulo, é óbvio.
Já brinquei.Agora não mais. Não é mais brincadeira.
Criar o império de sãopaulo, anexar o Chile e invandir a Venezuela.
Ele está completamente desequilibrado.
Como Pedro Collor se sacrificou pelo bem do Brasil(Viva o Pedro Collor, abaixo Dom Pedro III), precisamos de alguém que faça o mesmo com Serra. Avaliação psiquiatrica.
Alguém, um novo herói, que evite banhos de sangue.

131 | NOTÍCIAS | 25/04/2008 5:25- Tremendas **CIGANA**gens- as **CIGANA**s. Ricas ou pobres. **CIGANA**s, havaianas e tirolesas. Só muito mais tarde é que as duras realidades da vida vieram me desancar no meio do salão desta vida. Deixei de usar calça de smoking e brinco, esqueci a letra de Pirata da perna de pau, parei de cheirar lança-perfume. Era terno e gravata

132 | NOTÍCIAS | 17/01/2008 10:35- Quatro são presos por estelionato após serviços espirituais - Maria Aristides Lanovich e Sheila Gaich, de 25 anos, foram presos em flagrante durante uma simulação da polícia. Após receber uma denúncia de uma mulher, de 24 anos, de que teria sido vítima do grupo na segunda-feira, 14, um policial civil se passou por cliente e foi consultar uma das "**CIGANA**s

133 | NOTÍCIAS | 24/10/2007 21:11- JORGE GERDAU JOHANNPETER Prêmio "Este título não é meu. É fruto do apoio de 35 mil pessoas que trabalham nas nossas organizações". Leia trechos do discurso de Zilda Arns e Jorge Gerdau nas periferias

urbanas, favelas, comunidades rurais, assentamentos, invasões, comunidades indígenas, quilombolas, prisões femininas e comunidades **CIGANA**s."

134- “MEU DEUS É MAIOR QUE VOCE.”

“Não sei o que é pior, a ignorância e grosseria de pessoas como Dantena (que felizmente não são muitas), ou a hipocrisia e malandragem de gente como você (encontrada em qualquer esquina). O egocentrismo citado por Villaca é o mesmo em Datena e no(a) senhor(a).”

“cara, pq todo ateu é idiota?”

“Eu sou evangelica o meu pastor nunca fez o que o senhor diz como se fosse uma coisa generica voce não conhece todos os pastores do mundo. não conhece o carater das pessoas para julgala dessa maneira. se voce não acredita em Deus problema é seu. mais dai até insultar pessoas que voce não conhece. é uma coisa complicada, nada contra ateus macumbeiros, **CIGANO**s, feiticeiros entre outros mais assim como eu respeito respeite tambem” | Julho/Agosto de 2010 TWITTER
http://diariodebordo.cinemaemcena.com.br/?p=826 Julho/Agosto de 2010
http://diariodebordo.cinemaemcena.com.br/?p=826

135| NOTÍCIAS | 25/11/2006 13:00
Discriminação racial na Europa é maior no trabalho
informação com facilidade e, em geral, de maneira gratuita. No relatório, a CE diz estar consciente das dificuldades de quem sofre uma "discriminação múltipla", por exemplo no caso das **CIGANA**s, que freqüentemente são objeto de uma diferença de tratamento pelo fato de pertencerem a essa etnia

136 Boa tarde, portalão. De acordo com as informações de Marcos Silverio e Alexandre Pereira, \"Explode Coração\" será reprisada, no canal \"Viva\". Na minha modesta opinião, o melhor trabalho da Glória, e é atualíssima. O drama das crianças desaparecidas parou esse país, e muitas foram encontradas. Tinha a saga dos **CIGANO**s. Até então a cultura cigana era muito desconhecida, e esse povo ainda sofre muito preconceito, mas eles têm um lado que envolve magia (as danças, as cartomantes, as rupas) que é algo maravilhoso. Tinha a questão da internet, que naquela época era um bixo de sete cabeças pra 99,9% da população, mas foi desenvolvida uma história de amor através desse instrumento. Hoje não daria mais. Acho que o \"Viva\" acertou na mosca. A população brasileira vai receber muito bem essa novela, a exemplo de \"Vale Tudo\" e \"Por Amor\".| http://asdigital.tv.br/portal/?p=2025 - TWITTER
Bolivar Soares / 10 de janeiro de 2011

137 | NOTÍCIAS | 09/11/2001 19:32
Sesc terá 4ª edição de "Todos os Cantos do Mundo" - uma versão acústica de suas músicas acompanhado por camerata de violoncelo. Thierry "Titi" Robin, músico francês que toca repertório de músicas **CIGANA**s colhidas do Rajastão à Espanha. Zeca Baleiro

abrirá os shows de encerramento do festival, nos dias 24 e 25, tocando músicas dos CDs Líricas.

138 | NOTÍCIAS | 11/06/2001 20:35 Balé da Cidade estréia com veteranos . As coreografias também são elaboradas com base nas músicas. "A trilha sonora que dá o tom da peça é composta por instrumentos de corda, valsas e músicas **CIGANA**s lentas, tudo muito calmo. O clima só é quebrado no fim, quando entra um som tecno que se assemelha às batidas do coração."

139 | NOTÍCIAS | 13/03/2001 17:00- Grupo de romenos é deportado do Brasil- , em que diziam ser refugiados e não ter dinheiro para sobreviver. À polícia, os estrangeiros disseram ainda fazer parte de um clã nômade (semelhante a comunidades **CIGANA**s) e que sofriam perseguição política na Romênia - fato que os motivou a vir para o Brasil.

140 | NOTÍCIAS | 02/01/2001 12:37
"A Mulher Caixa" bate perna pelo mundo- de locais de grande concentração popular, como Vale do Anhangabaú e Praça da Sé. "Eles acreditavam que a Mulher Caixa era de verdade", espanta-se Figueiredo. Por isso, começaram a ocorrer conflitos com pastores evangélicos e **CIGANA**s. "Achavam que a A Mulher Caixa concorria com eles

141- Recebi um pedido semana passada para ajudar a encontrar alternativas baratinhas para uma festa cigana.

Tenho que dizer que adorei o tema, super criativo, cheio de história e tradição, fora que está super na moda. Já reparou que está na moda usar várias pulseiras, anéis, colares…tudo ao mesmo tempo? Fora os lenços e saias longas que voltaram com tudo!

Todos são elementos da tradição cigana que é muito sensual e vaidosa.

Logo esse tema não é nada minimalista, o espaço deve estar super decorado com muitos tecidos de cores fortes e coloridas.

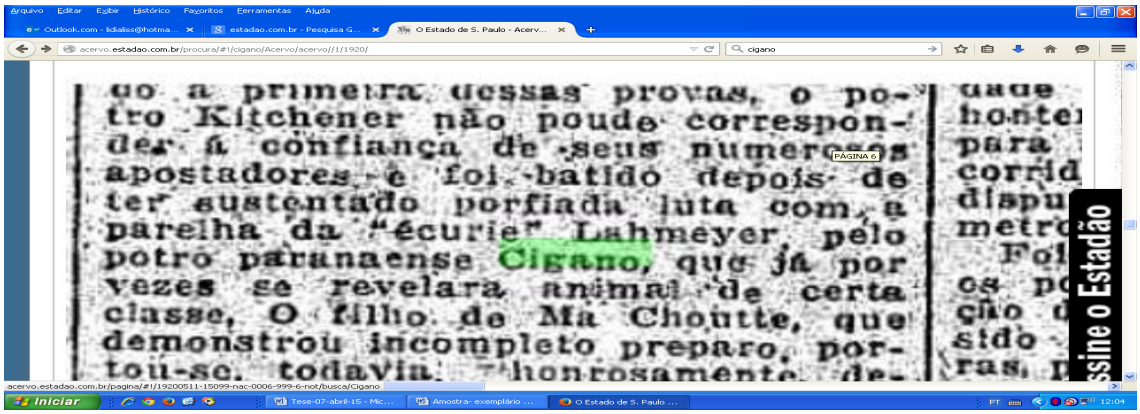
http://www.suacasasuafesta.com.br/festas/festa-cigana

142- Ricardo Aguieiras disse... Fora que esse papo de "perdoar" tem tudo a ver com o cristianismo, até a palavra vive na boca de padres e pastores, que, escondido, não perdoam nada.
O povo **CIGANO** (o verdadeiro...), só para dar um exemplo, não tem esse papo de "perdão". Ao contrário, adoram e valorizam uma vingança e não medem esforços para realizá-la. Para eles, vingança é um prato que se come quente. E bem quente!
Beijos,
Ricardo
aguieiras2002@yahoo.com.br
http://dividindoatubaina.wordpress.com
(http://thiagolasco.blogspot.com.br/2010/10/ferro-e-fogo.html)

143 -Nem tudo estava perdido. Só minhas amigas tinham se perdido (ou desistido, ou se escondido?) de mim. Porém... Santa Sara Kali, protetora do povo **CIGANO**, resolveu olhar para o arremedo de cigana desgovernada de sua festa e eis que aparece um Deus **CIGANO** (além do fraco por Deuses Gregos, tenho um fraco por Deuses **CIGANO**s também. Na verdade, tenho um fraco por homem bonito!). Lenço na cabeça, brinco na orelha, uma camisa de seda vermelha... fora que ele tinha quase 2 m de altura e eu gosto de homem assim: praticamente um parque de diversões. Entrou em um banheiro comigo e estava me ajudando a lavar meu pé esquerdo, que tinha terra grudada na zona do "bife". Romântico, né? Seria, se minhas amigas não tivessem resolvido aparecer e gritar na porta do banheiro: *sai daí, Alê, isso é quase pedofilia!* Gente... só porque o Rei **CIGANO** tinha no máximo uns 23 anos????? Mas pensando bem e fazendo umas contas, realmente não dava para encarar.
http://www.alelasorciere.com.br/2011/07/la-sorciere-e-fratura-do-halux.html

144- 01-09-2011 http://kaitlynk2.blogspot.com.br/2011_09_01_archive.html
Entrevista:
Kait : Oi Duh tudo bem? sim,eu sei que está kk7
Roderick diz: Vixe virou advinha querida ? Aqui **CIGANA** não tem vez -qnn Sim estou bem
Kait : na verdade eu só disse isso pra começar isa3
Duh: Ai mas isso ja tinha sido falado antes gosh
Kait : então vamos começar à falar de wrestling,uma coisa que vc sabe muito,além de rodar bolsinha na augusta
Duh:*Ai querida, isso ja é temporada passada, bordel WDO muito luxo /bjks
Sim eu sei um pouco sobre wrestling vamos la gosh
Kait : O que vc acha das divas jobber que na sua opinião são boas (Rosa e Maryse) ?

145-



08 de março de 1920
Apresenta-se pela primeira vez em publico neste anno, disputrnado a primeira dessas provas, o potro Kitchener não poude corresponder á confiança de seus numerosos apostadores e foi batido depois de ter sustentado porfiada luta com a parelha da "ecurie" Lahmeyer pelo potro paranaense **CIGANO**, que já or vezes se revelara animal de certa classe.(...)

146- Esta declaração, quando repetida com convicção, substitui a programação anterior e contribui para que, sutilmente, esta pessoa passe a se atrair por vagas de empregos e profissionais que podem ajudá-lo a conquistar isso, que agora é uma verdade para ele. **Fora que** também o ajuda a buscar se aprimorar exatamente onde precisa, tendo ideias mais criativas e ficando até mais inteligente.

http://vanessamazza.com.br/2012/11/12/o-poder-das-afirmacoes-positivas/

147- Agora com a onda do INSTAGRAM, as mulheres adoram exibir as suas unhas.
De todas as cores, de todos os tipos, não existe moça que não tenha orgulho das suas unhas.
Portanto, faça suas unhas, pelo menos uma vez a cada 15 dias.
Até mendigas fazem as unhas, não tem desculpas.
Já vi **cigan**as desdentadas na rua, mas com unhas feitas.
Existe algo na unha que é ligado diretamente na auto estima feminina.
Faça sempre as unhas, não importa onde; na sua casa com manicure\pedicure particular, no salão do bairro…
Ahh, o salão do bairro…
Fora que quando você faz as unhas em salão de bairro, sempre tem uma fofoca boa que você fica sabendo.
E quer coisa mais gostosa que ficar com as unhas perfeitas e sabendo da vida alheia e ainda mais, de gente que você odeia\detesta?
http://contigo.abril.com.br/blog/espia-so/page/2/

148- 03-01-2011 (conversa entre três adolescentes)
Dronk
O Cigano.
Mortien Tiehl
-Odeio **CIGANO**. Povo mais porco e imundo, impossível. Fora que, não tem nacionalidade. Ou seja, nem brasileiros são. Fora que, não tem nacionalidade. Ou seja, nem brasileiros são.
-Não somos com prazer!
-E provavelmente voce nem conheceu ciganos mesmo, como disse no topico acima o povo que mais parece mendigos são "calons" não ciganos de verdade.
- nao sou cigano nao cara
-só estudei com uma loira bem bonita no EM que era cigana, a guria tinha traços muito europeus, desde entao nao sei + definir o que é um **CIGANO**
-ela teve que parar de estudar pra casar virgem, kra era mto gostosinha n qro ofender seu povo mas era mto gostosinha
-Entendi.. Não tem muita definição do que e um **CIGANO**.. Tem muitos clãs, muitas raças, existem de todos os tipos.
-Nem ofende chamar ela de gostosa não.. Não sendo minha parente ta tudo ok.
-Normalmente as **CIGANAS** tem uma beleza acima do normal, meio europeia, espanica, não sei explicar.
-Pelo menos o pessoal que conheço.
Mensagem editada pelo usuário O Cigano. em 25/01/2012 03:48.

http://forum.jogos.uol.com.br/sabe-galera-eu-tenho-certeza-que-um-dia-vou-me-casar-e-ter-filhos-e-uma-familia-porque_t_1862904?page=5

149- quê prejudica a dança do ventre e como melhorar essa situação?Você acha que o tribal está livre disso?
Nunca estive muito inserida no meio da dança do ventre,como já mencionei, minha formação vem das danças ciganas.É claro que em alguns momentos estudei a dança do ventre,principalmente o estilo *Ghawazee*. O que me chamou a atenção foi a questão de confundir sensualidade com sexualidade. A tendência da mídia desinformada ou até mesmo com intuito de distorção acaba muitas vezes vulgarizando essa arte. Fora que também existem "pseudo dançarinas" que levam para esse lado, mais preocupadas com o palco do que com a arte em si. O tribal em sua história e surgimento já buscava justamente desassociar essa imagem distorcida; é mais difícil essa abordagem,mas nada impede que falta de ética e de comprometimento sério com esse estilo, leve a aparecer as ditas distorções.http://aerithtribalfusion.blogspot.com.br/2012_08_01_archive.html

150 - Passagem obrigatória. Do ceguinho à esquina do armazém do português no tilintar de moedas na cuia de queijo, ao homem da perna-de-pau, morador do Alto da Silveira. Como não lembrar do falador da vida alheia - Bate-Bico - morador do beco do Sabino que era também padioleiro do Pronto-Socorro. As cantigas do verdureiro ainda tão vivas na memória daqueles que as escutaram um dia. Quem não se lembraria do mercador de peixe que vinha do Rio Vermelho a pé e que passava invariavelmente pelas manhãs. Já o vendedor de pirulito tocava seu realejo pelas tardes. Fazia seu ponto na porta do colégio Dois de Julho.

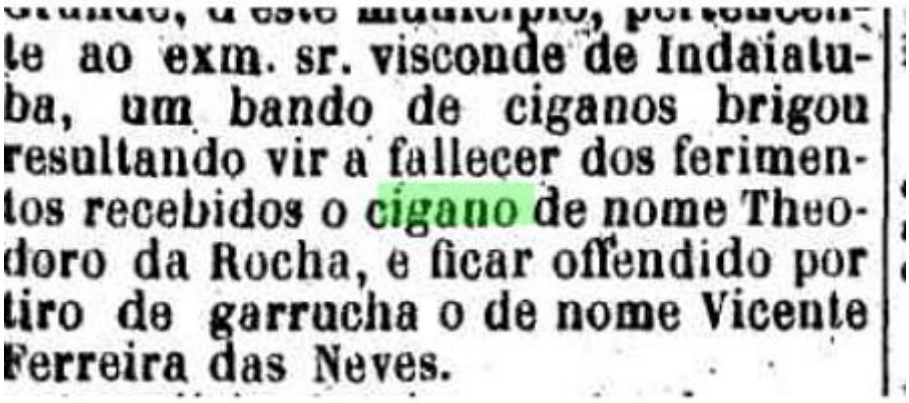
Bandos esporádicos de CIGANOs montados a cavalo armavam suas tendas nos terrenos baldios da Fazenda Garcia. Traziam mercadoria exótica. Motivavam um certo receio. Dissimulado**. "Cuidado, pois CIGANO é ladrão de galinha**..." Fascínio em sorrisos de ouro. **As mulheres ciganas liam as mãos de moças e rapazes à saída do colégio.** Eram suas profecias acreditadas em troca de algumas moedas. Sempre queriam mais no convencer intencional. Aos homens **CIGANO**s cabiam outras tarefas - Batiam de porta em porta oferecendo simpatia envolvida na magia de peregrino pelas estradas do mundo. Sonho de outros. Sabiam usar bem as palavras. Tachos de cobre e almofariz niquelado faziam como ninguém. **A arte dos CIGANOs nos metais**. (Informante: Amália Gonzalez Grimaldi – descendente de espanhóis, nascida em Salvador, Brasil. Ano da interação: 2011)

151- 11 de setembro de 2003
Nossa família se uniu no Brasil. Após um casamento **CIGANO**, papá e mamá se uniram na praia de São Sebastião e se casaram. Anos depois começaram a nascer os filhos. Primeiro foi o Henrique, depois o Wladimir, depois o Sandro Rosas, depois a Mirijan Bahktale, depois o Alejandro, o Roberto Runas, a Krigiska e, finalmente, eu. Somos uma família feliz, vivemos em liberdade como os filhos do vento. Andando, andando, andando, pela lungone dromensa que nos levará a felicidade e ao paraíso **CIGANO**.

Neste ano, um ano particularmente feliz para mim, conheci Betchari. Papá e mamá

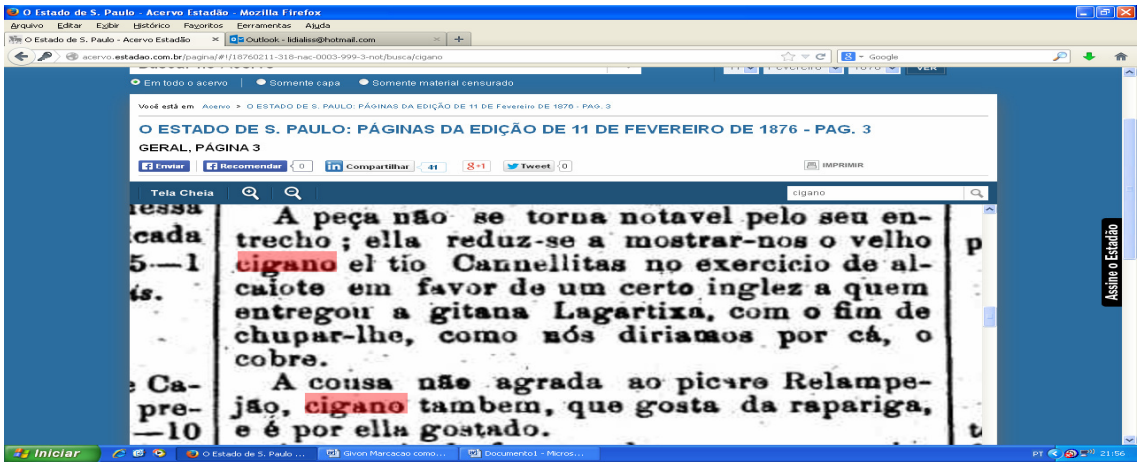
aprovaram nossa amizade (feita pela Internet) e torcem para que eu conheça um pouco mais da vida fora do acampamento, do mundo estranho e divertido dos gadje. Aos amigos **CIGANO**s: Opre Roma Opre Kalé

152- 15/10/1882


te ao exm. sr. visconde de Indaiatu-
ba, um bando de ciganos brigou
resultando vir a fallecer dos ferimen-
tos recebidos o cigano de nome Theo-
doro da Rocha, e ficar offendido por
tiro de garrucha o de nome Vicente
Ferreira das Neves.

Um bando de ciganos brigou resultando vir a fallecer dos ferimentos recebidos o cigano de nome Theodoro da Rocha, e ficar offendido por tiro de garrucha o de nome Vicente Ferreira das Neves

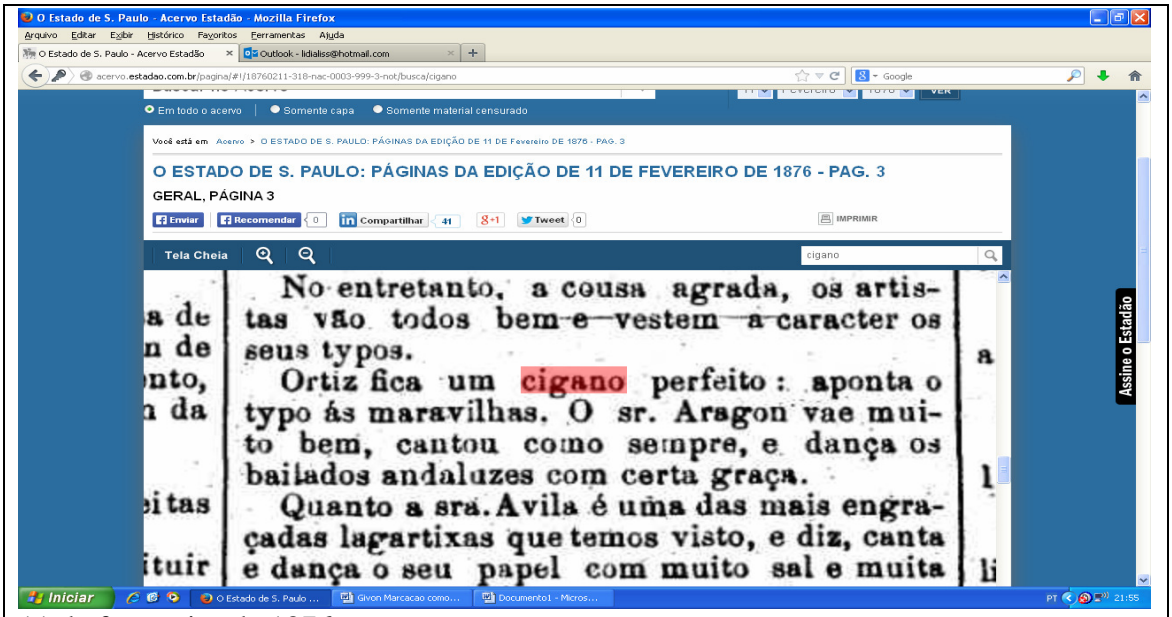
153-



11 de fevereriro de 1876

A cousa não agrada ao picare Relampejão, **CIGANO** também, que gosta da rapariga e é por ella gostado.

154-



O ESTADO DE S. PAULO: PÁGINAS DA EDIÇÃO DE 11 DE FEVEREIRO DE 1876 - PAG. 3

GERAL, PÁGINA 3

No entretanto, a cousa agrada, os artistas vão todos bem e vestem a caracter os seus typos.

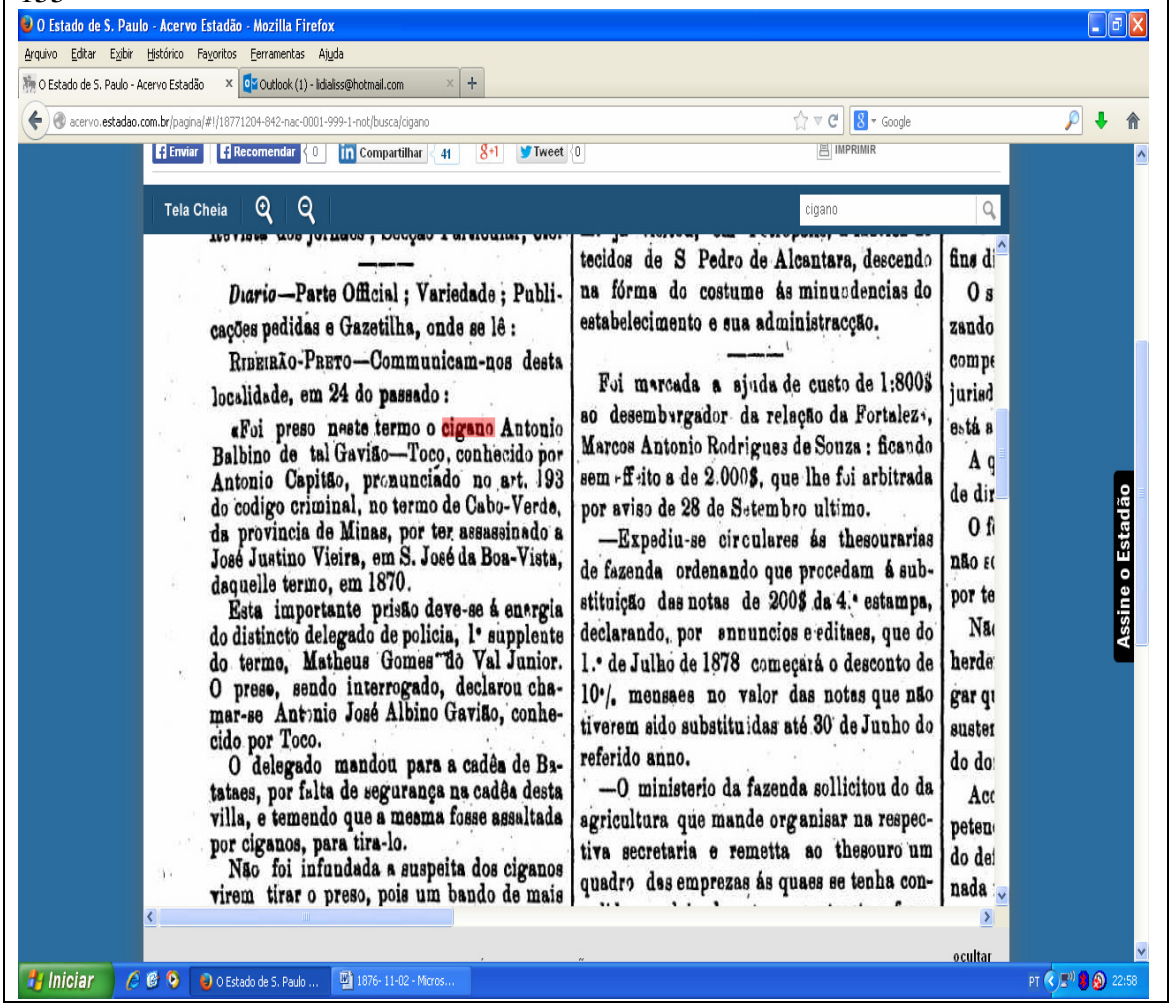
Ortiz fica um cigano perfeito : aponta o typo ás maravilhas. O sr. Aragon vae muito bem, cantou como sempre, e dança os bailados andaluzes com certa graça.

Quanto a sra. Avila é uma das mais engraçadas lagartixas que temos visto, e diz, canta e dança o seu papel com muito sal e muita

11 de fevereiro de 1876

Ortiz fica um **CIGANO** perfeito : aponta o typo ás maravilhas. O ar. Aragon vae mueto bem, cantou como sempre, e dança os bailados andaluzes com certa graça.

155-



Diario—Parte Official ; Variedade ; Publicações pedidas e Gazetilha, onde se lê :

Ribeirão-Preto—Communicam-nos desta localidade, em 24 do passado :

«Foi preso neste termo o cigano Antonio Balbino de tal Gavião—Toco, conhecido por Antonio Capitão, pronunciado no art. 193 do codigo criminal, no termo de Cabo-Verde, da provincia de Minas, por ter assassinado a José Justino Vieira, em S. José da Boa-Vista, daquelle termo, em 1870.

Esta importante prisão deve-se á energia do distincto delegado de policia, 1° supplente do termo, Matheus Gomes do Val Junior. O preso, sendo interrogado, declarou chamar-se Antonio José Albino Gavião, conhecido por Toco.

O delegado mandou para a cadêa de Batataes, por falta de segurança na cadêa desta villa, e temendo que a mesma fosse assaltada por ciganos, para tira-lo.

Não foi infundada a suspeita dos ciganos virem tirar o preso, pois um bando de mais

tecidos de S Pedro de Alcantara, descendo na fórma do costume ás minuudencias do estabelecimento e sua administracção.

Foi marcada a ajuda de custo de 1:800$ ao desembargador da relação da Fortaleza, Marcos Antonio Rodrigues de Souza : ficando sem effeito a de 2.000$, que lhe foi arbitrada por aviso de 28 de Setembro ultimo.

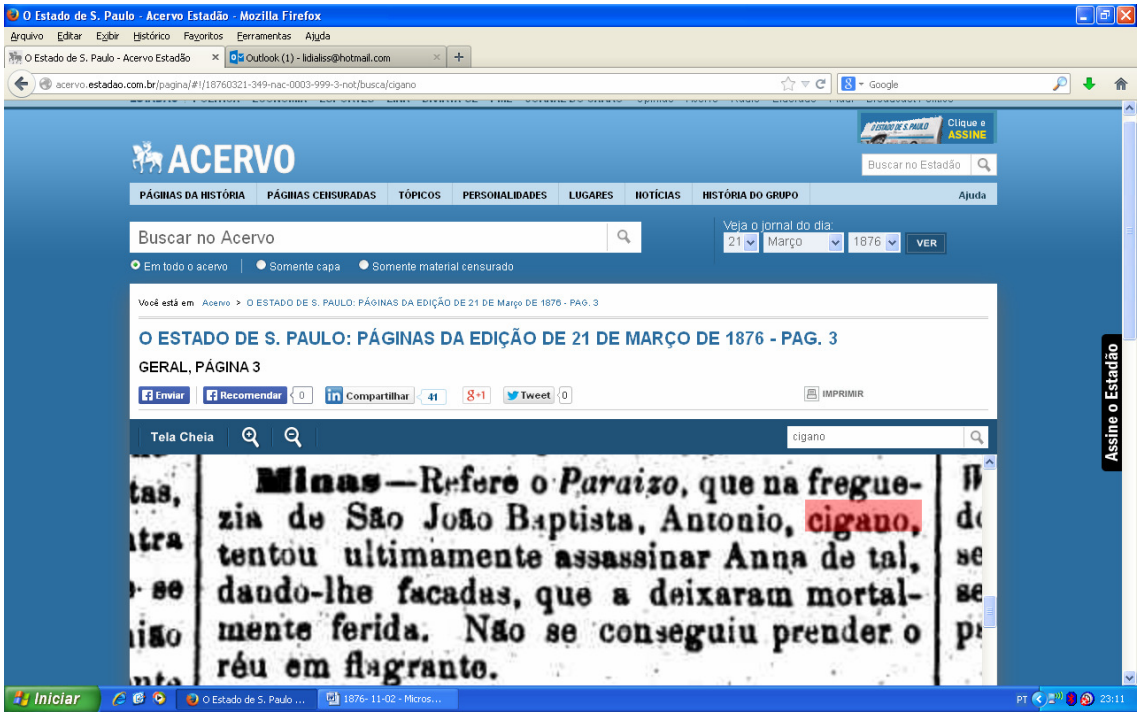
—Expediu-se circulares ás thesourarias de fazenda ordenando que procedam á substituição das notas de 200$ da 4.ª estampa, declarando, por annuncios e editaes, que do 1.° de Julho de 1878 começará o desconto de 10°/. mensaes no valor das notas que não tiverem sido substituidas até 30 de Junho do referido anno.

—O ministerio da fazenda sollicitou do da agricultura que mande organisar na respectiva secretaria e remetta ao thesouro um quadro das emprezas ás quaes se tenha con-

04 de Dezembro de 1877

Foi preso neste termo o **CIGANO** Antonio Balbino de tal Gavião – Toco, conhecido por Antonio Capitão, pronunciado no art. 193 do código criminal, no termo de Cabo-Verde, da província de Minas, por ter assassinado a José Justino Vieira, em S. José da Boa-Vista, daquelle termo, em 1870.

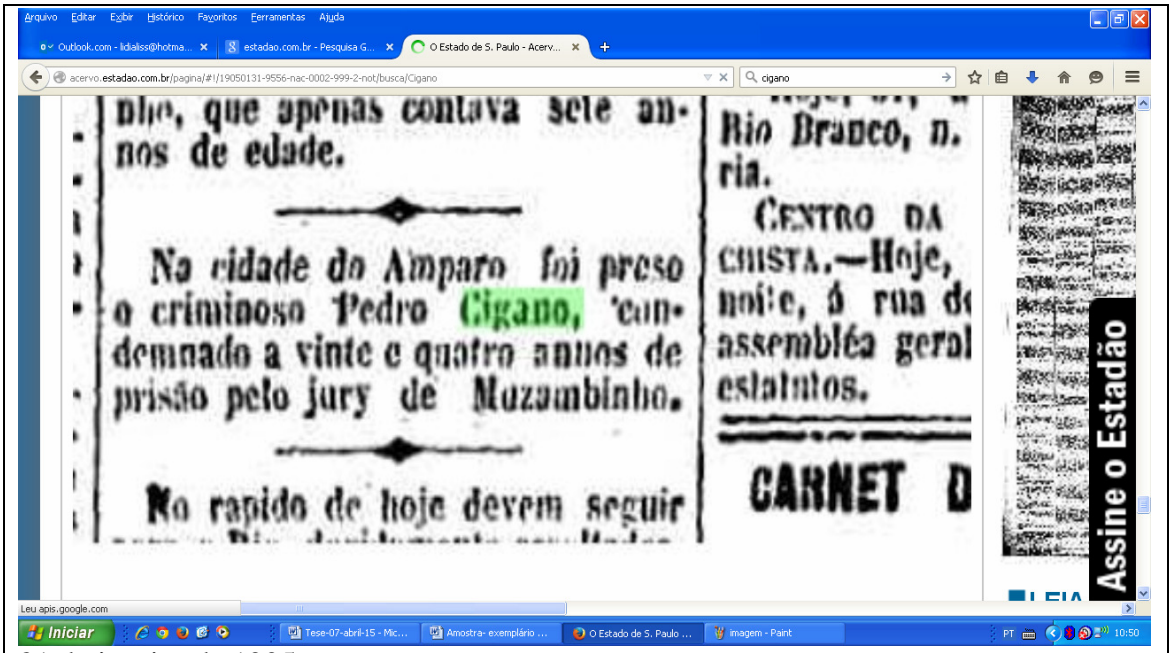
156-



21 de Março de 1876

Minas – Refere o Paraíso, que na freguezia de São João Baptista, Antonio, **CIGANO**, tentou ultimamente assassinar Anna de tal, dando-lhe facadas, que a deixaram mortalmente ferida. Não se conseguiu prender o réu em flagrante.

157-



nho, que apenas contava sete annos de edade.

Na cidade do Amparo foi preso o criminoso Pedro Cigano, condemnado a vinte e quatro annos de prisão pelo jury de Muzambinho.

No rapido de hoje devem seguir

Rio Branco, n. ria.

CENTRO DA CHISTA.—Hoje, noite, á rua de assembléa geral estatutos.

CARNET D

31 de janeiro de 1905

Na cidade de Amparo foi preso o criminoso Pedro <u>CIGANO</u>, condemnado a vinte e quatro annos depreisão pelo jury de Muzambinho.

158-

O ESTADO DE S. PAULO: PÁGINAS DA EDIÇÃO DE 10 DE SETEMBRO DE 1896 - PAG. 2

GERAL. PÁGINA 2

(Do nosso correspondente).

LEME, 9 (recebido ás 9 horas da noite).

O cigano Hipocentauro, depois de desfechar os tiros no cabo de policia Candinho, deitou fóra a garrucha, largou o cavallo e metteu pernas ao caminho, desapparecendo num momento.

Foram-lhe no encalço alguns paisanos e dois soldados, e puderam descobril-o, capturando-o.

So se não dêsse o caso de chegar logo depois da prisão o subdelegado em exercicio, o cigano estaria a esta hora morto.

Agencia Havas

LISBOA, 8 (retardado).

Chegou esta manhan a este porto, no vapor *Cordillere*, o dr. Assis Brasil, ministro brasileiro nesta capital.

A recepção que lhe fizeram os seus amigos foi muito affectuosa.

KIEL, 9.

O czar, a czarina e a gran-duqueza Olgarman do czar, partiram esta tarde para Copenhague.

A demora dos soberanos russos na côrte do rei Christino será de 12 dias.

ROMA, 9.

O jornal *Opinione*, especificando o que tem dito em artigos anteriores so-

BUENOS-AYRES, 9.

O tempo manteve-se hoje encoberto ameaçando chuva.

BUENOS-AYRES, 9.

Uma grande praga de gafanhotos invadiu a provincia de Santa-Fé, causando enormes estragos nos campos de cultura.

BUENOS-AYRES, 9.

O governo mostra-se hostil ao desejo manifestado pelo reino de denunciar os tractados de commercio, firmados pelo mesmo governo.

BUENOS-AYRES, 9.

As paredes de operarios estão diminuindo sensivelmente, tendo já muitos

10 de setembro de 1896

LEME, 9 (recebido às 9 horas da noite)

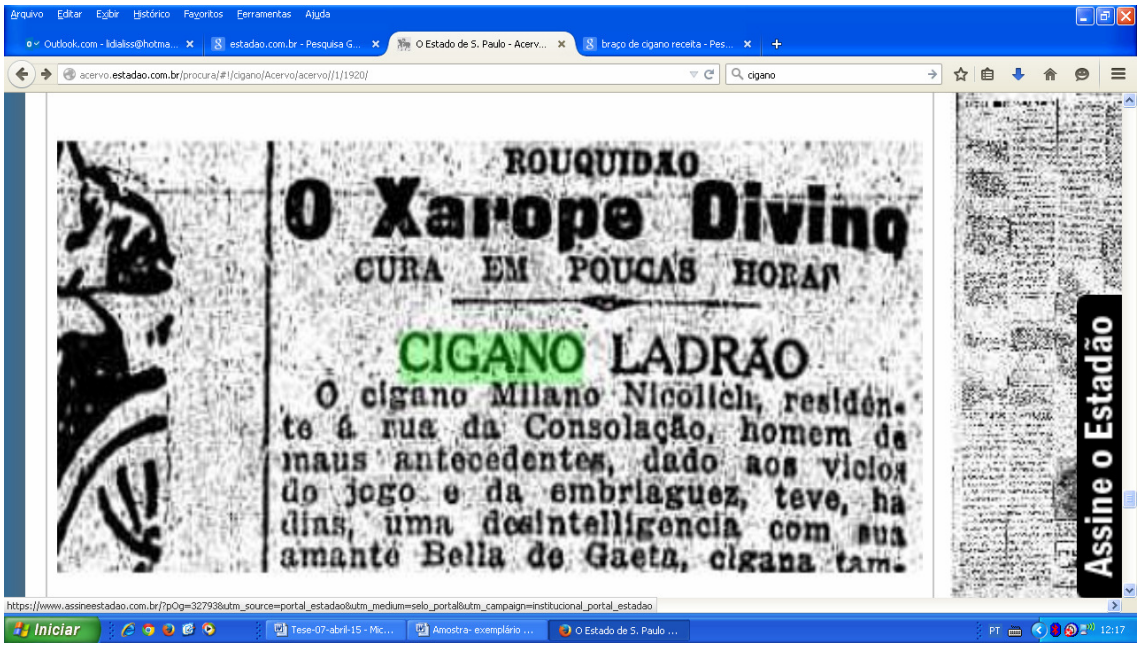
O **<u>CIGANO</u>** Hipirocontauro, depois de desfechar os tiros no cabo de polícia Candinho, deitou fôra a garucha, largou o cavallo e metteu pernas ao caminho, desapparecendo num momento.

Foram-lhe no encalço alguns paisanos e dois soldados, e puderam descobril-o, capturando-o.

So se não dêsse o caso de chegar logo depois da prisão o subdelegado em exercício, o **<u>CIGANO</u>** estaria a esta hora morto.

Ainda assim, paisanos e solados maltractaram muito o homem, que está ferido desde os pés á cabeça, pelos tiros rifladas e pancadas que recebeu. (Do nosso correspondente).

159-



ROUQUIDÃO

O Xarope Divino

CURA EM POUCAS HORAS

CIGANO LADRÃO

O cigano Milano Nicolich, residente á rua da Consolação, homem de maus antecedentes, dado aos vicios do jogo e da embriaguez, teve, há dias, uma desintelligencia com sua amante Bella do Gaeta, cigana tam-

24 de Março de 1920

CIGANO Ladrão

O **CIGANO** Millano Nocolich, residente á rua da Consolação, homem de maus antecedentes, dado aos vícios do jogo e da embriaguez, teve, há dias, uma desintelligencia com sua amante Bella do Gaeta, cigana também. Resolveu abandonal-a; não o fez, entretanto, sem levar comsigo o sufficiente para beber e jogar durante algum tempo : fugiu com um collar composto de sete medalhas de ouro pertencente á sua amasia. A policia, porém prendeu-o, quando se encontrava no botequim da rua da Consolação, 480.(...)

160-

LIVROS NOVOS

AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO: "Conceito de Civilisação Brasileira" (Cia. Editora Nacional, S. Paulo, 1936); JOSE' B. DE OLIVEIRA CHINA: "Os Ciganos do Brasil" (Imp. Official do Estado, S. Paulo, 1936)

07 de novembro de 1926

Lançamento do livro de José B. de Oliveira China "Os **CIGANO**s do Brasil"

161- | NOTÍCIAS | 22/08/2008 19:22
Madonna vai usar Givenchy na abertura da nova turnê
Madonna escolheu a grife de alta costura francesa Givenchy para criar os modelos de sua nova turnê Sticky & Sweet. O estilista da marca, Riccardo Tisci, que adora elementos góticos e dark, criou duas roupas para a cantora. Uma delas traz referências de gângsteres e outra, dos **CIGANO**s.

162| NOTÍCIAS | 18/08/2008 22:01
A ONU cobra empenho da Rússia contra racismo e neonazismo
por parte de jovens pertencentes a grupos extremistas." Os alvos do discurso e dos atos de violência são principalmente chechenos, mas também outros povos do Cáucaso e Ásia Central, **CIGANO**s, turcos, judeus, muçulmanos e africanos.

163- | NOTÍCIAS | 30/06/2008 6:36
Viva a Copa Viva! (...) as Ilhas Chagos e a Nação Romani, que eu e você, beirando a incorreção política, costumamos chamar de "**CIGANO**s". Interessante é o caso das Ilhas Chagos. Trata-se, na verdade do arquipélago de Chagos, dependente da Grã-Bretanha, com toda sua população de perto de duas mil

164- | NOTÍCIAS | 11/12/2010 21:12
"**CIGANO**s da crescente população da etnia roma, originária da Romênia. Ainda no sábado, o ministro do Interior, Alfredo Mantovano, disse em entrevista que os **CIGANO**s estão "associados a roubos, assaltos e seqüestros".

165- NOTÍCIAS | 28/05/2008 14:38

Anistia condena '60 anos de fracasso' em direitos humanos
, que se apresenta como modelo em matéria de direitos humanos, continuam vigentes o racismo e a discriminação, especialmente contra os **CIGANO**s, que, no ano passado, viram como alguns países não garantiam seu direito à educação. **CIGANO**s, judeus e muçulmanos foram vítimas de "crimes de ódio"

166 | NOTÍCIAS | 28/05/2008 5:50
Mostra em Milão traz soluções criativas para moradia dos nômades **CIGANO**s em toda a Itália e conflitos étnicos nas favelas da África do Sul são alguns exemplos recentes de como a atual crise habitacional pode afetar o bem-estar das metrópoles. O curador da mostra, Fulvio Irace, chama a atenção para os números da ONU sobre a questão ambiental.

167 - **A face e o fóssil**
Alexandre Marino

Um deus **CIGANO** sentou-se e chorou
entre as areias de um oceano extinto.
Recordou os monstros que criou
e suicidou-se com as últimas gotas
de um lago de veneno.

Nada restou em Marte, apenas sua face,
feita fóssil, mirando a Terra desolada,
onde humanos ateus tentam fartar-se
dos restos da divina felicidade.

Naves cruzam o Universo à procura
das ruínas de seu sorriso insepulto,
homens perplexos leem mensagens
nesse olhar voltado para o obscuro.

São divinas as criaturas
e seus crimes, sua fome,
irreversível tristeza,
o dom da consciência a confundi-las
ao mirar a máscara mortuária,
ilusão de grandeza
que apequena e esmaga.
TWITTER-09/16/13--11:44: http://mallarmargens1.rssing.com/chan-7960751/all_p29.html

168| Atenção meninas. No próximo verão, vestidos. Floridos, com fendas, lindos. A inspiração é a dançarina espanhola. Olé. Eu já estou pensando em comprar uma rosa

vermelha e deixá-la atravessada na boca até fevereiro do ano que vem. Vou virar a Cigana Sandra Rosana Madalena!!!
http://blogdofarofa.blogspot.com.br/2002/10/10102002-82549-pm-rosana-hermann-um.html

169- PF prende 1 em Alagoas acusado de fraude contra INSS
Pelo menos uma pessoa foi presa em Alagoas nesta manhã em ação da Polícia Federal, que recebeu o nome de "Operação Bengala". A operação combate fraudes contra o Instituto Nacional de Seguro Social (INSS). Segundo a PF, o esquema recrutava **CIGANO**s e laranjas para constar como beneficiários do INSS.

170- Passado Negro e futuro duvidoso – Os perigos do discurso religioso contra a democracia - Por Allan Johan
(...)
O nosso passado negro nos leva à Era das Trevas, na Idade Média, quando a Bíblia caçou, perseguiu, massacrou como nunca, em nome da fé. Ou mesmo o Holocausto, onde os mesmos argumentos foram usados contra judeus, negros, gays, comunistas e **CIGANO**s, entre outros grupos. O argumento da superioridade, o da missão divina, a auto denominação de guardiões da moral e do destino da humanidade. Sim, a religiosidade pode se tornar um princípio nazista, quando prega a superioridade e a higienização. Foi assim no Holocausto, quando foi negada a cidadania dos judeus, até que os tiraram toda a sua dignidade, o direito a serem humanos e legalmente os mataram em câmaras de gás. O discurso cristão apóia os crimes contra homossexuais, pois os assassinos subjugam suas vítimas, não olham ali um ser humano mas um pecador, um objeto de nojo e desprezo, tal como os nazistas aos judeus e outros grupos, tal como os fundamentalistas aos homossexuais.
http://serfelizeserlivre.blogspot.com.br/2011/06/passado-negro-e-futuro-duvidoso-os.html

171- | NOTÍCIAS | 18/02/2008 18:16
Armani mostra coleção de inspiração étnica em Milão
Giorgio Armani se inspirou em **CIGANO**s e no Japão para criar sua coleção de moda feminina inverno 2008-09, que expôs em Milão na segunda-feira, envolvendo muitas das modelos em xales de veludo ou renda e apostando nas sedas com estampas florais para a noite

172-| NOTÍCIAS | 17/01/2008 10:35
Quatro pessoas foram presas na noite desta terça-feira, 15, acusadas de estelionato e coação ao oferecerem serviços espirituais, na avenida Celso Garcia, na zona leste da Capital. Segundo a Secretaria de Segurança Pública (SSP), Aparecida Lanovich, de 39 anos, André Lanovich Filho, de 29 anos, Maria Aristides Lanovich e Sheila Gaich, de 25 anos, foram presos em flagrante durante uma simulação da polícia. Após receber uma denúncia de uma mulher, de 24 anos, de que teria sido vítima do grupo na segunda-feira, 14, um policial civil se passou por cliente e foi consultar uma das "**CIGANAS**", que na ocasião se apresentou com um nome falso. Após a consulta, a mulher pediu R$

2,4 mil para dar continuidade ao serviço. O policial foi obrigado então a entrar no carro de um dos suspeitos, após dizer ao 'consultor', que não havia conseguido retirar o dinheiro do banco. Ele foi levado até a praça Sílvio Romero para a retirada do pagamento. Ao saírem do banco, três integrantes do grupo receberam voz de prisão.

173 | NOTÍCIAS | 27/11/2007 7:35
Campanha procura últimos nazistas da América do Sul foram assassinados nos campos de concentração e extermínio nazistas, que também executavam **CIGANO**s, homossexuais, deficientes físicos e dissidentes políticos. BBC Brasil - Todos os direitos reservados. É proibido todo tipo de reprodução sem autorização por escrito da BBC.

174 | NOTÍCIAS | 28/10/2007 20:24
Mulher é encontrada morta em porta-malas na BA
o banheiro, colocou o corpo da vítima no porta-malas do carro, um gol cinza de placa JMA-1095, e abandonou veículo na linha do trem, na Rua Patamares, no bairro de Verde Horizonte. Segundo a polícia, ambos eram **CIGANO**s e viviam brigando. O crime aconteceu às 3h30 da madrugada deste domingo.

175 | NOTÍCIAS | 26/10/2007 13:45
Cirque du Soleil estréia show inspirado em **CIGANO**s; A tradição circense e a cultura nômade dos **CIGANO**s são os temas do novo espetáculo do Cirque du Soleil, Varekai, que estreou na quinta-feira em Antuérpia, na Bélgica, sua turnê européia com presença brasileira no picadeiro. O nome do espetáculo significa "onde quer que seja" no idioma romeno

176 | NOTÍCIAS | 27/03/2007 19:22
Ministra diz que frase sobre racismo está fora de contexto
da valorização e do respeito às diversidades, em um trabalho integrado com negros, indígenas, **CIGANO**s, judeus e palestinos em espaços como o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial e a Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial, com a intenção de garantir a essas comunidades acesso a bens

177- *André* 31 de março de 2011 at 10:57

Ingred:
Adolf Hitler não apenas matou judeus em nome de uma superioridade da raça ariana, matou também comunistas, **CIGANO**s, prostitutas , deficientes físicos etc!
Esse deputado, que me recuso a escrever o nome, não defendo só a ditadura em que ele como militar tinha privilégios, em que se torturava, censurava e matava em nome da moral e dos bons costumes e se roubava tanto ou mais que hoje, só que ninguém podia denunciar, Ele defende o preconceito contra todas as minorais, gays, negros, nordestinos, e amanhã serão as mulheres, os judeus e todos que contrariem sua noção de raça superior.
Com todos os nossos problemas VIVA o BRASIL livre e democrático, não queira conhecer os horrores do regime que o deputado tanto aprecia

178 | NOTÍCIAS | 26/01/2007 18:28
Assembléia Geral da ONU condena negação do Holocausto - milhões de judeus, e milhões de integrantes de outros grupos como poloneses, homossexuais, russos e **CIGANO**s foram assassinados pelos nazistas e por seus aliados durante a guerra.

179 |
HMartinho
04-07-11, 21:00:17
Por acaso... estou aqui com alguma dificuldade em lembrar-me do que o estado fez por mim. Tirando a construção de algumas estradas... não estou bem a ver o que mais fez o estado por mim. Mas isso sou eu, que infelizmente sou de classe média, trabalho que me desunho e em cerca de 10 anos de trabalho apenas tive direito a 15 dias de subsídio de desemprego. Foi isso que o estado me deu até agora. Pena não ter eu um tachinho nos grandes partidos políticos, que assim tenho a certeza que o estado me daria muito mais. Ou pena também tenho de não ter nascido **CIGANO**a e ter tido já 7 ou 8 filhos para poder sacar o RSI e uma casa sem fazer ponta de corno. Agora... o estado dar-me alguma coisa? lol.

Ora nem mais. Será que sofremos de amnésia Jane? É que eu também estou com uma certa dificuldade em recordar aquilo que o estado fez por mim.

E sim, não tenho problemas absolutamente nenhuns em dizer aquilo que digo deste país! Espírito patriota é coisa que nunca, jamais em tempo algum vou ter. Sou egoísta por pensar assim?? Humm Maybe... Mas não posso ser egoísta ao ponto de ficar na miséria deste país e dar uma vida medíocre aos meus filhos. Eu vejo aquilo que a minha mãe sofre. Ela que trabalha desde os 10 anos de idade, tem 56 anos agora, poucas férias teve na vida e sempre se fartou de trabalhar e não tem nada! Os rendimentos que tem dá para sobreviver, quer isto dizer, ganhar para gastar tudo no mesmo mês... Eu vejo como a minha mãe sofre por não me poder ajudar nas coisas que ela quis e isso a mim custa-me, por isso, neste país é que eu não vou ficar de certeza. E o Estado NUNCA lhe deu nada. Até já lhe fez umas quantas peripécias... Tendo ela sido operada a uma ruptura de tendão (acidente de trabalho) e ao fim de 1 mês deixaram de lhe dar o aquele subsídio (que eu não me lembro do nome), por a darem apta para trabalhar. E só ela sabe o quanto sofreu por ter que ir trabalhar ao fim de tão tempo, a levantar pesos de 50 kg numa fábrica.

Isto do espírito patriota é muito bonito enquanto somos novos, porque quando batermos com a cabeça nas dificuldades, aí sim, vamos pensar 500X se esse espírito patriota nos levou a algum lado...
http://forum.menshealth.com.pt/archive/index.php/t-5452-p-4.html .

180- Meu encontro com a ópera foi tardio. O mundo operístico no Rio Grande do Sul era muito pobre e tinha uma soprano-pra-toda-obra, a Eny Camargo. A mulher era rotunda. Quando Don José a apunhalava, ela fazia um estrondo no palco ao cair. Detestei ópera em minhas universidades. A obra mostrava uma **CIGAN**a jovem e sensual e eu via uma velhota gorda e sem graça. Só fui reconciliar-me com o gênero aos 30 anos, em Paris, quando assisti a uma Carmen com a Berganza. Se apenas ouço a ópera, não me importa quem a cante. Mas se a assisto, exijo physique du rôle. Vou mais

longe. Acho que uma Carmen tem de ter cara de puta. Essa é uma das razões pelas quais adoro a interpretação da Julia Migenes, no filme de Rosi.
http://cristaldo.blogspot.com.br/2010_11_01_archive.html

181 Dom Casmurro - Quase toda a história do livro gira em torno de Capitu, a paixão de Bentinho. Capitu é considerada uma das personagens mais indecifráveis da literatura nacional. Alguns a veem como mocinha, outros a veem como vilã. É uma mulher muito bonita, misteriosa e graciosa. Descrita celebremente como "moça de olhos de **CIGAN**a oblíqua e dissimulada". Olha, é bem difícil pra mim tentar descrevê-la pra vocês, pois não dá pra definir uma personalidade exata para Capitu. Eu, particularmente, a considero como mocinha. Mas quando você ler o livro, você terá uma definição diferente para ela. Assim, o mestre Machado de Assis criou uma das mais famosas personagens da literatura.
http://foram-muitas-vezes.blogspot.com.br/

182 | NOTÍCIAS | 16/10/2002 21:09
Festival de Brasília anuncia seleção de filmes
, que ainda conta com a atriz francesa Muriel Racine (Catherine), o romancista paraibano J.W. Solha (de A Canga), como Pedro Cambará e a atriz potiguar Tony Silva (Cabinda). Nelson Xavier e sua mulher, Via Negromonte, aparecem como convidados especiais e interpretam Sidônio e Esmeralda, um casal de **CIGANO**s

183 | *Papai Urso do Interior*20 de dezembro de 2011 01:14

Gente, o Blogueiro do Bem escreveu um testamento, deu até preguiça em Cristo mas fui até o fim p/ ver onde dava... Meu querido, isso aqui é humor e às vezes p/ denunciar o quanto alguns cristãos são HIPÓCRITAS and PRECONCEITUOSOS é necessário usar o grotesco e o chocante - Cley acertou na mosca! - porque justamente os que são mais fundamentalistas são justamente os que "evangelizam" fanaticamente 24h/dia não p/ levar os ensinamentos deixados por Cristo (que era, é e para sempre será fenomenal), mas sim p/ pregar a exclusão e chamar todos os que pensam de modo diferente de doentes, satânicos, depravados, etc etc... Na verdade todo cristão fundamentalista (seja um católico ou um protestante) gostaria mesmo de instituir uma "raça pura" composta apenas de "ungidos" exatamente como Hitler queria instituir a raça ariana e aniquilar negros, **CIGAN**os, gays, mestiços, latinos e demais minorias no mundo inteiro. Sou católico e consigo rir e muito nesse blog, padres pedófilos e pastores charlatães tb usam o santo nome de Deus durante o dia e quando a noite cai transformam-se em pestes de satanás atacando crianças indefesas ou extorquindo dinheiro de gente pobre e sem escolaridade - Deus gosta disso, por acaso? NÃO!! E aí, quem é mais hipócrita, quem faz humor crítico ou quem é lobo em pele de cordeiro? Relaxa, meu... O julgamento é individual, vc nem conhece o cara por trás da Cley, ele pode fazer chacota e coisa e tal mas pode ter bom coração e fazer coisas boas aos olhos de Deus como visitar asilos, orfanatos, ONGs, hospitais, há muitas formas de ser legal sem passar o dia gritando em igrejas como se Deus fosse surdo ou louco, Deus não quer isso, Ele quer o que tá dentro de vc, falou?!?!? http://www.cleycianne.com/2011/12/15-motivos-para-voce-nao-dar-o-anus-no.html

184 | NOTÍCIAS | 14/01/2002 20:27
Movimento quer estado de defesa em Campinas
CIGANOs A comunidade cigana de Campinas e a Associação de Preservação da Cultura Cigana do Brasil, com sede em Curitiba, também se mobilizam para pedir empenho na investigação da morte de Rosana Rangel Melotti, integrante da comunidade morta a tiros.

185 | NOTÍCIAS | 13/01/2002 19:07
ONGs de Campinas querem aumentar força policial da cidade de milícias para combater os criminosos. O diretor não confirma, mas isso estaria sendo preparado pelos **CIGANO**s que vivem no bairro Taquaral. O número de seguranças armados na cidade chegaria a 15 mil, enquanto o efetivo da PM supera em pouco mais de 10% desse número:

186 | NOTÍCIAS | 12/10/2001 16:36
Bênção pela paz comemora 70 anos do Cristo Redentor
Uma bênção comandada pela Arquidiocese do Rio de Janeiro reuniu hoje budistas, **CIGANOS**, muçulmanos, judeus e evangélicos, entre outros, para comemorar os 70 anos do Cristo Redentor, na semana dedicada à paz mundial. O encontro, promovido por Ibama, Arquidiocese, prefeitura, Fundação Roberto Marinho e parceiros privados nas obras de recuperação do Cristo, foi dedicado a 70 pessoas que em 2001 completam 70 anos e que subiram os 220 degraus do monumento para cantar parabéns e cortar o bolo de dois metros de altura com a imagem da estátua. Em comemoração ao aniversário um dos mais conhecidos monumentos brasileiros, foi organizada uma missa campal precedida da colocação, por um grupo de alpinistas, de uma faixa de l5 metros X 30 metros, no paredão da face sul do Corcovado com a inscrição: "Cristo Redentor 70 Anos - Paz na Terra". O coral Querubins de Ramos, formado por crianças de escolas municipais, foi chamado para uma apresentação e uma revoada de duas mil bolas de gás, nas cores verde e amarela, foi reservada para o encerramento da festa. A Casa da Moeda entregou medalha comemorativa do aniversário do Cristo Redentor confeccionada em prata. A medalha é dedicada também ao papa João Paulo II e fará parte do acervo do Museu do Vaticano. O cardeal arcebispo emérito do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Salles, reservou uma bênção especial pela paz em todo o mundo.

187 | NOTÍCIAS | 10/04/2001 11:00
Os xeques da comunidade islâmica brasileira estão exigindo da Rede Globo permissão para assistir às gravações da novela O Clone, de Glória Perez, prevista para substituir Porto dos Milagres no horário das 20h. Um dos pares românticos da trama será formado por um personagem muçulmana e um católico, o que servirá de pretexto para que a novelista retrate os costumes do islamismo. Determinada a não cometer erros ao escrever o texto, Glória procurou os líderes da comunidade em São Paulo para pedir ajuda. Deixou a reunião munida de informações mas também com algumas incumbências. "Além de solicitar permissão para que um dos xeques acompanhe as gravações, pedimos para aprovar cada um dos capítulos antes que eles sejam distribuídos aos atores", conta o xeque Jihad. "A Glória demonstrou boa vontade, mas nada foi formalizado no papel. Sabemos que muita coisa já foi escrita. Até agora só recebemos a sinopse." Os xeques acompanharam a novelista em sua visita a famílias islâmicas e consideraram as perguntas feitas por ela "muito superficiais". Quando Glória

anunciou que iria complementar sua pesquisa no Egito, se mobilizaram para marcar entrevistas para a autora naquele país. "Mas infelizmente não houve interesse", lamenta Jihad. "Estamos bastante receosos. Não podemos proibir nada, mas se a novela mostrar inverdades vamos recorrer à Justiça e processar a Globo", diz. Preocupados, os xeques procuraram líderes **CIGANOs** para verificar se a abordagem dos costumes da comunidade retratada por Glória em Explode Coração, de 1995, foi satisfatória. Ficaram ainda ainda mais apreensivos. "Os **CIGANOs** apontaram vários problemas naquela novela." Os muçulmanos brasileiros aguardam com expectativa a estréia da trama, prevista para 8 de outubro. "Se o texto for fiel à verdade, ficaremos muito contentes", diz Jihad. Curiosamente, a religião islâmica orienta seus fiéis a não assistirem novelas, em função "da promiscuidade de certos assuntos". Algumas famílias assistem mas, segundo o xeque Jihad, mudam de canal nas cenas consideradas proibidas. Um dos preceitos mais radicais do islamismo refere-se ao recato feminino; as mulheres islâmicas saem às ruas com o corpo praticamente todo coberto. A religião é a segunda maior do mundo em número de seguidores: 1,4 bilhão. No Brasil há cerca de 1,3 milhão de fiéis. Nesta quarta-feira, Glória Perez e o diretor Jayme Monjardim embarcam para Egito e Marrocos, onde serão gravadas as primeiras cenas de O Clone, para escolherem as locações. O título da novela refere-se à clonagem de um dos personagens da história depois de morto. Glória costuma trabalhar assuntos relacionadas à área médica; já fez novelas sobre barriga de aluguel e sobre doação de orgãos, por exemplo.

188-
Com algumas horas de atraso, canções de orgulho negro para o dia mais colorido do ano. Ou, como já dizia Jorge Ben (Jor), em outras palavras: todo dia é Dia de Consciência Negra! 1. Paulo Diniz, "Quero Voltar pra Bahia" (1970) – um pernambucano que mora no Rio de Janeiro sonha em go back to Bahia. O território dos sem-território é o mundo inteiro. 2. Clara Nunes, "Canseira" (1971) – mestiça mineira com jeitão de falsa baiana ainda é jovem, e já está cansada da estrada; o autor da linda canção é Paulo Diniz. (...) 22. Edi Rock, Seu Jorge e Leon Mobley, "That's My Way" (2013) – pra clarear, iluminar, proteger, inspirar, alimentar**. 23. Maria Alcina, "Os CIGANos" (1973) – tanto mistério: CIGANo é raça?, tem orgulho?** 24. Racionais MC's, "Diário de um Detento" (1997) (...)http://farofafa.cartacapital.com.br/tag/luis-vagner/feed/ (21 de novembro de 2013)

189- Como Escrever Roteiros de Maldição Cigana

Certos clichês podem dar um ótimo roteiro para filmes. De tanto assisti-los, elaborei esse esquema para se produzir um filme ou livro de maldição cigana (ou de qualquer outra cultura exótica):

1) Na vida do herói ou heroína, tudo está correndo às mil maravilhas, até que, ao desejar muito alguma coisa, aparece um **CIGANO**(a), geralmente idoso, de aspecto repugnante, que o obriga a cometer uma injustiça (exagere!).

2) Graças a uma armação das autoridades, ou a uma posição privilegiada que ocupa, ou devido ao preconceito contra os **CIGANO**s, o mocinho sai livre e a injustiça fica impune.

3) O **CIGANO**(a) aparece e lança uma maldição levando consigo algo pessoal do mocinho(a). O galã passa a sofrer terrivelmente, seja sendo perseguido por pesadelos, demônios, fantasmas ou adoecendo de um mal repulsivo e asqueroso, obviamente segue-se o desmoronamento completo da sua vida. Coloque perda de emprego, abandono da pessoa amada, ruína social, familiar e financeira. Tempere a gosto com muitas humilhações.

4) Finalmente, quando a esperança ameaça abandoná-lo ao tentar se matar de alguma forma, o herói(!) descobre um mago, curandeiro, guru indiano ou alguém ainda mais esquisito que o **CIGANO** para ajudá-lo(?). A ajuda é recheada de tiros pela culatra. Afinal, o mocinho descobre que o jeito é passar a bola para frente, em um tipo de brincadeira de barra-manteiga. Sua consciência dói, mas é melhor que outro sofra. E lá vem mais um teste da condição humana demonstrando que, ao final, somos capazes de infringir o mal ao próximo: antes ele que eu!

5) Um golpe de sorte faz com que o mocinho lance a desdita sobre um chefe odioso, ou sobre um vizinho implicante, ou até o devolva ao **CIGANO**. Lembre-se de colocar para receber a maldição alguém que realmente faça por merecer.

6) Ufa! O mocinho se acha livre da maldição até que, no último instante, algo dá errado. Ocorre uma troca involuntária de objetos, ou de pessoas, através de uma situação banal. Quando percebe alguém que ama muito, ou ele mesmo, está de posse da maldição cigana.

7) A praga se abate sobre ele terrivelmente e o **CIGANO** vence. Nunca deixe o mocinho vencer, nesses casos, o mal tem que lhe causar prejuízo como punição pela sua falta de caráter, despudor, preconceito, etc.

A técnica não falha! Agora, publique e venda muuuito!

(Os: o autor declara ser esse um texto de caráter lúdico e humorístico não tendo nada contra os **CIGANO**s, nem contra nenhuma tradição exótica, vodu ou alienígena!)

(os2: o autor também declara que gostaria de ser levado a sério, mas não consegue!)
http://www.gostodeler.com.br/materia/13253/como_escrever_roteiros_de_maldicao_cigana.html

190- O meu grande ódio de estimação! por R., em 06.04.12

ODEIO **CIGANO**s. Odeio. Odeio. Odeio. Só por eles respirarem o mesmo ar que eu já os odeio! Devem ser a espécie mais irritante à face da Terra. É para eles que a vida está boa. Não fazem descontos, têm grandes carrões e até direito a inserção social! São nojentinhos! No fundo quando estamos trabalhando, ali dando duro... para que eles possam continuar por aí fazendo nada, dançando, um desacato. Por mim, mandávamos essa espécie do demônio para uma ilha deserta e eles que desencarnassem por lá. Que se matassem uns aos outros. Que se roubassem uns aos outros. Por isso, se querem que a vida vos sorria das duas uma: tornem-se políticos ou **CIGANO**s!

ANEXO II

COMISSÃO DE ÉTICA - CAPÍTULO II - DA PESQUISA

Artigo 27 - No desenvolvimento de atividades de pesquisa, o docente deve assegurar-se de que:

I – os métodos utilizados são adequados e compatíveis com as normas éticas estabelecidas em seu campo de trabalho e das quais deve ter pleno conhecimento;

II – os objetivos do projeto são cientificamente válidos, justificando o investimento de recursos e tempo;

III – os objetivos da pesquisa e a divulgação dos seus resultados devem ser públicos, salvo nas hipóteses devidamente justificadas por razões estratégicas de interesse público;

IV – dispõe das condições necessárias para realizar o projeto;

V – as conclusões são coerentes com os resultados e levam em conta as limitações dos métodos e técnicas utilizadas;

VI – na apresentação e publicação dos resultados e conclusões é dado crédito a colaboradores e outros pesquisadores, cujos trabalhos se relacionem com o seu ou que tenham contribuído com informações ou sugestões relevantes, bem como à Universidade de São Paulo;

VII – tratando-se de pesquisa envolvendo pessoas, individuais ou coletivas, são respeitados os princípios estabelecidos nas declarações e convenções sobre Direitos Humanos, na Constituição Federal e na legislação específica;

VIII – é vedado ao docente e ao pesquisador utilizar recursos destinados ao financiamento de pesquisa em benefício próprio ou de terceiros ou com desvio de finalidade.